

NÓS DOIS



Se apaixonar é fácil.
Difícil é o que
vem depois.

ANDY JONES







TRADUÇÃO
Ângelo Lessa





Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

*Para Chris e Dorothy, meus pais.
Por tudo.*

Prólogo

As pessoas perguntam: “Há quanto tempo vocês estão juntos? Como se conheceram?”.

Você está sentado a uma mesa, fervilhando com a provocadora ostentação de um novo amor (É isso mesmo? Já é amor?), rindo alto demais e beijando com mais entusiasmo do que se espera em um bar sossegado do interior, então alguém solta um “Larga ela!”, “Arrumem um quarto!”, “Vocês dois formam um lindo casal”, ou alguma variação desse mesmo tema.

Você está mordiscando a orelha da sua namorada às escondidas quando alguém diz: “Se está com tanta fome, fique sabendo que eles servem batatas fritas aqui no bar”. Você se vira e se desculpa com a gorda de meia-idade na mesa ao lado. Ela solta uma risada amigável e vira a cadeira de lado, daí agora está sentada à sua mesa. E lá vem...

“E então?”, pergunta. “Como foi que os pombinhos se conheceram?”

Na última semana, acho que ouvimos perguntas sobre detalhes do nosso relacionamento em meia dúzia de ocasiões. Em outras noites e tardes, contamos versões cada vez mais distantes da verdade: “Trabalhamos juntos”, “Encontro às cegas”, “Eu sou a cabeleireira dele”, “Clube do livro”. Mas, agora, encorajada pelo vinho e cansada da rotina, Ivy se inclina para a frente e, em tom conspiratório, responde: “É horrível. Eu sou a melhor amiga da mulher dele. Mas...”, ela põe a mão em cima da minha, “a senhora é uma pessoa vivida, então entende como funciona. Sabe quando você *precisa* ter determinada coisa?”

A mulher — corada e emanando um cheiro acolhedor de queijo e cebola — faz que sim e diz: “Ah, bem, sei... Enfim, tenham uma boa... hmmm... noite”, daí vira a cadeira de volta para a própria mesa.

Porque a verdade é que a história é longa demais para ser contada a uma estranha num bar interiorano, quando tudo o que você quer é terminar de beber e subir para o quarto. E, de qualquer modo, essa pergunta, *como* nos conhecemos, é muito acadêmica — você não pergunta como a chuva começou, simplesmente aprecia o arco-íris.

Há quem fale de química, e vai ver foi isso — alguma coisa no nível molecular, alguma coisa transmissível, alguma coisa ligada à genética. Seja lá qual for o mecanismo, logo de cara alguma coisa em Ivy me fez *não* querer dormir com ela. Existe elogio maior que um cafajeste possa prestar a uma dama? Não que importe, mas na época eu passava por uma fase em que não queria nenhum tipo de compromisso, além daqueles com a higiene pessoal e o bom senso. Eu havia terminado um namoro fazia seis meses, era jovem, era livre, era... bom, digamos apenas que vinha compartilhando meus afetos com muitas pessoas. Foi então que Ivy apareceu, com sua beleza natural e graciosa, deixando no ar um rastro de feromônios, indiferença e humor.

Não que isso faça diferença. O importante é que nos conhecemos. E o que importa ainda mais é o que acontece em seguida.

É a última semana de agosto, e minha pele queimada de sol está ardendo no momento em que Ivy entra de carro na rua onde cresci e se aproxima da casa em que morei desde o meu nascimento.

Quando o rádio está ligado, Ivy canta; quando está desligado, assobia, e assobia mal. Eu quase consigo reconhecer a música, mas não chego a descobrir. O lado esquerdo de seu rosto tem cicatrizes causadas por um acidente de infância — agora as linhas estão esbranquiçadas, mas os sulcos e as imperfeições são evidentes —, e, quando Ivy assobia, elas se contraem e se aprofundam. Não sei se isso atrapalha o assobio, mas, a julgar pela cantoria, ela simplesmente tem um péssimo ouvido para música e não tem a menor ideia disso. Faz menos de três semanas que estamos juntos, então ainda é meio cedo para fazer uma lista das “coisas de que mais gosto na minha nova namorada”, mas, caso estivesse propenso a isso, o assobio desafinado e negligente de Ivy ficaria lá em cima, entre as primeiras. E, aproveitando que estamos falando de listas, também é um pouco cedo para o item *conhecer a família*. Mas cá estamos nós, a um minuto da decolagem.

— Prepare-se — digo eu.

Ivy se vira para mim.

— Hmmm?

— Minha família. Eles são meio... você sabe.

— Não se preocupe. Já passei por isso antes. Um monte de vezes, centenas de vezes. — Daí ela sorri para si mesma.

— Engraçadinha. Enfim, não é com você que estou preocupado.

Dobramos a esquina, e lá está a casa do meu pai.

Eu nunca prestei atenção na aparência da casa onde passei a infância. Ela está lá, no mesmo lugar, desde que nasci, e eu não a examino mais do que analiso os meus pés — provavelmente até menos. Mas hoje, com Ivy ao meu lado, tomo consciência de sua mediocridade, de sua banalidade, de tudo o que ela não é. Os prédios vitorianos (como aquele em que moro em Londres) melhoram com a idade, ganham personalidade e integridade; mas casas como esta, construídas nas décadas de 1960 e 1970, envelhecem como operários que ficam feios com o passar do tempo, com o excesso de esforço, com a fumaça inalada e a desilusão. Talvez não seja a pele queimada de sol que esteja ardendo; talvez seja o esnobe que vive dentro de mim. Eu olho para Ivy, e ela me encara de volta e ergue as sobrancelhas enquanto estaciona em frente ao número 9 da rua Rose Park.

E pode esquecer a casa, espere só até ela conhecer a família.

Eles já deviam estar à nossa espera, porque, antes que Ivy pudesse desligar o motor, meu pai, minha irmã, meu cunhado e minhas sobrinhas gêmeas brotam da porta da frente. Eu aceno, abro

um sorriso, articulo um “Oi” para eles através do para-brisa, mas ninguém está olhando na minha direção. Eles se alinham no meio da rua, com os rostos irradiando empolgação, enquanto meu pai abre a porta de Ivy como se ela fosse uma autoridade. As gêmeas, Imogen e Rosalind, têm apenas dez anos, então dá para perdoar as duas impacientes e se acotovelando para conseguir uma visão melhor da minha namorada (é muito boa a sensação de dizer “namorada”), mas minha irmã e meu pai somam, juntos, quase cem anos e estão se comportando como uma dupla de imbecis. E é então que me dou conta de que música Ivy estava assobiando, uma música romântica, “It Must Be Love”. Ela sai do carro e cai direto no abraço exagerado do meu pai. Quando ele a levanta do chão, eu faço uma cara de quem pede desculpa, e ela retribui piscando, ou fazendo uma expressão de dor (como seu rosto está esmagado no pescoço do meu velho, fica difícil diferenciar).

Enquanto saio do carro sem ninguém notar, me ocorre que talvez eu tenha errado a música que Ivy estava assobiando. Quanto mais penso, mais me convenço de que era uma música sobre um dia de festa, talvez “House of Fun”, ou até uma música sobre constrangimento, “Embarrassment”. Seja qual for, sem dúvida é uma música do Madness.

Quando o comitê de boas-vindas sai da rua e entra em casa, eu já tirei as bolsas do portamalas, as levei para cima, fui ao banheiro, fervei água e preparei um bule de chá.

— Tem chá no bule — comento, quando todos invadem a cozinha.

— Tem vinho aqui? — pergunta Maria.

— Eu imagino que *champanhe* sirva — responde meu pai, abrindo a geladeira com um floreio de doer.

— Uau — solta Ivy.

— Bom, é uma ocasião especial, certo? — continua ele. — Pegue as taças, filho — diz ele, então conduz Ivy para a sala.

Maria permanece na cozinha para me ajudar a lavar a poeira de cinco taças de champanhe.

— Ela parece legal — comenta, sorrindo.

— E é. Hermione não veio? — pergunto, tentando impedir o inevitável (“O que foi que ela viu em você?”) sarcasmo da minha irmã mais velha.

Maria não tinha nem dezesseis anos quando deu à luz minha sobrinha mais velha. Mamãe havia morrido fazia menos de um ano, e a pequena Herms desempenhou um papel importante em nossa cura coletiva. Durante os seis primeiros anos (até Maria conhecer Hector e se casar com ele), eu acho que era mais um pai do que um tio para Hermione. E mais de uma década depois continuo pensando nela mais como uma filha do que como uma sobrinha.

— Ela vai sair com um rapaz — responde Maria.

— Não brinca! E como ele é?

Maria dá de ombros.

— Melhor do que o último idiota.

— Isso não é lá tão difícil. Eu estava torcendo para ela vir.

— Não dá para você competir com um novo amor.

— Certas pessoas discordariam. Vamos lá, vamos salvar Ivy do papai.

Quando chegamos à sala, ele já tinha pegado os álbuns de família. Esta é a primeira vez que levo uma garota (que dirá uma mulher) para casa, e imagino que todos vêm esperando há muito tempo para fazer o que é de costume nessas situações. Então, eu dou um gole no meu champanhe

e aceito minha humilhação de cabeça erguida, enquanto eles riem do meu cabelo, das minhas roupas e da minha bunda pelada. Ivy, minha namorada há dezenove dias, ergue a taça na minha direção e dá um sorriso tímido e uma piscadinha.

Ivy e eu trabalhamos com produção de vídeos (de anúncios publicitários, no meu caso, e de tudo o que você consiga imaginar, no dela). Ou seja, em essência, somos freelances. Durante nossos quatro primeiros dias juntos, não saímos do apartamento dela. Ninguém disse nada, mas a sensação foi de que havíamos chegado a um acordo psíquico e só nos aventurariamos na rua quando fosse inevitável. Porque ela e eu entendemos (e entendemos que o outro também entendeu) que, depois que a bolha estoura, não há como voltar à estúpida e íntima cumplicidade dos Primeiros Dias. Quando a comida ficou escassa, passamos a beber café puro, depois tiramos o mofo dos últimos pães e comemos torradas esburacadas. Jantamos ovos e biscoitos, sanduíches de berinjela com maionese e macarrão com molho de canja de galinha. Ivy lia enquanto eu assistia a seriados americanos de detetives em sua horrorosa TV portátil; jogamos Banco Imobiliário, palavras cruzadas e baralho; tomamos porre de vinho, depois de vodca e por fim de uma bebida de procedência desconhecida e já meio cristalizada na garrafa. Evitamos qualquer ação mais prática do que pedir pizza, pois sabíamos por instinto que os entregadores só se encaixariam no nosso roteiro romântico se tivessem lambretas, e não caminhões de entrega de supermercado. A vida real bateu à porta quando Ivy foi chamada para trabalhar em um vídeo promocional na sexta-feira, o dia todo. A caminho da filmagem ela me deixou, junto com uma bolsa cheia de roupas dela, no meu apartamento, e nosso beijo de despedida teve o fervor geralmente reservado para aeroportos. O trabalho tomou a maior parte da semana seguinte, mas passamos todas as noites juntos, às vezes em algum restaurante, às vezes na cama. No nosso segundo sábado, colocamos nossas coisas no meu carro velho e pequeno e partimos sem programação ou destino específicos, passando noites em New Forest, Cotswolds, Yorkshire Dales e Peak District. Caminhamos, comemos, dirigimos, bebemos e perdemos o café da manhã todos os dias. Ontem eu me dei conta de que nos encontrávamos a menos de duas horas de carro da casa do meu pai, e, como estava de ótimo humor, resolvi visitá-lo. Ivy e eu provavelmente dirigimos mais de oitocentos quilômetros na última semana (cantando junto com o rádio, Ivy me dando M&Ms do banco do carona; eu dando a ela Skittles, quando trocamos de lugar), mas hoje havia algo de diferente no ar. Eu consigo até identificar o momento em que o clima mudou.

Nós paramos num vilarejo para lanchar e dar uma olhada nas lojas; Ivy entrou numa farmácia para comprar “pasta de dente e outras coisas”, enquanto eu dei uma passada no mercadinho local. Nós nos encontramos de volta no carro, Ivy com uma sacola cheia de coisas de banheiro, eu com uma sacola cheia de ingredientes de cozinha e garrafas retinindo. E a partir de então alguma coisa ficou... esquisita. Nada extremamente óbvio, mas sem dúvida Ivy ficou mais na dela. Cantou com menos gosto, não brincou durante o trajeto, parou de apertar meu joelho com aquele afeto distraído pelo qual eu começava a ansiar. Talvez estivesse apreensiva por conhecer minha família. E, testemunhando a inquisição em curso, quem pode culpá-la?

Meu pai quer saber onde moram os pais de Ivy, como se chamam, se vão à igreja; Hector pergunta se maquiadores ganham muito, se ela tem contador, se tem site, se já conheceu a Madonna; as gêmeas querem saber se ela tem irmãs, irmãos, bichinhos de estimação, se prefere gato ou cachorro, se prefere ser sereia, fada ou princesa; Maria quer saber onde Ivy comprou aquelas abotoaduras, onde corta o cabelo, se sempre o usou comprido, o que viu em mim.

— Vê se faz alguma coisa de útil — diz Maria, balançando uma taça vazia para mim.

Eu jogo a cabeça para trás e suspiro.

— Eu acabei de me sentar.

— Você está sentado faz três horas — retruca meu pai. — Anda, vai esticar as pernas.

Eu faço uma cena para me levantar e sair da sala, bufando e resmungando baixinho. Não que eu esteja de má vontade para encher as taças ou dar à minha família uma audiência com a minha namorada, mas a verdade é que eu conheço pouco da mulher por quem estou completamente apaixonado e me sinto tão ávido por respostas quanto o restante da minha família. Eu sei que ela ronca quando bebe demais, prefere cidra a cerveja, e que sua torta favorita é a de frango com alho-poró; sei que seu cabelo tem cheiro de coco e que pela manhã seu bafo é de matar; sei que ela caiu e atravessou uma mesinha de vidro quando tinha oito anos e que é louca por doces. Mas tem tanta coisa que eu não sei... seu Beatle preferido; o nome de seu primeiro bicho de estimação, namorado ou disco; caramba, eu nem sei seu nome do meio. E, por algum motivo, fiquei especialmente interessado em saber se ela prefere fadas ou sereias.

Quando volto com uma garrafa de vinho, vejo todo mundo atento (inclusive meu pai e Hector) escutando Ivy descrever a melhor forma de apontar um lápis de olho.

— Quando vamos comer? — pergunta Maria.

— Estou morrendo de fome — comenta Hector.

— O que tem para comer? — perguntam as gêmeas.

Todo mundo se vira para mim, e de novo eu me arrasto para fora da sala, resmungando frases sobre escravidão, atrevimento e ingratidão.

Quando meu pai entra na cozinha, eu já cortei quatro peitos de frango, três cebolas, duas pimentas-malagueta, seis pimentões vermelhos, meia cabeça de alho e comi pelo menos um terço de uma linguiça defumada.

— Precisa de ajuda?

— Já estou quase acabando.

— Então — diz ele, da soleira da porta, perto da geladeira —, por essa eu não esperava.

— Eu que o diga.

— Toma aqui — diz, colocando uma taça de vinho ao lado da tábua de corte.

— Saúde. — Eu dou um gole e aponto para a sala com a cabeça. — E aí?

— Você podia ter se dado muito pior — comenta, sorrindo.

— Ah, mas eu já passei por isso. Meu Deus, e como.

Meu pai revira os olhos, exagerando no teatrinho de sofredor resignado. Ele é professor de educação religiosa na escola em que estudei há quase vinte anos e vai à missa entre duas e cinco vezes por semana. Pior, só o padre.

— Desculpe.

— Se fizer isso de novo vou rezar por você.

Estamos todos nos acotovelando ao redor da mesinha de jantar, mas, repassando as velhas histórias e matando várias garrafas de vinho, a sensação de aperto é acolhedora e intimista. Fiquei longe de Ivy, que agora está entre meu pai e minha irmã. E, embora eu preferisse tê-la a meu lado, e não de frente para mim, isso me dá a oportunidade de olhar enquanto ela diverte e

satisfaz minha família — ao rir das piadas, ouvir as histórias e entrar com tudo no jogo “Vamos sacanear o William”. Minha família não sabe o que fazer com tanto afeto. Todos disputam a atenção de Ivy e tentam superar as piadinhas, gabações e revelações dos outros. Eu estico a perna debaixo da mesa e a esfrego no que presumo ser o tornozelo de Ivy. Maria se contrai e dá uma joelhada debaixo da mesa, fazendo os talheres pularem.

— Mas que brincadeira é essa?!

— Deu câimbra — digo, e Maria olha para mim como se eu tivesse enlouquecido.

— O que você está aprontando aí? — pergunta Ivy.

— Nada. Só quis me esticar.

Ivy estreita os olhos.

— Você estava... — ela vira para Maria — ... ele estava... *brincando com o pé?*

Olho como que por instinto na direção do meu pai, mas ele parece fascinado pela padronagem de seu prato.

— Como é a brincadeira do pé? — pergunta Imogen, a mais velha das gêmeas por questão de vinte minutos e sempre a mais curiosa das duas.

— Não é da sua conta — responde Maria.

— Uma coisa que meninos levados fazem — responde Ivy, fazendo as gêmeas gargalharem.

— Eu só queria me esticar!

— Você está esticando é o limite da sua credibilidade — brinca Ivy, e Hector bate palmas para a demonstração de humor sagaz com cara de Oscar Wilde.

Controlo os pés pelo resto do almoço. E fico a uma garfada de chegar ao cafezinho sem mais nenhum incidente.

Estamos comendo a sobremesa (durante um raro momento, a sala está em silêncio, enquanto todos saboreiam o cheesecake), quando meu pai solta:

— Aliás, William, eu vou ficar no seu quarto hoje à noite, e você e Ivy podem usar a minha cama.

Provavelmente se passaram menos do que os cinco mil anos que eu imaginei, mas certamente há uma longa e constrangedora pausa quando as palavras do meu pai pairam sobre a mesa — em especial a palavra “usar”. Ainda com o garfo entre os lábios, Ivy olha para o meu pai, sorri e murmura um “Obrigada”. Ou talvez seja “Caramba”.

Maria olha para Ivy e abre um sorrisinho malicioso. Hector olha para mim e faz uma careta. Eu olho para o cheesecake e sinto as bochechas corarem.

Durante o trajeto eu já vinha pensando nos arranjos para a hora de dormir. Meu pai é tão católico quanto o sentimento de culpa, e a única cama de casal na casa é a dele, por isso eu havia me resignado a passar minha primeira noite sozinho desde que Ivy e eu ficamos juntos. Por um lado, seria uma pena; por outro, cedo ou tarde isso acabaria acontecendo, e, para ser franco, eu estou exausto. Além de tudo, isso evitaria uma conversa constrangedora com meu pai.

— Eu mudei a roupa de cama — comenta ele. E, quando cometo o erro de fazer contato visual, o safado ainda me dá uma piscadinha de olho. Não é, de forma alguma, um gesto lascivo. Se eu tivesse que chutar, diria que ele está se parabenizando por ser tão moderno e organizado. Mas uma piscada é uma piscada, e, se eu tivesse que apontar um instante exato, esse seria o momento em que a minha vida sexual veio a óbito.

Quando nos despimos para deitar na cama, o constrangimento é palpável; eu cambaleio ao

tirar a calça, envergonhado com a minha nudez pálida e dependurada; e, pela primeira vez desde que estamos juntos, Ivy se deita de camiseta e calça. Eu certamente fui concebido nessa cama, e, embora não sinta vontade alguma de fazer nada mais arriscado do que dar um beijinho na boca, eu me sinto afrontado por Ivy ter presumido que hoje não ia ter jogo. Além disso, bebi uma garrafa e meia de vinho, então minha boca fala antes de meu cérebro ter a chance de editar.

— Parece que você ficou toda tímida sem mais nem menos — digo, arrastando um pouco os S.

— Estou cansada. Tudo bem?

Tudo bem?

Talvez eu tenha bebido mais do que imaginava, porque me escuto dizendo: “Ótimo. Você quem sabe”. E o peso dessas palavras puxa os cantos da minha boca para baixo.

Embora não haja objetos nem acusações voando de um lado para outro, isso foi o mais perto que chegamos de uma discussão, e, quando eu desligo a luz e me enfio na cama do meu pai, não há afeto algum dentro do quarto.

Uso as mãos para encontrar a cabeça de Ivy e a encontro virada para o outro lado.

— Boa noite — digo, então beijo seu cabelo.

Ivy suspira.

— Boa noite — murmura bem, bem baixinho.

Nós nos beijamos pela manhã, mas algo se perdeu durante a noite — o sentimento de urgência, a eletricidade, a sensação de promessa... alguma coisa. O fato de eu estar com uma baita ressaca não ajuda em nada, embora Ivy pareça ter escapado de quaisquer efeitos do álcool.

Ela passa um bom tempo no chuveiro da suíte, e quando sai do banheiro em meio a uma nuvem de vapor já está seca, vestida e com o cabelo enrolado na toalha. E essa ausência súbita de nudez casual me abala. Além das cicatrizes no lado esquerdo do rosto, da garganta e do pescoço, Ivy tem cicatrizes na barriga, no quadril, no antebraço direito, na coxa direita e no seio direito. E mesmo assim ela anda pelo próprio apartamento nua em pelo, ou quase isso; alimenta o peixe, faz café, come cereal. Devemos ter passado metade do tempo que estivemos juntos sem uma única peça de roupa. Por isso, sim: quando ela sai do banheiro de jeans, camisa e cardigã, eu fico abalado.

No tempo que demoro para entrar e sair do banheiro, Ivy some. Eu a encontro lá embaixo, conversando com meu pai, que, sem um pinga de elegância, amontoou na mesa da cozinha três caixas de suco, todas as de cereais e todos os recipientes de coisas para passar no pão que ele tem. Agora está tentando fazer chá e torradas ao mesmo tempo, mas bagunçando tudo.

— Tem certeza de que não quer ajuda? — pergunta Ivy.

— Está tudo sob controle — responde meu pai, colocando a tampa no bule na segunda tentativa. — Bom, como você gosta do seu chá... caramba! Você disse café, não disse?

— Pode ser chá.

E, em vez de simplesmente preparar o chá, ele despeja o bule na pia.

— Que cabeça de vento — diz ele, dando um tapa na testa. — Não. Você disse café, então é

café que vai tomar. Pode ser instantâneo?

Com relação ao café, Ivy é uma esnobe confessa, e eu sei que ela prefere ficar sem beber nada a beber café instantâneo. Por isso, quando diz ao meu pai que “Instantâneo está ótimo”, sinto uma nova pontada de afeição por ela.

Quando meu pai enche a chaleira de novo, o alarme de fumaça da cozinha começa a fazer um barulho estridente, e minha dor de cabeça deixa de ser um simples incômodo para se transformar em um monstro rosmento de dentes bem afiados. Uma fumaça preta sai da torradeira, e meu pai congela, olhando da torradeira para o alarme enquanto tenta decidir o que resolver primeiro. Ainda segurando a chaleira, ele pega um esfregão atrás da geladeira e dá três pancadas no alarme, que cai no chão em duas peças separadas, uma das quais, de alguma forma, continua apitando (embora com menos entusiasmo). Ele pisa nessa parte, que morre de vez. A torrada pula da torradeira.

Meu pai sorri para Ivy como se fosse um maluco.

— Eu já estava precisando de um alarme novo — comenta.

Pego o que resta do detector de fumaça enquanto meu pai leva a torrada chamuscada até a pia e começa a raspar as partes queimadas.

— Mandem ver — diz meu pai, brandindo a faca enegrecida por cima das caixas de cereal, dando a entender que só vai se dar por satisfeito quando não sobrar nada. E então comemos um café da manhã composto de torrada queimada, granola em pó e café instantâneo, enquanto meu pai continua de onde parou ontem à noite, fazendo perguntas a Ivy e me humilhando.

Felizmente, Ivy trabalha amanhã (dois dias de filmagem para uma fábrica alemã de automóveis), então já caímos na estrada antes das dez da manhã e antes de meu pai danificar mais aparelhos domésticos ou o meu relacionamento com Ivy. Ele insiste em fazer marmitas para nós, e também voltamos para Londres com bananas passadas, peras moles e sanduíches volumosos de queijo embrulhados em filme plástico, tudo em quantidades que dão para uma semana. Existe uma grande chance de o nível de álcool no meu sangue ainda estar acima do permitido, por isso Ivy dirige enquanto eu encosto a cabeça na janela fria do carona, tentando reduzir um pouco do calor que sinto por causa da ressaca.

O automóvel é cortesia do meu melhor amigo, El. Recebi o carro quando o mal de Huntington ficou tão grave que ele não conseguia mais dirigir. Um adesivo pede que os motoristas buzem se estiverem com tesão, e outro (que ele diz ser um adesivo besta) diz: “Cuidado: gay deslumbrante na pista”. Então, enquanto pegamos a estrada, motoristas de carros, vans e monstruosidades de dezoito rodas passam soando a buzina e assobiando. Semana passada até que foi divertido. Hoje, nem tanto.

— Será que eles acham que eu sou mulher? — pergunto, quando um carro nos ultrapassa buzinando e três crianças alegres acenam para nós do vidro traseiro.

— Por que pensariam uma coisa dessas? — diz Ivy, sem sorrir.

— Bom... por causa dos adesivos — respondo, e Ivy faz uma careta. — Bom, obviamente você não é homem. — Fico esperando, em vão, um sorriso de reconhecimento. — Então, presumo que, se nós somos um casal gay, eu sou mulher. — Passo a mão no meu cabelo castanho raspado. — A mais masculinizada.

— Talvez achem que somos só amigas.

Passo vários quilômetros aflito, sem saber se ofendi Ivy. Talvez algumas de suas melhores

amigas sejam lésbicas. Ou talvez uma tia. Ela nunca falou nada a respeito, e o assunto não veio à tona durante o interrogatório de ontem à noite, mas tudo é possível.

Uma música começa a tocar no rádio: “Could It Be Magic”.

— E aí? Qual é o seu Beatle preferido? — pergunto.

Ivy me olha de relance e devolve:

— Você sabe que essa música é do Take That, não sabe?

Para ser sincero, achei que fosse do Boyzone, mas de qualquer forma faço que sim com a cabeça.

— Claro que sei.

Ivy não diz nada.

— E então? — arrisco.

— O quê?

O tom de sua resposta é brusco e impaciente, e agora tenho certeza de que ela está irritada. Provavelmente porque fui insensível ou coisa do tipo ontem à noite.

— Os Beatles — respondo, alegremente, decidindo que, em vez de pedir desculpas pelo comportamento de ontem à noite (e, com isso, fazer Ivy se lembrar do assunto), a melhor saída é ignorar essa bobagem toda com uma dose de bom humor. — John, Paul, Ringo ou o outro.

— O outro — responde minha amada.

— Mick ou Keef?

— A gente não fez a brincadeira das perguntas ontem à noite?

— Pois é, fizemos. Bom, vocês brincaram bastante; eu fiquei preso na cozinha. A questão é que isso me fez perceber que existe muita coisa que não sabemos um do outro. É só isso.

Ivy vai para a faixa de ultrapassagem e começa a deixar para trás uma caravana de automóveis que viaja a uns cinco quilômetros por hora abaixo do limite de velocidade. É uma tarefa árdua para o meu carro velho, que chacoalha conforme fazemos as ultrapassagens tão devagar que eu poderia esticar a mão e cumprimentar todos os motoristas. Retornamos para a faixa do meio, e eu volto a respirar.

— Desculpe por ontem à noite — digo, deixando de lado a política de ficar quieto e me fazer de idiota.

— Tudo bem. Eles são adoráveis.

— Estou falando de mim... desculpe por mim.

— Tudo bem.

E eu espero trinta segundos, mas Ivy não diz que também sou adorável.

É claro que não estou com pressa alguma para descobrir sua música preferida do Take That; nem quero *tanto assim* descobrir o que ela estudou no segundo grau, ou o nome que ela deu ao seu primeiro gato. Mas existem outros detalhes, também triviais, à sua maneira, que me parecem quase negligência não saber.

— Eu nem sei quando é o seu aniversário.

— Vinte e nove de outubro.

Há um momento de silêncio. Ivy me olha de lado, sustenta o olhar por um segundo e ergue a sobrancelha devagar. Algo parecido com um sorriso surge no canto de sua boca.

— Vou fazer quarenta e um anos — completa, voltando a prestar atenção na estrada.

Oito carros, duas vans e duas caminhonetes passam por nós até eu formular uma resposta.

— Legal — digo. Como se, em vez da idade, ela tivesse acabado de me revelar, despreocupada, um talento ou uma habilidade impressionante: “Já toquei guitarra numa banda de heavy metal”; “Corri uma maratona em duas horas e cinquenta e oito minutos”; “Consigo montar um fuzil AK-47 de olhos fechados”. — Legal.

Mas essa informação me deixa desconcertado (não que precisasse de muita coisa para prejudicar meu precário equilíbrio esta manhã), e nenhum de nós diz mais nada durante os cinquenta quilômetros seguintes.

Ivy vai fazer quarenta e um anos no próximo aniversário, ou seja, é nove anos mais velha que eu. Quando ela estava com a minha idade, eu tinha vinte e dois. Quando estava com vinte e dois, eu tinha treze. E, indo na direção oposta, quando eu tiver quarenta e um, ela terá cinquenta — e, diga o que quiser, mas cinquenta já é velhice. Não quero nem pensar em quantos anos Ivy terá quando eu fizer cinquenta — que é uma boa idade para o homem: época de mechas grisalhas elegantes e nem tantas rugas, mas sim marcas de sabedoria conquistadas a duras penas. Fico todo arrepiado só de pensar na idade de Ivy quando eu chegar à minha metade de século. Ela não parece velha; seu corpo é firme, e sua pele, suave, onde não está marcada pelas cicatrizes. Neste momento, luto contra o forte ímpeto de me virar e inspecionar os cantos de seus olhos em busca de pés de galinha. Imagino que as coisas vão se igualar quando eu fizer oitenta anos. Além do mais, as mulheres tendem a viver mais do que os homens; então, como Ivy é quase uma década mais velha do que eu, aumentam nossas chances de morrer juntos, de mãos dadas, no sofá em frente a uma lareira que se apaga lentamente na casa de praia que compramos para passar a aposentadoria. Bom, é isso.

Paramos num posto de gasolina para ir ao banheiro, e Ivy demora tanto lá dentro que começo a ficar com medo de ela ter sido abduzida ou simplesmente pegado carona com algum desconhecido bonito. Quando finalmente volta, ela parece mais abatida do que tem estado durante toda a manhã. Comprei um pacote enorme de Skittles para ela, o qual lhe mostrei abrindo um largo sorriso, mas Ivy diz que está se sentindo péssima e pede que eu assuma o volante. Ela dobra um casaco e improvisa um travesseiro, daí deita o banco até onde dá — o que não é muito — e fecha os olhos. Então avançamos quilômetros pela estrada, enquanto motoristas de carros, motos e vans buzina e fazem caretas ao passarem zunindo por nós.

Quando foi que as coisas deram errado?, é a pergunta que não paro de me fazer. É óbvio que a discussão de ontem à noite, se é que aquilo chegou a ser uma discussão, não pode ser a responsável por essa retração repentina de Ivy. Nós acabamos de passar as três semanas mais românticas, apaixonadas e levemente piegas da minha vida. Não desgrudamos um do outro, passamos a chamar um ao outro de “lindo” e “linda” sem nos sentirmos completos idiotas, fizemos amor todos os dias, preparamos torradas completamente nus. E agora... nada. O esnobe paranoico que vive dentro de mim quer saber se pode ser culpa da pintura descascada na porta da casa do meu pai, dos móveis de fórmica na cozinha, do assento solto da privada; mas sei que não é nada disso. E, se é, então Ivy não é a pessoa que eu imaginei. Vai ver está se sentindo desconfortável por me revelar a idade. Vai ver eu simplesmente a irrita pra caramba, e só agora ela tenha se dado conta disso. Vai ver ela viu meu pai fazendo papel de palhaço na cozinha e imaginou a minha imagem no futuro. Ou vai ver só está de TPM — e eu me sinto tão completamente desesperado para saber o que a incomoda que estou bastante tentado a perguntar. Mas suspeito que a pergunta provavelmente não mudaria o desânimo de Ivy.

Quando chegamos aos arredores de Londres, eu já comi o saco inteiro de Skittles e estou passando mal. E, de uma hora para outra, como se não estivesse dormindo, mas simplesmente imóvel e de olhos fechados, Ivy se endireita no banco e gira o pescoço de um lado a outro.

— Bom dia — digo, mais animado do que de fato me sinto.

— Oi. — Ivy sorri, mas não parece muito feliz.

— Seu apartamento ou o meu? — pergunto, já sabendo que não vou gostar da resposta.

Ivy me diz que trabalha amanhã, que está cansada, que precisa lavar roupa, tomar banho, alimentar o peixe etc.

O apartamento dela fica em frente ao quarto poste de luz à esquerda, na outra calçada, numa rua arborizada de Wimbledon. Nosso primeiro beijo foi aqui, neste carro, ao lado daquele poste. Mas, seja lá que frisson tenha surgido entre nós daquela vez, foi substituído por um constrangimento pegajoso. Saio do carro e tiro as bolsas de Ivy do porta-malas. Ela pega a mala e rejeita minha oferta de ajuda, então ficamos na calçada, completamente sem jeito — Ivy não me chama para entrar, e eu não me convido. Uma onda de indignação percorre meu corpo, leva embora a introspecção e a dúvida, e deixa em mim apenas o aborrecimento, a decepção e restos de um ego destroçado.

— Tudo bem, então já vou — digo.

Ivy pousa a mala no chão, me abraça em silêncio e beija a lateral do meu pescoço. O abraço dura alguns segundos, mais ou menos o tempo que costuma durar um último adeus. Daí põe a mão na minha bochecha, sorri com a boca, mas não com os olhos, e diz:

— Eu gostei muito. Obrigada.

— De nada. Bom banho.

Nós nos beijamos outra vez, Ivy se vira para atravessar a rua, e antes de ela enfiar a chave na fechadura eu já fui embora.

— Ti... tira esse ab... abacxi.

El nem sempre consegue encontrar as palavras de que precisa; e, quando consegue, nem sempre é capaz de pronunciá-las. É muito mais forte do que uma gagueira. O esforço fica evidente em sua expressão, quando ele tenta forçar uma palavra a sair e ela é impedida pelo tipo de resistência que encontramos ao tentar soprar uma calda por um canudinho. Mesmo assim, não custa nada ser educado.

— E qual é a palavrinha mágica? — pergunto.

— Ag... ag... agora, caramba.

— Ah, assim é melhor — digo, tirando os pedaços de abacaxi de sua fatia de pizza.

El abre a boca, e eu lhe dou a ponta da fatia dobrada. A cabeça dele oscila, mas ele consegue dar uma mordida sem passar mais molho de tomate no rosto já todo lambuzado. Por baixo do molho ele está com um forte bronzeado, mas isso não basta para sequer parecer que ele está saudável. Faz dois dias que El e seu companheiro, Phil, voltaram de férias de San Francisco. É improvável que El tenha piorado de forma significativa enquanto ficou fora, mas os espasmos, as tremedeiras e a fala de fato parecem piores.

— Q... q... q...

— Qual? — completo, mas El balança a cabeça. — Quando?

El balança a cabeça de novo.

— Não.

— Quem?

El faz que sim.

— Quem? Quem é que b... bota abacxi numa p... — Ele aponta um dedo trêmulo para a pizza entre nós dois.

— É havaiana. Foi você quem pediu.

El dá de ombros.

— Porque gostei do nome.

Como todos os melhores amigos que moram a até quinze quilômetros um do outro em Londres, nós costumávamos nos ver umas três vezes por ano. Mas nada como uma doença terminal para jogar a apatia para escanteio. Então, há coisa de dois anos, quando ele começou a apresentar sintomas mais agudos do mal de Huntington, nós estabelecemos uma rotina de encontros toda terça. No começo íamos a um bar, mas, conforme a condição de El progrediu, ele perdeu a tolerância à bebida, junto com as inibições e a noção das delicadezas sociais. Mudamos o local de encontro para um restaurante indiano das redondezas, aonde chegávamos logo no comecinho da noite, com o lugar ainda vazio, para El poder xingar, se contorcer, gaguejar e derrubar copos sem plateia. Mas, nos últimos meses, até isso ficou difícil demais.

Portanto, agora é pizza e cerveja sem álcool na sala de estar dele.

Acho que em algum lugar da minha cabeça El ainda é o mesmo garoto de dez anos com quem eu andava de bicicleta, o adolescente de quem eu comprava pornografia roubada e o homem que me fazia chorar de rir. É como se a derrocada que ele vem suportando nos últimos anos — as contrações e os espasmos constantes; a falta de coordenação motora, equilíbrio e empatia; a perda de peso, a perda, na verdade, de todas as sutilezas e nuances que fazem de El *o El* — desse hoje a impressão de que toda a sua deterioração tivesse se comprimido nas três semanas que ele passou fora. E, embora eu saiba que não é verdade, é inegável: sua fala piorou. Antes de sair para o bar, Phil me contou que tem sido cada vez mais necessário ajudar El a encontrar palavras, formular pensamentos e entender o que as outras pessoas lhe dizem.

Eu me sirvo de uma fatia de pizza de quatro queijos, dobro-a no meio e dou uma mordida.

— Continua c... comendo aquela... g... mulher — diz El, encarando-me divertido, à espera de uma reação.

— Eu não me lembro de ter dito nada sobre comer.

— P... P... Pippa, não é? Quica quica!

— Ivy — corrijo, estremecendo por dentro. — O nome dela é Ivy.

— Í... Í... Vi... viu o quê? — pergunta. Embora, assim como tantos outros, ele tenha feito essa brincadeirinha ao ouvir o nome de Ivy pela primeira vez, eu dou uma risada, porque isso mostra que o velho El ainda está entre nós, pelo menos em parte.

— Q... q... q...

— Qual? Quem? Quando? Q...

— Quando! Quando eu vou conhecer?

Boa pergunta.

Depois de ter levado um chute da minha última namorada, Kate, eu fiz o que qualquer idiota humilhado faria: transei com a recepcionista do trabalho. Pippa tinha o hábito cativante mas engraçado de balbuciar “Quica quica” sempre que ficava por cima. E isso acontecia com frequência. E... eu contei isso a El. Eu sei, *eu sei* — mas ele é o meu amigo de mais longa data, e não deu para resistir. Bem, essa indiscrição acabou se voltando contra mim, porque o nome dela ficou bem gravado num lugar onde pouquíssimas coisas ficam atualmente: a cabeça de El. A menos que a minha próxima namorada seja uma especialista em trampolim chamada Pippa, provavelmente vai ser um erro apresentá-la a ele.

El me olha como cara de quem quer saber a resposta.

— Logo.

Ele estreita os olhos.

— El... ela t... t... t...

— Consegue soletrar? — pergunto, ao me lembrar do que Phil disse sobre como usar várias técnicas de “dar pistas” para arrancar as palavras de El. — Ou faça o som da letra.

Os tendões do pescoço magro de El tensionam com o esforço, enquanto ele reúne forças para tentar outra vez.

— Te... t... e...

— T-E?

El faz que sim.

— Rrrr... — Ele vira o pescoço para a esquerda enquanto mexe os lábios em silêncio, como

se tentasse abocanhar a letra seguinte. — M... N...

— T-E-R-M-N?

Ele junta e balança as mãos o suficiente para considerar o gesto uma batida de palmas.

— Ela t... terminou com você... j... já saquei. Ha ha ha.

— E isso é engraçado?

— Talvez não seja — responde, com uma cara séria. — Triste, trágico, prev... prev...

— Previsível?

El aponta para mim como se fosse um apresentador de game-show mostrando o candidato vencedor.

— Lamento cortar esse seu barato horrível, mas Ivy não terminou comigo.

— Í... Í... Vi...

Eu sei o que o safado vai dizer, mas nem a pau vou facilitar a vida dele.

— Merda — diz, por fim. — Acha que cosegue me carregar?

Duvido muito que El tenha atingido seu objetivo da adolescência de chegar a um e setenta de altura, e ele já era magro antes de o mal de Huntington começar a corroê-lo. Não deve pesar muito mais do que uma das minhas sobrinhas de dez anos.

— Tenho certeza de que consigo jogar você direto pela janela.

El pensa na hipótese.

— A... anda logo.

O apartamento que El divide com Phil fica no sexto andar. A porta de entrada do prédio fica no alto de um curto lance de escada com degraus de azulejo que dá para a entrada da garagem e a rua movimentada. El quer tomar “ar f.. fresco”, então eu o levanto, o carrego por quase quarenta degraus e o pouso gentilmente na soleira. No fim das contas ele é mais leve do que parece, mas mesmo assim o esforço faz meus braços formigarem.

Depois de uma dificuldade inicial, El tira o maço de cigarros e o isqueiro do bolso.

— A... acende um pr'mim.

Eu faço o que ele pede e lhe entrego o cigarro aceso.

— Você não fuma.

El me mostra a evidência em contrário e sopra fumaça na minha direção. O tráfego naquela rua é incessante, então o rosto esfumaçado equivale a pouco mais que um insulto diante da nuvem de poluição que nos rodeia nesta agradável noite de agosto.

— Bem, você não fumava três semanas atrás.

El dá uma tragada, prende a fumaça cheia de alcatrão nos pulmões, arregala os olhos e em seguida fica vesgo. Aguardo El ficar verde, tossir, engasgar — como nos filmes —, mas ele simplesmente abre a boca e deixa a fumaça sair devagarinho dos pulmões.

— Q... quer um?

— Não, obrigado. É um vício nojento.

— Ffoi o que o Phil disse. — Ele sorri. — Mas fumando voc'parece l... c... legal pra c... caramba.

— Isso lá é verdade.

Poluição à parte, é agradável ficar sentado na escada vendo as pessoas e os carros passarem mais ou menos no mesmo ritmo. El já está no terceiro cigarro quando vemos Phil voltando para o prédio. Ele balança a cabeça quando nos vê, depois acena brevemente para mim.

— Garotos — diz, subindo os degraus. — Estão dando uma festinha? — Então, estala a língua enquanto cata as guimbas de El e as guarda num lenço de papel.

— Obrigado, q... querido.

— É um desprazer — responde Phil. Daí ele se senta entre nós dois, arranca o cigarro de El, fuma e devolve o cigarro. — Hábito nojento do caramba.

— Os m... m... milhores sempre são — comenta El e pisca para mim.

— Verdade — diz Phil.

— De onde veio... — eu afasto a fumaça de cigarro do rosto — ... tudo isso, afinal?

Phil olha para o chão e balança a cabeça outra vez.

— Lembra aquela música dos S... Smiths? — pergunta El.

— “Please, Please, Please, Let Me Get What I Want”? — responde Phil, com um sorriso.

— “Bigmouth Strikes Again”? — chuto.

— Que duplinha de palhaços do ca... caramba. N... não. “What D... Di... Diff...” porra!

— Eu sei — comenta Phil, carinhosamente. Então, tira o cigarro de El, traga fundo e devolve.

— “What Difference Does It Make?”.

E, caramba, como eu queria ser fumante.

— E aí? — digo. — Como estava o bar?

— Lotado, barulhento e sem personalidade nenhuma.

— V... v... você devia ter ido a... ao b... p... b... bar gay.

— Eu fui.

— Ch... ch... ch...

— Valha-me, Deus. Já é tortura suficiente aguentar as sacanagens desse zero à esquerda o tempo todo. Mas ainda ter que aturar ele cuspir cada letrinha desse jeito... eu juro por Deus, isso é igual a esperar um pelotão de fuzilamento inteiro puxar o gatilho.

— Ch... ch... — O olhar malicioso de El parece confirmar que, seja lá o que ele esteja lutando para dizer, é alguma grosseria (embora, em se tratando de El, nunca se saiba). — Chupou algum pau lá?

— Lamento desapontar você, meu querido, mas a única coisa que eu toquei com os lábios foi um Merlot bem fraquinho.

Petulante, El dá de ombros. Mais para o começo do ano ele gastou a saliva tentando convencer Phil a arranjar um novo namorado. Além dos sintomas físicos, a doença de Huntington acaba com o temperamento e a personalidade, elimina a lógica, a razão e a inibição social de suas vítimas. Some-se a isso o fato de El sempre ter gostado de tudo o que não presta, e o resultado pode ser triste, engraçado e extremamente confuso. Mas ele não está fazendo o papel de cupido desapaixonado só porque está doente ou é malicioso. El compreende que sua morte se aproxima e que antes do fim terá se reduzido a algo irreconhecível. Para ele, o problema é que sua vida pode durar mais dez anos, época em que Phil já seria cinquentão. Por isso, El tem feito várias maluquices, como “terminar” com Phil e cadastrá-lo em sites de relacionamento “e... e... enquanto ele ainda é n... novo o bastante para encontrar outro”. No que diz respeito a gestos de amor, esse é o maior que eu já testemunhei.

— F... Fisher tmou pé na bunda — comenta El.

Phil ergue a sobrancelha.

— Não, Fisher não tomou, não — retruco.

— Ainda — diz ele, sem a menor dificuldade.

Estou meio adormecido no sofá de Esther quando o celular toca, e num piscar de olhos volto à realidade — bem, volto ao seriado que estou vendo, o mais próximo da realidade que eu estou disposto a chegar nesta quinta-feira.

Eu não organizo meus amigos numa hierarquia desde o segundo ano do ensino médio, mas, caso fizesse isso, ficaria difícil imaginar Esther fora do pódio. Não nos desgradamos há mais de cinco anos, trocamos presentes de Natal, aniversário e Páscoa, e temos o mesmo gosto para os programas diurnos de TV, o que não é pouca coisa, levando-se em conta que, por causa do meu trabalho, passo muito tempo em casa. Minha vizinha do andar de baixo tem sessenta e três anos e não é a melhor companhia para ir ao bar, tomar oito cervejas e ficar falando de mulher, mas sempre tem biscoitos gostosos em casa. O marido de Esther, Nino, se aposenta em novembro, e logo depois o casal vai trocar a barulheira, os fedores e as ameaças do bairro de Brixton pela tranquilidade do interior da Itália. Acho que eles não vão sentir nem um pinga de falta de Brixton. Eu é que vou sentir deles, especialmente de Esther — vou morrer de saudade. Sem Esther, eu teria enlouquecido semana passada.

Já se passaram umas 96 horas desde que vi Ivy pela última vez. Nesse meio-tempo, conversamos brevemente e mandamos mensagens de texto ocasionais para dizer apenas que tínhamos acabado de acordar ou estávamos indo dormir. Digo a Ivy que sinto sua falta, e ela me responde com “eu também”, porém parece que é mais por educação que por sinceridade. Ela estava trabalhando segunda e terça, mas, quando sugeri um encontro quarta, ela disse que iria “ver uns amigos”. Hoje ela tem “coisas para fazer”. Ao que parece, coisas mais importantes e interessantes que eu. Esther tem me oferecido bebidas quentes e opiniões duvidosas, ideias que variam desde Ivy ser casada a estar menstruada. Sua última teoria (estávamos assistindo a reprises de uma série de espionagem) é de que Ivy trabalha para o Serviço Secreto de Inteligência (“Bom, meu querido, alguém tem que trabalhar lá.”).

Tiro do bolso o celular ainda tocando. E de alguma forma eu sei que é Ivy, assim como tenho certeza de que essa é a ligação em que ela me diz que acabou. Sussurro o nome dela para Esther, embora ainda nem tenha atendido e não precise estar falando baixo. Esther aperta o pause no controle remoto e inicia o processo de se levantar do sofá. O processo é vagaroso, e fico com medo de Ivy se cansar e desligar o telefone, por isso uso o pé para empurrar o traseiro largo de Esther até ela se levantar.

— Obrigado, querido. E boa sorte.

Eu atendo.

— Olá — digo, com uma leveza forçada que soa tão fabricada quanto o telefone em que estou falando. — Feliz quinta-feira! — acrescento, feito um idiota.

— Oi.

Esta é a primeira vez que ela inicia um contato comigo nos últimos quatro dias, e, a julgar pelo entusiasmo em sua voz, era a última coisa que queria fazer hoje.

— Como vão as coisas?

— Ah... você sabe.

Não, não sei, não faço a menor ideia. Ou vai ver faça e seja tapado demais para entender o recado. Ivy não esclarece, então eu quebro o silêncio.

— Bem, aqui em Brixton é hora de festa — digo, entusiasmado.

— Festa?

— Esther e eu. Seriados dos anos 1980 e pacotes de biscoito.

— Certo.

— Provavelmente já bebemos mais de dois litros de chá — prossigo, e o som da minha voz me dá vontade de arrancar a própria língua com uma dentada.

— O que você vai fazer amanhã?

— Nada, nadinha.

— Quer tomar café da manhã?

E nesse momento meu coração infla, floresce, chega a fazer uma dancinha empolgada.

— Quero. Quero, com certeza, pode apostar. No seu apartamento ou aqui? Ha! Isso soou meio... olha, eu consigo chegar aí em menos de uma hora, se sair agora. Posso levar umas sals...

— Não — interrompe Ivy. — Quis dizer café da manhã. Quis dizer amanhã.

— Certo... sim, claro.

— A gente... a gente precisa conversar — declara, e nesse momento alguém corta as cordas que mantêm meu coração suspenso atrás das costelas. Ele cai em queda livre e para num lugar bem na altura do meu umbigo, onde pesa como uma pedra.

— É. Eu sei.

Marcamos em um café em Wimbledon, amanhã, dez e meia. Me sinto enjoado.

Esther me convida a ficar para o jantar, mas eu seria péssima companhia e estou completamente sem fome. Em vez disso, perambulo pelos cômodos do meu apartamento e de vez em quando me pego parado diante de alguma janela, olhando distraído para a TV, encarando meu reflexo ou fazendo outras coisas de uma melancolia patética. Faz cinco minutos que estou sentado ao pé da cama encarando um pôster emoldurado de James Bond (*Somente para seus olhos*). Apesar de eu insistir em dizer que tinha sido um presente de Natal de Esther, Ivy me sacaneou sem parar por causa dele. Na ocasião eu levei como uma provocação bobinha, do tipo “como você é adorável”. Mas talvez ela simplesmente tenha achado deprimente. A não ser, é claro, que Ivy de fato trabalhe para o Serviço Secreto. Nesse caso, é quase certo que tenha adorado o pôster. A questão é que alguém realmente precisa trabalhar lá, e a profissão de maquiadora é o disfarce perfeito — *perfeito*: você trabalha em horários irregulares, então ninguém pergunta sobre sua agenda bizarra; vira e mexe precisa fazer algum trabalho no exterior; tem acesso a ricos e famosos; pode facilmente coletar amostras de cabelo para fazer testes de DNA. Além de tudo, Ivy é adepta de ioga, o que deve ser bem útil na hora de desviar daqueles raios laser usados para proteger ovos Fabergé, diamantes grandes e microfilmes. E não vamos esquecer as cicatrizes: Ivy conta que atravessou uma mesinha de centro, mas sabe lá

se essa é a história verdadeira.

No entanto, mesmo que Ivy seja espiã, não quer dizer que eu não vá levar um pé na bunda, quer, comandante Bond?

Ah, mas você vai mesmo levar um pé na bunda, diz 007. Sua licença foi completamente revogada.

Seja o que acontecer no café da manhã, pelo menos vamos chegar a uma conclusão, e eu vou poder parar com essa lamúria deprimente.

Durmo muito mal.

Demoro uma eternidade para pegar no sono, e, quando finalmente apago, sonho que vários inimigos de James Bond — Scaramanga, Oddjob, Blofeld, Jaws — me perseguem no labirinto do filme *O iluminado*. Aquela bruxa esganiçada com a lâmina no sapato se aproxima à distância de um chute letal, e eu acordo com o coração a mil. Vou mijar, bebo mais ou menos o mesmo volume de água que acabei de expelir, volto para a cama, rolo de um lado para outro uns vinte minutos e por fim me vejo de novo no labirinto, tentando fugir do inevitável.

Às 6h44 da manhã eu desisto, saio da cama e vou ao espelho do banheiro dar uma olhada no rosto. O sol já nasceu e está forte. Arrumei olheiras e um tique no olho esquerdo. Há coisa de seis semanas eu me desentendi com um barbeiro que acabou raspando minha cabeça. Agora ele chegou a uma altura suficiente para ficar espetado em cinco ângulos, e é óbvio que acordou exatamente assim esta manhã. Além de tudo, parece que eu ganhei uma nova ruga na testa. Estou um caco.

Fico um bom tempo debaixo do chuveiro; passo fio dental, escovo os dentes, faço esfoliação, faço a barba, hidrato a pele, corto as unhas — das mãos e dos pés — e aparo os pelos do nariz.

Ainda são 7h32, e já estou exausto. Quando vejo meu reflexo distorcido na chaleira, mesmo com todo o meu esforço, continuo horrível. Eu nunca tive problema com café instantâneo, ele cumpre o que promete, mas, depois de passar apenas duas noites aqui, Ivy marchou até uma loja de departamentos nas redondezas para comprar uma cafeteira e um pacote de “café de verdade”. Às oito e quinze, já bebi um bule inteiro dessa coisa, mas não serviu nem para esquentar o frio que sinto na barriga. Experimento dezesseis combinações do que é, em suma, a mesma roupa, e no fim das contas acabo escolhendo a primeira camisa e a primeira calça jeans que vesti. Ponho minhas melhores meias e minha melhor cueca porque, bom, eu sou um otimista. Além disso, depois de três semanas fazendo mais sexo do que poderia sequer desejar, estou há seis dias na seca, e, se existe uma mínima possibilidade de dar sorte hoje, não quero comprometê-la com uma cueca toda esgarçada.

Em linha reta, Ivy mora a mais ou menos oito quilômetros na direção oeste-sudoeste. De metrô, porém, o trajeto demora uns 25 minutos, tempo em que pego três linhas diferentes, indo primeiro para o norte, depois para o oeste e por fim para o sul. E, em se tratando de William Fisher, pode somar aí mais quinze minutos por passar direto da estação e ter que pegar o metrô de volta porque estava entretido demais limpando as unhas com o canto do bilhete do metrô. Bilhete esse tão dobrado e desfigurado que emperra na catraca de saída, o que me faz ter que implorar à droga do guarda rabugento para me deixar passar. Tudo muito metafórico.

Ainda estou quarenta e cinco minutos adiantado, então tomo um expresso perto da estação de

metrô, e com isso mato um total de três minutos e meio. O café onde vou encontrar com Ivy fica no bairro de Wimbledon Village, uma caminhada rápida de dez minutos em subida íngreme. E, durante esses dez minutos, a sensação é de que você sai da cidade e entra num enclave restrito a corretores da bolsa. O preço médio de uma casa no “Village” deve andar pela casa dos sete dígitos, mas há também umas mansões ostentosas, que beiram o obsceno e devem ter — além de academia, piscina, escritório, biblioteca, adega, garagem tripla, jardim de inverno e uma infinidade de suítes — um zero a mais no preço. Deixando de lado as propriedades residenciais, o bairro tem também um punhado de lojas de roupas caras, algumas galerias de arte, um estábulo, umas joalherias e lojas de quinquilharias pretensiosas, uma ou outra delicatessen e uma quantidade desproporcional de restaurantes e cafeterias que cobram os olhos da cara. Pode até ficar a apenas oito quilômetros de Brixton, mas é outro universo.

O verão tem sido horrível, chove na maior parte do tempo, e as calçadas estão molhadas e empoçadas com o aguaceiro que caiu ontem à noite. Hoje o tempo está quente mas nublado, úmido pra caramba, e ameaça trovejar. Quando chego ao ponto mais alto da Wimbledon Hill Road, estou morrendo de calor, desarrumado e ensopado de suor. E uma coisa é clara: se eu vou reconquistar o coração de Ivy, não vai ser com essa camisa com marcas de pizza cada vez maiores debaixo dos braços.

De repente eu mudo de trajeto e entro numa loja de grife tão cool que até os manequins parecem desdenhar de mim. O cara, tenho quase certeza de que é um cara, no balcão para de olhar para o iPad e levanta a cabeça. Em seguida acena com a cabeça de um jeito quase imperceptível, murmura uma sílaba que talvez seja “Oi” e esboça um sorriso. Vai ver está sendo amigável, mas não dá para ter certeza. Preciso sair daqui logo; está nítido como a marca de suor na minha camisa que sou um peixe fora d’água, e isso só faz piorar meu nervosismo.

— Camisa — digo, então puxo o tecido da minha, como se o conceito de camisa necessitasse de esclarecimento.

O sujeito vira a cabeça na direção de uma arara de roupas.

Eu pego a camisa menos espalhafatosa e peço ao vendedor permissão para experimentar. O “provador” tem as mesmas dimensões e a mesma iluminação de um guarda-roupa, por isso me vejo obrigado a sair e encarar a luz ofuscante da loja propriamente dita para me olhar no espelho. A camisa é mais rosa do que eu gostaria e, só agora percebi, tem fios prateados que refletem a luz enquanto vejo meu reflexo. Eu consigo imaginar essa camisa caindo bem em outra pessoa, talvez um músico, um apresentador de programa de arte na TV a cabo ou alguém atrás de um balcão de uma loja cool. Mas, apesar de estar diante de um espelho perfeitamente bom, não consigo me ver nela.

— Ficou boa — diz o vendedor. Ele contrai os lábios como quem está avaliando, depois assente. — Caiu bem em você.

Eu olho para o relógio e me dou conta de que o encontro com Ivy é daqui a quinze minutos.

— Ótimo. Vou levar.

No confinamento do guarda-roupa/provador, eu tiro a camisa nova e uso a velha para enxugar o suor do rosto, das costas e das axilas. Antes de vesti-la de volta, tiro a etiqueta com o preço da minha nova aquisição, mas o valor está escrito em tinta escura numa etiqueta escura, por isso não o consigo enxergar. Volto ao balcão e entrego a etiqueta ao vendedor sem nem olhar para ela — não porque não me interesse, mas porque acho que não se costuma fazer isso nesta parte da

cidade.

— Cento e oitenta — diz o sujeito, com uma voz impassível: sem um traço de ironia, divertimento ou pena.

Talvez os fios da minha nova camisa sejam de prata, afinal. Começo a suar de novo enquanto entrego o cartão de crédito, rezando para ele não pegar fogo na máquina.

Já fora da loja, quase duzentas pratas mais leve (e talvez também um quilo mais leve, só de líquidos perdidos), dou uma última enxugada no rosto com a camisa antiga e a joga na lixeira mais próxima.

Chego ao café um minuto antes da hora, peço um cappuccino e me sento a uma mesa do lado de fora. Meu organismo já está tão carregado de cafeína e adrenalina que minhas mãos tremem, e preciso fazer um baita esforço para não derramar o cappuccino na minha camisa caríssima e novinha em folha.

Já estou na segunda xícara quando avisto Ivy a uns cem metros, caminhando em direção ao café. Aceno e faço uma saudação ao mesmo tempo, e ela retribui o gesto. Consigo ver suas pernas se mexendo, mas Ivy parece não encurtar a distância. Pego o telefone e finjo fazer alguma coisa, dou um gole lento no cappuccino, olho o cardápio... e quando olho outra vez para Ivy ela ainda está a mais de cinquenta metros de distância. Eu endireito a camisa, ajo como se alguma coisa do outro lado da rua tivesse chamado minha atenção e brinco com os sachês de açúcar.

— Oi — diz Ivy, e eu levanto a cabeça, aparentemente surpreso por ela chegar tão depressa.

— Oi.

Quando eu me levanto para cumprimentar Ivy, bato o quadril na mesa e derramo o cappuccino com raspas de chocolate na frente da camisa, mas, ao que parece, ela nem nota. Por algum motivo, beijo-a na bochecha. Há coisa de uma semana nós estaríamos atolados como... bem, não exatamente como atores de filme pornô, mas seria uma visão nada recatada. No entanto, cá estou eu, dando um beijinho em sua bochecha.

Ivy não se maquiou e prendeu o cabelo para trás, batendo na altura dos ombros. Está usando um jeans largo, uma camisa xadrez com abotoaduras esmaltadas no formato de garotas com roupas burlescas e um casaco cinza sem estampa. E, parando para pensar, nos dois meses que se passaram desde que fomos apresentados, ainda não vi Ivy de saia, vestido ou uma dessas blusas com mangas bufantes, que as garotas parecem adorar. Imagino que seu estilo seja resultado do acidente que sofreu na infância. Ela não consegue esconder as cicatrizes no rosto, mas as do corpo... essas ela consegue ocultar por completo. Ou vai ver eu estou teorizando demais; talvez suas roupas apenas reflitam o fato de que ela cresceu com três irmãos homens e sinceramente goste de se vestir feito garoto. Seja como for, ela está linda.

— Você está linda — digo eu.

Ivy dá um sorriso, mas ele logo desaparece.

Uma atendente se aproxima da mesa, e Ivy pede chá.

— E então? — pergunto. — Como tem passado?

— Ah — começa ela, aparentemente incapaz de me olhar nos olhos por mais de três quartos de segundo — estou bem... ocupada... sabe como é...

Quando eu tinha... não sei exatamente, talvez uns sete anos, minha professora, a sra. “Rolha de Poço” Kincaid, me chamou à sua mesa na frente da turma. Lembro-me de perceber que a superfície de madeira batia na altura da minha barriga quando parei diante dela, e me lembro

também do medo que senti.

— Você fez uma malcriação — prosseguiu a sra. Kincaid. — Sabe o que foi?

Eu não sabia.

— Seu pai me disse que você foi malcriado — continuou.

Minha mãe e meu pai eram pessoas inteligentes, e meu pai era (ainda é) professor, acostumado a lidar com crianças problemáticas. Não faço ideia do motivo que o levou a pensar em abordar minha leviandade por meio de uma terceira pessoa. Não penso no assunto há mais de vinte anos, e acho que ninguém precisa ser psicólogo para entender por que essa cena acabou de invadir minha mente como se fosse um tijolo afundando num lago sufocado por algas.

— O que você fez? — perguntou a sra. Kincaid.

De vez em quando eu fico fantasiando que sou capaz de voltar a algum acontecimento da infância com a minha compreensão e inteligência adultas. Se eu pudesse responder hoje no lugar do confuso e assustado William de sete anos, responderia “Sei lá. Não sou eu quem tem todas as informações aqui, então me diga você”, ou alguma coisa desse tipo. Porque, em vez de ir direto ao ponto, eu escolhi prolongar a situação; abrir as cortinas bem devagarinho.

Eu não me lembro do que disse, mas não sabia a resposta. Talvez tenha dado de ombros. Mas Kincaid não ia me deixar escapar facilmente.

— O que você fez? — insistiu.

E foi então que eu lhe contei cada transgressão em que consegui pensar. Que eu tinha arrancado a cabeça de três das Barbies da minha irmã; que eu e Simon Henderson havíamos encontrado uma revista pornô velha embaixo de uma cerca viva e a colocado debaixo de outra; que roubei balinhas de uma banca de jornal; que vivia mentindo quando dizia que tinha escovado os dentes; que lia revistas em quadrinhos com uma lanterna já depois da hora de dormir; que encontrei 23 centavos no canto do sofá e fiquei com o dinheiro; que não rezava sempre; que peidava na sala de aula; que arrotava os nomes de Jesus, Maria e José; e que uma vez arranquei duas pernas de uma aranha (pensei que ela ficaria bem com as outras seis e ainda tomei o cuidado de desmembrar a criatura de maneira simétrica).

— E o que mais?

Quando penso na sra. Kincaid, é sobretudo com carinho. Ela era uma gorda roliça, vigorosa mas tranquilizadora, e eu associo aquele peso físico a uma ternura e à promessa de abraço, embora não me lembre de nenhuma vez em que ela tenha me abraçado. Ainda assim, era uma mulher intimidadora — e isso não resultava apenas de sua corpulência. A sra. Kincaid era uma autoritária implacável e insensível, que humilhava os alunos sem o menor remorso com o repertório-padrão de insultos de um professor: cabeça de vento, besta quadrada, lerdo e burro; além de uns insultos mais idiossincráticos, como cabeça gorda, burraldo e cérebro de massinha. Não que eu tenha guardado rancor; naquela época, um bullying de vez em quando fazia parte do trabalho docente nas escolas.

— E o que mais? — insistiu a sra. Kincaid.

— Nada — respondi, e foi sincero.

— É mesmo? Seu pai me contou que você chamou sua irmã de um nome feio. Você se lembra do que chamou sua irmã?

— Não.

— Tente se lembrar.

— Fedorenta?

— Pior.

— Cara de porca?

Um lento balançar de cabeça.

— Não sei.

Na verdade, eu fazia uma boa ideia do que era, mas estava bem relutante em revelar à sra. “Rolha de Poço” Kincaid.

— Seu pai já me contou, então seja um bom garoto e me conte você mesmo também.

— Porca gorda.

E eu me lembro de ver Kincaid se assustar ao ouvir isso. Ela balançou a cabeça.

— Não. Você chamou a sua irmã de “puta”.

— Chamei? — perguntei, verdadeiramente perplexo.

— Onde você escutou essa palavra?

Pensando em retrospecto, provavelmente escutei isso no recreio e, sem saber como era pesada, soltei isso em casa. Mas, vinte e quatro anos atrás, encarando o olhar implacável da sra. Kincaid, eu me saí com uma solução diferente para o enigma.

— Eu ouvi de você — respondi, com sinceridade.

Usando um vasto léxico na sala de aula, a ofensa favorita da sra. Kincaid era “pulha” — *certamente uma invenção dela*. Se você errava uma pergunta, era um pulha; se falava durante a aula, era um pulha; se não respondesse à chamada, “pulha” virava seu nome do meio. E, bom, “pulha” soa parecido com “puta”, não acha?

— Você fala puta o tempo todo na sala.

Só me resta presumir que a sra. Kincaid percebeu minha sinceridade e ingenuidade e compreendeu como o uso que ela própria fazia da palavra havia se tornado perigoso, porque ficou toda vermelha, então me mandou não repetir mais aquilo e voltar para a cadeira. Nunca mais eu ouvi uma palavra sobre o assunto.

Que eu me lembre, desde então não pensei mais nisso. Mas isso só até agora, sentado diante de Ivy, enquanto ela morde o lábio, mexe nas abotoaduras e olha para tudo que é lado, menos para mim. Mas não vou repetir o erro que cometi há mais de vinte anos; não vou começar a pedir desculpas, me justificar ou rastejar por uma coisa, quando posso acabar sendo punido por outra. É mais fácil essa tática piorar as coisas do que dar certo.

— Desculpa pelo que aconteceu na casa do meu pai — diz minha boca. — Eu fui meio babaca.

Ivy faz cara de quem não entendeu.

— Foi?

Idiota.

— Você disse que estava cansada — lembrei-a. — E eu falei “Você quem sabe”.

Ela faz que sim com a cabeça, contrai o canto esquerdo da boca e fica com uma expressão que pode significar que se resignou, que lembrou ou que ficou desapontada. Seja o que for, sorriso não é.

A atendente traz o chá de Ivy num pequeno bule com uma jarrinha de leite e uma tigela com cubos de açúcar. Ivy levanta a tampa do bule, dá seis voltas com a colher para mexer o chá e recoloca a tampa. Não se serve.

— Eu venho pensando — digo, e Ivy olha para mim como se tivesse acabado lembrar que estou sentado à sua frente. — A gente devia sair mais.

Ivy faz cara de quem não entendeu, mas parece levemente divertida.

— Quer dizer, a gente tem, sabe como é... tem *se visto* muito, obviamente. — Ao ouvir isso, Ivy sorri e concorda. — Mas a gente não chegou a *sair* de verdade. Não me entenda mal, eu gostei bastante, mas não foi como se a gente tivesse... saído, sabe?

Ivy ergue a sobrancelha.

— Quer dizer, a gente devia ir... sei lá, ao teatro, a bares, a museus, ao zoológico.

— Ao zoológico?

— É, eu adoro o zoológico. Macacos, elefantes, girafas, a bicharada toda.

— Animais?

— Isso mesmo.

— Parece legal.

E isso é uma esperança, é um raio de luz, não é um *Esquece, Fisher, a gente já era*, é um, *Parece legal!*

— É mesmo? Que ótimo. A gente podia ir hoje. Talvez chova, mas, bom, é só comprar aquelas capas de chuva que os turistas usam. Qual é o seu animal pref...?

— Eu tenho uma novidade.

E ela escolhe esse momento para servir o chá. Demora uma eternidade.

— Novidade?

— Bom, você sabe que a gente tem... como foi que você disse mesmo?... *se visto* muito.

— Ivy, seja lá o que eu tenha feito...

— Por favor — interrompe ela. — Isso é difícil para mim.

Eu respiro fundo, prendo o ar, faço que sim, solto a respiração.

— A gente tem transado — define Ivy, então esboça um sorriso. — E muito.

Começo a listar as possibilidades: eu sou ruim de cama, ela é casada, ela tem uma DST ou...

Às vezes eu sou tão idiota que é quase impressionante.

Ivy e eu nunca conversamos nada sobre ter um filho, mas o assunto não é exatamente uma novidade total. Na primeira vez que fizemos amor, perguntei a Ivy se podia seguir em frente sem medo (claro que não com uma frase completa e coerente, mas combinando expressões faciais, movimentos oculares e um “Você tem aí uma... *sabe...*?”).

— Tudo bem — respondeu Ivy, olhando para mim.

— Você está...?

Ivy balançou a cabeça e sorriu.

— Tudo bem.

Não perguntei da boca para fora. E, pelado e empolgado, eu também estava plenamente ciente das possíveis consequências — tendo em vista que “possíveis” é um adjetivo importante. Talvez Ivy soubesse que estava num momento seguro do ciclo menstrual, talvez não possa ter filhos e ponto final, ou, talvez, quando respondeu “Tudo bem”, quisesse dizer *Olha, a gente se ama, não é? Eu quero ter filhos, adoro crianças e acho que você daria um pai maravilhoso, então vamos deixar a natureza seguir o curso*. E, embora essa rápida sequência de possibilidades tenha passado zunindo pela minha cabeça, nós estávamos pelados e cheios de tesão, e Ivy estava segurando minha nuca, beijando meu pescoço, puxando meu corpo para o

dela, erguendo os quadris para colarem nos meus e se esfregando em mim — o que acabou distorcendo o processo decisório. E, sim, eu amo Ivy — e que isso não se confunda com a frivolidade de *estar apaixonado*; isso eu também estou, óbvio, mas o que sinto é algo mais essencial do que paixão. Meu pai, poeta romântico que é, chama isso de “correr o mais rápido possível” — a certeza absoluta e profunda de que, no que diz respeito ao amor, você está operando na capacidade máxima. Eu já a vi perto de crianças e percebi como ela se envolve, escuta e responde a elas, notei seu jeito de sorrir na presença delas e notei como esse sorriso não some quando vão embora. Ivy adora crianças, que por sua vez percebem e retribuem o carinho. Ela faz as crianças se sentirem especiais, porque, em sua opinião, de fato são. Isso é parte do que eu amo a respeito de Ivy, que além de tudo é sexy, linda, e estamos pelados, com tesão, suados e... bom, que se dane. Na hora pareceu uma boa ideia.

Nós fizemos amor duas vezes, e depois eu dormi feito um bebê (ao que parece, uma analogia bem apropriada). Só fui ter uma leve crise de pânico — se é possível uma crise de pânico ser leve — uns três minutos e meio depois de acordar na manhã seguinte. No contexto profissional, eu conhecia aquela mulher fazia pouco mais de um mês. Tirando isso, antes do nosso sexo biologicamente despreocupado, provavelmente havíamos passado um total de duas horas sozinhos um com o outro. Então, seja franco, William Fisher: onde você estava com a droga da cabeça quando saiu transando sem camisinha com alguém que era pouco mais do que uma completa desconhecida?

Ivy se remexeu ao meu lado, rolou o corpo, sorriu, fez carinho no meu rosto, daí fizemos amor outra vez. A essa altura, nosso relacionamento propriamente dito tinha mais ou menos doze horas, e ali, trocando carinhos nos lençóis amarfanhados, falar de bebês me pareceu uma atitude grosseira, arrogante e nada romântica.

Juntei as possíveis consequências numa caixinha, tranquei-a e a enfiei num closet num cômodo num canto mal iluminado da minha cabeça. Isso faz vinte e cinco dias, e, nas centenas de horas que passei com Ivy desde então, nem uma coisinha sequer me fez duvidar da sensatez da minha idiotice. Uma, duas ou talvez algumas vezes, dei por mim andando em direção a esse cantinho, mas nunca permaneci ali por muito tempo, nem abri a porta. O que eu ganharia com isso? Obviamente, nos cinco dias desde que voltamos da casa do meu pai, ficou nítido que alguma coisa estava errada, mas, no pior das hipóteses, meu pessimista interior imaginou que perderia Ivy, não que ganharia um filho.

Sentada na varanda do café em Wimbledon, Ivy ainda não contou a “novidade”. E vai ver que, depois de tudo aquilo, esteja apenas procurando as palavras certas para me fazer saber que, na cama, eu sou tão bom quanto uma abobrinha velha.

— Eu fui ao médico — declara Ivy, e, com isso, pensando nas opções (ruim de cama, DST, casada, grávida), só restam duas possibilidades.

Um atendente aparece, como sempre fazem nesses momentos. Pergunta se precisamos de alguma coisa, e os dois respondemos que não.

Ivy põe a mão na barriga.

— Eu estou... você... você vai... nós...

E ela desata a chorar. Mas está sorrindo; na verdade, sorri tanto que também começo a chorar. Eu me levanto da mesa, me agacho a seu lado e ponho um braço sobre seus ombros e o outro em volta da cintura. No quesito abraço, esse é bem desajeitado, e preciso me apoiar em

um joelho para me equilibrar. De repente, sinto-o frio e molhado, e com uma olhadela confirmo: meti o joelho numa enorme poça suja. Tem um monte de gente passeando por Wimbledon às 10h45 de uma manhã de sexta-feira, e a maioria delas parece passar em frente à nossa mesa. Talvez pareça que estou pedindo Ivy em casamento; não sei nem me interessa. Beijo a blusa cinza de Ivy na altura da barriga. Quando ela põe a mão na minha nuca, parece que eu sinto uma corrente elétrica.

— Eu te amo — digo, mas no meio da fala Ivy empurra minha cabeça com força contra sua barriga, esmagando meu rosto em seu corpo e transformando minha declaração em nada mais que quatro sílabas abafadas e grudadas umas nas outras. Mas todas ditas de coração.

Semente de maçã.

Ervilha.

Feijão.

Grão-de-bico.

Azeitona...

Ivy está vomitando no meu banheiro. O som chega a mim com tanta nitidez quanto o cantar de um pássaro em um campo aberto num dia de verão.

— Droga — reclama ela, e sua voz ecoa, ricocheteia na privada de porcelana e, como se fosse uma nuvem de vapor, flutua do banheiro em direção ao quarto. Ela cospe, faz força para vomitar, cospe, cospe, cospe. E dá descarga. Ivy é uma vomitadora comunicativa e produtiva, e antes de eu sair para o escritório vou ter que limpar o vômito que ficou debaixo do assento da privada, nos azulejos e onde mais tenha respingado. E não vejo problema nisso. Ela tem enjojo matinal, eu tenho desinfetante. É mais do que justo.

— Tudo bem aí? — grito.

— Não — grita Ivy em resposta. — Mas acho que já está pa... ah, ah meu Deubleeeeeergh...

Bom, eu sou de fechar a porta. Quer dizer, acho que é esse o objetivo delas, certo? E não venha me dizer que elas servem para abrir. Não tenho tempo para essa linha de raciocínio. Podemos discutir causa, efeito, forma e função o dia todo, mas a verdade nua e crua é esta: as portas existem para manter certas coisas do lado de dentro e outras do lado de fora. Você quer manter coisas como animais selvagens, ladrões, serial killers, chuva, barulho e qualquer fedentina do lado de fora. Quer manter coisas como calor, romance, privacidade e tranquilidade do lado de dentro. Bom, eu certamente quero. Ivy não é de fechar portas, não as internas, não as de banheiro. E eu acho isso pitoresco, uma coisa meio escancarada, desinibida, naturalista, mas não tem nada de pitoresco em ver o amor da sua vida passar nove minutos sentada na privada — não que eu fique vendo de fato, mas, caso queira, está tudo em exibição pela porta aberta.

O banheiro está em silêncio há um minuto inteiro, então ouço a descarga, e Ivy se arrasta para a cozinha xingando a mãe natureza de tudo que é nome.

Faz um mês que Ivy me contou que está grávida. Pelo modo como se contam essas datas (a partir do último dia de menstruação, em vez da data de concepção), ela tem quase dez semanas de gravidez. E o mais bizarro é que essa data foi uns dez dias antes de estarmos juntos. Nossa gravidez é mais antiga do que nosso relacionamento. Se você olhar em qualquer livro ou site, vai descobrir que se mede o desenvolvimento do bebê em termos de comida: semente de papoula, lentilha, grão-de-bico, maçã, abacate, manga, repolho, coco, melancia. Neste exato momento, nosso filho tem o tamanho de uma azeitona.

— Estranho, né? — pergunto eu a James Bond.

James não responde. Ainda não são nem oito da manhã, e os mulherengos nunca acordam antes das onze, a não ser para salvar a própria vida, a do rei ou o país. Nenhuma dessas hipóteses se aplica a mim, mas esta manhã eu tenho uma reunião com Joe, meu produtor na empresa para onde gravo anúncios comerciais. Então eu me levanto, abro as cortinas e me arrasto rumo ao banheiro para limpar o vômito de Ivy e fazer o que precisa ser feito a porta

fechada.

Quando volto para o quarto, encontro Ivy sentada na cama, segurando uma xícara de café com uma das mãos e um livro com a outra. Está lendo um romance escrito por alguém de quem nunca ouvi falar, prendendo um monte de páginas lidas atrás do polegar esquerdo.

O bule está numa bandeja em cima da cômoda, junto com uma xícara e um pequeno jarro de leite. Eu me sirvo do café e, como estou adiantado, volto para a cama.

— Como vai a leitura?

Ivy vira o livro e olha para a capa (uma praça, o pôr do sol, sombras, silhuetas) como se a resposta estivesse impressa ali.

— Bom, pelo que eu sei, ganhou todo tipo de prêmio. Mas, se não fosse pelo clube do livro, provavelmente eu largaria.

— Ah, larga mesmo. Troca por um com vampiros.

Ivy dá uma risada.

— Não é que eu nunca tenha largado um livro na metade, mas, sei lá... não é um hábito legal.

— Sério? Semana passada eu vi uma mulher cortando as unhas no metrô.

— Que nojo! É sério?

— Seriíssimo. Deixando cair tudo pelo vagão.

Ivy leva a mão à boca.

— Para. Você vai me fazer vomitar de novo.

— Pois é. Sem pensar duas vezes, eu prefiro alguém que larga um livro na metade a alguém que corta as unhas em público.

Ivy balança a cabeça afirmativamente, como se estivesse ponderando a sensatez do meu argumento.

— Provavelmente você tem razão, mas não quero desapontar Cora. O livro foi escolha dela.

— Será que ela vai se lembrar disso?

— Com ela, nunca se sabe. Cora não sabe nem que dia é hoje, mas cita Dickens de cor, até a última vírgula.

— Ah, que bobagem.

— Exatamente — concorda Ivy, voltando a atenção outra vez para o livro.

— E os enjoos? Diminuindo?

— Não vou sentir saudade quando essa fase passar. Você escuta as pessoas falarem sobre isso, mas, caramba, é uma tristeza. A cada manhã é uma ressaca sem a diversão da noite anterior.

— Sinto muito.

— E deveria sentir mesmo. Você tem muita responsabilidade nisso.

Depois que Ivy me contou da gravidez, e depois que eu me ajoelhei e balbuciei “Eu te amo” em sua blusa, passamos o resto do dia num estado de perplexidade feliz e animada. Ivy explicou o silêncio dos dias anteriores — uma mistura de ansiedade, confusão e incerteza. Sentiu medo de eu ficar infeliz, de ter me enganado, de eu querer acabar com o relacionamento. E eu expliquei que nada disso poderia ser mais distante da verdade. Acabamos de tomar o café da manhã, e nosso relacionamento passou suavemente para o estágio seguinte — entramos numa delicatessen e compramos falafel, pão, húmus, carne, suco em garrafa e cheesecake. Fomos para o apartamento dela, fizemos um piquenique no sofá, e ela apagou na frente da TV. Não fizemos

amor.

Na verdade, não fizemos amor uma vezinha sequer desde o dia antes de meu pai nos oferecer a cama e jogar uma uruca em cima de tudo. Eu fiz as contas; isso tem quarenta dias e quarenta noites — uma abstinência de proporções bíblicas.

Ponho a xícara de lado e pouso a mão na coxa de Ivy.

— Tadinha. Sabe o que sempre funciona quando estou de ressaca?

Ivy abaixa o livro e olha para mim por cima de óculos imaginários.

— Você está de brincadeira, não é?

— Não — respondo, subindo a mão.

Ivy põe a mão em cima da minha e interrompe a escalada.

— Você sabe que eu não estou com uma ressaca de verdade, não sabe?

— Sei, mas o princí...

— Eu tenho um feto do tamanho de uma azeitona no útero, e ele está inundando o meu corpo com hormônios que me *dão a sensação* de ressaca.

— Claro, claro... — sussurro, ainda com a mão na coxa de Ivy. — Mas também pode funcionar em casos de fetos do tamanho de azeitonas produtores de hormônios.

— Eu estou com vômito no cabelo.

— Eu não me importo.

— Mas eu me importo. Cala a boca e bebe o seu café.

Eu tenho dinheiro no banco, um apartamento que vale mais do que a hipoteca e dois rins funcionando dentro do corpo. Mas, para que tudo isso continue exatamente assim, preciso ganhar dinheiro, e rápido.

Joe quer conversar sobre um “roteiro empolgante”. E, embora eu tenha aprendido a ficar com o pé atrás diante do entusiasmo dele, é difícil não me animar. Já me candidatei a dois trabalhos desde que terminamos a última produção, há pouco mais de dois meses. Não consegui nenhum. Dois meses sem qualquer renda é uma situação preocupante, mas, com a eminência de uma boca extra para alimentar, isso está me custando o sono. Joe e eu trabalhamos juntos há anos e nos tornamos amigos íntimos, então a roupa que vou vestir hoje não deveria importar, sobretudo porque Joe só compra em lojas simples, e mesmo assim porque é arrastado pela mulher. No entanto, não sou o único diretor de Joe, e ele não é o único produtor da Sprocket Hole; portanto, não faz mal algum lembrar a todos como William Fisher é um sujeito legal e batalhador. Portanto, visto minha segunda calça jeans mais velha e minha camisa mais nova — a peça cor-de-rosa que comprei em Wimbledon Village mês passado. A camisa ainda não me convenceu, mas ao que parece Ivy gostou dela.

— Ficou bonito em você.

— Eu sou bonito — corrijo. Ela continua lendo na cama. — Vai estar aqui quando eu voltar?

Ivy balança a cabeça. Então, arregala os olhos, como se fizesse uma pergunta em silêncio.

— Que foi?

— Vou estar em casa, no meu apartamento.

— Ah, o.k.

— Isso por que...?

— Por que você precisa alimentar o Ernest?

— A droga do peixe é a última das minhas preocupações.

— Ah, certo, eu... Merda! A *doula*, claro. Desculpe, linda. É que horas?

— Não acredito que você esqueceu! — diz Ivy, e ela parece verdadeiramente irritada.

— Eu não esqueci, só estava pensando em coisas de trabalho. Estava...

— Não posso fazer isso sozinha, Fisher.

— Eu sei, e você não vai ter que fazer isso sozinha. É só que... a minha cabeça estava...

Ivy sorri. É só um sorrisinho, a boca levemente curvada, as sobrancelhas um pouquinho mais erguidas do que o necessário. É o sorriso que ela guarda para quando joga uma isca de brincadeira e eu me aproximo e abocanho tudo, até o chumbo, com essa minha boca ingênua.

— Queria que você não fizesse isso.

Ivy finge que não entendeu.

— Queria que eu não fizesse o quê?

— Ficasse me sacaneando, jogando isca.

— Eu não sacaneio nem jogo isca para você.

— Joga, sim. Você é... uma *discarada*.

Ivy dá uma risada, e o som de seu riso (natural, infantil, que envolve nariz, língua e dentes) me deixa todo arrepiado.

— Eu sou a Tchaikóvisca — diz, então bate palmas e dobra o corpo de tanto rir da própria piada.

— Eu sei, eu sei, você é um *iscândalo*!

O trocadilho tomba no chão com um estrondo e ecoa diante da súbita ausência de gargalhadas. Ivy se força a sorrir por educação.

— *Só você mesmo!* — exclama, balançando a cabeça e voltando à página onde havia parado.
— *Ah... discarada...*

Eu quebro a cabeça atrás de um trocadilho com isca para salvar o momento, mesmo sabendo que ele já se foi.

— E, além disso — continua Ivy, em tom de repreensão —, foi um desejo de merda, esse de eu não sacanear você.

— Desculpe, fada madrinha. Eu queria que você não ficasse me sacaneando e queria ter uma Ferrari folheada a ouro.

E aí está: essa compulsão de Ivy por tirar sarro da minha cara e sua crença inabalável na fada madrinha estão, sem dúvida, entre as dez coisas que mais amo na mulher que vomita no meu banheiro. Eu não diria que essas duas características chegam a compensar minha castidade forçada, mas certamente atenuam a situação.

Além do sexo, duas outras coisas importantes não aconteceram neste mês desde que Ivy me contou que tínhamos um filho e que eu disse à sua blusa que a amava:

Não repeti a declaração.

E Ivy não a respondeu.

Eu quero repeti-la, mas tenho medo de a frase perder potência se eu a disser toda vez que sentir vontade. E, como Ivy ainda precisa me dizer as três palavras, também fico com medo de passar por carente. Em *Star Wars: o Império contra-ataca*, tem uma cena que El e eu achamos a coisa mais legal do mundo — aliás, do universo. Logo antes de Han Solo ser capturado e

congelado na placa de carbonita, a princesa Leia diz que o ama. E, enquanto Han se prepara para uma provação potencialmente fatal, ele a encara e responde apenas: “Eu sei”. Quando garoto, eu nunca cheguei a pensar em como essa indiferença — “*Eu sei*” — deve ter feito a princesa se sentir, mas, como um futuro pai completamente apaixonado, consigo ter uma boa ideia. Eu ficaria mais preocupado com isso, porém, levando em conta que estava com a boca entupida de lã quando me declarei pela primeira vez; tenho uma razoável certeza de que Ivy nem chegou a me escutar.

Antes de sair para o escritório, dou um último beijo em Ivy. E (apesar do cheiro de vômito e pasta de dente) essas três palavras não ditas ainda rodopiam dentro da minha cabeça, tentando encontrar um caminho para a boca.

— Tenha um ótimo dia — diz Ivy.

— Eu... eu sei — respondo, e ela me encara como se eu tivesse perdido o juízo.

— Está bonito — balbucia Pippa quando atravesso a porta da Sprocket Hole.

Não transo com ela desde junho, quase quatro meses atrás, e a coisa nunca passou de umas saídas sem importância. Mesmo assim, sempre fico corado quando ela diz qualquer coisa mais amigável do que um oi.

— Camisa! — exclama Gaz, nosso assistente de direção, que por acaso é também o namorado atual de Pippa. Ele faz um gesto de quem puxa o próprio colarinho, balança a cabeça afirmativamente e volta para a revista que está lendo.

Ao telefone, Joe levanta a cabeça e olha para mim com sarcasmo.

— Rosa? — pergunta. — Combina com a sua cara. — E então: — Espera aí, tem purpurina nessa coisa? Essa porra aí é purpurina?

— São fios.

— Parece lantejoula. Onde você comprou tinha para homem?

— Pois é, Joe. Eu comprei numa loja gay que atende cavalheiros homossexuais. É isso que você está sugerindo?

— Calma... não precisa dar um ataque de pelanca. Vamos lá, hoje você paga o almoço.

— São cinco para as onze.

— Eu estou de pé desde as cinco e meia, caramba. Sinceramente, as crianças acabam com a sua vida.

Gaz dá uma risada.

— É sério — continua Joe, apontando o dedo para Gaz, depois para Pippa. — Espero que vocês, pombinhos, estejam se protegendo. Guardem essa merda que eu estou dizendo: elas acabam com a sua vida.

Joe está atacando um prato de torta salgada, batatas chips e ervilhas como se não comesse nada há uma semana.

Eu estou tomando um café ruim e assistindo à cena.

Joe ergue a cabeça. Com um ar de intrometido, semicerra um olho e levanta a sobrancelha do outro.

— E aí? Como Ivy tem passado?

Foi Joe quem nos apresentou. E, de acordo com ele, deu para ver de cara que eu tinha uma queda pela nossa nova maquiadora. Desde esse primeiro encontro ele adotou uma postura de censura levemente ameaçadora, como se, de alguma forma, duvidasse da minha intenção, integridade ou confiabilidade. Eu tomaria satisfações, mas a revelação de que Ivy está grávida provavelmente confirmaria o receio dele.

— Ela... — *Está esperando um filho meu!* — ... está bem — digo.

— Ainda transando feito coelhos? — Para enfatizar, Joe mexe a faca para a frente e para trás.

— Como assim *ainda*? E eu nunca falei nada sobre coelhos.

Joe dá de ombros.

— É assim que funciona, né? Nessa primeira fase do relacionamento e tal. — Ele suspira, garfa três batatas e enfia tudo na boca.

— Como vão os planos para o casamento?

— Quanto antes acabar, melhor. Caramba, ela já vem planejando isso há oito meses. — Joe pousa os talheres para me mostrar oito dedos. — Dá para comprar uma casa nesse tempo.

— E Sammy? Como vai?

— Largando a fralda e aprendendo a usar o peniquinho.

— Legal.

Joe balança a cabeça.

— Não tem nada de legal numa cueca toda cagada.

— Mas nem tudo é tão ruim assim, né?

Joe arregala os olhos.

— O que é isso? Uma sessão de aconselhamento? Jen anda de papo com você? O que está acontecendo?

— Epa, não tem nada acontecendo. Só estou perguntando do seu filho, cara, mais nada.

Joe me encara como se não estivesse completamente convencido.

— Ela tem falado sobre ter outro.

— Outro filho?

Joe faz que sim.

— Depois do casório. Quer ter pelo menos um que não seja bastardo, acho eu.

— Foi assim que ela disse?

— Além disso, ela também já não está mais na flor da idade.

— Ela é mais nova do que você.

— Próxima parada, trinta e oito, cara. E, cá entre nós, ter um filho dá uma bela esculhambada na lataria, se é que você me entende.

— E você aí, tão bem preservado... E então? Vai fazer o quê?

Joe dá uma risada.

— Dá para ver que você nunca teve um relacionamento de mais de cinco minutos.

— Eu saí com Kate por mais de um ano.

— É, e todo mundo sabe como isso acabou.

É, todo mundo sabe: com Kate (usando as palavras que ela própria escolheu com todo o cuidado) chupando o pau de um colega de trabalho e me largando no dia 24 de dezembro, véspera do Natal, um dia antes do meu aniversário.

— Eu vou fazer o que sempre faço.

— E o que é?

— O que Jen mandar. — Joe constrói uma pequena montanha de torta e ervilhas em cima do garfo. — Pelo menos vou transar na lua de mel — acrescenta, levando a pilha de comida à boca.

— Como Jen é sortuda.

— Então — diz Joe, esfregando as mãos num sinal já familiar de que está saindo do modo amigo intransigente e entrando no modo produtor intransigente.

— Lá vem.

— O quê?

— É esse o momento em que você diz como a sua hipoteca está alta, quanto Jen gasta com sapatos, quanto custa o casamento.

Joe abre a boca para falar.

— Aí — continuo —, você põe um roteiro porcaria na mesa e me vem com o discurso de que isso não é arte.

— Já acabou?

Faço que sim.

— *É esse o momento*, meu caro amigo, em que eu peço para você me dar a porra da honra de ser a porra do meu padrinho.

— Ah.

— Exato. E manda a tradição que você diga “Obrigado”.

— Obrigado. Isso significaria muito para mim, se eu achasse que você dá a mínima para a cerimônia.

— Posso considerar isso um sim?

— Pode. — E a verdade é que isso realmente significa muito para mim, mas se eu contasse Joe me sacanearia.

— Certo — diz Joe, abaixando os dedos da mão conforme fala. — Você precisa organizar uma despedida de solteiro com strippers. Mas eu quero das classudas, nada de prostitutas, nada de dinheiro amassado em caneca de cerveja. Você se encarrega do aluguel do terno, a merda mais barata que achar. Preciso que você compre presentes para as madrinhas. O orçamento é de cinquenta pratas.

— Para cada uma?

Joe dá uma risada.

— Vai se catar! Cinquenta pratas divididas para as três. Compre um vinho para elas, ou qualquer coisa para colocarem no cabelo. Arruma também os táxis da igreja para o hotel. E prepara um discurso. Quero que tenha entre três e seis minutos, com algumas piadas, podem ser grosseiras, mas nada obsceno. E nem abre a boca para fazer piada sobre malucos, porque a tia da Jen é meio... — Ele faz o gesto de um parafuso solto na cabeça.

— Só isso?

— Por enquanto é.

— Tem certeza sobre as piadas de maluco?

— Talvez só a melhor, então — responde Joe, provando de uma vez por todas que é imune ao sarcasmo. — Desde que seja engraçada pra caramba.

— Entendi. Considere-me brifado.

Joe pega um envelope marrom da bolsa e o põe na mesa.

— Sabia, porra.

— Eu odiaria desapontar você — diz Joe, dando um tapinha no envelope. — Anda, abre.

Eu puxo metade do roteiro para fora, leio o nome do cliente e o enfio de volta no envelope.

— É de papel higiênico, porra.

— Todo mundo caga, William. Para com esse elitismo.

— Mas nem todo mundo filma anúncios sobre papel higiênico, filma?

— E lá vamos nós: eu sou um diretor premiado, tenho que pensar no currículo, as pessoas só olham para o seu último trabalho, blá-blá-blá.

Eu sorrio e mantenho a boca fechada.

— Eu gosto de você, Fisher, acredito em você. Acho que é talentoso, maravilhoso e lindo, o.k.? Mas... para ser um ganhador de prêmios, com ênfase no plural, é preciso ganhar mais de um. Além disso — continua Joe, erguendo o dedo e impedindo meu desabafo magoado antes de eu sequer passar do *M...!* inicial. — Além disso... você pode até ser meu diretor preferido, mas não dirige nada desde julho. Sob esse ponto de vista, está mais para um ruivinho desempregado do que para diretor.

Ninguém tem ambição de ganhar a vida como diretor de comerciais. Ninguém cresce sonhando em filmar anúncios de papel higiênico, assim como ninguém sonha em escrever manchetes de jornal, compor jingles, fotografar hambúrgueres ou ser o garoto-propaganda de um seguro de automóvel de quinta categoria. Você quer escrever romances ou músicas, fotografar modelos, interpretar Hamlet, gravar filmes, enriquecer, casar com uma estrela de cinema.

Dito isso, há maneiras muito mais difíceis de se ganhar muito menos dinheiro.

Joe continua tagarelando:

— ... escolhem a dedo como ganhar cinco mil por dia. Alguns de nós, William, têm bocas para alimentar além das nossas.

Nem me diga.

— E, aliás, o roteiro nem é uma merda — finaliza ele.

Não consigo evitar a risada.

— É esse o critério agora? *Não ser uma merda?*

É a vez de Joe rir.

— Vai abrir portas.

— Eu sei. As que têm placas de banheiro.

— Então você vai dar uma olhada?

Não preciso dizer mais uma palavra sequer; Joe tem os instintos aguçados. Eu hesito por uma fração de segundo a mais, e ele sabe que já me convenceu.

— Excelente — diz, já olhando números de telefone no celular. — Vou marcar isso. Que horas são?

— Dois minutos para o meio-dia.

— Ótimo — comenta, já com o telefone no ouvido. — Quando a gente chegar ao bar já vai ter passado das duas. Você pode me pagar uma cerveja lá para agradecer.

— Eu não tenho tempo p...

— Cala a boca — interrompe ele. — Agora você é meu padrinho, tem a obrigação. E, além disso, o que mais você tem para...? — Então, para o telefone: — Michael! Vamos falar das gostosas.

Joe teria ficado no bar a tarde toda, mas depois de duas cervejas eu menti dizendo que precisava encontrar Ivy. Joe ficou amuado e me atacou com a carta “Você está mudado”, mas eu

contra-ataquei com a carta “A gente vai transar”, e essa ganha de qualquer outra nesse velho jogo, mesmo que seja mentira. Melhor do que falar a verdade e me desfazer do meu ás, a carta “Ah, meu Deus, nós vamos ter um filho”. Ainda é muito cedo para isso.

Enquanto volto para Wimbledon Village, paro numa mercearia de produtos orgânicos e depois no açougue, para comprar os ingredientes de um *boeuf bourguignon*. A mercearia é só um pouco cara; o açougue, por outro lado, é uma facada. O que o psicopata sorridente atrás do balcão cobra por um filé de tamanho razoável é mais ou menos quanto custa uma refeição para dois num restaurante de Brixton. Como se já não bastassem as mansões, os supercarros e as calças de veludo berrantes, o custo relativo das nossas compras diz tudo sobre a diferença entre o meu código postal e o de Ivy. E, pela primeira vez desde que estamos juntos, eu preciso me perguntar como uma maquiadora (mesmo que boa) consegue se sustentar num apartamento espaçoso de dois quartos nesse bairro. Talvez os pais dela tenham ajudado. O pai dela é um advogado aposentado, então é possível. Ou vai ver ela comprou há vinte anos, antes de os preços chegarem ao patamar de hoje. Afinal, idade para isso ela tem.

Seja lá como ela conseguiu o apartamento, não está atendendo à campainha. Já toquei quatro vezes, e meu braço esquerdo dói de tanto segurar um buquê atrás das costas. Talvez Ivy tenha saído por algum motivo — para comprar leite, pegar pão, respirar um ar fresco —, mas as cortinas do quarto estão fechadas, o que me deixa razoavelmente confiante de que ela só está tirando uma soneca. A doula só chega em meia hora, por isso eu me sento com as costas na parede e como cogumelos crus enquanto espero um sinal de vida. Minutos depois, ligo de novo para o telefone dela. Como ela não atende, toco a campainha, bato a aldrava e grito pela entrada de correspondência. Estou prestes a bater outra vez quando uma voz de elfo com laringite me pergunta se pode ajudar. Eu me viro e vejo um garoto esquisito e de rosto corado no batente da porta vizinha.

Sempre que Ivy fica fora por mais de dois dias, Harold, o filho adolescente de sua vizinha, alimenta o peixe, Ernest. Suponho que o garoto seja Harold.

— Você é o Harold, certo?

— Quem é você? — Com a voz falha e entrecortada, Harold pronuncia o “vo” como um tenor e o “cê” como um soprano.

— Fisher — respondo, estendendo a mão.

Harold (depois da Segunda Guerra, quem é que dá ao filho o nome de Harold?) olha para as sacolas e para o buquê na soleira da porta de Ivy.

— Fisher? — repete, me encarando desconfiado.

— William Fisher. Namorado, parceiro... homem de Ivy, sabe?

Harold não diz nada.

— A gente ia se encontrar agora — explico. — Mas ela não está atendendo.

— Melhor voltar mais tarde.

— Vamos receber outra pessoa daqui a quinze minutos.

Harold dá de ombros, entra no apartamento e vai fechar a porta.

— Espera! Espera. Você tem uma chave, não tem? Pode abrir para mim?

Harold me olha como se eu tivesse acabado de pedir emprestadas uma faca e uma máscara.

— Acho melhor não — responde ele, afastando-se de mim.

— Escute, Harold: vamos receber uma visita daqui a quinze minutos, e Ivy está dormindo. Se

a pessoa for embora, ela vai ficar um porre.

— De tanto beber? — pergunta Harold, fazendo um gesto de quem bebe.

— Não, não de tanto beber. Não é ficar *de* porre, é ficar *um* porre. É uma visita muito importante.

— Vai ver ela saiu.

— As cortinas estão fechadas.

— É para quê?

— Como assim?

— A visita.

— Bom, isso não é da sua conta, é, Harold?

— Beleza — diz ele, já prestes a fechar a porta outra vez.

— Harold, espere.

Harold fecha a porta.

— Escroto — solto, alto o suficiente para o pirralho espinhento e metade da vizinhança ouvirem.

Tento ligar para Ivy outra vez, mas de novo cai na caixa postal. Já estou no meio da gravação de uma mensagem confusa quando Harold reaparece com a chave.

— Harold! — exclamo, como se estivesse reencontrando um velho amigo. — Cara, muito obrigado. — Mas, quando vou pegar a chave, ele a afasta.

— *Eu* vou checar.

— Você vai o quê? Não vai porcaria nenhuma! Me dá essa chave.

Harold esconde a chave atrás das costas.

— Como eu vou saber que você é quem diz?

— O quê? E quem mais eu seria?

Harold encolhe os ombros.

— Ladrão. Estuprador. Assassino.

— Com uma porra de uma sacola de compras?

— Não precisa falar assim — diz Harold, parecendo ofendido de verdade.

— Harold, escuta. Olha, desculpa, mas, se Ivy estiver de pijama e vir você enfiando a cabeça pela porta do quarto, vai surtar. E ninguém aqui quer isso, né?

Harold fica vermelho feito um pimentão. A mão que segura a chave pende, e eu tento agarrá-la. Mas o desgraçado é forte pra caramba e fica com o braço grudado na lateral do corpo, como se fosse uma barra de ferro.

— Me dá logo a porra dessa chave, Harold!

— Me larga — retruca, a voz falhada subindo pelo menos uma oitava.

Eu tento abrir os dedos do safado à força, mas ele é forte como um lavrador, e seu punho ossudo não cede um milímetro.

— Me dá isso, seu merdi...

— O que está acontecendo?

Dou meia-volta e vejo Ivy na entrada da porta. Ela está despenteada e vestindo um shorts curto e uma camiseta sem sutiã. Não consigo ver meu rosto, mas vejo o de Harold, e quem quer que tenha perdido o concurso Garoto do Rosto Corado não foi por falta de esforço.

— Você estava dormindo — argumento.

— Chave — diz Harold e a ergue como se fosse um talismã.

— Ele não queria me deixar entrar.

— Você tentou me arrancar a chave à força — reclamou Harold. — Eu não sabia quem você é.

— Eu disse! Sou o parceiro dela, eu sou o... homem de Ivy.

— Meu Deus — diz Ivy, quase gritando. — Vocês dois podem parar com essa briguinha?

Eu gasto quase toda a minha força de vontade para evitar dizer que foi Harold quem começou. Mesmo tendo certeza de que foi ele.

— Desculpe — diz Harold.

— Obrigada — diz Ivy. — Está tudo bem agora.

Harold sorri para Ivy, me encara com raiva e se enfia de volta no apartamento.

Eu pego o buquê e o mostro a Ivy.

— Flores — explico.

Ivy balança a cabeça e esboça um sorriso. Eu pego as compras e subo a escada de entrada do seu apartamento logo atrás dela. E palavra de honra: como ela fica bem nesse shorts.

Enquanto Ivy toma banho, eu ponho as flores num vaso e as compras na geladeira. A cozinha e a sala de estar são uma só área aberta, e o que marca a divisão entre os “cômodos” é a bancada na altura da cintura, onde comemos. Um bebê conseguiria engatinhar sem impedimentos da lareira até o armário debaixo da pia, onde Ivy guarda filme plástico, produtos de limpeza, luvas de borracha e alvejante. Da cozinha, o neném tem acesso ao corredor. Após subir um lance de degraus íngremes, o recém-nascido vai chegar a um quarto pequeno (ou um quarto de bebê de tamanho razoável) à esquerda e um banheiro à direita. O trinco da porta do banheiro não fecha, e com isso ele terá fácil acesso a produtos de limpeza e a uma escova sanitária que ficam no chão. Se a criança tiver sorte o suficiente para sobreviver a essa perigosa expedição, chegará ao quarto principal, onde, até onde eu saiba, não há nada de letal ou espetacularmente anti-higiênico. O assoalho, porém, está em um estado lamentável (“original”, diria um corretor de imóveis) e em mais de três vezes uma farpa vitoriana ou um prego orgulhoso abriram um baita rombo nas minhas meias.

Eu penso em tudo isso sentado no sofá da sala de estar, quando a campainha toca, e de repente me convenço de que a doula vai dar uma olhada geral nessa armadilha mortal e nos denunciar como pais incapazes. A campainha toca pela segunda vez.

— Pode atender? — grita Ivy, do quarto.

A doula, uma senhora parruda com sotaque caribenho bem carregado, se apresenta como Eunice. Subimos a escada de entrada do apartamento enquanto murmuro frases desconexas sobre corrimãos, portões de proteção nas escadas, fechaduras à prova de criança e lixas para assoalho.

— Tem muito tempo para isso, querido — comenta Eunice, abrindo um sorriso, mas ao mesmo tempo dando uma avaliada no apartamento. — A gente vai pensar na mãe primeiro. Ela tá aí?

Ivy aparece nesse instante, com o cabelo ainda molhado, sem maquiagem, linda. Sua pele está levemente corada por causa do banho, realçando as cicatrizes no rosto. A essa altura Ivy já deve ter se acostumado a elas, mas para mim são novidade, por isso, sempre que conhecemos alguém, fico constrangido e com os sentimentos de proteção exacerbados.

— Oi, querida — diz Eunice. — Mas como você está linda. Ainda não está aparecendo? Ivy põe a mão na barriga.

— Não sei — responde, abrindo um sorriso. — Talvez um pouquinho.

E é verdade: por baixo da camisa apertada de Ivy, começa a surgir um leve altinho.

Eunice faz um gesto de desdém.

— Afff, eu nunca fui magra assim na minha vida inteira! — diz, então solta uma risada profunda e amigável. — Vem aqui — pede, sentando-se no sofá e ajeitando a almofada a seu lado. — Senta.

Sentada ao lado de Eunice, Ivy parece tão envergonhada quanto uma colegial.

— Já tem quantas semanas, minha querida? Dez, onze semanas, né?

— Nove e meia — responde Ivy.

— Ah, que fase boa — comenta Eunice, arregalando os olhos. — Boa demais.

Durante mais ou menos meia hora, Eunice faz perguntas a Ivy, recolhe amostras de sangue e urina, e, juntas, as duas preenchem uma série de formulários. Além de fazer chá, basicamente não tenho serventia alguma.

Antes de ir embora, Eunice pergunta se temos alguma dúvida. Ivy responde que não, que viram tudo em que ela conseguia pensar por enquanto.

Eunice se vira para mim.

— E o papai?

É a primeira vez que alguém me chama de “papai”, e o efeito é assombroso. É como se eu tivesse uma glândula de papai escondida em algum lugar do tórax, só esperando alguém dizer seu nome para produzir e lançar um monte de hormônios de papai na corrente sanguínea. Ao que parece, esses transmissores químicos formam um pequeno nó na garganta do futuro pai e o fazem sorrir feito um macaco num bananal. Ao contrário da resposta à adrenalina, que nos faz entrar numa briga ou sair correndo, é pouco provável que essa peculiaridade biológica gere qualquer vantagem do ponto de vista evolutivo, mas com certeza a sensação é muito boa.

— Na verdade — começo a responder, ainda sorrindo, estimulado por essa onda de hormônios de papai —, eu tenho, sim, uma pergunta. — Então, olho para Ivy e sorrio.

É como se Ivy conseguisse ler a minha mente, porque ela contrai a boca, estreita os olhos por talvez um milímetro e balança a cabeça bem de leve, em súplica. Mas já é tarde: não vou voltar atrás.

— Diga, querido.

— Eu queria saber se tem algum problema, sabe... fazer... — e, apesar da prova médica óbvia de que Ivy e eu já transamos pelo menos uma vez e do fato de que essa relação e suas consequências naturais são o motivo de Eunice estar sentada no sofá, fico envergonhado demais na hora de dizer a palavra. Então, tento passar a *ideia* de sexo por meio de uma série de expressões faciais e gestos.

— Sexo! — grita Eunice. — Ha ha! Ah, meu Deus, pode! — responde e dá um apertão no joelho de Ivy. — Claro que pode fazer sexo, meu querido. Mas sem movimentos bruscos, tá bem?

Eunice pisca para mim, e Ivy olha para o chão.

Depois de nos despedirmos de Eunice, Ivy fica radiante e parece ter perdoado todas as transgressões do dia. Enquanto subo atrás de Ivy a escada da entrada do apartamento, sou lembrado de como ela é incrível vista por esse ângulo. Ela fala toda animada enquanto pega as xícaras, leva-as para a cozinha e enche a pia com água. Mas agora que a doula nos deu sinal verde, sinto dificuldade para me concentrar em qualquer coisa que não seja levar Ivy para a cama, e já. É como se um alarme de sexo tivesse disparado na minha cabeça, e, enquanto Ivy enfia as mãos na água quente e ensaboada, sinto o começo de uma rebelião dentro da cueca. Se já não se aprontou para a batalha, o velho guerreiro certamente está entrando no clima.

— ... não acha? — pergunta Ivy.

Não faço ideia do que ela está falando; o alarme continua berrando na minha cabeça.

— Claro — respondo, e parece que essa é a resposta certa, pois Ivy faz que sim e começa a secar as xícaras. Ela enfia a toalha xadrez numa delas e a gira com vontade lá dentro. Do meu ponto de vista, o movimento parece fantasticamente erótico, e todos os meus sistemas primitivos entram em alerta total. Mas fizemos amor pela última vez há tanto tempo que fico constrangido só de pensar em começar a transar fora do quarto e durante o dia. Então me tranquilizo dizendo a mim mesmo que o importante é ser espontâneo.

— Tudo bem? — pergunta Ivy.

— Tudo.

— Seu rosto está bem vermelho.

— Quer dar umazinha?

Ivy me encara por um instante depois dá uma risada.

— Meu Deus, é mesmo! — Depois, numa péssima imitação de Eunice: — Mas sem movimentos bruscos. — Por fim começa a rir tanto que precisa se sentar e abanar o rosto.

— Engraçadinha — comento, e minha risada forçada é ainda menos convincente do que o sotaque caribenho de Ivy, mas ela está rindo demais para notar.

Quando Ivy se recupera — e demora um pouco para isso —, está exausta e precisa se deitar para tirar um cochilo. Se fosse esse o meu plano, fazer Ivy dormir de tanto rir, eu seria um gênio. Mas não era esse o plano, e de gênio eu não tenho nada. O momento passou, o alarme se calou e o pequeno Fisher entregou os pontos.

Quando Ivy sai da cama, pela terceira vez no dia, o sol está se pondo, e o *boeuf bourguignon* borbulha no fogão. Essa foi a primeira refeição que cozinhei para Ivy. Gosto de pensar nela como nosso prato especial. Talvez ajude a reacender o fogo em Ivy.

— Que cheiro é esse? — Ivy me abraça em volta da cintura e me beija.

— Nosso prato especial — respondo, levantando a tampa do ensopado borbulhante.

— Nós temos um prato especial?

— *Boeuf bourguignon*. Eu cozinhei para você na primeira noite em que foi ao meu apartamento.

— Ah — solta Ivy, com cara de quem não havia guardado essa informação. — É muito fofo da sua parte, lindo, mas não sei se estou a fim de comer um prato tão... *pesado*.

— Não é *pesado*, é... rico. Rico não é pesado.

— Para ser franca, não estou com muita fome.

— A doula disse que você precisa ingerir muito ferro. E ferro é que não falta no bife. Bom, pelo preço que eu paguei, deveria ter.

— Você se importa de tampar, por favor? Esse cheiro está me deixando meio... — Ela infla as bochechas, dando a entender que está com enjoo.

— Ah, claro. A gente pode comer mais tarde.

Ivy abre uma janela e deixa entrar uma brisa fresca de outono. Essa é outra vantagem desse lugar, em comparação com Brixton; se você abre uma janela do meu apartamento a essa hora da noite, consegue ficar doidão só com o cheiro que entra.

— O que eu queria mesmo é um pouco de salada caesar de frango.

— Está com desejo?

— Não, só gosto de salada caesar, mesmo.

Abro a geladeira, mas não temos frango, salada nem molho.

— Quer que eu vá lá fora buscar?

— Você faria essa gentileza? E um abacaxi também. Desculpe, querido. Eu mesma iria lá fora, mas estou acabada.

Já está escuro quando começamos a jantar assistindo a uma comédia romântica na TV. A salada ficou tão boa quanto possível, mas não substitui um *boeuf bourguignon*, e a minha barriga não ficou nada feliz com a troca. Ivy leva os pratos para a cozinha, então volta e se encolhe toda com a cabeça no meu colo.

— Ficou desapontado? — pergunta, e não sei se ela se refere ao filme, à salada ou ao celibato, mas a resposta é a mesma.

— Não. Por quê?

— Você teve a maior trabalhadeira na cozinha.

— Dá para guardar e comer depois.

— Eu vou levar você para jantar. Sexta. Pode escolher qualquer lugar.

Eu beijo a risca de seu cabelo.

— Como está o Joe? — pergunta ela.

— Bem. Mandou lembranças.

— Mentiroso.

— Bom, perguntou de você.

Ivy dá uma risada.

— Pediu que eu seja padrinho dele.

Ivy vira a cabeça e me encara.

— Que legal da parte dele. Vai fazer discurso?

— Preciso. É parte do acordo. Aliás, você foi convidada.

Ela se volta outra vez para a TV.

— Legal — diz, mas não soa lá muito convincente. — E o roteiro?

— Papel higiênico.

— Papel higiênico *de verdade* ou o roteiro é tão bosta que serve de papel higiênico?

— As duas coisas.

— Bom, desde que você esteja feliz...

Na TV, o casal romântico briga por causa de uns desentendimentos hilários, mas, de alguma forma, sinto que no fim das contas tudo vai dar certo. Não tenho nada contra as fórmulas de

gênero; na verdade, eu as adoro. O bem vence o mal, o amor tudo conquista, o mundo não vai acabar — e por mim tudo bem, eu prefiro assim. Mas o que não dá para aceitar é um diretor de Hollywood ganhar na casa dos milhões para simplesmente ficar atrás da câmera: as cenas principais são toscas, a edição é rudimentar, os desempenhos são previsíveis. Não há qualquer indício de habilidade ou inventividade, ou, do meu ponto de vista, qualquer sinal da presença de um diretor. Eu consigo fazer isso. Eu consigo fazer melhor que isso. Mas, com sorte, filme trinta segundos de papel higiênico por menos do que esse oportunista ganha enquanto toma um cafezinho.

— Você acha que eu devia recusar? — pergunto a Ivy, mas ela não responde. — É óbvio que eu poderia esperar aparecer coisa melhor, mas agora tenho que pensar em vocês dois, certo? — Ponho a mão em sua barriga.

Ivy faz um barulho de quem está prestes a dizer alguma coisa. Então, começa a roncar.

Hoje Ivy faz dez semanas de gravidez, e de repente toda a situação parece muito mais real do que quando eu a vi pela última vez, há 31 horas. Ivy trabalhou ontem e hoje num clipe para uma banda nova que todas as pessoas cool adoram. Ontem a filmagem acabou tarde da noite, e hoje o compromisso começava cedo, então passamos uma rara noite longe um do outro. Quando acordei esta manhã, havia uma mensagem com uma imagem no meu telefone.

A imagem é a de um close em uma barriguinha — a cicatriz fraca que vai do topo ao pé da foto confirma que é a de Ivy. Usando o que suponho ser um batom, ela desenhou um balão de diálogo saindo do umbigo. Dentro dele, uma mensagem: *10 semanas de gravidez hoje! XXX*

E, assim, de uma hora para outra, essa coisa ganha uma importância dez vezes maior do que tinha ontem. Eu liguei para Ivy na hora, mas caiu na caixa postal. Escrevi e apaguei cinco diferentes respostas até me decidir por uma piadinha com um numeral romano — *X!* —, que certamente foi interpretado como um mero beijo apático. Cheguei a escrever uma explicação, mas a atitude me pareceu extremamente paternalista, então também apaguei.

Joe e eu acabamos de passar uma hora e meia discutindo o anúncio de papel higiênico com a agência publicitária. Acho que tudo correu bem, mas tive dificuldade para me concentrar. O anúncio envolve um coelhinho de pelúcia gigante, o que me remetia à mensagem de Ivy — *10 semanas de gravidez hoje!* Saber disso me fez sentir uma tremenda sensação de isolamento. Todo mundo ali animado com o figurino, o elenco e as piadinhas horríveis, e eu querendo bater a colher de chá na caneca e anunciar: *Gente, adivinha só! Eu vou ser pai!* Mas Ivy e eu vamos guardar segredo até o ultrassom de doze semanas, que vai ser daqui a quinze dias. Fingi escutar e tomar notas, e, quando todo mundo riu, eu ri junto. Mas parece que funcionou, e Joe tem certeza de que o trabalho vai ser nosso. Voltando de metrô para Brixton, sinto uma montanha-russa de emoções. Por um lado, são dois dias de filmagem, e eu recebo por dia, então é uma boa grana que vai entrar para a conta bancária da família cada vez mais prestes a crescer. Por outro, não deixa de ser um comercial de papel higiênico.

Mas, acima disso, tem uma coisa que não para de arranhar a superfície do meu subconsciente o dia todo, e não consigo definir exatamente o que é. Acho que tem algo a ver com roupa de baixo. Ivy vai me levar para jantar hoje à noite. Vai levar uma bolsa com uma muda de roupa, e pode ser que eu fique comigo no fim de semana ou levantemos acampamento de volta para Wimbledon. Nos últimos tempos, parece que nenhum de nós vai a lugar algum sem uma peça de roupa íntima extra — e na metade das vezes ela acaba precisando de uma lavada. Nunca me ocorreu pedir uma gaveta no apartamento de Ivy, ou oferecer uma no meu, talvez porque, considerando a nossa situação, a oferta pareça meio banal.

Voltando para o meu apartamento, eu passo por um chaveiro e de repente sei o que preciso fazer. Ou talvez já soubesse desde quando passei pelo mesmo quiosque de manhã, a caminho do

metrô.

Minha parada seguinte é numa joalheria chinfrim, onde meu pedido de compra de uma caixa vazia gera total incompreensão.

— É uma surpresa para a minha namorada.

A moça no balcão usa três argolas de ouro numa orelha, quatro na outra e um piercing no lábio superior.

— O quê? Uma caixa vazia?

— Sim, não, vou colocar uma coisa nela.

— O quê?

— Uma chave.

— O quê?

— Do meu apartamento, entendeu? Eu quero colocar a chave numa caixa e fazer surpresa.

— A gente não vende caixa.

Abro meu sorriso mais encantador.

— Existe alguma chance de você simplesmente me dar uma?

— Acho que não.

— Bom, o que você tem aí de mais barato?

O piercing no lábio superior desliza para a frente e para trás.

— Ela tem furo na orelha?

— Por quê? Quanto custam os brincos?

— Catorze e noventa e nove.

— Perfeito.

A garota abre a gaveta embaixo do balcão, escolhe um par de brincos de prata e os coloca numa bolsinha roxa de camurça falsa decorada com um coração.

— Com licença — intervenho, com educação e paciência infinitas. — Pode colocar os brincos numa caixa?

— Esses vão na bolsa. Tem um coraçãozinho nela.

Eu ponho as mãos no balcão de vidro.

— Escuta, eu não quero uma bolsinha, eu quero uma c...

— Senhor, sinto muito, mas vou ter que pedir que, por favor, se afaste do balcão.

Adoto uma postura firme.

— Eu estou afastado. Eu só... *Caramba!* Eu só quero uma droga de uma c...

— Algum problema? — pergunta uma voz masculina esganiçada.

Eu me viro e vejo um senhor de meia-idade atrás da caixa registradora, com a mão nitidamente posicionada debaixo do balcão. Olho de volta para a garota. Ela cruza os braços e balança o piercing.

— Certo. Eu vou à Argos.

— Beleza — diz a garota. — Mas os brincos deles são o Ó do borogodó.

Não sei bem o que isso significa, mas aposto que não é um elogio.

Na fila do caixa na Argos, eu me dou conta de que dar as chaves do meu apartamento é só um tiquinho mais significativo do que oferecer uma gaveta para as calcinhas. Eu amo Ivy; eu amo dividir a cama, o sofá e o banheiro com Ivy, mesmo que ela não feche a porta quando vai fazer as necessidades. E não nos esqueçamos do nosso bebê, atualmente do tamanho de um figo, com

orelhas, narinas e um coração que bate cento e oitenta vezes por minuto. O mais sensato a fazer, o mais correto e romântico, seria pedir a Ivy que viesse morar comigo de vez — de corpo, alma e calcinha. O único problema que consigo antever, porém, é que Ivy seria louca de abandonar a tranquilidade e o verde de Wimbledon Village pela cacofonia pungente e ameaçadora de Brixton. Mas chegou a minha vez na fila, então eu rezo desesperadamente para o santo protetor dos idiotas e peço ao entediado caixa o par de brincos mais barato que ele tem na casa.

Eu estou bebendo, Ivy não.

Duas taças de vinho custam mais do que a garrafa inteira, por isso eu pedi uma garrafa, mas estou nervoso, o que me faz beber rápido demais. Já comemos a entrada e o prato principal, e agora estamos esperando a sobremesa. A caixinha cheia de chaves no bolso da frente da calça é tão desconfortável que não consigo esquecê-la por um segundo sequer. Aguardo o momento oportuno de mostrá-la, mas toda vez que há uma pausa na conversa minha coragem some debaixo da mesa. Então, vou puxando uma conversa fiada atrás da outra, como se fosse um adolescente no primeiro encontro. Por sorte, Ivy está tão exausta que não notou, ou não se importa. Tentei começar uma conversa sobre nomes de bebês, mas ela disse que ainda é cedo demais. Perguntei se preferia menino ou menina, e ela respondeu que só queria que fosse saudável. Perguntei se preferia o parto em casa ou no hospital, e ela perguntou de volta se a gente podia simplesmente mudar de assunto. Falei do tempo. Dá para ver que Ivy preferia estar em casa, apagada no sofá diante da TV ligada num filme bosta, o que, levando em conta sua situação, é inteiramente compreensível.

— Como estava a massa? — pergunto.

— Boa. E o peixe?

— Bom.

— Que bom.

— É, eu gosto de peixe.

Para meu alívio, chega a garçonete com as sobremesas. Não é uma oportunidade propriamente dita, mas esse encontro tem mais uns dez minutos de vida, portanto é agora ou nunca. Eu reúno coragem, respiro fundo, enfio a mão no bolso... e é só quando a caixa já está na mesa, visível, que eu me dou conta do que costuma vir dentro de caixas de anéis.

— Eu estava pensando — começo, e como eu queria ter pensado só um pouquinho mais.

Ivy quase recua na cadeira.

Só pode ser coisa da minha imaginação, mas parece que as conversas de fundo nas outras mesas simplesmente desaparecem. Estou completamente ciente do violonista no canto do salão, cantarolando baixinho sobre, sim, *amore*. Na versão cinematográfica da minha vida, todas as cabeças se viram para mim na expectativa: uma gorda fica imóvel, com uma colherada de sobremesa a meio caminho da boca; um garçom metido a dom-juan dá uma piscadinha para me incentivar; uma senhorinha segura a mão do marido e olha no fundo de seus olhos leitosos; para um alívio cômico, um careca de óculos olha para a mulher de cara emburrada e estremece. Mas isso não é um filme, é a realidade, a vida sem roteiro e sem ensaios, e a única pessoa olhando para mim é Ivy. E eu tenho cem por cento de sua atenção — da mesma forma que teria se estivesse brandindo, digamos, um machado ensanguentado diante do seu rosto.

— Não! — exclamo, e, na pressa de mostrar que não é uma aliança, acabo deixando a caixinha cair no tiramisù. — Merda!

E agora eu atraí a atenção de um casal na mesa ao lado. Eu sorrio para a mulher vidrada descaradamente na cena, e ela pisca de volta.

Ivy está segurando o garfo como uma figurante de filme de terror que tenta se defender do inevitável.

— Está tudo bem — digo, finalmente conseguindo abrir a droga da caixa. — São chaves.

Ivy olha as chaves como se nunca tivesse visto uma na vida. Desapontada, a mulher volta a atenção para suas almôndegas.

— Do meu apartamento. Para você.

— Chaves — diz Ivy, ainda processando a situação. Sua expressão vai do medo à confusão, depois ao alívio, então volta à confusão.

— Quer morar comigo? — pergunto, com uma ênfase desnecessária no ponto de interrogação. Parece que estou suplicando.

Ivy segura o molho, enfia o dedo no aro que une as chaves, se dá conta do que está fazendo e a põe na mesa como se fosse um objeto perigoso.

— Estou surpresa.

Eu faço um floreio com as mãos.

— Tã-rãããã.

Ivy dá uma risadinha educada.

— Isso é um sim?

Ivy morde o lábio inferior.

— Como estão as sobremesas? — pergunta um garçom.

A de Ivy está intocada e derretendo; a minha tem uma marca de caixinha em formato de coração no meio.

— Uma delícia — respondo —, mas não consigo comer mais nada.

— E você, senhora?

— Já acabei. Obrigada.

— Aceitam um café?

— Só a conta, por favor — respondemos em uníssono.

Na caminhada de volta para o meu apartamento, não conversamos. A noite está fria e sem estrelas, mas mesmo assim eu a levo pela rota cênica. Caminhamos de braços dados, inalando o ar pungente, observando mendigos quebrarem o pau, vagabundos desmaiados, prostitutas viciadas e cafetões maníacos. Uma linda noite. Quando dobramos a esquina e chegamos a uma rua relativamente segura, Ivy para de repente e puxa o meu braço.

— O que foi? — pergunto, olhando para os lados.

Ivy sorri e segura a minha mão.

— *Você quer ir morar comigo?*

Eu a abraço e lhe dou um beijo.

— Isso é um sim? — pergunta, com um sorriso no rosto.

— Achei que você nunca fosse perguntar.

Ivy fica com uma expressão confusa.

— Isso... você armou isso para mim?

— Esse não é um jeito muito romântico de colocar as coisas.

— Sei lá — comenta Ivy, voltando a caminhar e me puxando atrás dela. — Talvez seja a coisa mais romântica que alguém já tenha feito por mim.

Nas seis semanas desde que El voltou de San Francisco, seu bronzado foi embora e sua cabeça parece menor, embora muito provavelmente o encolhimento seja consequência da barba que ele deixou crescer.

— Essa po... porcaria coça pra caramba.

— Me deixa raspar essa barba rala, pelo amor de Deus — pede Phil.

— P... p... provelmente você vai me matar — diz El, então dá uma risada. — Pen... pensando bem, t... talvez seja melhor.

Os tiques e as contrações de El pioraram a ponto de ele se cortar várias vezes ao fazer a barba. E ele é temperamental e teimoso demais para deixar Phil fazer por ele.

— Efim, t... tá na moda.

— Você parece um vagabundo — comenta Phil, ele próprio também estranhamente desalinhado. Está com olheiras profundas, como se tivesse chorado, passado a noite em claro ou as duas coisas.

El não responde; está vidrado no iPad, como tem passado a maior parte da noite. Tem duas pizzas na mesinha de centro, mas Phil não está comendo e El perdeu o interesse no meio da segunda fatia.

El me mostra a tela do iPad.

— Esse aq... aqui é b... bom.

— O que é?

— V... vídeo. Uma da minha t... turma.

Phil respira fundo.

— Não mostra isso, El. É tão mórbido.

Pego o iPad e aperto o play. Uma mulher está jogada no sofá com o braço esquerdo atrás da cabeça, abrindo e fechando a mão, como se fosse um caranguejo com espasmo. Em off, uma voz masculina nos conta que se trata da mulher de alguém, que ela tem mal de Huntington há oito anos e que está filmando o vídeo para o filho dela, de sete, enquanto ainda consegue. A mulher fala arrastado, arfa, geme enquanto grava uma mensagem sincera — ela diz que ama o filho e pede desculpas por não estar lá para vê-lo crescer. Enquanto a mão esquerda contrai e relaxa, a mulher usa a direita para dar tapas na própria testa, como que se castigando por morrer dessa doença. Após uns cinquenta segundos, ela começa a chorar.

— Mo... morro de rir — comenta El, forçando uma risada.

Phil se levanta abruptamente e sai da sala.

— Eu e... entendo o lado dela — diz El a plenos pulmões.

— Pega leve com ele, El.

Quando visito El, Phil invariavelmente some e vai para o bar por uma hora, então não fico

muito preocupado ao ouvir a porta da frente bater com força.

El dá um sorriso.

— Agora podemos b... beber.

— Vou esquentar a chaleira.

— U... u...

— Pode parar, El. Seja lá o que for.

Faço o chá com toda a calma do mundo, e, quando volto com a bebida para a sala, o iPad está desligado.

— E... eu fui es... escro...? — Ele desce a mão para mostrar que quer dizer “escroto”.

— Foi, sim, mas ele vai superar.

El parece sentir um remorso verdadeiro.

— Eu n... não quero fi... ficar assim — comenta ele.

— Um escroto?

El dá de ombros.

— Isso também. — Ele balança a cabeça na direção do iPad. — Não quero a... acabar daquele jeito.

A barba de El está cheia de restos e migalhas de comida. Elas vêm me incomodando há uns cinco minutos, então eu me inclino para limpar seu rosto com um guardanapo.

— Vai se catar! — berra ele, com uma ferocidade que me assusta.

— O.k. Desculpe. — Eu me recosto na cadeira e tento não suspirar alto. Sei que isso é culpa da doença, não dele, mas pensar nisso não me ajuda em nada. Pelo contrário: fico mais irritado.

El segura o controle remoto da TV, mas o deixa cair.

— Droga!

Começo a tirar a pizza da mesa e uso isso como pretexto para me levantar da cadeira e pegar o controle do chão. Sem uma palavra ou contato visual, coloco o controle no braço da cadeira de El. Quando volto da cozinha, ele está assistindo ao que parece ser um drama policial. Eu me sento e fico calado.

Após alguns minutos, El se vira para mim e diz:

— N... não faço a m... menor ideia do q... que es... está acontecendo no p... programa.

— Quer trocar para uma comédia?

Ele faz que sim com tanto entusiasmo que sinto vontade de bagunçar seu cabelo, mas acho que o safado pode acabar me mordendo.

El não tem mais concentração nem lucidez para acompanhar uma história que nunca tenha visto, mas ainda consegue se lembrar da maioria das cenas e dos diálogos de programas a que assistíamos juntos quinze anos atrás. Phil comprou caixas de DVDs de várias séries de comédia da década de 1980.

— Qual série?

— Quer uma. Ei, c... como va... vai a mulher?

— Vou morar com ela.

— Q... que rápido. Ela n... não en... engravidou, né?

— Engraçadinho.

— Eu s... sei, s... sou hi... hi... hilário pra caramba.

Phil volta do bar logo depois das dez. El já dormiu na cadeira, e eu estou na metade do

terceiro episódio.

— Nossa, eu adoro essa série — comenta, então aponta a cabeça para El e pergunta: — Como vai o personagem aí?

Eu dou uma risada.

— Vai bem, dormindo feito um bebê.

— Que apropriado. Escuta, quanto à ceninha mais cedo...

— Esquece. De verdade.

— Como ele ficou?

— Bem. Mandou eu me catar quando tentei limpar a barba, mas, fora isso, tudo certo.

— Que fal... falta de educação falar de alguém na mes... mesma sala.

— Ah, acordou — constata Phil. — Deixa eu limpar a sua barba, você parece um bebê peludo.

El levanta o queixo para Phil limpá-lo.

— Bebê? — Ele dá uma risada. — S... só espera eu começar a me c... cagar. V... vai ser logo, logo.

— Pronto — diz Phil, animado. — Tudo limpinho. — Está com manchas de vinho nos dentes e começando a falar arrastado. Ele se taca no sofá e firma as mãos nos joelhos, como se estivesse se recompondo.

Um silêncio constrangedor toma conta da sala. E o mais esquisito foi que surgiu do nada.

— De... de... desembucha — pede El.

— O sujo falando do mal lavado — solta Phil.

— Desembucha o quê? — pergunto.

Phil respira fundo e se levanta do sofá. Atravessa a sala, vai até uma escrivaninha antiga e volta com um documento grampeado.

— Isso aqui é um DART.

— Es... esse mesmo — diz El, abrindo um sorriso.

— É um documento de decisão antecipada para a recusa de tratamento. Significa que se...

— Q... quando!

— ... a condição de El piorar, ele não vai receber tratamento para ser mantido vivo.

— Que bom, né? — diz El.

— Imagino que seja ideia dele, certo? — pergunto.

— Nossa — responde Phil, ao segurar a mão de El.

— F... fui eu que descobri, caramba. Não tenta ganhar a p... r... do cr... crédito.

— E precisamos que você assine como testemunha, por favor.

Phil coloca o documento na mesinha de centro e me entrega uma caneta. Não toco em nada.

— E o que acontece se ele... se ele se machucar, se quebrar a perna? E se ele se engasgar com a pizza? Você vai ficar parado, só olhando?

Não sei se Phil acredita na minha indignação, e nem sei se eu mesmo acredito nela. Compreendo do que se trata o documento, compreendo sua necessidade, mas assinar sem ao menos protestar me faria sentir um traidor.

— Claro que não — responde Phil, calmo.

— V... v... vai, sim, caramba.

— El, fica quieto um minutinho. Significa que El não vai ficar respirando por aparelhos. Se

ele tiver um ataque cardíaco, não vai receber ressuscitação cardiorrespiratória.

— Significa que eu posso m... m...

— El, por favor.

— D... de... desmancha-prazeres.

Phil vai chorar perto da porta de entrada, como de costume. Mas esta noite é diferente: ele parece desesperado, como se não estivesse chorando só por El, mas por si mesmo.

— Você precisa de um tempo sozinho — digo. — De um alívio.

— Eu estou bem.

— É claro que não está. Eu acabei de passar três horas com esse pentelho e estou um caco.

— Semana que vem eu vou ao médico.

— Para...

Phil dá de ombros e volta a chorar.

— Quer que eu tome conta dele por um dia? Um dia inteiro?

Phil funga e se recompõe.

— Eu vou ficar bem — diz.

Gostaria de acreditar nele.

Estou vivendo o que os franceses chamam de *jamais vu*. O contrário de déjà-vu.

É uma sensação de novidade perante uma situação que você sabe que já vivenciou antes. Esquisito.

Ivy está dormindo com a cabeça no meu colo. A louça da salada caesar está na pia. Uma comédia romântica passa na TV. A diferença, suponho, é que agora essa é a minha casa. *A nossa casa*.

Eu encontrei inquilinos para o meu apartamento em Brixton dois dias depois de anunciá-lo. Eles se mudaram no fim de semana seguinte. E, de uma hora para outra, você deixa de ser um solteirão morando num apartamento de solteirão em Brixton e se torna um futuro pai, morando num apartamento com toques levemente femininos em Wimbledon Village.

Em vez de correr onde dá, agora eu corro num parque; faço compras num mercado bacana, e não num pé de chinelo; a amável senhora de sessenta e três anos do andar de baixo foi substituída por um moleque intratável de catorze. Em vez do pôster do James Bond no meu quarto, agora eu tenho um quadro da Frida Kahlo impresso no banheiro.

Tudo mudou, mas nada mudou de verdade.

Esther e Nino me ajudaram com a mudança. Bom, Nino ajudou; Esther ficou no sofá tomando chá com Ivy. E, quando terminamos, Nino fez pizza, e jantamos todos juntos. Ivy, óbvio, não bebeu. Esther comentou que Wimbledon era uma área ótima para crianças, mas, em vez de responder ao que ela disse, eu perguntei sobre seus filhos. Ela contou que deu à luz o primeiro filho na própria cama (“acabou com o colchão”) do apartamento em que ainda mora quarenta anos depois. Chorou e pediu a Ivy que tomasse conta de mim por ela — Ivy chorou, e eu cheguei bem perto. E dei graças a Deus pelo silêncio taciturno de Nino. Esther continuou bebendo até ficar de porre e fez um agradecimento interminável a Nino por morar num país estrangeiro, para ela não ter que fazer isso.

— Mas agora é a sua vez — comentou Nino, e, só de pensar em sair de Londres e deixar todas as recordações para trás, Esther voltou a chorar.

No filme da noite, uma montagem de dois minutos mostra o casal apaixonado numa sequência de encontros perfeitos: lagosta, roda-gigante, ópera, cinema, jet ski. Tudo o que eu e Ivy não fizemos. Em vez de fazer estrelas na areia ao pôr do sol, nós pulamos o namoro e fomos direto para a parte em que formamos uma família e capotamos vendo TV.

Amanhã cedo é o nosso ultrassom de doze semanas, e de noite vamos de carro até Bristol para contar a novidade aos pais de Ivy. Mas agora a coisa está tão bagunçada que, em vez de contar da gravidez, Ivy me apresentará como o “novo” namorado. Ela vai vestir blusas largas durante o fim de semana, dando aos pais a chance de se acostumar com a ideia de que ela está saindo com alguém antes de largar a bomba e informar que vai ter um filho. Vamos dizer que

estamos juntos desde fevereiro e que eu andava ocupado demais para fazer uma visita. De acordo com a historinha que inventamos, estamos namorando há oito meses. Parece-me um pouco suspeito, mas Ivy garante que com o tempo vamos acertar os detalhes. Em tese, tudo bem, mas na prática só temos 28 semanas até que um detalhe enorme faça sua entrada triunfal.

O filme da noite nunca entraria no meu top cem, mas fica mais difícil gostar dele porque a TV de Ivy é um lixo. Ela gosta de ler, e seu apartamento é uma prova viva disso. Nos dois lados da lareira, estantes vão do chão ao teto, e mais outra no nosso quarto — todas transbordando literatura. Há livros empilhados na cozinha, no banheiro e no armário do corredor. (Vinte e três deles — eu contei — têm um marcador mais ou menos no meio. Como ela disse que largar um livro no meio é um mau hábito, esses são os romances — como *Ardil 22*, *Crime e castigo*, *O senhor dos anéis* etc. — que ela certamente não abandonou no meio: “Se eu marco onde parei, é porque não larguei o livro, só ainda não acabei de ler”.) A questão é que Ivy prefere ler a assistir TV e se orgulha de seu televisor ser praticamente uma peça de museu. A minha, por outro lado, é uma obra de arte de 42 polegadas. E acabou empoleirada na cômoda do quarto de hóspedes — ao que parece, não há espaço para ela na sala de estar. Também no quarto de hóspedes ficaram meu Xbox, minha poltrona de couro, meu conjunto de painéis profissional, meu jogo de cama e uma caixa de sapatos repleta de fotografias. Não faço ideia de como vamos enfiar uma criança ali.

Sinto um rubor quente que pode ser uma inquietação, embora provavelmente sejam só meus pés superaquecidos. Ivy me deu um par de pantufas de duendes como presente de boas-vindas: “Agora você mora em Wimbledon”. Nunca fui de usar pantufas nem liguei para duendes. De qualquer forma, agora sou o orgulhoso (e bem aquecido) dono de um par de pantufas de duende azul xadrez tamanho 42.

Na TV horrível de Ivy, o casal da comédia romântica está fazendo amor na praia, num pot-pourri de suas posições preferidas, mordendo lábios, entrelaçando dedos, olhando nos olhos um do outro. Eles chegam ao orgasmo juntos e caem de costas na areia dourada, completamente satisfeitos e com o cabelo ainda impecável.

Eu passo a mão no corpo de Ivy e chego à sua barriga, que cresce aos poucos. Ela muda de posição no meu colo e começa a roncar.

Tudo igual; tudo diferente.

Jamais vu.

A técnica de ultrassom se apresenta como Valerie.

— Talvez você tome um susto — diz, mostrando um tubo de gel. — Isso aqui é frio.

Estamos no Hospital St. George, em Tooting, onde Ivy planeja ter nosso filho. Ela está deitada de costas, com os botões da calça jeans abertos, com a renda branca da calcinha à mostra. A camisa está enrolada, revelando a leve cúpula que se forma em sua barriga antes lisa. Valerie aplica o gel transparente em Ivy, que aperta minha mão com mais força. Está usando um par de abotoaduras vintage de trevos de quatro folhas. Eu me pergunto se ela as escolheu de caso pensado.

A sala é bem iluminada e acolhedora. Quadros coloridos nas paredes contrabalançam os tons frios do equipamento volumoso. Sinto a palma de Ivy quente e suada. Esta manhã ela vomitou por mais tempo e em mais volume do que nas últimas semanas. Perguntei a Ivy se estava animada para ver o bebê pela primeira vez, e ela respondeu que estava assustada. Sentei-me no corredor do banheiro e, enquanto ela escovava os dentes, perguntei se sabia que o bebê tinha agora o tamanho de um limão. Sei, respondeu. Perguntei se sabia que o bebê já tem dedos, rins, músculos e ossos. Ela fechou a porta do banheiro. Quando saiu, foi para a cama e abriu um livro — e presumi que isso fosse um código para deixá-la em paz.

Valerie desliza a sonda branca em volta da barriga de Ivy.

— Pronto — diz ela. — Aqui está a cabeça. — E uma forma arredondada mas meio indistinta surge na tela de um monitor preso à parede.

Ivy começa a chorar.

— É o meu bebê? — pergunta, em vez de afirmar, como se ainda relutasse em aceitar a realidade.

— É o seu bebê — responde a técnica, sorrindo como se tivesse o melhor trabalho do mundo. Ela leva a sonda à lateral da barriga. Então, faz cara de quem está confusa, expressão que você não quer ver numa sala dessas. Ivy não percebe porque não desgrudou os olhos do monitor. Valerie para de olhar para o monitor e se vira para mim com uma expressão indecifrável.

— Hmmm... — diz ela.

— O que foi? — pergunto.

Talvez Valerie esteja rindo, mas não dá para ter certeza porque ela morde o lábio inferior.

— Bom...

Ivy vira a cabeça depressa para ela.

— O que foi? Tem alguma coisa er...?

— Tudo perfeito — diz Valerie, por fim. — Mais do que perfeito — acrescenta. — Está vendo esta área bem aqui...? — pergunta, e um cursor no monitor circula a área bem abaixo da cabeça do meu filho.

Ivy e eu assentimos.

— Aquela ali é a outra cabeça — diz a técnica de ultrassom.

— A outra...? — digo com esforço, depois do que me parece uma eternidade.

— Criança — completa Valerie. — A outra criança.

Eu levo a xícara de café à boca, percebo que minha boca já está escancarada, concluo que não quero beber e devolvo a xícara à mesa. A sensação é de que minha mão deveria estar tremendo, mas acho que estou dormente demais, separado demais do meu corpo físico para fazer qualquer coisa tão sistemática.

Ivy não tira os olhos da pequena fotografia em preto e branco, uma cópia impressa do ultrassom, *dos nossos filhos*.

— Gêmeos — digo.

Ivy faz que sim.

Ainda não toquei no meu café com leite. Eu o pego, finalmente o levo à boca e dou um gole. Está frio — não só morno, mas frio como água de torneira — e deixa uma película de nata coagulada nos meus dentes. Talvez eu esteja com fome, mas não sei dizer ao certo. Não consigo lembrar se tomei café da manhã hoje. Olho para o relógio e vejo que ainda faltam duas horas para a hora do almoço. Sei que isso não determina meu nível de fome, mas tenho que entrar num trem nos próximos cinco minutos. A agência me contratou para filmar o comercial de papel higiênico, e dentro de uma hora eu preciso começar a escolher um ator para entrar numa fantasia de coelho gigante.

Minha irmã, Maria, teve gêmeos. Ela faz questão de espalhar aos quatro ventos que essa foi a coisa mais difícil que já fez na vida. Isso vindo de uma mulher que teve a primeira filha aos dezesseis e criou o bebê sem qualquer ajuda do sacana do pai ausente. Desde então, Maria terminou o segundo grau criando uma filha e se formou na faculdade criando três. Já correu três maratonas, todas em menos de quatro horas. Quebrou a perna esquiando e, com a tibia partida, rastejou para sair de uma floresta fechada com mais de um metro de camada de neve. Mas ela vai lhe dizer: *Ter as gêmeas? Foi a coisa mais difícil que eu já fiz na vida*.

— Gêmeos — repete Ivy, sem tirar os olhos da evidência em imagem granulada que está segurando. Na imagem, os bebês — *plural!* — estão virados para o mesmo lado, como se um estivesse no colo do outro. Parece apertado ali.

Dou outro gole no café, já esquecido de que ele está frio e sem gosto. E dou mais um gole mesmo assim, só por dar — só para fazer alguma coisa perto do normal.

— Gêmeos — digo.

— Gêmeos.

O casting acontece numa sala em cima de uma sapataria no centro da cidade. Estão presentes: Joe; Suzy, diretora de arte da agência; Henry (mulher), a produtora da agência; e eu — embora dizer que estou presente seja forçar a barra.

— Fisher? — chama Joe.

— Desculpe. Sim?

— Quer passar o roteiro com a gente?

A sala é branca e sem nada de mais, talvez tenha uns cinco metros de largura por outros cinco de comprimento. Também presente está um ator de meia-idade, de pé, num X marcado no chão com uma fita isolante preta.

— O roteiro? — pergunto.

— É para isso que estamos aqui — diz Joe, forçando uma risada.

— Se quiser, eu posso fazer — comenta a diretora de arte, uma garota bonita que parece ter saído da escola de arte há poucos anos.

— Talvez seja melhor — diz Joe, forçando outra risada. — Tenho compromisso mês que vem.

— Então, você sabe como são os anúncios de papel higiênico, certo? — pergunta Suzi. — Sabe que eles têm gatinhos, cachorrinhos e ursinhos fofos, né? Bom, a gente vai brincar um pouco com isso.

— Saquei — diz o ator, um sujeito barrigudo, com a barba por fazer e voz de quem fuma cigarros sem filtro desde criança.

— Você vai ser um coelhinho — declara Suzi. — O sr. Pula-Pula.

— Como assim? Tipo um coelho mesmo?

— É como se a gente fosse filmar um desses anúncios típicos de papel higiênico. Daí o diretor, que no comercial vai ser outro ator, grita “corta”, e você tira a cabeça da fantasia, revelando que é um ator, e não um coelhinho de verdade. — Suzi ri com o ridículo do que está dizendo. — Desculpe, tudo isso me parece meio... meu Deus, sei lá...

— Autorreferente? — sugere Joe.

— Pós-irônico? — tenta Henry.

— Idiota! — solta Suzi e começa a rir.

— Idiota — diz o ator. — Saquei.

É legal conhecer publicitários que não se levam muito a sério. Pessoas que não se iludem a respeito do que estão fazendo — neste caso, vendendo rolos de papel higiênico. Dito isso, Suzi deve ter no máximo uns vinte e quatro anos; em mais alguns, sem dúvida será tão arrogante, iludida e precoce quanto exige o trabalho.

— A questão é que você não vai o fazer papel de um coelho — diz Henry. — Vai interpretar um ator fazendo papel de coelho.

— Saquei — diz o ator.

— E você odeia isso — acrescenta Suzi. — Por baixo da fantasia você é um cara durão.

— Tipo um mafioso? — pergunta o ator, esperançoso.

— Numa fantasia de coelho — responde Joe. — Exatamente.

— Beleza.

— É como o papel higiênico, entendeu? Fofinho, mas resistente — comenta Suzi.

— Tranquilo. Coelhinho durão.

A partir de agora vou precisar de tudo em dobro: dois berços, duas cadeirinhas de carro para criança, dois coelhos felpudos.

— William — chama Joe, um tom acima do que se estivesse numa conversa normal.

Joe só me chama de William quando está sendo condescendente, hostil ou repressor. Por isso, posso apostar que acabei de perder alguma coisa.

— Desculpe. Sim?

— Algo a acrescentar? — pergunta Joe.

— Não. — Balanço a cabeça. — Não, obrigado.

Então testamos o ator. Damos algumas falas para ele interpretar, pedimos que as fale com vários sotaques — Londres, Nova York, países do Leste Europeu. Pedimos a ele que pule feito um coelho. Depois repetimos o processo com outro ator, e mais outro, e mais outro e sei lá com quantos mais. Ao longo da sessão, as pessoas falam comigo, pedem minha opinião, perguntam se quero alguma coisa. Na maior parte do tempo, não faço ideia do que estão dizendo, portanto me limito a responder uma série de resmungos ambíguos, palavras monossilábicas e variações da clássica técnica de empurrar com a barriga: *Não sei, o que você acha?* No entanto, tive que abandonar essa abordagem depois de ficar claro que alguém havia acabado de me perguntar se eu queria chá ou café.

— Ótimo trabalho, pessoal — diz Joe, e parece que chegamos ao fim. — Acho que conseguimos alguns bons coelhos.

— Ficou difícil escolher — comenta Henry.

— Pois é — diz Suzi.

— William? — pergunta Joe.

— Concordo plenamente — respondo. — Vamos hmmm... sabe, pensar melhor? Decidir semana que vem?

— Muito sensato — declara Henry. — Melhor não apressar essas coisas.

— Legal — digo.

— Mas vamos precisar de uma resposta segunda-feira que vem às nove da manhã, certo?

— Segunda — repito, pois meu cérebro está preocupado demais (*gêmeos gêmeos gêmeos!*) para formar uma resposta mais elaborada.

Já na rua, Joe espera nos afastarmos do pessoal da agência para me pegar pelo braço e perguntar:

— Mas que diabo deu em você?

— Em mim?

— E quem mais estava com... Suzi! — exclama, por cima do meu ombro, trocando a exaltação pela cortesia sem o menor esforço.

— Com licença — diz Suzi. — Eu estava pensando... eu estava pensando se você...

Joe continua segurando meu antebraço, cravando os dedos dolorosamente na minha pele. Suzi me oferece alguma coisa. Parece uma peça de Lego cor-de-rosa. A única explicação remotamente plausível em que consigo pensar é a de que ela tem poderes paranormais, sentiu que estou prestes a virar pai e resolveu dar um presente para o meu filho. Quase digo que vou precisar de dois, porque vou ter gêmeos. Em vez disso, eu a encaro como se ela fosse maluca.

— É um roteiro — explica ela. — Quer dizer, é um pen drive, mas tem um... bom, tem um roteiro nele...

Eu pego e abro a peça de Lego, confirmando que, de fato, é um pen drive.

— Só se você tiver tempo, claro — diz ela.

— Tempo?

— Para ler.

— Eu?

— Eu sei que você conhece bem cinema — diz ela, corando. — E gostaria muito de ter a

sua... a sua opinião, sabe?

Eu *gosto* de cinema, mas não diria que *conheço* cinema. O que eu sei é colocar uma referência de filme num comercial, para fazer o pessoal da publicidade esquecer que está trabalhando num, ah, sei lá, digamos, num comercial de papel higiênico. Mas não *conheço* cinema.

— Vai ser uma honra — digo.

Suzi sorri.

— Obrigada. — Ela estende a mão para mim, então pensa melhor, fica nas pontas dos pés e beija minha bochecha. — Obrigada — repete e vai embora depressa.

Ainda segurando meu braço, Joe me vira para ficar de frente para ele.

— Falamos disso — diz, acenando com a cabeça na direção de Suzi — daqui a pouquinho, mas primeiro: que merda deu na sua cabeça? Se eu não soubesse que você é careta, ia achar que está drogado.

— Pode soltar meu braço? Já está quase caindo. Você parece um mafioso.

Joe solta meu braço um dedo por vez.

— E eu não sou careta, seu besta. Se tem um careta aqui é você, seu... caretão.

— O que deu em você?

— A gente pode ir beber alguma coisa?

— Puta que pariu! Tem certeza? Não existe chance de ser um engano bizarro?

— Bom, não foi exatamente uma coisa planejada.

— Gêmeos — diz, esfregando a barba por fazer como se eu tivesse acabado de contar que estou com câncer. — Fisher, meu caro, sinto muito. Você está bem?

— Acho que sim. Na verdade, acho que estou bem feliz. Quer dizer, estou. Feliz.

Joe aperta meu ombro, assente e sorri diante da minha coragem.

— Acidente, então.

— Tipo isso... não exatamente.

Aí eu relembro a primeira vez que fiz amor com Ivy, em que perguntei (de um jeito meio indireto, mas inequívoco) se precisávamos de proteção. *Ivy balançou a cabeça, sorrindo, e disse: “Tudo bem”*. Então, o que exatamente significava esse “Tudo bem”? Porque eu acabei de ver evidências em alta definição que apontam para uma versão um pouco diferente dos fatos. Não estou dizendo que *não* está tudo bem, tenho certeza de que está maravilhoso, mas não consigo afastar a sensação de que perdi algum detalhe fundamental. Tudo se deu tão depressa e fora de sequência que, às vezes — por exemplo, caindo no sono, perdendo a concentração no meio de um filme, divagando no metrô —, eu mal consigo reunir, ordenar ou sequer acreditar nos fatos. *Como foi que isso aconteceu?* Por uma ou duas vezes quase perguntei a Ivy o que ela quis dizer naquela noite, mas o momento nunca é bom (ou ela está enjoada, ou cansada, ou estamos num momento calmo e íntimo). Além disso, essa pergunta por fazer me parece rude e tem um quê de acusatório.

Joe assente como se entendesse. E talvez entenda mesmo. Talvez ele consiga me explicar.

— Já sabe o sexo?

Balanço a cabeça.

— Reza para não serem meninos. Vai por mim: eles são um pesadelo. Alguma vez uma criança de três anos já lhe deu um chute no saco?

— Não desde que tinha três anos.

— Bom, eu já. Estava sentado no chão, montando um quebra-cabeça de quatro peças, e o Sammy vem como se fosse me abraçar, daí, bum!, o desgraçado me acerta um bico em cheio bem nas bolas. É sério, cara, se eu ainda for fértil, vai ser um verdadeiro milagre. — Joe mata o resto de cerveja na caneca. — Vai outra?

— Onde cabe uma, cabem duas — respondo.

No fim das contas, foram cinco, e agora eu tenho um princípio de ressaca. Não era bem como eu havia planejado conhecer os pais de Ivy.

— Como está a cabeça? — pergunta ela.

— Bem.

Não sei por que estou mentindo; só me parece a resposta apropriada. Como se eu estivesse honrando uma tradição. Preciso dormir, mas estamos no utilitário de Ivy, rumando para o oeste a mais de cento e trinta por hora. Tentei encostar a cabeça na janela, mas mesmo dobrando meu casaco para fazer de travesseiro as trepidações estão me enjoando.

— Agora você sabe como eu me sinto todas as manhãs — comenta Ivy, com um ar meio convencido demais para o meu gosto.

— Não me culpe, culpe... os seus ovários.

— Então, você contou ao Joe?

O plano era esperar eu ser apresentado com toda a inocência à família de Ivy, depois — talvez duas semanas mais tarde — contar a novidade aos pais dela e ao meu, depois espalhar a notícia.

E lá se foi o plano.

— Desculpe, não deu para me conter.

— E aí? O que ele disse?

— Ficou feliz por nós. Disse que ser pai é uma bênção.

Ivy ri.

— Ah, claro. Tenho certeza.

Ficamos em silêncio por um tempo. Já escureceu, e os refletores da rodovia têm um efeito calmante e hipnótico.

— Tudo bem? — pergunta Ivy. — Você está quieto.

É que eu estava pensando na primeira vez em que fizemos amor. Pensando no que você quis dizer com “Tudo bem”. Lembra? Não me leve a mal, eu estou delirando de felicidade e tudo o mais, só que... bem, agora, com você carregando gêmeos, eu queria saber o que exatamente “Tudo bem” queria dizer. Mas, como sempre, a pergunta (supérflua, tendo em vista os fatos biológicos evidentes) é espinhosa, e o momento é péssimo: Ivy está radiante depois do ultrassom desta manhã, estamos assimilando a notícia de que teremos filhos, no plural, e vamos encontrar os pais de Ivy em algumas horas fingindo que saímos há oito meses e que não estamos grávidos.

— Tudo. O.k., quer dizer, é só que... é só que foi tudo meio... inesperado.

— Nem me diga. Já parou para pensar em quantas queria?

— Crianças?

— Não, cervejas. Claro que é crianças.

— Menos do que as cervejas que eu acabei de tomar. E você?

Ivy nem hesita.

— Três. Foi o que eu sempre quis, desde criancinha. Mas... bom, já não sou mais uma criancinha, né? Vou fazer quarenta e um.

— Nós temos a idade que sentimos ter.

— Acho que eu abandonaria essa ideia. Mas agora que vamos ter dois, um terceiro não seria totalmente impossível.

De soslaio, vejo que Ivy está me olhando e esperando uma reação.

— A gente não descobriu, né? O sexo dos bebês.

— Não. Ainda é muito cedo.

— Certo, claro. A minha cabeça anda meio...

— Você não respondeu.

— Não respondi o quê?

— Se um terceiro filho seria totalmente impossível.

— Não imaginei que fosse uma pergunta.

— Mas é.

— A gente ia precisar de um apartamento maior.

— Tudo bem — diz, e não sei se com isso ela está recuando ou fechando um acordo.

Depois de duas horas dirigindo e parados no trânsito, entramos em um posto de gasolina para fazer xixi, reabastecer e comprar Skittles. Aproveito para comprar flores para a mãe de Ivy e uma garrafa de vinho tinto para o pai. A parte final do trajeto demora um pouco mais de uma hora, mas, quando Ivy chega à casa dos pais, as flores já murcharam e a ressaca deixou de ser uma marola para virar um tsunami.

Numa cena que lembra nossa chegada à casa do meu pai dois meses antes, os pais de Ivy já estão fora de casa antes de um de nós soltar o cinto de segurança. O pai de Ivy é grande feito um urso, tem meia cabeça acima do meu um metro e noventa, cabeça essa tão grande, assimétrica e cheia de marcas quanto uma abóbora um mês depois do Halloween. É o tipo de cabeça que causa pesadelos em crianças — e em alguns adultos. Dizem que as mulheres crescem e ficam parecidas com as mães, e eu me preocuparia, se a discrepância entre Ivy e a mãe não fosse tão profunda a ponto de isso ser praticamente inviável. A sra. Lee é baixinha, gordinha e tem olhos esbugalhados e um cabelo louco com um topete volumoso que começa bem recuado em sua enorme testa redonda. E você precisa bater palmas para a Mãe Natureza por fazer uma coisa tão linda quanto Ivy a partir de um material genético tão interessante. No entanto, o que falta aos Lee em fotogenia eles compensam em entusiasmo. Apesar de serem pelo menos vinte anos mais velhos do que o meu pai, os dois parecem assustadoramente enérgicos.

— Minha bebezinha — diz a sra. Lee ao beijar a filha. Ela se volta para mim e me olha de cima a baixo como se estivesse avaliando um par de cortinas. — E você deve ser o William. Vamos — diz ela, dando um tapa na minha bunda. — Dê uma voltinha para vermos você direito.

— Eva! Deixe o rapaz em paz — diz o pai de Ivy enquanto dou uma voltinha cambaleante com uma garrafa de vinho na mão e um buquê de flores murchas na outra. — Você parece uma

megeira, mulher. — Ele segura a cabeça da filha entre suas mãos gigantescas e a beija na testa, na ponta do nariz e nos lábios. — Oi, Flor — cumprimenta, e Ivy abraça o pai pelo pescoço, tira os pés do chão e se pendura em seus ombros como se fosse uma criança.

Se eu tiver uma filha, também vou chamá-la de Flor.

— São para mim? — pergunta a sra. Lee, então pega as flores murchas antes de eu ter a chance de responder. — Aaah, alguma você deve ter aprontado. Ha ha, brincadeira. Anda, vamos colocar na água, elas estão com uma cara pior do que a sua, garoto. Tudo bem, William? Você parece meio indisposto.

Até agora eu não disse uma palavra, e estou com medo de tentar e acabar soltando que sou o pai de seus netos gêmeos do tamanho de limões.

— Entra, mulher — diz o pai de Ivy. — Você vai assustar o garoto. Aliás, meu nome é Ken — apresenta-se ele e me dá um tapa tão forte nas costas que eu quase derrubo a garrafa na entrada da garagem.

— Vinho — consigo dizer, por fim, mostrando a garrafa.

— Esse parece bom. Vamos abrir.

Entramos na casa dos Lee, e estou começando a pensar em relaxar quando outro avantajado espécime masculino atravessa o amplo corredor a toda para cima de nós. Eu me preparo para um impacto capaz de me deixar aleijado, mas o cara — ele deve ter uns cento e quinze quilos — desvia de mim e ergue Ivy.

— Maninha — diz, dando um giro completo que me faz tremer só de pensar na segurança dos nossos fetos secretos. — Caramba, você engordou?

— Se você não quer que eu vomite um pacote família de Skittles no seu ouvido, é melhor me descer agora mesmo.

O irmão de Ivy dá uma risada e a ergue ainda mais alto.

— Frank! — exclama Ivy e lhe dá um tapão no ombro. — É sério, me desce, seu gorila.

— Tá bom — obedece o irmão, colocando-a no chão. — Fica tranqüilinha.

— Francamente... e vocês ainda se perguntam por que eu nunca trouxe ele aqui antes.

Será? Será que eles se perguntam?

— Achei que era porque ele era feioso, ou coisa assim — responde Frank.

Qualquer um pensaria que os pais de Ivy desaprovavam (ou ficariam indiferentes, mas sem dúvida não aprovariam) essas piadinhas sobre beleza, mas o casal ri, perde o fôlego e bate nas próprias coxas, enquanto Ivy não sabe onde enfiar a cara de tão constrangida.

— Estou brincando — diz Frank e me dá um tapa no mesmo lugar em que o pai me acertou. — Muito prazer. — Ele me oferece a mão, então me cumprimenta com uma delicadeza impressionante. — Frank. Irmãozinho mais novo.

— Irmãozinho? — digo. — Caramba, eu é que não quero conhecer os irmãos.

— *Irmãos!* — repete Frank, rindo como se eu fosse o rei da comédia. — Bom, por hoje você pode relaxar. O irmão número um está na Austrália, e o número dois, em Edimburgo, o que dá na mesma, pelo pouco que a gente se encontra. Anda, vamos lá abrir essa garrafa. — Ele tira o vinho da mão do pai e some em outro cômodo.

Embora seja verdade que, antes de Ivy, eu nunca tenha levado uma namorada para conhecer a

família, não é a primeira vez que eu sou o “novo namorado”. Antes de Ivy, eu morei com Kate — a única outra namorada com quem fiquei por mais de uma semana —, e, depois de três semanas juntos, ela insistiu (com direito a ultimatos) em me apresentar a seus pais. Eles foram legais, mas Kate ficou numa postura caricata de “filha bem-sucedida num relacionamento adulto”. Foi uma tortura — ela se empoleirava no cantinho de qualquer cadeira em que eu me sentava, então afagava meu cabelo, me beijava a cada oportunidade e demonstrava mais afeto do que já havia exibido no nosso apartamento. Kate listou cada restaurante e bar a que tínhamos ido, reproduziu trechos de conversas espirituosas e até pareceu se articular com mais precisão. Mais do que me exibir, tive a impressão de que ela estava querendo provar alguma coisa sobre si mesma. Sua atuação de três dias me fez lembrar de como as minhas sobrinhas contavam, sem fôlego, as vitórias na corrida do ovo na colher ou iam para a sala cantar uma música da pecinha de teatro da escola. Ivy não faz nada disso. Aqui ela é igual a quando estamos a sós, e, vendo-a conversar, fazer piadas ou relaxar com a família do mesmo jeito que age comigo, fico com a sensação de que pertencço a este lugar e a ideia cada vez mais forte de que pertencemos um ao outro. Tenho que me conter para não me empoleirar no braço da cadeira e fazer carinho em seu cabelo.

Mesmo assim, preciso de uns trinta minutos e uma taça de vinho inteira para acalmar os nervos. Na sala de estar dos Lee, deixo a conversa me rodear, falando apenas quando se dirigem a mim. E, conforme a família se inteira das fofocas domésticas, eu tomo meu vinho e assimilo o ambiente. A casa é cheia de fotos de Ivy, de seus irmãos, de Ken e Eva. Há imagens deles penduradas nas paredes, emolduradas nas prateleiras e na parede da escada que leva ao banheiro do segundo andar. Fico perplexo com uma em particular na moldura da lareira. Segundo Eva, Ivy tinha seis anos quando a foto foi batida; ela tem sardas, e seu sorriso tem janelinhas e dentes tortos. Sou tomado por um surto de amor — e não me restam dúvidas de que é exatamente esse o sentimento — por essa criança que hoje, trinta e cinco anos mais tarde, carrega meus filhos. É um afeto diferente do que sinto pela Ivy que está sentada diante de mim, fingindo beber o vinho; é um afeto voltado para a criança da fotografia no dia em que foi tirada. Nela, Ivy não tem cicatrizes. Ao perceber isso, notei que não há — até onde vejo — fotos dela nos anos imediatamente posteriores ao acidente. Ali tem imagens de Ivy quando bebê, quando criança pequena, aos seis, sete anos... depois disso mais nada, até que a Ivy das fotos tenha, talvez, de doze anos para cima. Nessas fotos mais recentes, Ivy está nitidamente desconfortável diante da câmera e em geral se posiciona num ângulo que esconde o lado de seu rosto com as cicatrizes. Foi essa a sala onde aconteceu, onde Ivy sapateou na mesinha de centro e rasgou o rosto. E, olhando a criança na fotografia, me bate a vontade de poder avisá-la. Mas, com isso, onde estaríamos eu e os meus bebês gêmeos? Não tenho tempo para o chavão “tudo acontece por um motivo”, mas o fato permanece — se Ivy não tivesse se esborrachado na mesa, seria uma mulher diferente da que é hoje. E talvez, a essa altura, já estivesse casada e seria mãe dos filhos de outra pessoa.

— William — chama Eva.

— Desculpe — digo, virando-me para a mãe de Ivy. — Eu... eu estava...

— A gente está entediando você, não é? — comenta Frank, com uma risada.

— Desculpe. É que eu tive um dia longo.

— Eu estava perguntando onde você mora, meu amor — diz a mãe de Ivy.

Essa eu não esperava. E a ideia de mentir para responder a essa simples pergunta me deixa completamente desbaratado.

— Em... um apartamento?

— Caramba — diz o pai de Ivy. — Deve ter sido um dia longo pra burro.

— Kenneth! — repreende Eva.

— Estamos morando juntos — solta Ivy, desviando do roteiro combinado.

Silêncio geral.

Eu evito todos os olhares e olho para o nada com um sorriso vazio estampado no rosto.

— Que rápido — comenta Ken.

Dou uma golada no vinho.

O relógio sobre a moldura da lareira faz tique-taque.

— Bom — continua Ivy —, achamos que seria melhor, tendo em vista que...

Eu viro a cabeça de repente e a encaro: *Não!*

— ... tendo em vista que eu estou grávida! — E ela diz essas últimas sete palavras em mais ou menos meio segundo, num crescendo em que cada sílaba é duas vezes mais alta do que a anterior, de modo que quando chega ao “grávida” já está aos berros.

E agora a mãe também grita.

— Grávida? De um bebê?

— Gêmeos! — responde Ivy.

— Gêmeos? — gritam Ken, Frank e Eva.

— Gêmeos — confirmo e faço cara de quem admite uma gafe boba, como pisar na lama da rua e depois sujar o corredor de casa, ou quebrar um gnomo de jardim.

— Caramba — diz Ken, então se levanta e sai da sala.

Eva está chorando, beijando Ivy e fazendo carinho em sua barriga.

— Não perdeu tempo, hein — diz Frank e pisca para mim, num gesto que eu espero ser de afeto fraternal.

Eu faço um joinha imbecil.

Quando Ken volta, está com cinco taças em uma das mãos monstruosas e uma garrafa de espumante na outra.

— Você pode beber só um tiquinho, não pode, Flor? — pergunta ele a Ivy.

— É claro que não — responde Eva, abraçando a filha como se para protegê-la. — Que besta.

— Eu passo — diz Ivy, com uma careta.

Ken revira os olhos e serve todos os outros.

— Aos gêmeos.

— Nem precisava ter me dado ao trabalho de arrumar a cama do quarto de hóspedes, né? — diz Eva.

— Agora o leite já foi derramado — diz Ken, e, se foi um lapso ou a pior piada do mundo, não importa: fico corado do mesmo jeito.

— E então, William? Há quanto tempo vocês estão juntos? — pergunta Frank.

— Ah, caramba, deve ser... deixa eu...

— Tempo suficiente, intrometido — diz Ivy.

— E o que seus pais acham disso tudo? — pergunta Eva.

— Infelizmente é só o meu pai, mas...

— Ah, querido! Lamento, eu... — Eva tapa a boca.

— Já faz muito tempo. Não tem problema, de verdade.

— Ah, William — diz. Então, depois de fazer uma pausa em que parece tentar comer o lábio inferior, continua. — E o seu pai? O que ele acha de... — Ela faz o gesto de uma barrigona grávida.

— Ainda não sabe. Basicamente, vocês são os primeiros.

— Certo — diz Ken, levantando-se no sofá. — Vamos resolver isso agorinha mesmo. — Ele tira o telefone sem fio da base. — Qual é o número do seu pai?

— Como é?

Frank dá um sorriso, curtindo meu desconforto.

— Ah, Kenneth, solta essa coisa — pede Eva sem muita convicção.

Eu olho para Ivy em busca de ajuda. Ela sorri e encolhe os ombros.

— Número — exige Ken.

E é assim que meu pai fica sabendo que tem mais dois netos a caminho — pelo viva-voz, com três completos desconhecidos gritando de empolgação ao fundo. E preciso lhe dar o crédito: ele se comporta como um campeão. Ao contrário dos Lee, meu pai sabe exatamente há quanto tempo Ivy e eu estamos juntos, mas não faz comentários, não estraga nosso embuste. Quando baixa a poeira da euforia e do fogo cruzado, quando dezenas de beijos já foram trocados pela linha telefônica, Ken e Eva começam a se empenhar na tarefa de conhecer meu pai, perguntando-lhe como era quando garoto, se eu tenho irmãos, quantos netos ele tem, onde trabalha e todas as outras coisas tão importantes para os pais de crianças crescidas. Quando percebemos que não somos mais necessários, Frank, Ivy e eu vamos para a cozinha.

Apesar de assegurar a Frank que não quero beber mais nada, ele abre outra garrafa de vinho.

— Não vai me deixar beber sozinho, vai? A gente é família agora. — diz ele, então serve duas taças.

— E aí? Como vão as coisas? — pergunta Ivy ao irmão.

Frank suspira forte, e é como se alguém tivesse aberto uma válvula nele. Os ombros arqueiam, a cabeça tomba, ele parece se encolher no banco.

Acontece que Frank é casado, mas está num relacionamento infeliz. Os motivos não são citados; Ivy conhece a história, e a situação vem se prolongando por um bom tempo. Frank e a mulher, Lois, conversaram, brigaram, procuraram aconselhamento e hoje dormem sob o mesmo teto, mas em quartos separados. Ao que parece, os dois sabem que o casamento não tem mais volta, porém — sobretudo por causa do filho de três anos — ainda não discutiram para valer o passo seguinte. Frank é dentista e disse aos pais que está em Bristol para comparecer a uma conferência sobre um novo tipo de implante de cerâmica. Então, enquanto Frank e Lois tentam reunir coragem para fazer o que precisa ser feito, passam fins de semana alternados visitando familiares ou amigos, inventando mentiras e deixando o outro infeliz cônjuge em casa para pensar em novas formas de ganhar a preferência do filho.

Foi um dia infernal — bêbado, de ressaca, cansado, elétrico, feliz, apavorado e esgotado, tudo ao mesmo tempo.

— Nunca se case — instrui Frank, agora com um olhar sonolento por causa da bebida.

Eu olho para Ivy; ela desvia o olhar.

— E como vai Freddy? — pergunta ela.

Frank faz que sim com a cabeça: *bem*.

— Vocês dois têm sorte — diz ele.

— Obrigado. Eu sei.

— Gêmeos — completa Frank, cutucando a barriga da irmã. — Pelo menos, se tudo der errado para vocês, cada um fica com um. Ha ha!

Pera.

Limão.

Maçã.

Abacate.

Cebola.

Batata-doce...

— Como vai sua cara-metade? — pergunta Joe.

Com dezoito semanas, os bebês têm mais o menos o tamanho de duas pequenas batatas-doces. Tamanho suficiente para se perceber que Ivy está visivelmente grávida. Há duas semanas lhe ofereceram o assento no metrô; ao me contar isso de noite, ela se fez de ofendida, mas seu sorriso denunciou que havia adorado vivenciar esse pequeno rito de passagem.

Os bebês já têm dedos nas mãos e nos pés, seus músculos estão se fortalecendo. Eles têm papilas gustativas e cílios. Unhas. Há três semanas, fui com Ivy a um espetáculo de fogos de artifício em Wimbledon Common, o parque do bairro; agora os bebês têm ouvidos funcionais e devem ter escutado a explosão dos fogos no céu. Uma gravidez normal — de um só filho — costuma durar 39 semanas; gêmeos nascem cerca de duas semanas antes. Isso significa que estamos praticamente na metade do caminho para a data do parto, 11 de abril.

— Vai bem — respondo. — Já estão do tamanho de um par de batatas-doces.

— O quê? — diz Joe, imitando um par de seios com as mãos. — As... tetas dela?

— Os gêmeos, sua besta. Os gêmeos estão do tamanho de duas... *Pelo amor de Deus*.

— E as... sabe? — E outra vez ele põe as mãos em concha na frente do peito.

— Maiores do que duas batatas-doces.

Na verdade, estão enormes — bem maiores do que dois melões. O aniversário de Ivy foi há um mês, e eu lhe presenteei com uma roupa íntima, um sutiã de amamentação tamanho 44 mais sexy do que eu pensava ser possível. Mas, toda vez que tento me aproximar dos seios novos e turbinados de Ivy, ela me afasta, reclamando que ficam sensíveis demais ao toque. Não transamos desde o dia anterior à visita ao meu pai, há mais de três meses — uma tortura.

Mas não é hora nem lugar para pensar nisso. Estamos numa ilha de edição escura em Soho, trabalhando na edição final do nosso anúncio de papel higiênico. Henry e Suzi, da agência, estão sentados atrás de mim, em algum lugar na escuridão. Na tela, o sr. Pula-Pula dança com seis crianças em volta de um mastro enfeitado com o papel higiênico, cada uma carregando um rolo de cor diferente.

— O que acha, Suzi? — pergunto.

— O quê? Dos peitos da sua namorada?

— Não — respondo e aponto o monitor. — Da edição.

— Brincadeira.

— Dããã — diz Joe.

— Acho que ficou fantástico — responde Suzi. — Nada mais a acrescentar.

— Henry? — pergunto.

Henry levanta a cabeça do iPhone.

— Eu já estava feliz com o resultado de ontem — comenta, meio irritada. Esses lugares

custam mais de setecentas pratas por dia, então é claro que ela já estava feliz ontem.

— Nesse caso — intervém Joe, batendo as palmas das mãos —, declaro encerrada a edição. Agora, quem é que vai me pagar uma cerveja? Fisher?

— Tenho que ir a um lugar, cara. Desculpa.

— Para onde? Com quem?

— É só um lugar.

— Você é meu padrinho.

— E isso aqui é uma edição, Joseph, e não seu casamento.

— Certo. Senhoras?

— Lamento — diz Suzi. — Também tenho que ir a um lugar.

Henry dá de ombros e, saindo da sala, comenta:

— Faltam vinte e dois dias de compras até o Natal. Por falar nisso, qualquer coisa da Chanel está valendo.

— Até mais — despede-se Suzi, seguindo Henry. Então, me dá um sorriso cúmplice e também sai.

— Por que eu me dou ao trabalho? — pergunta Joe. — Publicidade? Eu poderia muito bem trabalhar numa droga de banco.

— Vejo você sexta — digo. — Aí a gente bebe uma cerveja.

— Toma — diz ele, dando-me um envelope marrom. — Ia entregar mais tarde, mas, visto que você tem coisas mais importantes para fazer...

— O que é?

— Sua próxima missão.

— Roteiro?

Joe faz que sim, então eu pego o envelope e o coloco direto na bolsa.

— Não vai ler, fazer cara feia, chiar?

— É sobre o quê?

— Queijo.

— Adoro. Quando vamos encontrar o pessoal da agência?

— Isso é para ontem. Tem que ficar pronto para o Natal.

O que significa mais cinco ou dez mil na minha conta logo depois disso. Deve dar para comprar alguns pacotes de fraldas.

— Pode marcar, então.

Joe me encara com um ar de incredulidade.

— Sério?

— Eu nunca brinco com queijo.

— Vou lhe dizer uma coisa, William Fisher — diz, bagunçando meu cabelo. — Essa gravidez fez bem a você. Fez muito bem.

O encontro não é exatamente clandestino, mas, de qualquer forma, estamos num bar que cobra mais por uma taça de vinho do que Joe jamais sonharia em pagar por uma garrafa — por isso é improvável que ele entre aqui e nos descubra. Além disso, é a primeira segunda-feira do mês, Ivy tem compromisso com o clube do livro até umas nove, portanto posso ficar meio alto e

escapar impune.

— E então? — pergunta Suzi. — Você leu? — Nervosa, ela mexe num anel de prata volumoso com uma turquesa oval, girando-o meia-volta no sentido horário, depois no anti-horário.

— Li — respondo e percebo que estou imitando o tique nervoso de Suzi, dando meias-voltas com a taça na mesa.

— E...?

O roteiro de Suzi é uma compilação de nove histórias interligadas. Três envolvem sexo, e uma delas envolve uma protagonista com inclinação por asfixia autoerótica. Não é a minha, mas cada um na sua, cada um faz como quer para se excitar, ou, nesse caso, para deixar o rosto azul. Longe de ser gratuito, no esquema principal do enredo, o sexo no geral — e o fetiche em particular — serve a um propósito. Meu problema com essas cenas é que elas são boas pra caramba — são criativas, são eróticas, são... bem, sensuais. E, ao ler, foi inevitável: imaginei Suzi de imediato nelas. Afinal, não vivem dizendo que você deve escrever sobre o que conhece? Vejamos a personagem com a queda por asfixia: quando ela aperta as mãos esguias ao redor da garganta de quem quer que esteja asfixiando e fodendo ao mesmo tempo, a câmera se detém em um anel que ela usa no mindinho da mão direita. O adorno aparece tanto durante o estrangulamento quanto depois, encostando um estetoscópio em um dos pacientes no trabalho. Trata-se de um instrumento para ligar e contrastar as diferentes facetas dessa personagem complexa, imprevisível, paradoxal. O que é legal e bem cinematográfico. Mas o anel em si — uma robusta peça de ouro com uma pedra de ônix oval — lembra muito o que Suzi não consegue parar de girar bem aqui, neste exato momento. E com isso fica difícil não imaginá-la pelada e girando no colo de algum sortudo.

— Eu gostei — respondo. — Gostei muito.

E, mesmo não querendo deixar nada subentendido, acabo corando.

— O enredo — exemplifico. — Boas histórias, boas personagens.

— Só boas? — pergunta Suzi, provocando, mas não chega nem perto de ser tão convincente quanto Ivy.

— Muito boas — respondo, e acabo piscando sem querer, por reflexo.

— Obrigada — diz Suzi, girando o anel.

— Mas... — digo, e uma ruga minúscula se forma entre as sobrancelhas de Suzi. Ela depositou muita confiança em mim ao pedir minha opinião, e seria desonesto sair soltando elogios insinceros sobre seu roteiro. Seria até covardia. Então, sigo em frente: — ... é irregular.

A ruga se aprofunda, mas fico com a impressão de que não estou lhe contando nenhuma novidade.

Depois de mais um pouco de vinho e enrolação, consigo articular a crítica em termos mais construtivos. Falo de coração ao dizer que achei algumas das histórias espetaculares. Digo no sentido exato da palavra e explico que, por comparação, esses destaques fazem as outras linhas de enredo parecerem rasas ou irrelevantes.

— Qual foi a sua preferida? — pergunta Suzi.

— Provavelmente a do estudante de arte.

Suzi acena com a cabeça e sorri.

— Por quê?

— Ah, a história é boa — respondo contando o primeiro motivo nos dedos.

— Isso sempre ajuda — diz Suzi e dá uma risada. Ela mantém contato visual enquanto bebe o vinho.

Prossigo para o segundo dedo.

— Personagens interessantes. Quer dizer, a garota é meio escrota, mas é uma boa personagem.

Suzi anui, como se estivesse esperando que eu concluísse.

Dedo número três.

— A cena do telhado. Muito cinematográfica, dramática.

— *Duas* cenas do telhado — corrige Suzi, com uma leve pontada de timidez.

— Sim — digo, passando para o dedo quatro —, o que me leva ao...

Suzi ergue as sobrancelhas.

— Sexo.

Você está lendo a minha mente, quase digo, mas me contenho antes de deixar essa insinuação involuntária escapar por entre meus dentes. Se eu fosse solteiro e não estivesse esperando gêmeos, poderia muito bem ter soltado essa. Mas sou comprometido, e minha namorada está grávida — e tudo isso me deixa irradiante. Mesmo assim, é inevitável me perguntar se Suzi, assim como a protagonista, já fez amor no telhado de um prédio de centro acadêmico.

— Isso — comento e dou uma risada. — Não costumamos filmar muitas cenas de sexo em publicidade.

— Verdade. Não filmamos, né?

— Tadinhos de nós — digo, fazendo uma cara de idiota e dando uma boa golada no vinho.

Suzi parece hesitar antes de perguntar:

— Então... quer fazer?

— Como?

Ela ri.

— A filmagem. Filmar o estudante de arte.

A pergunta me pega de surpresa.

— Eu adoraria, de verdade, mas talvez você precise de um leve choque de realidade sobre quanto custa uma coisa dessas. Você precisa de equipe de filmagem, equipamentos, atores.

Suzi abre um sorriso complacente.

— Você parece o Joe falando.

— Isso é um insulto?

— Eu tenho algum dinheiro.

— Pode ser, mas isso não é um diálogo de duas pessoas sentadas a uma mesa de cozinha. — Ela tem razão, eu pareço o Joe falando. — Você precisa do quê? Dois atores principais, um monte de extras, três ou quatro cenários de gravação, um telhado, uma filmagem noturna. Mesmo se valendo de favores e coisas de graça, a conta vai chegar a... meu Deus, sei lá. Muito. E você também vai precisar de um produtor, e dos bons.

— Eu tenho dez mil.

— Suzi, isso é muito dinheiro. Mas mesmo assim... sei lá.

— Meu pai morreu este ano — diz ela, e toda a bravata, o flerte e a extravagância desaparecem.

— Sinto muito. Eu... eu sei como é. Minha mãe morreu quando eu tinha catorze anos.

Suzi põe a mão sobre a minha e dá um sorriso triste. Então, de uma hora para outra, solta minha mão, toma um gole de vinho e parece voltar a si.

— A questão é que eu herdei o suficiente para dar o sinal em um apartamento. É isso que a minha mãe quer que eu faça. Mas um apartamento é só isso, um apartamento. Um dia eu vou vender e me mudar, tudo vai sumir. Se eu fizer este filme, seja ele uma porcaria, fantástico ou alguma coisa entre esses extremos... — Suzi dá outro gole. — As pessoas sempre dizem: *Ah, era essa a vontade dele*. Não dizem?

— É? E qual era a vontade dele?

— Sinceramente, acho que ele preferia que eu comprasse o apartamento — responde Suzi e cai numa gargalhada contagiante. Por um momento, devemos ser as pessoas mais irritantes do bar.

— Enfim — prossegue ela. — É isso que eu quero. Não quero ficar escrevendo comerciais de papel higiênico pelo resto da vida. Sabe do que estou falando?

Aceno com a cabeça: *Sim, sei bem do que você está falando*.

Ivy e eu estamos na cama, Nina Simone tocando baixinho, velas, uma de madressilva queimando na mesinha de cabeceira, perto de um frasco aberto de óleo para bebê. Minha escolha de música, minha escolha de iluminação.

— É muito fofo da sua parte, lindo, mas eu posso fazer isso sozinha.

— Relaxe. Deite as costas.

E eu continuo massageando o óleo em sua barriga tensa como a pele de um tambor. O brilho das velas destaca uma cicatriz que atravessa sua barriga, e isso, tenho certeza, tem papel fundamental em seu medo de ganhar estrias.

— E Henry? — pergunta ela.

Ainda não fazemos ideia do sexo dos nossos gêmeos.

— Para menino ou menina?

— Menina.

— Estou trabalhando com uma Henry, ela é um saco.

— Jura?

— Juro. Para você ver, ela diz *ciao* ao telefone.

— De onde ela é?

— Wigan, acho.

— Tudo bem. Então Henry está vetado.

Eu mudo de direção e começo a fazer círculos lentos que vão se abrindo aos poucos no sentido horário.

— Que tal Zara? — sugiro.

— Eu estudei com uma Zara. Ela costumava me chamar de Noifra.

— O quê? De onde vem isso?

Ivy dá um tapa na minha mão.

— Vem de N. F., abreviatura de Noiva do Frankenstein — responde e indica a cicatriz na bochecha.

— Que vaca.

Ivy dá de ombros.

— Já ouvi coisa pior. E respondi à altura. Essa Zara tinha os olhos muito separados e um nariz bem arrebitado, por isso eu a chamava de Bizarra. E o apelido pegou nela por muito mais tempo do que o Noifra.

— *Touché*. — Continuo a massagem alargando mais o raio de ação, o suficiente para meus dedos resvalarem no elástico da calcinha de Ivy.

— Entããã — diz ela, esticando a última sílaba num tom sedutor. — Qual é o seu nome de ator pornô?

É claro que a massagem, a música e as velas foram todas pensadas para criar um clima, mas eu não esperava uma reação tão direta.

— O meu... o quê?

— Ah, você sabe. Pega o nome do seu primeiro bicho de estimação, depois o sobrenome de solteira da sua mãe, e esse é o seu nome de ator de pornô.

— Ah, certo, entendi. Então, meu bicho de estimação e...?

— O sobrenome de solteira da sua mãe.

— Certo... *Catch MacCluskey*.

Ivy bate palmas, deliciada.

— Fantástico! Você não está brincando comigo, né? Isso é gozação comigo?

Eu balanço a cabeça.

— É a soma de um peixinho e uma católica.

— Adorei! *Catch MacCluskey*.

— E o seu?

— O meu é uma porcaria.

— Vamos lá... foi você quem puxou o assunto.

Ivy suspira.

— Tudo bem... Margaret Smith.

— Ah, tem razão, é uma porcaria mesmo.

— Pois é.

— Quer dizer, quem chama um bicho de Margaret?

Ivy aponta para si.

— Eu. Eu queria um cachorro ou um gato. A gente nunca teve bicho de estimação, o resto da família nunca se interessou. Eu pedi, pedi, pedi, até que, só para calar minha boca, eles me tapearam com um coelho.

— Que você chamou de Margaret.

— Eu tinha quatro anos! A gente nunca tinha criado um bicho de estimação antes, e ninguém me contou que eles têm nomes como Rex, Felpudo ou... *Catch*. E, por falar nisso, por que esse nome, hein? Que belo jeito de complexar um peixe.

— Nós somos a família Fisher, que significa pescador, e ele era um *Catch*, um peixe capturado. E, já que estamos criticando nomes de peixes, *Catch* é melhor do que Ernest.

— Não é nada, cala a boca!

— A essa altura, você já deveria conhecer as regras. Você tem quarenta e *um*, é uma ido...

— Cuidado, *Catch*. Da minha posição, eu poderia acertar um chute num lugar extremamente doloroso. — Ergo as mãos em sinal de submissão. — E, se você quer mesmo saber, ela recebeu

esse nome por causa do Hemingway.

— O escritor?

— Ele escreveu *O velho e o mar*, era louco por pescaria, então funciona de duas... você está rindo de mim?

— Só um pouquinho. Estou mais rindo *com* você.

Ivy faz um beicinho amuado.

— Ainda assim é melhor do que Catch.

Duas velas já se apagaram, e Nina está chegando ao fim do álbum, por isso eu despejo mais óleo nas mãos e começo a massagear a coxa direita de Ivy.

— Grávidas ficam com estrias aí? — pergunta ela.

— Depende do tamanho que ganham. Relaxa. — E ela relaxa.

Quando Ivy voltou do clube do livro, há três horas, eu estava dormindo e, pelo que ela me disse, roncando feito um porco no sofá. Já havia passado das dez, mas eu estava morrendo de fome, por isso fiz um espaguete ao pesto com queijo ralado, e nos sentamos para jantar tarde. Falamos sobre o dia, e senti uma pontada de culpa por ter passado o fim da tarde e o começo da noite em um bar com uma mulher atraente. Não aconteceu nada que me deixasse com essa sensação de culpa, claro — nenhum contato demorado demais, nenhum beijo prolongado, nenhuma infidelidade nascente. Provavelmente flertamos de leve, mas sem nenhum objetivo em mente. Mas, mesmo assim, eu sinto aquela comichão irritante típica de quem se comportou mal. Desço as mãos das coxas de Ivy, passando pelo joelho e pela panturrilha, então seguro seu pé e pressiono os polegares na sola. Ela respira fundo e solta o ar lentamente. No roteiro de Suzi, há uma cena em que um homem usa gravatas de seda para amarrar os tornozelos da amante nos cantos da cama de ferro forjado. Afasto o pensamento e ponho mais óleo na palma da mão.

— Ellie — sugere Ivy.

Eu já transei com uma garota chamada Ellie, mas esse não é um bom momento para soltar a informação.

— No sexto ano, tinha uma Ellie Fedorenta na minha turma — digo. O que não está a milhões de quilômetros da verdade.

— Crianças. São tão cr... Ah! — Ela arregala os olhos e leva as mãos à barriga por reflexo.

— O que foi? Você está... está tudo bem?

Ivy sorri.

— Alguém — diz ela, fazendo carinho na barriga como se fosse um cachorrinho, um gatinho ou... bom, um bebê. — Alguém está agitado.

— É mesmo? Qual deles?

— Não sei dizer. — Então, virada a barriga, pergunta: — Quem está se mexendo aí dentro, hein?

— Primeira vez?

Ivy faz que sim.

— Ninguém vai se entregar, né? — Ela pressiona a mão na barriga, tentando obter alguma reação.

— Alguma coisa?

Ivy balança a cabeça tristemente.

— Acho que o show acabou.

Não chego a dizer *É isso que você pensa*, mas levanto as sobrancelhas e continuo massageando as pernas de Ivy.

Ela solta um gemido.

— Está bom? — pergunto.

Mas, quando olho para a cara de Ivy, vejo que toda a cor de suas bochechas se esvaiu.

— Eu... eu acho que aquele monte de risadas não foi uma boa ideia — comenta, então leva a mão à boca e vai correndo vomitar no banheiro.

Quando acordo na manhã seguinte, não encontro Ivy a meu lado. Já moramos juntos há quase oito semanas, e de vez em quando acontece de eu acordar na cama vazia. Ivy gostava de começar o dia com o que ela chama (*chamava*), num eufemismo, de “uns movimentos”, mas agora, com um par de batatas-doces pulando em sua bexiga como se fosse um castelinho inflável, parece que ao acordar ela só pensa em fazer xixi e beber chá.

Minha antiga vizinha, Esther, tem uma teoria sobre pedrinhas num pote:

Se você coloca uma pedrinha num pote toda vez que faz amor no primeiro ano de relacionamento, depois tira uma sempre que faz daí em diante, o tal pote nunca esvazia. Eu entendi, e não duvido que isso seja verdade. Mas, assim como tantas outras coisas do nosso breve relacionamento, espero que nossa explosão inicial de urgência sexual não se encerre num curto período — por exemplo, dezenove dias, em vez de doze meses. E é claro que há fatores atenuantes. Nas sete semanas e meia desde que me mudei para Wimbledon, ambos temos trabalhado, e seria difícil conseguir agendas mais conflitantes do que as nossas. Acrescente-se a isso o fato de que, nas noites em que estamos juntos, Ivy geralmente apaga no sofá logo depois das nove. Até nos fins de semana nós ficamos fora de sincronia. Eu corro e Ivy pratica ioga, mas nunca conseguimos coordenar essas atividades, que somam mais ou menos duas horas gastas separados um do outro, tanto no sábado quanto no domingo. Ela lê, eu assisto a séries. Eu vou passear e ver as lojas, ela cochila de tarde. E essa rotina não me desagrade; na verdade, é confortável. Mas conforto demais pode ficar meio... bom, chato. Eu gosto da nossa vida; é só que, ao que parece, chegamos aos vinte anos de relacionamento cedo demais.

Esta manhã eu encontro Ivy na sala de estar, fazendo ioga. Está de legging azul-clara e top rosa, na postura do cachorro invertido. Com a cintura dobrada e as mãos e os pés travados na esteira, seu corpo parece um A perfeito.

— Bom dia, bumbum bonito — cumprimento o traseiro empinado no ar.

Nem Ivy nem o traseiro respondem.

Dou uma palmadinha em seu bumbum ao passar para a cozinha e ligo a chaleira.

— A gente precisa comprar leite integral — comento.

Ivy não consegue ver a garrafa de leite desnatado que peguei pois está com a cabeça espremida entre os joelhos, mas ela sabe do que estou falando. Já conversamos várias vezes sobre o teor de gordura do nosso leite. Ivy diz que, se eu quero integral, eu que compre. O problema é que ela toma conta das compras on-line, e o único momento em que penso em leite é na frente da geladeira aberta, segurando uma caixa com uma bebida que corresponde a pouco mais do que água esbranquiçada. Quer dizer, será que é pedir demais ter um pouco de leite no meu leite?

— Para o café — digo.

Ivy muda para a postura do gato.

A chaleira ferve, e eu faço um bule inteiro de café.

Ela muda para a postura da vaca, depois para a da cobra.

— Quer um? — pergunto.

Ivy solta um grunhido — não consigo identificar se é pelo esforço ou em resposta.

— Vou entender isso como um não.

— Estou meio ocupada — informa ela, com a cabeça entre as pernas.

Segurando um café com leite desnatado, vou para sofá e observo. A essa altura, eu já a vi fazer essas posturas várias vezes. Nas primeiras semanas de relacionamento ela me encorajou a acompanhá-la, e eu topei, mas por diversas vezes nossa postura final foi uma que não se faz em público. Ivy muda para a lagarta — cabeça na esteira, costas arqueadas, bumbum para cima.

— Lembra quando fazíamos ioga juntos? — pergunto.

— Ãããh-hãã.

— Parece que já tem tanto tempo.

— Ah-hã.

Ivy muda o peso para trás e fica de quatro. Então, gira os quadris para um lado, depois para o outro. Duvido que essa postura se chame raposa sexy, mas é esse o nome que me vem à mente.

— Como se chama essa?

— Não sei.

— Que nome engraçado.

Ivy não responde.

— Quer que eu faça com você?

— Você não tem mais o que fazer?

— Está bem — digo, meio magoado e, lembrando uma expressão de Frank quando visitamos os pais de Ivy, continuo: — Fica tranquilinha.

— Nossa, como isso é irritante — reclama Ivy, e não me lembro de ela reagir assim quando Frank disse.

Sabendo que Ivy vai ficar uma arara, deixo o café pela metade no braço do sofá, então vou para o quarto colocar a roupa de corrida. Prendo o iPod e enfio uma nota de dez no tênis para comprar um sanduíche de bacon e uma droga de caixa de leite integral no caminho de volta.

Nos primeiros dois quilômetros, eu corro irritado. E, sem um destino claro em mente, corro na direção oposta ao Wimbledon Common. Em vez dos espaços abertos, das árvores, do lago e do caminho de cascalho, corro pelas calçadas duras, ao lado de ruas movimentadas, enchendo os pulmões com fumaça de carro. Demoro menos de uma hora para chegar à minha antiga rua em Brixton.

Ao me aproximar do apartamento de Esther, vejo que sua placa de “Vende-se” agora tem por cima um adesivo que diz “Vendido”. Isso não deveria me surpreender; o apartamento estava à venda fazia semanas, e ela e Nino vinham planejando a mudança para a Itália desde o verão. Mesmo assim, isso me entristece.

— Bom dia, meu amor — cumprimenta Esther, como se estivesse à minha espera. — Perdido por aqui?

— Mais ou menos. Posso usar seu chuveiro?

Como nada disso tinha sequer passado pela minha cabeça, preciso pegar roupas emprestadas de Nino, que é trinta centímetros menor do que eu, porém mais do que compensa essa diferença em circunferência. As roupas que Esther colocou na cama extra são bem simples, mas chega a surpreender a forma como uma calça jeans e um casaco de lã é capaz de nos deixar ridículos. O jeans fica pescando nos tornozelos e deixa à mostra um par de meias bege que seriam pavorosas mesmo que o elástico do tornozelo não estivesse esgarçado (Esther também me arranhou uma cueca de Nino que hoje em dia é cinza, mas não tenho coragem de vesti-la, então eu a dobro e a enfio no bolso da minha calça jeans de palhaço). O casaco que Esther escolheu para completar o conjunto é um artigo de lã grossa listrado de roxo e verde e que veste tão confortável quanto um saco num espantalho. Eu mais pareço um paciente psiquiátrico. Mas, quando se é um estúpido imbecil completo, não resta nada a fazer.

Esther me prepara um café da manhã inglês completo e sonda descaradamente o motivo da minha visita surpresa. Penso em mentir e lhe dizer que vim ver os inquilinos no andar de cima, mas para isso eu teria que a) mentir, b) ver os inquilinos, e c) entrar no meu antigo apartamento, o que, percebo de repente, nunca mais quero voltar a fazer. Sim, eu tinha uma poltrona reclinável e uma TV de alta definição, e, sim, a geladeira estava sempre carregada de leite integral, mas eu também vivia fazendo idiotices na época em que morei em cima do apartamento de Esther. Em retrospecto, aparentemente a única coisa boa que me aconteceu durante esse tempo foi ter conhecido Ivy, e minha única boa decisão foi me mudar.

— A gente teve uma briguinha.

Esther dá uma risada.

— Foi a primeira?

— Talvez a segunda.

— Coisa séria?

— Só eu sendo irritante.

— Se eu ganhasse um centavo... — diz Esther, balançando a cabeça. — Já teríamos saído deste lugar há muito tempo. *Briguinha* — completa, dando outra risada.

— Então vocês venderam? — pergunto, indicando com um gesto a sala ao meu redor.

A jovialidade risonha de Esther se transforma em lágrimas e soluços, e sua risada faz uma transição perfeita para o choro. Eu puxo a cadeira para perto dela e a abraço enquanto ela soluça no meu ombro.

— O que foi? — pergunto. — Achei que a mudança fosse uma coisa boa.

— E é, meu amor — diz ela, no meio de outro dilúvio. — Claro que é.

— Então, por que esse choro, hein?

Esther se endireita, enxuga as lágrimas com a manga e solta uma fungada de estivador.

— Você — responde, enquanto se recompõe. — Você é como um filho para mim.

Na minha cabeça, digo *E você é como uma mãe para mim*, mas, mesmo sem articulá-las, elas ficam presas na garganta, e sinto uma pressão úmida vinda de trás dos olhos. Em vez de dizer alguma coisa, sorrio e torço para que meu sorriso fale por mim.

Esther faz mais torradas, embora eu ainda não tenha nem terminado a primeira leva, e me inteira da logística do que resta fazer da mudança — o encaixotamento, os voos, o novo chalé no interior da Itália. Depois de passar o Natal com a filha, dois filhos e oito netos em Exeter, ela e Nino vão se mudar para Urbino.

— E cadê o Nino agora?

— Depois de mais de quarenta anos, você para de perguntar essas coisas. Quer um conselho de graça?

Faço que sim.

— Não se esforcem demais tentando ser um casal perfeito, meu amor. Não fiquem se metendo na vida um do outro; não tenham medo de discutir, de calar a boca ou de contar umas mentirinhas bobas; ajude na limpeza; não deixe cuecas sujas do avesso largadas no chão; abaixe o assento da privada; compre flores para Ivy uma vez por mês e lhe dê um beliscão na bunda uma vez por semana. O resto é com você.

Penso em dizer a Esther que o beliscão (bem, palmadinha) ajudou na briga de hoje, mas sei que a questão não é essa.

— Funciona para vocês, não é?

— Para mim e para os meus filhos, meu amor. Todos tiveram filhos, passaram por todo tipo de problema, mas continuam casados. — Esther diz isso de peito estufado.

— Você devia escrever um livro.

— Devia mesmo, meu amor. — Ela enche de novo sua xícara de chá. — Claro que nós tivemos as nossas brigas. E, garanto, tivemos umas brigas feias, meu amor. Por várias vezes estivemos perto de nos separarmos. — Ela dá uma risada delicada, uma mistura filosófica de nostalgia carinhosa e arrependimento pragmático. Ou talvez esteja apenas se divertindo. — Vocês só precisam lembrar que se amam. Eu sei que às vezes é mais fácil falar do que fazer. Mas esse é o truque, meu querido, lembrem-se de que vocês se amam. — Esther me lança um olhar duro. — Você ama Ivy, certo?

Faço que sim.

— Com todas as minhas forças.

— Então pare de se lamentar, seu bobinho.

A volta de ônibus para Wimbledon demora mais do que o trajeto de ida, não porque eu tenha corrido especialmente rápido, mas porque o trânsito de Londres é especialmente lento. Conforme o ônibus se arrasta, eu tiro uma soneca — a cabeça pende, a visão turva, os pensamentos viram absurdos. Quando vou bêbado para a cama, como fui ontem à noite, eu durmo direto, mas ainda assim acordo exausto. É como se eu desligasse tão completamente que até os mecanismos de recuperação parassem de funcionar. No ônibus para Wimbledon, de vez em quando eu acordo assustado, com a boca aberta, baba no queixo e um ronco ecoando na cabeça. Isso, somado à minha roupa de fugitivo de manicômio e à sacola cheia de roupas de corrida suadas, garante que ninguém se sente ao meu lado. Então, cochilo mais um pouco. Quando chego ao Village, eu me sinto um novo homem (mesmo vestido como um mendigo velho).

Ao chegar em casa vejo Harold, o vizinho adolescente esquisito de Ivy, sentado no degrau que dá para seu apartamento. Ao contrário do meu em Brixton, que em algum momento era apenas o andar de cima de uma única residência, esses edifícios de dois pisos já foram construídos assim na planta. Mesmo assim, dividimos portão e calçada, e nossas portas da frente ficam lado a lado, como gêmeas siamesas. Harold segura meio baralho, e o restante está espalhado no chão, entre seus pés. Aceno um bom dia, e ele levanta a cabeça por um breve instante e resmunga uma resposta. Chegamos a dezembro, e, embora a temperatura esteja amena

para a época do ano, está meio frio para alguém ficar sentado à porta vestido apenas com uma camisa.

— Não está com frio?

Harold balança a cabeça.

— Esperando alguém?

Ele olha por cima do ombro.

— Não exatamente.

Eu me sento ao lado dele.

— Paciência? — pergunto, apontando com a cabeça para as cartas aos seus pés.

Harold ri, um único “ha”, sem um pinga de humor.

— E essas roupas idiotas?

— Estão na moda. Toda a garotada está usando.

Pela cara, Harold não engoliu essa, mas também não está interessado em continuar o assunto. Desde o nosso primeiro contato (a briga pela chave), Harold vem me tratando com uma mistura de suspeita e desdém. No entanto, seu ciúme hostil parece ter perdido força quando ficou nítido que Ivy está grávida. Sua mãe, Maureen, é educada, mas não propriamente amigável. Parece sempre distraída, preocupada ou exausta. Ela tem um namorado, mas nunca fomos apresentados. Ivy já a convidou para tomar café, jantar e beber vinho em ocasiões distintas — não porque estivesse morrendo de vontade de fazer amizade com essa mulher tímida, de óculos e olhar aflito, mas porque estava ficando constrangedor não convidá-la. E todas as vezes Maureen rejeitou educadamente com desculpas viáveis, mas banais — papelada para preencher, roupa para passar, qualquer coisa. Então, Ivy parou de convidá-la, o que parece conveniente para todos nós.

— O sei lá quem está aí? — pergunto.

— Lá.

— Lá onde?

Harold me encara como se eu realmente fosse tão idiota quanto minhas roupas dão a entender.

— Não estou falando de *lá* lugar onde ele está. Lá é apelido de Laurence.

— “Lá”? Sério?

Harold dá de ombros.

— Eu não fazia a menor ideia — continuo. — Meu melhor amigo se chama Laurence, mas é chamado de El. “Lá” eu nunca ouvi. — Pronuncio o apelido carregando no L, como se fosse uma criança.

Harold dá uma risada e repete.

— Parece um cara legal — digo.

— É um tarado.

Olho para Harold. *Tem certeza?*

— Vive beliscando a bunda da minha mãe — diz, evitando contato visual.

— Isso é o que mais tem por aí.

— O quê?

— Nada, me dá essas cartas. — Eu as pego antes de Harold ter chance de responder.

— Eu estava jogando!

Eu embaralho, corto e embaralho de novo.

— Escolhe uma.

Harold escolhe, em silêncio e sem um pinga de entusiasmo. Faço todo o teatrinho de olhar para longe, embaralhar, parecer sério etc., e por fim localizo a carta, que está — sim, milagrosamente — de cabeça para baixo no baralho. Harold dá de ombros e diz que já viu David Blaine realizar o mesmo truque pendurado de um helicóptero. Preciso de dois outros truques para fazer o moleque dar um sorriso, e a essa altura minha bunda está dormente de ficar sentado no degrau frio e duro.

— Então, Harold. Tem alguma chance de você entrar aí e me emprestar a chave reserva?

— Já estava imaginando quando você ia perguntar — comenta ele, abrindo um sorriso.

— Pega *lá* — digo, e ele ri.

Subindo a escada para o apartamento, sou recebido pelo cheiro de bacon, salsichas e ovos. Ivy está lendo um romance recostada no sofá, quando eu me jogo ao seu lado.

— Boa tarde — diz ela. — Como vai Esther?

— Quem disse que eu fui visitar a Esther? Talvez eu tenha uma mulher rica em algum lugar por aí.

— E essa tal mulher rica gosta de vestir você como se tivesse sessenta e oito anos, não gosta? E ela? Usa rolos de cabeça e um robe?

— Isto aqui é o que chamam de mendigo chique.

— Combina com você.

Ivy põe o livro de lado, arrasta os pés até a área da cozinha e coloca um prato de café da manhã inglês no micro-ondas.

— Quer torradas?

Ainda estou de barriga cheia da comida de Esther, então recuso. Enquanto espera o micro-ondas, Ivy faz café. O micro-ondas apita, e Ivy troca o primeiro prato por um segundo. Que ela tenha feito o café da manhã para mim é algo maravilhoso; que tenha me esperado para comer é um ato de amor. Encontrar espaço na barriga para duas salsichas, duas fatias de bacon, meio tomate, feijão e uma montanha de ovos mexidos é, de longe, o truque mais impressionante que realizei esta manhã. E o fato de ser tudo reaquecido não facilitou em nada a tarefa: os ovos estão borrachudos, o bacon empedrou, a salsicha endureceu, o tomate amoleceu e os feijões congelaram — mas como o prato inteiro com um enorme sorriso de lunático. Faz melhor do que isso, David Blaine.

Ivy claramente decidiu varrer as últimas horas para debaixo do tapete, e fico feliz em ser cúmplice. Ambos presenciamos a cena da discussão, ambos temos culpa (um, óbvio, mais do que outro), e ninguém vai ganhar nada fazendo uma autópsia do que aconteceu. Minha namorada anterior e eu teríamos brigado, pedido desculpa, depois voltaríamos ao incidente, desconstruindo-o e atribuindo as culpas, o que, na maioria das vezes, causava a repetição da discussão original. Eu prefiro o jeito de Ivy. Especialmente quando tenho me comportado feito um babaca.

Ivy lava e eu seco a louça.

— Vai fazer o que na quinta? — pergunta ela.

— Até onde eu sei, nada. Por quê?

— Que bom. Então vamos sair.

— Ótimo. Onde?

Ivy encosta o dedo cheio de espuma no meu nariz.

— Isso você vai ter que esperar para saber.

Há dezessete anos e meio, fui ao cinema com El. Quando minha mãe foi nos buscar, morreu num acidente de trânsito. Um caminhão de supermercado acertou a lateral de seu carro amarelo e o jogou no caminho de uma moto. Milhões de eventos e circunstâncias ocorreram, se seguiram, coincidiram e se alinharam para juntar todos os elementos — o caminhão, a moto, a minha mãe. Não foi culpa minha ir ao cinema, e não me responsabilizo pela morte dela, mas, se eu não tivesse ido, haveria uma boa chance de ainda hoje ela estar viva.

Ainda existe tanta coisa que Ivy e eu não sabemos um do outro — coisas que você não solta de repente no meio de uma conversa, mas que descobre aos poucos, conforme o relacionamento se desenvolve e avança. Nossa relação em si tem apenas quatro meses, portanto restam muitas informações por desencavar. Ivy sabe que minha mãe morreu num acidente de trânsito, mas não que ela estava indo me buscar depois de ver um filme, nem que, desde então, não piso em um cinema.

Mas, enquanto aguardo Ivy na entrada da estação de trem, tenho o terrível pressentimento — ênfase no *terrível* — de que o encontro-surpresa seja uma ida ao cinema. Daqui, consigo ver o Wimbledon Odeon, e só de pensar em entrar ali sinto uma aflição física. O coração palpita, o estômago embrulha e, apesar do frio, a cabeça e as costas suam. *Mas tudo bem*, penso. Não posso passar o resto da vida sem levar meus filhos ao cinema, e, se não for hoje à noite, em breve vou ser obrigado a tomar coragem, fazer o sacrifício e enfiar a mão em um saco de pipoca. E, em certo nível, vou ficar desapontado se não formos ao cinema esta noite. Além do mais, não vou ter ninguém para vir me buscar aqui mais tarde.

Dou as costas para o cinema e olho atento para a multidão transbordando nas catracas. Já está escuro, e deve haver centenas de pessoas se empurrando e se acotovelando para atravessar os portões.

— Procurando alguém em especial? — sussurra uma voz atrás de mim, e sinto o hálito quente na minha orelha.

Ivy escondeu o cabelo em um gorro de lã branco que poderia parecer meio nerd em qualquer um, menos nela.

— Animado?

— Depende do programa.

— Bom, como é a nossa primeira noite de encontro oficial, pensei em fazer alguma coisa tradicional.

— Tem pipoca?

— Pode apostar que tem pipoca.

— Nesse caso, fiquei animado.

E, de braços dados, vamos ao cinema.

O filme foi indicado ao Oscar, ao que parece. Ivy me conta isso enquanto andamos pela Wimbledon Hill Road a caminho de casa, não mais de braços dados, mas de mãos dadas. Quando ela pergunta o que achei, respondo que entendo ele ter sido indicado, mas isso é meio que uma mentira inocente — uma “mentirinha boba”, como diria Esther. Não que eu não tenha gostado do filme; quando prestei atenção, fiquei com a impressão de que valia o preço do ingresso. Infelizmente, durante a maior parte das duas horas, minha cabeça estava em outro lugar.

Pensei na minha mãe e no dia em que ela morreu. Eu me lembrei de como fiquei confuso ao ver o pai de El aparecer para nos buscar no cinema, ao ouvi-lo contar que minha mãe havia se envolvido num acidente e ao ver um carro de polícia na entrada da garagem quando ele me deixou em casa. Pensei em como a vida é preciosa e precária, em como é fácil tomar as coisas por certo. Na terça, Suzi me mandou um e-mail com um roteiro de quinze páginas de seu curta-metragem. Quando o terminar, vai mandar a agentes e produtores, para criar interesse em seu roteiro de longa-metragem. E, enquanto Ivy e eu estávamos diante da telona, fantasiei sobre como seria dirigir um filme, em vez de um comercial de papel higiênico. Mas eu já não posso pensar só em mim, certo? Agora minha obrigação é para com meus filhos e a mãe deles. É colocar dinheiro na conta e comida na mesa. E esses pensamentos não saem da minha cabeça: eu fico lembrando, fantasiando, me preocupando, imaginando.

Já perto de casa, Ivy pergunta:

— O que você acha que aquele cara, o padre, quis dizer quando falou que “o nunca dura muito mais do que o para sempre”?

— Tinha um padre no filme?

Ivy para de andar.

— Você estava na mesma sala que eu, certo?

— Mais ou menos — respondo, então lhe conto a história do dia em que minha mãe morreu.

É tarde de sexta-feira, e faltam menos de três semanas para o Natal, por isso o bar está mais abarrotado do que o saco do Papai Noel. Mesmo assim, Joe e eu conseguimos uma mesinha escondida no canto. Pela segunda vez em uma semana, eu consigo me envolver em um campo de força que afasta todos de mim. Terça eu usei roupas de paciente de ala psiquiátrica, hoje são quatro quilos de queijo Limburger. Esta tarde fomos à reunião de pré-produção do comercial de queijo, na qual o cliente presenteou todo mundo com um tijolo do produto. Enquanto distribuía o queijo, o gerente de marketing orgulhosamente informou que ele tinha sido eleito em votação o “sétimo mais pungente” do mundo. E só o fato de saber que existem seis queijos mais fedorentos do que esse basta para enfiar na cabeça de qualquer pessoa uns pesadelos bem esquisitos. Demoramos duas horas para finalizar os detalhes da filmagem; foram duas horas numa salinha com oito nacos do sétimo queijo mais fedido do mundo e aquecedores ligados na potência máxima. E, embora o roteiro fedesse só um pouco menos do que o queijo, fui simpático, prestei atenção, dei risadas e disse a todos que privilégio especial era trabalhar com eles. E não apenas porque sou um profissional completo, mas porque Joe adora toda essa palhaçada, e eu preciso dele.

Parece que minha bajulação valeu a pena, pois, além do cheiro de queijo, Joe está emanando

cordialidade. Ele volta à nossa mesa com duas canecas de cerveja e um chapéu de elfo que ficou engraçado na sua cabeça.

— Olha que elfo bonzinho — diz, levantando a cerveja.

— Muito engraçado — digo, e, embora nem seja, rio mesmo assim.

— Certo. Agora que estamos num espírito festivo, eu tenho um presente para você... — Joe põe na mesa um envelope tirado da bolsa.

— Ah, não precisava... — brinco. Então, pego o envelope e o coloco na minha bolsa.

— Tudo bem. Vou fingir que caí nessa. É de...

— Quanto?

— Ah, que se dane — reclama Joe, e seu espírito festivo evapora em um segundo. — Vou dar para outra pessoa. Alguém com um mínimo de gratidão.

— Por que essa irritação toda? Você não se importa com o que eu acho do roteiro, só com a minha resposta.

Joe puxa o ar e suspira.

— Escuta, eu sei que a ordem do dia mudou para você, e fico feliz que esteja numa fase *topo tudo*. Mas eu gosto do que faço; de verdade. E, quando você fica todo desdenhoso pra cima de mim... — levanto as sobrancelhas — ... pois é, eu sei o que é desdenhoso, significa agir feito um babaca arrogante. E, quando você age feito um babaca arrogante, bem, eu fico puto. Entendeu?

Eu conheço Joe há anos, e bem o suficiente para não levar o esporro para o lado pessoal. Ainda mais estando ele na terceira cerveja. Mesmo assim, nunca é legal ser chamado de babaca arrogante.

— Opa, calma aí! Eu estava brincando. Caramba, era só uma *brincadeira*, tudo bem?

— É, sei, não teve muita graça, não.

— É mesmo? Ao contrário de *Olha que elfo bonzinho*, né?

Joe vai dizer alguma coisa, mas, em vez disso, decide dar uma baita golada na cerveja.

Eu ergo as mãos em sinal de rendição.

— Desculpe. Sobre o que é? O roteiro.

— Tampax.

Eu fecho os olhos e conto mentalmente até três. Quando os abro, Joe está me encarando, de braços cruzados, impassível.

— Quanto?

— Seis.

Não digo nada.

— Seis é bom pra caramba — continua. — Para um dia de filmagem.

— Uma condição.

— O quê? Mais joguinhos agora, é?

Tiro um envelope da bolsa. Dentro dele está o roteiro de Suzi, que agora já tem título: *Reinterpretando Jackson Pollock* — ou simplesmente *Pollock*, como agora o chamamos após vários e-mails, telefones e revisões. Entrego o envelope.

— O que é isso?

— Abre.

Ele obedece. Lê o título na primeira página, assente e vira a folha. Quando Joe termina de ler — em silêncio e sem tirar os olhos do papel uma vez sequer —, ele mal tocou na cerveja

enquanto eu já acabei com a minha.

— E...? — pergunta, por fim.

Aí eu conto; falo de Suzi, do roteiro e das dez mil libras. Joe devolve o roteiro ao envelope e toma um gole de cerveja.

Olho para o envelope, depois para Joe.

— E aí?

— É legal. O título é meio podre.

— Só isso?

— O que você quer saber, William? Se eu gostei? Se vou investir? Se estou feliz em ver você trabalhando para outra porcaria de produtora? O quê?

— Quer produzir?

Joe gosta de se fazer de durão, mas no fundo é um grande coração mole, e por um breve instante deixa escapar um sorriso.

— Eu? — pergunta, apontando para o próprio peito.

— Você.

Joe mata a cerveja com uma longa golada, arrota e recompõe a fachada de sujeito mundano, vivido.

— Tudo bem. Pode ser.

Quando eu saio do bar, a tarde de sexta já virou noite de sexta. Não estou bêbado de cambalear, mas teria dificuldade para andar numa corda bamba. Ivy passou o dia trabalhando num comercial de perfume, então pode já ter voltado há uma hora ou só chegar em casa daqui a três. Telefone, mas dá caixa postal. Ainda não são sete da noite quando meu trem chega a Wimbledon, mas o sol já se pôs há algum tempo, por isso parece mais tarde. Minhas pernas estão pesadas, e a bexiga cheia, enquanto subo a duras penas o caminho para o bairro, e hoje a caminhada é longa. Enquanto subo a Wimbledon Hill Road, o açougueiro extorsivo começa a fechar a loja. Já estou bem mais sóbrio, porém ainda tenho tanta cerveja no organismo que entro no açougue por vontade própria e permito que me roubem mais quarenta libras por um filé, algumas fatias de carne de porco e um cordão de linguiça.

Ivy ainda não chegou, por isso eu ligo o rádio bem alto, abro uma garrafa de vinho e começo a cozinhar. Enquanto faço a comida, começo a me sentir em casa, por isso ajeito as almofadas, alimento o peixe e remexo as estantes de livros, folheando romances que Ivy não terminou e lendo os parágrafos em que parou.

Ponho dois lugares à mesa, improviso um porta-ovo como castiçal e ponho para tocar uma lista de músicas acústicas no iPod. Ivy tem sido uma parte importante da minha vida há quatro meses, e nossos bebês já estão a meio caminho de nascer, de se tornarem humanos minúsculos e encolhidos entre nós dois na cama. Ainda assim, nenhum de nós disse aquelas três palavras importantes. Pelo menos não sem a boca cheia de caxemira.

Quando eu morava com Kate, dizíamos “eu te amo” toda noite antes de apagar as luzes. Menos quando não dizíamos. Nas muitas noites em que levávamos uma discussão para a cama, as três palavrinhas não eram pronunciadas. O que era exatamente como dizer: Eu *não* te amo, não hoje. Então, eu gosto do fato de não falarmos essas palavras por mera rotina, evitando que

virem uma trivialidade nas noites em que as dizemos e uma arma nas noites em que não as dizemos. Mas eu amo Ivy e vou lhe dizer isso esta noite.

Estou cochilando no sofá quando ouço Ivy bater forte à porta, e demoro um instante para me lembrar de onde estou. Segundo o relógio sobre a moldura da lareira, são quase nove da noite. Ouço outra batida, e o suplemento de ferro que Ivy incorporou à dieta deve estar funcionando, porque ela parece prestes a arrebentar a porta. Grito que já vou, acendo a vela, dou uma olhada no cabelo e, como sou o tipo de cara maluco, excêntrico e engraçado, desabotoo a camisa toda, pego uma flor do vaso e prendo-a entre os dentes. Ivy bate outra vez.

— Já vou — grito, só que, com a flor entre os dentes, soa mais como *Ralou*.

Não me pergunto por que Ivy está batendo à porta, em vez de usar a chave. Ela costuma bater quando volta de uma filmagem — seu utilitário está cheio de maquiagem e equipamentos caros, e ela tem passado cada vez mais dificuldade para subir as caixas para o apartamento.

Então, tomo um baita choque quando vejo seu irmão, Frank, à porta.

— Não precisava disso tudo — diz ele.

— Frank — respondo, com a boca cheia de gérbera.

— Mas, já que se deu ao trabalho... — e Frank me abraça forte o bastante para fazer minha cabeça latejar. — Caramba — diz ao me largar —, que cheiro é esse?

— Limburger — respondo, reabotoando a camisa.

— Jeeesuuus! Quem é esse? E quanto tempo faz que ele morreu?

— É um queijo.

— Hmmm dããã! Vai me convidar para entrar ou não?

Frank entra com a mala. Pergunto o que veio fazer em Londres, e ele balbucia alguma coisa sobre amigos, trabalho, a irmã e espontaneidade.

— E quando foi... combinado?

Frank dá de ombros e faz barulho de peido com a língua.

— Ah, sei lá, algumas horas atrás? Talvez na hora do almoço. — Ele vê a mesa arrumada para dois e a vela acesa no porta-ovo, então faz cara de quem está se desculpando. — Ooops.

— Não se preocupe. Eu fiz bastante comida.

— E qual é o rango?

— *Boeuf bourguignon*.

— Que chique, hein?

— Quer beber alguma coisa?

— Faz o seguinte: vai tomar um banho enquanto eu abro isto aqui — instrui, tirando uma garrafa de Merlot de um saco plástico. — É tinto! Eu devo ser paranormal.

Fico tão estupefato que faço exatamente o que ele diz. Quando volto para a sala — limpo, seco e usando roupas que não fedem a queijo —, Ivy já voltou, e todas as janelas estão escancaradas, deixando entrar o ar frio de inverno.

— Oi, querido — cumprimenta, sentada no sofá. — Adivinha só quem veio jantar! — Apesar de me sentir meio enganado, dou uma risada.

Beijo Ivy na testa.

— Está com calor? — pergunto.

— O quê? Não, por quê?

— As janelas.

— Eu que abri — comenta Frank, agitando a mão perto do nariz. — Para expulsar o fedor do *fromage*.

— *Fromage*? — pergunta Ivy.

Explico a história do queijo; e, ao ser informado de que Ivy não pode comê-lo e que Frank não o comeria nem se sua vida dependesse disso, eu embrulho o naco fedorento e suado de Limburger em três bolsas de plástico e o jogo na lixeira fora do apartamento. No mínimo vai servir para afastar as raposas.

Enquanto Frank e Ivy contam as novidades e compartilham piadas internas, eu desfaço a mesa e salvo o *boeuf bourguignon* com uma taça cheia do vinho de Frank. Comemos com os pratos no colo, em frente à TV, grudados lado a lado no sofá. Frank está numa das pontas e é tão grande quanto um supervilão, por isso fico espremido em dois terços de uma almofada na outra ponta, com o braço duro do sofá enterrado nas costelas. O caçula de Ivy está com ânimo para beber e quer me arrastar junto. De cinco em cinco minutos, ordena: “William. Taça”. Então, passa o braço na frente de Ivy para deixar o meu copo a ponto de transbordar.

— E aí? — digo, do jeito mais descontraído que consigo. — Vai dormir aqui?

— Se não tiver problema pra você, William.

— Fisher.

— Isso, Fisher.

— Tem planos para o resto do fim de semana? — pergunto, tentando não parecer ansioso demais para me livrar dele.

Não é que eu não goste de Frank; ele é o arquétipo do “sujeito adorável” — grande, fofo, coração de manteiga e engraçado de um jeito escandaloso e apatetado. Não é difícil nos imaginarmos ficando amigos (ou, colocando um pouco o carro à frente dos bois, sendo o tipo de cunhados que passam a tarde inteira no bar sem a companhia das mulheres — isto é, se Frank ainda tiver uma). Agora, imaginar nós três passando um fim de semana tranquilo, lado a lado neste sofá, porém, já é um pouquinho mais complicado. Eu tinha planos para esta noite, e eles não envolviam um dentista de cento e quinze quilos.

— A gente pensou em passar o tempo — diz Ivy, o que não esclarece nada.

— Tudo bem — digo e, quando vou pôr o braço em volta dos ombros de Ivy, percebo que Frank já ocupou o terreno.

— William! Taça.

Antes que eu possa contestar, o gargalo da segunda garrafa aparece bem na frente da minha cara. Frank começa a me servir, mas a garrafa já está praticamente vazia, e ele só consegue encher minha taça até faltar um dedo para a borda.

— Ooops! Vou abrir outra, tá bem? — E, quando ele se levanta do sofá, Ivy e eu nos refestelamos no espaço instantaneamente disponível.

Enquanto Frank escolhe outra garrafa do meu vinho, eu me viro para Ivy e sutilmente faço um gesto de quem não está entendendo: os ombros sobem, os pulsos giram para fora, a cabeça cai para a direita, os olhos se arregalam — e todos os movimentos são milimétricos. *O que está acontecendo?* Ivy faz uma careta: *Como assim?* Levanto as sobrancelhas e, por cima do ombro, aponto com o queixo para Frank, que está procurando um saca-rolhas: *Seu irmão!* Ivy morde o

lábio inferior e balança a cabeça muito rapidamente: *Agora não*. Eu curvo o canto da boca e suspiro: *O.k.*

— Não estou interrompendo nada, estou? — pergunta Frank, encaixando-se de novo no sofá.

Começo a responder, mas volto a ficar espremido no canto do sofá e meu corpo é obrigado a expelir o ar dos pulmões.

— Taça — ordena ele, passando o braço na frente de Ivy e despejando Pinot Noir em cima do meu Merlot até a taça transbordar.

Quando eu era criança e morava com meus pais, não tinha tanto sexo na TV, mas, quando alguma coisa aparecia na tela, meu pai pulava da cadeira como se ela estivesse eletrificada e mudava de canal. Tempos depois, quando atingi a adolescência, ele simplesmente saía da sala estalando a língua e resmungando, e só voltava quando aquela coisa nojenta já havia acabado. E, por mais constrangedor que isso fosse, não se compara a assistir a uma cena quente em companhia da minha namorada grávida e de seu irmão brutamontes. A estratégia de Frank para lidar com as cenas constrangedoras de sexo é fazer comentários ininterruptos com um monte de vozes engraçadas e sotaques.

Oiii! Alguém está animadinho! Isso aí é uma banana no seu bolso, ou você só está feliz em me ver? Ha ha ha. Deixa eu ajudar com isso aqui, meu amor... Aaah, rendinha cor-de-rosa, que picante. E agora sumiram! Boooooingggg! Vamos para a mesa da cozinha? Deixa os pratos pra lá, a gente compra outros amanhã. Pega uma salsicha, ha ha. Olha só para a cara dele! Parece que está sofrendo para completar uma palavra cruzada. Quatro letras, começa com S, termina com O... S-E-X-O! E aí, querida, foi bom para você? Ha ha ha ha!

E, durante todo o tempo desse monólogo torturante, eu fico esperando, *rezando*, para Ivy mandar Frank calar a boca, mas ela não abre o bico. E, quando eu a olho de esguelha, entendo o motivo. Esmagada entre nós dois como uma flor murcha, Ivy continua sentada, mas de queixo encostado no colo. Levanto sua cabeça do jeito mais delicado possível e vejo que seus olhos estão completamente fechados. Ela ressona de leve pela boca aberta.

Frank está com o controle remoto, e eu peço a ele que abaixe o volume enquanto aponto para sua irmã adormecida.

— Ah, tadinha — diz, fazendo carinho na bochecha de Ivy. — Certo — continua, apontando o controle para a TV. — Vamos tirar esta porcaria?

Suponho que Frank esteja falando de desligar a TV e dar a noite por encerrada. Mas, em vez disso, ele passa um monte de canais às pressas até que encontra um filme do Chuck Norris em algum canal obscuro da TV a cabo.

— Vai um Chuck?

Morando com uma namorada grávida, não é frequente (do mesmo jeito que não é frequente o inferno organizar uma competição de montagem de bonecos de neve) eu ter a oportunidade de beber muito e assistir a filmes antigos de ação. Então, por que não? Deixo Frank encher minha taça outra vez, pego a mão de Ivy, ainda adormecida, e volto a me enfiar no meu cantinho do sofá. Não era o que eu tinha planejado (como sempre), mas, em se tratando de uma noite fria de sexta, poderia ser muito pior. Mesmo assim, eu acordei seis e meia da manhã, e, depois da reunião da tarde, da cerveja com Joe e do vinho com Frank, já estou mais para lá do que para

cá. Chuck Norris mal tinha chutado, socado, esfaqueado e enforcado cinquenta vilões quando meus olhos começaram a se fechar. Digo a Frank que vou me deitar e levanto Ivy na terceira tentativa. Frank se oferece para lavar a louça, Ivy seca, e eu — determinado a não ficar para trás — insisto em arrumar tudo. Não tem espaço para três pessoas atrás da bancada (especialmente sendo uma delas do tamanho de Frank), e parece um milagre que nada se quebre durante todo o esquisito processo.

Louça lavada, seca e guardada, damos boa-noite uns aos outros. Frank me dá um soquinho amigável no ombro antes de apertar Ivy num demorado abraço de urso. Ele beija a irmã mais velha na lateral da cabeça e diz que a ama. Ivy diz a Frank que também o ama, então fica nas pontas dos pés e lhe dá um último beijo de boa-noite. Tudo muito cuti-cuti entre os dois, mas eles meio que acabam frustrando minha expectativa de navegar nas águas do amor. Se eu disser a Ivy agora que a amo, vai parecer que só estou me juntando a eles por medo de ser excluído.

As noites de sexta-feira viraram as noites dos livros de bebê. O livro tem o conciso título de *Contagem regressiva para seu bebê: um guia semana a semana das mudanças no seu corpo e do desenvolvimento do seu filho*. Toda semana lemos um novo capítulo; hoje é o dezenove, vez de Ivy ler. Ela me conta que o sistema nervoso está se formando, ligando o cérebro do bebê aos músculos e órgãos. A essa altura, nossos gêmeos já têm tantos nervos quanto um adulto e podem pular em reação a um choque.

— Como o tio deles aparecendo aqui de repente?

— Cala a boca e escuta.

— Eu estava segurando uma flor na boca. E uma vela. Não na boca, na mesa.

Ivy faz sinal para eu me calar.

— Frank me contou.

Ela continua a leitura. A placenta já se desenvolveu por completo, mas continua crescendo. Os dentes se formam nas gengivas. Os bebês têm línguas. Estão cobertos de pelos aveludados e uma substância cerosa, que mantém a pele macia. Faltam só dezoito semanas para nossos filhos estarem conosco, mas, apesar de parecerem bem em termos de pelos, cera e dentes, eles ainda não têm nomes.

— Que tal Angus?

— Meio escocês — responde Ivy.

— Então, Hamish.

Ivy dá uma risada.

— Eu gosto de Agatha.

— E para menino?

— O que acha de Dashiell?

— Isso é um nome?

— Ele escreveu *O falcão maltês*.

— Aggy e Dash. Até que gostei.

Ivy faz uma careta.

— Acho que detestei.

— Como é o nome do filho de Frank mesmo?

— Freddy — responde, suspirando. E é aí que o clima acaba.

— O que está acontecendo entre ele e...?

— Lois. Frank saiu de casa.

— O que houve?

— Nada, só... coisas.

— Ele traiu a mulher?

— Não.

— Ela traiu Frank?

— Shhh, por favor. Ele está no quarto ao lado.

— Só estou perguntando quem fez a bobagem — comento, com um suspiro teatral.

— Não precisa parecer tão *entretido*. Isso é muito triste. Você precisava ver quando os dois se conheceram... eles eram... feitos um para o outro. Todo mundo dizia. — Ivy solta o ar e balança a cabeça. — É trágico, simplesmente... simplesmente trágico.

— Desculpe, eu não quis... você sabe.

Ivy sorri para mim.

— Acho que é assim que acontece na vida de vez em quando. As coisas mudam, as pessoas mudam. — E ela fala com tanta sinceridade e parecendo tão introspectiva que eu sinto uma pontada de paranoia, como se, em algum nível, esse sentimento também se aplicasse a nós. Faço uma anotação mental para passar a (parafraseando Esther) soltar menos peidos e comprar mais flores.

— Quanto tempo ele vai ficar aqui?

— Não muito tempo.

— E quanto é não muito tempo?

Ivy encolhe os ombros.

— Ele é meu irmão.

— Não me leve a mal, ele é gente boa. Mas o sofá não tem tamanho para nós três. — Isso deveria parecer engraçado, mas estou meio irritado, por isso acaba soando da forma errada. — Vamos precisar de um barco maior — continuo, lembrando a frase clássica de *Tubarão* para tentar aliviar o clima.

— Você pode se sentar na poltrona.

Não na minha, nela não posso.

É verdade, Ivy tem uma poltrona. Uma porcaria barata, comprada numa loja de segunda mão, que ela mesma lixou, colou, preencheu, envernizou e reestofou usando um veludo com imagens de rosas. Nada disso a deixou mais confortável — é como tentar relaxar num esqueleto coberto por um padrão floral. Minha poltrona, por sua vez, é marrom-escura, reclinável, tem bolsa para revistas, além de conter estofado suficiente para deter um trem desgovernado. Se você jogar um bebê da janela do terceiro andar direto nessa poltrona, ele vai quicar e cair no sono. É óbvio que já discutimos isso, mas, segundo Ivy, minha poltrona briga com o tapete, as cortinas e o sofá. “Couro combina com tudo”, disse eu. E, certamente pensando que estava sendo engraçada, ela rebateu: “Então vai ficar bem no quarto de hóspedes, não acha?”.

Eu deixo o assunto de lado, porque é isso que se faz, não é? Você cede, abaixa a cabeça, se adapta, deixa pra lá. E era isso que eu devia fazer agora, mas (culpa de Frank) já bebi vinho demais para isso.

— Não na minha — digo, em voz alta.

Ivy olha para mim — *de novo essa história* — como se estivesse decepcionada.

O quarto de hóspedes fica ao lado do nosso, e pelas finas paredes ouvimos Frank fazer barulho. A julgar pela repentina cacofonia de tiros, explosões e gritos, Frank acabou de ligar minha TV HD de 42 polegadas. Por isso, agora é a minha vez de fazer cara de irritação.

Ivy sai da cama, bate na parede e grita:

— Abaixa esse volume! — O som é reduzido pela metade e fica só um pouco alto. Ivy bate na parede de novo. — Mais!

— Desculpa! — grita Frank.

O volume é abaixado de novo, e agora não passa de uma reverberação irritante que ultrapassa a parede.

— Você não respondeu. Quanto é não muito tempo?

Ivy volta para a cama.

— Não sei. Uma semana, talvez umas duas.

— Caramba, o Natal é daqui a três semanas.

— O.k., ele sai antes do Natal.

— O.k.

Ivy desliga a luz. E nenhum de nós diz *Eu te amo*.

Quando o filme do Chuck Norris acaba, ouvi Frank sair da cama e mexer nas coisas. Parecia fuçar dentro dos móveis, e só quando eu ouvi mais tiros e o ronco de um motor potente e familiar foi que me dei conta de que ele havia encontrado e ligado meu Xbox para jogar GTA. Ivy, claro, roncava num sono profundo. Após o GTA, Frank colocou um jogo de tiro que eu não consegui identificar e, em seguida, tenho quase certeza de que foi o Resident Evil. Não sei a que horas dormi, mas foi depois das duas, e, quando apaguei, minha mente se viu presa num looping irritante e sem fim: Ivy e os hóspedes-surpresa, primeiro os bebês (*tudo bem*) e agora Frank. Meu sono foi infestado de sonhos banais com situações estressantes (portas trancadas, chaves perdidas, cadeira rangendo), e, quando acordo pouco antes das sete, a sensação é quase de alívio. Ainda está escuro lá fora, mas o despertador ao lado de Ivy ilumina o suficiente para eu enxergar seu rosto. Ela parece estar sorrindo no sono, mas talvez seja apenas resultado da cara esmagada no travesseiro. Beijo sua bochecha, saio da cama, ponho uma calça de corrida e uma camisa de malha, então me retiro do quarto em silêncio.

Estou bebendo café no sofá e lendo o capítulo de *Ardil 22* onde Ivy parou, quando Frank aparece destrambelhado de cueca. E ele é de fato um espécime exemplar: ossudo, musculoso, revestido por uma grossa camada de gordura e pelos. Quando visitamos os Lee em Bristol, Ivy chamou o irmão de gorila, e a realidade seminua e crua fica a um curto passo evolucionário disso — ao parar na minha frente, bocejando e coçando a axila, Frank parece recém-saído da caverna, não do quarto.

— Bom dia, companheiro — cumprimenta ele em voz alta. Faço sinal para ele abaixar a voz e aponto para o corredor onde, tomara, Ivy continua dormindo.

Frank encolhe os ombros e faz uma careta como quem diz *Foi mal* e vai pegar um café no bule. Então, senta-se ao meu lado e cruza as pernas embaixo do corpo, pressionando firme o

joelhão peludo na minha coxa. Sua cueca tem abertura frontal, e acabo vendo mais do que queria pelo corte no tecido.

— Bom dia — repete, sussurrando. — Dormiu bem?

— Não muito.

Frank anui como se isso não lhe interessasse de verdade.

— Está lendo o quê? — pergunta, esticando-se na minha frente para pegar o romance no braço do sofá. Fecho os olhos enquanto seu tronco preenche meu campo de visão, e um pelo qualquer roça a minha bochecha.

Quando reabro os olhos, Frank está examinando a capa de *Ardil 22*.

— Clássico — comenta, rindo. — Major Major Major Major. — Não entendo a piada.

Frank bebe café, coça a barriga e se espreguiça todo.

— Não está com frio? — pergunto, torcendo para que esteja.

— Nunca fico com frio — responde e esfrega a mão no peito peludo. — Mas vou falar: estou morrendo de fome.

Imediatamente penso nas quatro linguças caras que comprei ontem à noite sendo preparadas no café da manhã de hoje.

— Tem cereais no armário — informo. — Pode se servir à vontade.

— Eu vou — diz e salta do sofá, fazendo um estrondo ao pisar no assoalho.

— Estão no armário em cima da pia. As tigelas ficam à esquerda, e as colheres na gaveta à sua direita.

Frank faz uma montanha de cereais na tigela. Então peida, mas não comenta nada.

— Quer um pouco? — pergunta, chacoalhando a caixa para mim.

— Estou sem fome — respondo, contando uma meia verdade. Estou esperando Ivy se levantar para fazer uns sanduíches de linguça bem caros.

Frank abre a geladeira.

— Leite, leite, leite. Tem integral?

— Só desnatado, infelizmente.

Frank suspira.

— Tudo b... epa, espera aí! Agora, sim, o papo ficou bom! Você se importa? — pergunta, tacando as linguças na bancada.

— Na verd...

Ivy aparece na sala bocejando e coçando os olhos.

— Bom dia, mocinhos.

— Bom dia, mana. Vai umas linguças?

— Que ótimo. A frigideira está no armário perto do lava-louça.

— Lava-louça? Essa informação teria sido útil ontem de noite, não acha?

— Hoje em dia ele está mais para quebra-louça. Parei de usar quando ele quebrou minha caneca preferida.

— Tem café — informo.

— Não, já acabou — diz Frank. — Faça mais?

— Você é o máximo — diz Ivy ao irmão.

Quase digo uma coisa para esclarecer as coisas, mas as palavras ganham um sabor mesquinho na minha boca, e eu as transformo num bocejo longo e ruidoso. Ivy se junta a mim no sofá, beija

minha bochecha e pisca para mim — um pequeno gesto só nosso. Significa que ela está pedindo desculpa, me desculpando, que somos dois bobos e que ainda sou o número um dela.

— Não vai comer? — pergunta Ivy.

Balanço a cabeça.

— Vou dar uma corrida.

— Se puder esperar meia horinha, eu vou com você — diz Frank, fritando as linguças, e o cheiro delas na frigideira é enlouquecedor. Olho para Ivy com cara de quem está tramando algo e fazendo uma súplica, e ela me encara de volta com um sorriso cúmplice e acena com a cabeça em direção à porta.

— Eu esperaria, mas se não for agora não vou mais.

— Deixa para outra hora, então — diz Frank.

— Pode apostar — digo, mas eu o aconselharia a não apostar alto.

Não sei quanto tempo corri, mas cobri grande parte do parque Wimbledon Common. Quando volto à nossa rua, estou exausto e ofegante. Certamente me ausentei tempo bastante para Frank terminar seu café da manhã — *meu café da manhã* —, tomar banho e cobrir seu tronco peludo. Pelo menos, era isso que eu pensava. Ao entrar no apartamento, ouço uma pancada alta, o barulho — ao que parece — da porta do banheiro se fechando com Frank lá dentro. Como se o brutamontes peludo estivesse de olho em mim pelas persianas, esperando eu enfiar a chave na fechadura para sair correndo, aos risos, para o banheiro. Ivy está lendo deitada no sofá.

— Oi, querido — cumprimenta, sentando-se e colocando *Ardil 22* no braço do sofá.

Eu me recosto no batente da porta e estico o corpo, e Ivy, por sua vez, tira as pernas do sofá e se arrasta para a cozinha, onde pega um pano de louça e enche uma caneca com água. Grávida de gêmeos com dezenove semanas, ela está assustadoramente grande e anda com uma morosidade correspondente.

— Toma aqui.

Ela me entrega a água. Bebo metade da caneca de uma golada só e uso a toalha para secar o suor do rosto e do pescoço.

— Sinto muito pelas linguças — diz ela, voltando ao sofá. — E pelo *boeuf bourguignon*.

— Tudo bem — digo, indo em direção à poltrona.

— Nananinanão — diz Ivy, então aponta para o chão em frente ao sofá.

— Não sei por que está preocupada com um suorzinho de nada. Daqui a alguns meses, essa poltrona vai ficar coberta de vômito, xixi e cocô. Tudo vai ficar assim.

— Que maravilha, né? — Ela segura meus ombros e começa a fazer massagem. Eu relaxo, e ela beija minha nuca. Ao longe, escuto a cantoria de Frank no chuveiro. Não consigo descobrir a música, mas parece ao menos que ele tem alguma afinação.

— Alguém parece bem feliz — digo.

— Tenha paciência. Está difícil para ele. Eu sei que às vezes ele é meio esquisito... na verdade, *muito* esquisito.

— Um esquisitus maximus?

— Sim, muito esertinho. — Ivy pressiona os dedos no meu pescoço e começa a subir dos ombros para a base da cabeça. — Enfim.. eu sei que não se deve ter irmão preferido etc., mas, bem, Frank é o meu. É o que tem idade mais próxima da minha, e ele sempre me defendeu na escola.

Minha cabeça formiga com a massagem de Ivy, e começo a gemer baixinho. Com isso, espero dar a entender tanto que estou ouvindo quanto que gostei da massagem.

— No segundo grau foi pior — continua. — Por causa das minhas cicatrizes, sabe? No primário, sei lá, acho que as crianças eram inocentes demais, ou talvez tivessem medo de se meter em problema. Mas, quando eu passei para o segundo grau... Scarface, Monstrenga, Noiva do Frankenstein...

A produção publicitária em que nos conhecemos se chamava “Os monstros” — quatro peças com crianças transformadas em várias figurinhas carimbadas de filmes de terror: vampiro, lobisomem, zumbi e, claro, Frankenstein. Já não é a primeira vez que eu me pergunto como ela deve ter se incomodado com a situação.

— Tinha um filho da mãe chamado Aaron Harding — continua. — Ele me chamava de Quebra-Cabeça e dizia que não dava para me montar. E, de todos os apelidos, esse foi o que mais durou. Ele fazia uma riminha na sala de aula, e o resto da turma caía na gargalhada. E, quando eu enrubesço, as cicatrizes ficam mais visíveis do que aquelas tiras de gordura no bacon... não, do que... desculpa, eu sou péssima com analogias.

— Pelo menos você se sabe o que é uma. — Começo a me levantar, mas Ivy empurra meus ombros para baixo e continua massageando minhas costas. — Vamos proibir isso aqui.

— O que? Analogias?

— Não, os quebra-cabeças, sua cabeçuda.

— Que poético.

— Culpa da sua influência literária.

— Foi por isso que me chamou de cabeçuda?

— Foi, cabeção.

— Se eu fosse você pararia por aí. Como eu dizia, isso foi no terceiro ano do segundo grau, e Frank estava só um ano atrás de mim. E ele sempre foi grandalhão. Nasceu com quase cinco quilos, coitada da minha mãe. Enfim, no segundo ano, Frank era titular da equipe de rúgbi do terceiro. Assim como o idiota do Harding.

— Que beleza. Aí seu irmão quebrou esse Harding ao meio?

Ivy deu uma risada.

— Frank? Ele é um meigo, nunca bateu em ninguém na vida. Não, o que ele fez foi melhor do que isso: espalhou o boato de que Harding tinha um pênis minúsculo.

— E tinha?

— Segundo Frank, não. Mas também não era grande o bastante para o boato não pegar. Frank começou a chamá-lo de Salsichinha, daí o time inteiro começou a imitar, depois o resto da turma e por fim a escola inteira. O engraçado é que, já no fim do segundo grau, ninguém me chamava mais de Quebra-Cabeça. Na verdade, toda essa coisa de apelidos tinha praticamente parado. Mas continuaram chamando Harding de Salsichinha até o dia em que ele saiu.

— Tudo graças a Frank.

— Tudo graças a Frank.

O irmão preferido de Ivy continua no banheiro, gargarejando o refrão de “Bohemian Rhapsody”.

— Então, ele é um meigo?

— Feito um gatinho.

— Você acha que eu ganharia dele numa briga?

Ivy dá uma gargalhada tão alta e repentina que sinto sua saliva, seu ranho ou as duas coisas na minha nuca.

— Ai, meu Deus, me desculpa! É só que... você se lembra do *Tom e Jerry*, de como o buldogue jogava o Tom de um lado para outro, como se fosse uma boneca de pano?

— Isso não é do meu tempo. Era colorido ou preto e branco?

Ivy dá um peteleco na minha orelha.

— Mais uma dessas e eu vou soltar meu buldogue em cima de você.

Numa variação da noite anterior, Frank dorme em frente à TV, enquanto Ivy está tão acordada quanto uma criança de cinco anos que se entupiu de bolo de chocolate. Ela fala sobre seu dia, pergunta do meu, fica se remexendo no sofá e dá ideias e opiniões sobre tudo, do filme de sábado à noite à cor das minhas meias. Frank acorda de repente (Ivy enfia o dedo molhado em seu ouvido) e vai para a cama — e então ela anuncia que vamos passear.

— São quase onze da noite.

— E daí?

— E estamos no inverno.

— E...?

— E você está grávida de dezenove semanas. De gêmeos.

— Eu sei. Segundo trimestre, lindo! Agora, vai pegar seu casaco.

Dizer que ela pulou do sofá seria exagero, mas ela fica de pé em menos de um minuto, o que, diante das circunstâncias (cerca de dez quilos a mais de peso), é um feito impressionante.

Os bares já fecharam, e o amplo gramado está silencioso enquanto passeamos em volta do lago dos patinhos e nos aproximamos da área mais arborizada do Wimbledon Common.

— Que fantasmagórico — diz Ivy. — Está com medo? Aposto que está.

— Estou é congelando.

De braços dados, Ivy me puxa com força mais para perto.

— Eu tenho calor de sobra. É só se aconchegar em mim.

— Só espero que você não esteja querendo fazer disso um hábito.

— Shhh, não estrague o momento. Eu vou ficar estirada no sofá pelas próximas dezessete semanas. Aproveite enquanto pode.

— Não parece muito, né? Dezessete semanas.

— Pois é. Em breve, vamos ser quatro.

— Imagino que a gente vai passar muito tempo aqui com os gêmeos. Fazendo piqueniques, andando de bicicleta, soltando pipa.

— Brincando de caça ao tesouro.

— Com barquinhos de papel.

— Está vendo aquelas árvores?

— Não estou vendo nada.

— Elas ficam *lotadas* de castanhas-da-índia no outono. Centenas e centenas delas.

— Não sabia.

— Lá em casa, eu sempre ganhava o concurso de melhor castanha-da-índia. Ninguém sabia,

mas o truque é deixar de molho no vinagre para depois cozinhar.

— Isso não é trapaça?

— É por esse tipo de atitude que você nunca va... — Ivy para. — Shhh, olha...

— O quê? Onde? — Ela aponta meu queixo para uma área com árvores esparsas de troncos finos. Alguma coisa se mexe, e um par de olhos reluz do matagal. Meu coração acelera.

— Que porra é essa?

— Um duende.

— E também dá para comer duende?

— Dá, mas é melhor usar como pantufas.

Dou uma risada silenciosa.

— Espera aí. O que aconteceu com as pantufas que eu comprei para você?

— Meus pés ficavam morrendo de calor com elas, e os pelos me davam coceira nos tornozelos.

Ivy suspira.

— É melhor eu devolver, então.

— Ah, não. Eu adoro as pantufas. Só não... nos meus pés.

O duende dispara dos arbustos como se fosse atacar.

— Meu Deus! — Isso sou eu quem diz.

— Calma, é só uma raposa.

A raposa está a uns vinte metros agora, de frente para nós, desafiante. Escuto a minha respiração enquanto os três nos entreolhamos em um silêncio ensurdecedor.

— Sabe a que velocidade correm as raposas?

— Deixa de ser frouxo. Ela está com mais medo de você do que você dela.

— Isso é muito discutível. Detesto raposas.

— O que as raposas já fizeram contra você?

— O que as raposas já fizeram *para* mim?

— Bom, elas comem ratos, para início de conversa. Sem as raposas, você ia tropeçar em ratos do tamanho de bebês por aí.

— Que bela imagem. Agora podemos ir para casa, por favor?

Ivy bate palmas.

— Vai embora! Xô!

A raposa a encara com desdém por um instante, então dá meia-volta e vai embora despreocupada.

— Viu? — digo. — Elas são arrogantes.

— O problema das raposas é que elas têm uma péssima assessoria de imprensa.

— Como assim?

— Sabia, por exemplo, que as raposas formam unidades familiares sólidas?

— Não sabia dessa.

— Bom, elas formam — diz Ivy, e voltamos a caminhar. — E se reproduzem feito loucas.

— Sorte a delas.

— E, quando os filhotes nascem, os tios e os irmãos mais velhos se juntam para ajudar na criação. É de dar vergonha a algumas famílias humanas.

— Quando foi que você virou especialista em raposas?

Ivy cantarola as sílabas de *Eu não sei*.

— Devo ter lido em algum lugar.

— Está certo. Retiro o que disse. As raposas são fantásticas.

— Raposo é um bom nome.

— Nem vem.

— Ou Fantástico Sr. Raposo.

— Só falta terem superpoderes.

— Por falar nisso, qual é o seu superpoder preferido? — pergunta Ivy, puxando meu braço e me levando mais para dentro do bosque escuro. — Para mim é o controle da mente. Ou a viagem no tempo.

— E visão noturna?

Ivy começa um monólogo longo e superficial sobre os prós e contras da viagem no tempo. Faz quatro meses que fizemos aquela road trip repentina de Londres até a região noroeste do país. Ivy já estava grávida na época, mas não fazíamos ideia do duplo milagre que estava se desenvolvendo atrás de seu umbigo. Hoje parece que isso aconteceu há uma vida, e de certa forma foi — *duas vidas*, na verdade. Quando não estávamos na cama, no carro ou no bar, passeávamos pelos campos no fim do verão, sem rumo, jogando conversa fora. Nada muito diferente do que estamos fazendo agora. Vai demorar mais ou menos dezoito anos para reconquistarmos esse tipo de liberdade extravagante, mas em troca vamos ter piqueniques, pipas, caças ao tesouro, duendes e todas as castanhas-da-índia que uma criança pode querer. Do meu ponto de vista — andando na lama fria e ouvindo as divagações nonsense de Ivy sobre a relação de causa e efeito na física quântica —, parece um ótimo negócio. Enquanto Ivy expõe os dilemas inerentes a interferências históricas (assassinar Hitler, salvar Hendrix), eu fico com a certeza de uma coisa: se pudesse voltar ao dia em que Ivy engravidou, eu não mudaria absolutamente nada.

Normalmente eu visito El às terças, mas Ivy tem trabalho amanhã, então cá estamos nós — eu, Ivy e El — no Museu de História Natural, numa segunda-feira de manhã fresca em dezembro.

A última vez que vi El — há seis dias —, seguimos um padrão parecido ao de todas as outras terças: comemos pizza, bebemos cerveja sem álcool, e El dormiu vendo um DVD. A diferença foi Phil: ele voltou do bar mais bêbado, choroso e sentimental do que de costume. Tenho certeza de que parte disso se deve ao documento para a recusa de tratamento enfiado numa gaveta de seu escritório — quatro páginas assinadas atestando que El simplesmente não está doente, mas morrendo a um ritmo indeterminado. Quanto à outra parte Phil só falou *en passant*, mas acho que tem muito a ver com a solidão. Ele passa praticamente o dia inteiro com El: não com o El pelo qual se apaixonou, mas com uma cópia malfeita do original, que só serve para lembrá-lo a todo momento de quem perdeu e de tudo que ficou para trás. Quando Phil voltou do bar terça passada, estava tão bêbado que teve medo de carregar El escada acima, daí me pediu que fizesse isso por ele. Agora El fica em outro quarto e dorme numa espécie de berço. Sobre seu colchão de solteiro se estende um casulo inflável que o protege dos quatro lados e evita que ele caia da cama ou bata no estrado de madeira, ambas situações de grande risco, tendo em vista que seus tiques e espasmos se agravaram.

— O pobre coitado não descansa nem quando dorme — contou-me Phil, enquanto chorava.

Phil começou a tomar antidepressivos, mas os remédios não estão surtindo efeito, e isso é tão evidente quanto suas olheiras. Eu me ofereci para passar o dia com El na rua, e mais uma vez Phil ficou com o pé atrás.

No sábado, quando falei com Ivy sobre o assunto, ela disse que deveríamos “sequestrar El” e levá-lo para passar o dia no Museu de História Natural. E é dessas coisas que o amor é feito, suponho, porque eu nunca (em nossos quatro longos meses juntos) me senti tão próximo de Ivy quanto nesse momento. Houve outras situações, óbvio — a primeira vez que fizemos amor, o dia em que vimos nossos bebês pela primeira vez no monitor de ultrassom, a noite em que Ivy me pediu que fosse morar com ela —, mas, embora todos tenham sido maravilhosos e profundos, até certo ponto esses momentos também eram inevitáveis: um milhão de casais faz essas coisas todo santo dia. Mas a empatia e a compreensão diante da situação de El e Phil, o desejo de se envolver — tudo isso me faz lembrar do quanto eu a amo.

Telefonei para Phil esta manhã para saber se ele e El estavam em casa. Falei pouco mais do que “preciso ir aí pegar uma coisa”. Nem Phil nem El conheciam Ivy, e sua visita surpresa gerou comoção e risos suficientes para Phil não impor resistência quando anunciamos a intenção de levar El para passar o dia fora. Pedimos um táxi, que chegou antes de terminarmos a primeira xícara de café. Só espero que Phil faça bom uso do dia livre.

Quanto a El, faz muito, muito tempo que não o vejo tão feliz ou animado. Agora ele tem uma

cadeira de rodas. Ainda consegue andar, mas se cansa depressa, e as escadas são uma barreira quase intransponível. Ivy também se locomove com lentidão e se apoia nas alças da cadeira de El para dividir parte do peso que carrega enquanto a empurra até o hall central do museu.

Boa parte da empolgação de El vem da perspectiva de passar o dia no museu, mas ele também está exultante por finalmente conhecer Ivy e não parou de falar com ela desde que o colocamos no táxi. Ele até conseguiu acertar seu nome. Quando entramos no museu, porém, até El se cala. A palavra que me vem à mente é “cavernoso”, mas nenhuma caverna seria tão extensa ou iluminada. O amplo chão de azulejo é margeado por duas fileiras de arcos de terracota com mais ou menos seis metros de altura, conduzindo o olhar para um teto em abóbada, composto de painéis decorativos e grandes placas de vidro. No fundo do hall, uma fileira de vitrais altos filtra a luz do sol e lhe dá uma tonalidade rosada. “Majestoso”, “etéreo”, “magnífico”, “opulento” — todas essas palavras se aproximam mais do que quero dizer. Você quase pode passar pela peça mais famosa do museu sem notá-la, mas é claro que ninguém chega a esse ponto. É cedo, e ainda estamos em época de aula, então o público é menor do que poderia ser. Mesmo assim, contam-se umas centenas de pessoas no hall principal. E, claro, elas estão completamente vidradas no esqueleto de dinossauro de 26 metros de comprimento que ocupa o lugar de honra.

— J... Jesus! — El aponta para a gigantesca pilha de ossos cor de mogno. — O... olha o tamanho desse d... dinossouro! — exclama, e sua voz ecoa pelo espaço glorioso. — C... certo, vamos ex... explorar.

Sem El, talvez tivéssemos seguido com a multidão, mas tanto a cadeira de rodas quanto seu assombro desembaraçado nos obrigam a ir num ritmo mais lento e calculado. Depois de se formar em biologia pela Universidade de Bristol, El veio para Londres conseguir um Ph.D. em alguma coisa relacionada a insetos e DNA. Talvez por isso fique tão estranhamente quieto, ou até reverente, enquanto paramos, mudos, diante dos fósseis, modelos e espécimes empalhados de criaturas pré-históricas, extintas e — dá até para se deixar convencer — simplesmente imaginadas. Analisamos vitrines com conchas, minerais, dentes e fezes petrificadas (“cocô de dinossauro!”). Paramos com calma diante das caixas de vidro com borboletas, crânios e pegadas preservadas de cem milhões de anos. Numa placa quadrada de pedra, um fóssil de arqueópterix parece tirado de um conto de fadas pré-histórico, e um crânio de golfinho ornamentado me deixa arrepiado. Olhamos boquiabertos para um mamute-lanoso, um tigre-dentes-de-sabre, um ornitorrinco e um gorila sinistramente parecido com Frank.

— Quer que eu empurre? — pergunto a Ivy, e ela aceita.

— Já vai treinando — diz El. — Para quando os b... babas ch... chegarem.

Paramos diante do crânio do homem de Neanderthal. O osso amarelado está quebrado e incompleto, como se tivesse caído e se partido em algum momento dos últimos cem mil anos. Depois de observá-lo por um minuto, El se vira para Ivy e a encara. Então, leva a mão trêmula à bochecha, como se quisesse saber se seu rosto tem uma cicatriz como a de Ivy.

— F... Fisher não me contou. O q... q...

— O que aconteceu? — completa Ivy.

El faz que sim.

Ivy sorri, se agacha ao lado da cadeira e alinha seu rosto com o de El.

— Quando eu tinha oito anos, decidi sapatear na mesinha de centro.

A cabeça de El bamboleia. Ele faz uma careta de quem não acredita.

— É sério — continua Ivy. — A mesa era de vidro temperado, então achei que não teria problema. Mas hoje já faz tanto tempo que nem sei ao certo se cheguei a pensar qualquer coisa na hora.

— C... caramba. A... aposto que não v... vai mais fazer is... isso.

Ivy cai na gargalhada e balança a cabeça. Eu estava receoso de apresentar El a Ivy, de ele dizer algo que a ofendesse ou me incriminasse. Mas, vendo os dois juntos, eu relaxo e fico arrependido de não os ter apresentado há mais tempo.

Antes de irmos embora, paramos em uma vitrine com a primeira edição de *A origem das espécies*, de Charles Darwin. E isso prende a atenção de El mais do que qualquer outra coisa que vimos ao longo do dia, com exceção do cocô de dinossauro.

— O v... velho Ch... Charlie. É o meu he... he...

— Herói.

El balança a mão para rejeitar a palavra, frustrado, como se isso o irritasse, mas acaba fazendo que sim com a cabeça. O exemplar antigo do livro de Darwin está ao lado de uma imponente estátua de mármore do grande homem sentado numa cadeira robusta, a barba na altura do peito, o casaco dobrado sobre os joelhos. É impossível não notar a semelhança entre meu amigo na cadeira de rodas e Charles Darwin em seu trono de mármore branco.

— A g... g... nética é f... foda.

E, vendo El sentado diante de seu ídolo, tomado de contrações e espasmos, sentindo-se diminuído... com a trilha sonora certa, eu poderia chorar.

— M... muito bem. Eu preciso fazer x... xixi, e um de v... vocês dois vai ter que se... segurar a minha imp... impressionante peça de exposição. — Ele abre um sorriso para nós, desfrutando os efeitos de suas palavras conquistados a duras penas.

Charles Darwin pode muito bem ter desenvolvido a teoria da seleção natural, mas aposto tudo o que tenho: ele não era tão engraçado quanto meu amigo El.

Almoçamos tarde num restaurante chique de South Kensington. Agora El tem dificuldade para segurar talheres, por isso trouxemos os dele — um garfo e uma faca com empunhaduras de bicicleta nos cabos para facilitar que ele os segure. Toda vez que o garçom traz algo à mesa, El levanta a faca e toca uma campainha de bicicleta imaginária. Longe de se sentir ofendido por esse comportamento num restaurante avaliado pelo Guia Michelin, nosso garçom parece se deleitar. Muitos ricos e famosos vivem nas redondezas, então talvez ele esteja acostumado com gente excêntrica. De qualquer forma, eu lhe dou uma gorjeta bem polpuda, mas isso, também, parece não ser nada fora do comum — ao menos não para o garçom.

— Você de... devia po... poupar — diz El e aponta um dedo trêmulo para a barriga de Ivy.

— Ele tem razão — concorda ela. — Agora você é chefe de família.

— P... posso tocar? — pergunta El, com uma cara de criança pedindo para afagar um cachorrinho.

Ivy gira sua cadeira para ficar de lado para El, pega a mão dele e a coloca dentro da blusa, sobre sua barriga inchada. Fico esperando um comentário indecente ou uma insinuação de El, mas ele simplesmente fecha os olhos e fica parado (o mais parado que consegue), com a mão na barriga de Ivy.

— Sentiu eles se mexerem? — pergunta Ivy após ele tirar a mão.

El faz que sim. Quando abre os olhos, vejo que estão marejados. Ele se vira para mim e pergunta:

— E aí? V... vai p... pe... pedi-la em casamento ou o q... quê?

Ivy dá uma risada constrangida, e eu peço licença para ir ao banheiro.

Quando vamos deixar El em casa de táxi, ele se senta ao lado de Ivy no banco traseiro, segura sua mão e, depois de apenas alguns minutos, cai no sono com a cabeça encostada no braço dela. Ivy lhe faz carinho na cabeça, distraída.

Já são quase cinco da tarde quando deixamos El em casa, e eu o ajudo a subir os degraus da porta da frente enquanto o motorista tira a cadeira de rodas do porta-malas. Phil nos convida para tomar vinho, mas Ivy e eu estamos acabados, e o táxi aguarda para nos levar para Wimbledon. Com El instalado em segurança diante da TV, Phil nos acompanha até o táxi para se despedir.

— Semana que vem, na mesma hora? — diz e, ao ver a nossa reação, dá uma risada. — Precisavam ver as caras que vocês fizeram! — exclama e ri fora de controle, até que começa a secar as lágrimas. Faz meses que eu não o vejo tão relaxado, e isso me faz sentir muito bem comigo mesmo, mas não o suficiente para morder a isca.

— Sabia que tem lugares onde dá para deixar El sob cuidados durante o dia? — pergunta Ivy.

Phil olha para as nuvens, põe as mãos nos bolsos, mas as tira logo depois.

— Talvez seja bom para você — continua Ivy. — Para vocês dois.

Phil suspira, como quem concorda ou está considerando a possibilidade. Então põe a cabeça dentro do táxi, dá um beijo na bochecha de Ivy e se vira para mim.

— Se eu fosse você, William, enfiaria uma aliança no dedo dessa garota o quanto antes — diz ele, e aí, claro, se debulha em lágrimas.

Ivy dorme no caminho de volta para Wimbledon, e, se existe um homem mais feliz preso num engarrafamento na hora do rush esta tarde, eu gostaria de cumprimentá-lo.

Quando Frank volta do trabalho, pouco antes das oito, estou cochilando na frente da TV, que está passando um programa sobre casas, e Ivy lê o livro escolhido pelo clube. Frank aparece com quatro sacolas cheios de compras, e, depois de um oi apressado, tira a roupa de trabalho e começa a fazer um espaguete à bolonhesa para nós três. Claro que é um gesto legal, mas me passa a forte sensação de que ele está se mudando para cá.

Esta é apenas sua quarta noite com a gente, portanto ainda é muito cedo para formar uma opinião concreta do sujeito, mas ele parece estranhamente quieto durante o jantar. Vai ver está cansado — afinal, é o primeiro dia de sua semana de trabalho. Frank divide o tempo entre o Hospital St. Mary, em Paddington, e uma clínica particular em North London. Não sei para onde Frank foi hoje, mas em ambos os casos o trajeto a partir de Wimbledon é bem longo, e ele certamente está ganhando o suficiente para alugar um apartamento próprio numa localização mais conveniente. Como prelúdio para jogar essa sementinha em sua cabeça, pergunto quanto ele demorou para chegar ao trabalho de manhã, mas, em resposta, Frank simplesmente dá de ombros e solta um resmungo. Comento que nunca se pode contar com o metrô, então Frank pega a louça suja e a lava na pia.

Ligo a TV e assistimos a um casal de nariz em pé transformar uma cervejaria abandonada em uma mansão avaliada em um milhão de libras que aproveita as instalações originais, é ecologicamente correta e tem piscina. Ivy dorme em menos de cinco minutos, mas, mesmo

morrendo de cansaço, ainda falta um minuto para as nove, cedo demais para entregar os pontos. Começo a zapear os canais, e Frank se joga no sofá no exato instante em que ponho num canal que está passando a sequência de abertura de um filme do Arnold Schwarzenegger.

— Cerveja — diz, entregando-me uma garrafa aberta.

Jogo conversa fora durante o filme, não porque quero saber como foi o dia de Frank, quantos quartos tem a casa dele em Bushey ou se ele joga na equipe local de rúgbi... faço essas perguntas porque quero fazer o chato sentir falta de casa. Pergunto sobre o Natal, porque o Natal é o tempo das crianças e porque quero descobrir se Frank tem ou não interesse em salvar o casamento e continuar fazendo parte da vida do filho. Ele responde às minhas perguntas monossilabicamente, mas de forma bem eloquente à minha linha geral de investigação, logo depois de o sr. Schwarzenegger atirar na cabeça de Sharon Stone, sua esposa traiçoeira.

— Considere isto um divórcio — diz Arnie.

— É isso aí, parceiro — diz Frank.

E, ao que parece, esse é o fim da linha para Frank e Lois.

Segundo o relógio do criado-mudo, são 2h58 da manhã quando Frank se levanta para mijar quatro garrafas de cerveja, liga o Xbox e começa a atirar para tudo que é lado. E, por mais que eu sinta pena de mim mesmo, pelo menos não sou o pobre coitado que marcou hora para fazer obturações com um gorila cansado, deprimido e de ressaca daqui a aproximadamente seis horas.

Sexta à noite é ruim para uma despedida de solteiro. Mas não resta opção quando você precisa coordenar doze homens e todos, menos um, são casados ou vivem com alguém — e a maioria tem filhos. Na prática, isso significa que eu preciso lidar com os planos e as exigências de mais de trinta indivíduos. Estamos em dezembro, e há presentes por comprar, decorações natalinas empoeiradas por limpar, confraternizações de fim de ano por comparecer, famílias por visitar, caridade por fazer... e hoje é o único dia do mês em que todos os amigos de Joe estão disponíveis. Ivy e eu temos o ultrassom de vinte semanas amanhã cedo — o “ultrassom morfológico”, que busca malformações no bebê —, e foi grande o estresse de Ivy ao descobrir que vou acompanhá-la amanhã estando numa ressaca monumental. Mas, ao que parece, as prioridades do padrinho (e as de sua namorada e seus filhos gêmeos) ficam no fim da lista. Joe só se casa em meados de fevereiro, portanto faria mais sentido a despedida acontecer em janeiro. No entanto, a idade média de quem vai a despedidas de solteiro está mais perto dos quarenta do que dos trinta anos, e, para muitos deles, janeiro é um mês de pegar leve, depois de enfiar o pé na jaca na virada do ano. Em fevereiro cairia perto demais do grande dia, e Jen, a noiva de Joe, não daria sinal verde, por isso cá estamos nós, numa casa de striptease no centro de Londres, na penúltima sexta antes do Natal.

A maioria das despedidas de solteiro acontece no sábado porque você pode se distrair durante o dia participando de corridas de kart, competições de tiro ao prato, fabricando cestas ou sei lá mais o quê. Você pode levar o dia na boa e beber a seu ritmo. Numa sexta à noite, porém, é direto do escritório para o bar. Você passa o dia pensando nisso, olhando o relógio, odiando o trabalho e antecipando o gosto do primeiro gole. Às seis e meia já tínhamos tomado três cervejas cada, às sete e meia atacamos a tequila, e às oito éramos uma turba fervilhante e barulhenta dando tapinhas nas costas uns dos outros. Às nove estávamos apagando em velocidade terminal, e foi então que Joe — com a vista pesada de tanto beber e o brilho nos olhos típico de um maníaco fervoroso — insistiu que fôssemos “ver as tetas”.

Estamos rodeados — literalmente *rodeados* — por mulheres de uma beleza agressiva, em plena forma, ultramaquiadas e praticamente sem roupa. É a concretização de todos os seus sonhos de adolescência, mas, ao olhar para a cara da dúzia de bêbados que compareceram (desdém, desespero, medo, vergonha, arrependimento), a impressão é de que estamos assistindo ao noticiário e recebemos a notícia de que uma atrocidade brutal e incomensurável acabou de acontecer.

— Quer dizer, olha só para isso. Só... Olha. Para. *Isso!* — diz Malcolm, apontando para a bunda que mais lembra um par de balões da stripper que está rebolando a centímetros de seu rosto. Ele suspira e apoia a cabeça nas mãos.

— Nem me fale — concorda Tom, pondo a mão no ombro de Malcolm como que para

consolá-lo.

— Antes de ter filhos, minha patroa tinha a bunda de uma nadadora chinesa — comenta Finn, fazendo o gesto de uma leve curva. — Agora... — Ele olha para as mãos em concha, pesa o conteúdo imaginário que está segurando e faz uma cara feia, como se quisesse saber que diabo é aquilo. — Os peitos, eu até entendo. Tem a coisa da amamentação e tudo o mais. Mas como um filho faz a bunda cair até a coxa? Alguém me explica isso.

O grupo estala a língua, balança a cabeça, bufá e bebe cerveja.

Estas são as vítimas, os ex-garanhões, os gerentes, os professores, os advogados, os maridos e os pais que não conseguem aceitar que já não são mais garotões de dezoito anos. E isto — a vida, o tempo e a realidade — é a atrocidade.

— Tenha um mínimo de tato, sua besta — diz Steve, lançando um olhar na minha direção.

— Desculpe — diz Finn, dando uma palmadinha nas minhas costas. — Não quis ofender. Algumas conseguem se livrar disso, né? Quantos a Victoria Beckham botou no mundo?

— Um monte — responde Tom.

— Exato — diz Finn. — E mesmo assim você comeria ela. Eu sei que eu comeria.

— Eu não pensaria duas vezes — comenta Malcolm.

— Pois é, então talvez a sua mulher... — Finn estala os dedos.

— Ivy — completo.

— Aí viu o quê? — pergunta alguém, provavelmente Dave.

— Então, talvez Ivy não embarque — continua Finn. — Talvez ela dê sorte.

— Obrigado, parceiro — digo, brindando as canecas de cerveja aguada. — Significa muito para mim.

— De nada — responde Finn, sem perceber um pinga do meu sarcasmo.

— Mas veja bem. Ela vai ter gêmeos, certo? — pergunta Steve.

— Isso.

— Hmmm. — Finn balança a cabeça e parece concluir que Ivy tem a mesma chance de dar sorte na gravidez quanto ele tem de dar sorte hoje com Destiny, a stripper.

Ontem saímos juntos à noite, como num encontro. Fui com Ivy ao cinema de novo, desta vez para assistir a uma comédia romântica completamente sem graça sobre gravidez. A única cena mais ou menos engraçada foi a que já tínhamos visto no trailer. Fiquei sentado na escuridão, comendo pipoca e pré-produzindo mentalmente o roteiro do curta de Suzi. Ivy teve que se levantar para fazer xixi duas vezes e bocejou com tanta vontade e tanta frequência que foi contagiante. Devíamos ter saído no meio do filme, mas era apenas a nossa segunda noite de encontro, e acho que nenhum dos dois queria ser o responsável por pedir para ir embora. Depois do filme, minha única vontade era voltar para casa e cochilar no sofá, e tenho certeza de que Ivy pensava a mesma coisa (dor nas costas, tornozelos inchados, indigestão). Mas Frank está no nosso sofá, portanto nossos cochilos já não são mais como antes. Fomos jantar tarde no Village e passamos a maior parte do tempo lá, num silêncio distraído, fruto do cansaço. Ivy trabalhou em um comercial no começo da semana, e, quando eu lhe perguntei como foi, ela respondeu:

— Tudo o.k. Você sabe como é... foi tudo bem.

Ivy me perguntou como estava o anúncio do queijo, mas o que há para dizer? *Odiei*; É um lixo; *Eu me sinto uma prostituta*... Respondi que estava caminhando bem.

Comecei a explicar o roteiro de Suzi e, quando dei por mim, estava animado. contei o enredo de *Reinterpretando Jackson Pollock*, e ela disse que odiou o título. Concordei e pedi ajuda para pensar em uma alternativa, mas ela não contribuiu com muito. Pelo que percebi, nem tentou. Ivy concordou em ser cabeleireira e maquiadora na produção, e eu lhe perguntei se ela já havia pensado em alguma coisa. Não havia. Confessei que estava nervoso por ter que filmar uma cena de sexo e dei uma risada. Ivy pigarreou, mas não acompanhou minha risada.

O Natal é daqui a onze dias, e ainda temos que combinar onde passar as festas. Sempre que fui para o interior, passei a data com meu pai, mas, também, nunca tive outro lugar para visitar. Pergunto se ela já comprou meu presente, e ela responde:

— Não, ainda não.

Digo que ela vai precisar comprar dois, porque meu aniversário cai no Natal, e ela me diz que já sabe.

— Caramba, você poderia pelo menos fingir interesse.

Eu mesmo me pego de surpresa. Por mais contida, tímida e justificável que seja essa explosão, ela desce tão bem quanto o bife, que, por sinal, está meio decepcionante.

— O que você quer que eu diga?

— Sei lá, qualquer coisa.

— Você mal parou para respirar enquanto fala.

— E você mal abriu a boca para falar.

— Estou cansada.

— Eu sei. Você está cansada há vinte semanas.

Ivy não responde. Corta os brócolis, mas não os come, simplesmente pousa os talheres no prato. Essa deveria ser a minha deixa para recuar, mas eu tenho outra questão por abordar.

— Desculpa se pareço empolgado. Mas essa é a única coisa que eu tenho atualmente.

Não queria que soasse do jeito que saiu, e acho que Ivy tem ciência disso, mas estamos no calor de uma discussão, e, segundo as regras, ela não pode deixar essa passar.

— A única coisa?

— Quer dizer, a única coisa só minha. A única coisa que estou fazendo só por mim.

— O.k. Então talvez seja melhor você conseguir outra maquiadora.

— Não seja assim.

— Assim como?

Geralmente, Ivy é descontraída, brincalhona. Frank e seus pais são do mesmo jeito; portanto, a natureza e a criação claramente andam de mãos dadas. Essa foi uma das primeiras coisas que me atraíram em Ivy e é uma das melhores coisas de morar com ela. Como quando ela arma alguma para mim e abre um sorriso sempre que eu caio na brincadeira e mordo a isca. Mas não há qualquer traço de pegadinha na pergunta que Ivy acabou de me fazer: *Assim como?* Então, talvez eu deva me perguntar por que ela está tão estranha comigo. Por outro lado, não faz parte da minha natureza não ser um completo idiota. O que faz parte da minha natureza é nadar em direção à isca — por mais falsa, grosseira ou assustadora que pareça — e abocanhá-la inteirinha.

— Mesquinha — respondo.

— Mesquinha?

Encolho os ombros e abocanho um pedaço de bife duro.

— Você sabe que dia é depois de amanhã? — pergunta Ivy.

— Sábado?

— É o nosso ultrassom de vinte semanas.

— Eu sei. Você deve ter me lembrado disso umas cinco vezes esta semana.

— Bom, alguém aqui tem que lembrar.

— Por quê? É porque eu tenho que organizar a despedida de solteiro do meu melhor amigo? Achei que a gente já tinha conversado sobre isso.

— Não é disso que eu estou falando. Eu já falei que não me importo.

— Não me pareceu muito convincente.

Um garçom pergunta se terminamos, e dizemos que sim. Ele vai perguntar se queremos sobremesa, mas eu o corto e peço a conta.

— Você sabe como se chama esse ultrassom? — pergunta Ivy, e preciso admitir que não. — Se você tivesse se dado ao trabalho de ler um livro ou gastado cinco minutos na internet, saberia que esse é o ultrassom morfológico. — E ela articula a palavra *morfológico* como se eu fosse um imbecil.

— Bom, agora eu sei, não é? — retruco, e provavelmente a minha cara não me fez parecer mais cativante.

— Você poderia pelo menos fingir interesse — retruca Ivy, devolvendo-me as minhas palavras. Mas, vindo dela, em resposta à minha expressão infantil, o comentário parece carregar dez vezes mais peso.

Paguei a conta e fomos para casa juntos, lado a lado, mas, para todos os efeitos, separados um do outro. Falamos sobre amenidades — o frio, o silêncio, a escuridão —, e a sensação foi de que demoramos o dobro do tempo normal para chegar.

Enquanto Ivy lavava o rosto e escovava os dentes, eu me sentei na beira da cama e pensei em formas de me desculpar. Ao mesmo tempo, porém, me perguntei se deveria. Eu não pedi nada disto, ninguém me perguntou se eu estava pronto para começar uma família, e, diante de como as coisas se deram, acho que tenho sido extremamente magnânimo. *Tudo bem*, disse Ivy a primeira vez que fizemos amor. Mas está? Está tudo bem de verdade? Se alguém precisa pedir desculpas, certamente deveria ser Ivy. Enquanto tentava dormir, repassei diversas vezes o conflito da noite. Analisei palavras, gestos e entoações. No nível racional, quase consegui me convencer de que nada fiz de errado, mas cheguei à conclusão de que, em todos os outros níveis, eu poderia ter tratado a situação com muito mais delicadeza, simpatia, empatia, compaixão e todas as outras coisas boas e adultas. Antes de finalmente conseguir dormir ontem à noite, eu decidi servir o café da manhã para Ivy na cama, e, se desse tempo, correria até uma floricultura (conforme as instruções de Esther) e lhe daria um buquê. Quando acordei, porém, tanto Ivy quanto Frank já haviam se levantado, e eu já estava atrasado.

Esta manhã, Ivy, Frank e eu temos compromissos em lugares diferentes antes das nove e meia, por isso nos alternamos entre banheiro, quartos e cozinha, nos espremendo ao passar um pelo outro no corredor, com o olhar sonolento e o cabelo molhado, andando com o café e a torrada, murmurando “bom-dia” e “você primeiro”. Tentando conseguir cinco (ou mesmo dois) minutinhos a sós com Ivy, eu acabei tomando três xícaras de café e escovando os dentes duas vezes — tudo em vão. Sempre que eu conseguia ficar no mesmo lugar que a mãe dos meus fetos, ela estava saindo do cômodo, ou de boca cheia (torradas, escova de dentes, café), ou

acompanhada de Frank.

Saímos de casa os três juntos, limpos, vestidos e milagrosamente calmos, mas a discussão de ontem à noite (*Briga? Quebra-pau? Certamente foi mais do que uma discussão*) permaneceu no ar. Trocamos sorrisos, tocamos um no outro e perguntamos como foi a noite de sono, mas permanecia ali uma tensão que só se dissiparia com um beijo, um pedido de desculpas e um abraço apertado. Descemos a rua juntos até a estação de metrô, enquanto falamos dos nossos planos para a noite e para o fim de semana. Depois do trabalho, Frank iria para Watford, onde passaria o fim de semana com um amigo; eu, claro, tinha uma despedida de solteiro por coordenar; e Ivy receberia uma velha amiga, Sophie.

Comprei café para todos na estação de Wimbledon, depois entramos no mesmo metrô, onde conseguimos três assentos próximos. Calculei rápido e concluí que o assento de frente para Ivy me daria mais chance de tentar uma reconciliação — eu mandaria beijinhos, faria caretas, articularia um pedido de desculpas —, mas, antes de eu conseguir me sentar, Frank me ofereceu o assento ao lado dela. Por isso, tive que me contentar em pôr a mão em seu joelho e me encostar nela, tentando lhe enviar meu amor e meu arrependimento ao pressionar o ombro no dela. Fui o primeiro a sair do metrô. Quando lhe dei um beijo de despedida, ela encostou a mão na minha bochecha, e tive a impressão de que havíamos resolvido parte da briga. Frank me deu um abraço apertado e um tapinha nas costas, como se quisesse dizer que tudo vai ficar bem, e por fim eu me atirei às pressas contra as portas já prestes a se fechar e caí no mar de passageiros da sexta de manhã.

Joe e eu tivemos reuniões com o diretor de cenário, o departamento de arte e o diretor de fotografia para o comercial do queijo, e eu passei o resto do dia trabalhando em um escritório da Sprocket Hole, tratando dos preparativos finais para a filmagem de segunda. Quando deu cinco e meia, eu havia trabalhado um dia inteiro depois de ter dormido mal a noite anterior, por isso estava pronto para me jogar no sofá e dormir cedo. Uma das últimas coisas que eu queria fazer era beber demais e ir a uma casa de striptease com uma dúzia de sujeitos infelizes.

Nem todo mundo está tão para baixo, porém. Gaz, assistente de direção da Sprocket Hole, está com um sorriso escancarado, totalmente concentrado na mulher em seu colo. Eu sei quanto ele ganha. Não é muito, e só esta noite ele deve ter colocado o salário de uma semana inteira em calcinhas fio dental. Já Bob é um recém-divorciado que está com um olhar tão malicioso, de uma intensidade tão cartunesca (a inquietante impressão é de que a qualquer momento seus olhos esbugalhados vão saltar para fora das órbitas e cair no decote da stripper), que já chamou atenção de um leão de chácara. Até Joe parece estar se divertindo um pouco. E diga o que quiser a meu respeito, mas, se uma garota linda de dezenove anos quer tirar a roupa na minha frente, eu fico mais do que feliz em assistir.

Stan, um velho amigo de Joe, da época de escola, argumenta que o striptease é o derradeiro ato de feminismo.

— Quem tem o poder? Me fala. Elas *escolhem* fazer isso. Pombas, metade delas estuda, poderia trabalhar em um bar, um restaurante, sei lá onde. Mas elas *escolhem* trabalhar aqui. E por quê? — Stan esfrega o polegar no indicador. — Pois é, exatamente. Grana, *a nossa* grana. Isso aqui não é tráfico humano, essas garotas ganham mais do que a gente. Quer falar de poder? Dá uma olhada no Bob. Ele parece no controle da situação? Claro que não. O explorado ali é ele. O striptease é o derradeiro ato feminista. Queimar o sutiã é legal e tudo o mais, mas mostrar

tudo por grana... isso, sim, é feminismo, porra.

Por mais apaixonada que seja a retórica de Stan, duvido que ele conseguisse convencer uma feminista. De minha parte, eu simplesmente considero grosseria não demonstrar reconhecimento. Essas mulheres trabalham duro, mantêm a forma, comem direito, treinam suas rotinas (tenta jogar o corpo para trás e deslizar pelo mastro de cabeça para baixo sem usar as mãos para se segurar, e tudo de salto alto), e, se a maquiagem não é exatamente sutil, pelo menos está perfeita. Elas são profissionais, e o mínimo que você pode fazer é sorrir para elas. Ao que parece, Joe concorda.

— Caramba! — exclama, batendo a caneca de cerveja com força na mesa. — Eu estou tentando aproveitar isso aqui.

— Desculpe — diz Malcolm.

— É, foi mal, cara — diz Finn.

— Aprendam com o garoto aqui. — Joe dá um tapa tão forte nas costas de Gaz que o nariz do rapaz quase se enfia entre as nádegas de uma stripper.

— Nossa senhora, que gostosa — diz Tom, sem convencer.

— Tira! — pede Stan, um tanto redundante.

E, no momento em que todos começam a se empolgar, a coisa toda rapidamente descamba para o grotesco.

— Gnnurghafffkkk! — solta Bob, chamando a atenção de quem está próximo, incluindo sua stripper (Mercedes) e o leão de chácara.

Com o maxilar travado e os tendões do pescoço saltados, Bob parece que está tentando levantar um carro para salvar uma criança de dois anos. E, mesmo com a luz escura e azulada do lugar, dá para ver que seu rosto está corado de tanto esforço para se concentrar. Mercedes dá um passo para trás, olha meio hesitante para o leão de chácara e — numa atitude que lhe vale um crédito eterno — continua dançando.

Bob abre a boca e arreganha os dentes numa careta horrenda e feroz que, por si só, já deveria lhe valer um confinamento numa prisão de segurança máxima.

— Struffnprnrngnang — solta Bob, balançando a cabeça como se estivesse repugnado.

Também olho para o leão de chácara, e sua postura me faz lembrar a de um lutador esperando o soar do gongo.

— Que merda você está aprontando aí, Bob? — pergunta Joe, forçando uma risada.

O grupo inteiro olha para Bob, bebidas paradas a meio caminho da boca, as outras strippers deixadas de lado por um instante.

Mercedes — que está completamente nua, exceto por uma tiara e uma pitada de purpurina — sorri meio sem jeito, levanta os braços e rebola como se fosse uma serpente saindo do cesto. E, ao que parece, essa é a gota d'água para Bob.

Ele avança com a mão esticada e os dedos abertos, como quem vai receber uma bola de basquete, e leva a outra ao meio das pernas. Antes de Bob sequer conseguir sair do banquinho, o leão de chácara surge como um raio, pula em cima dele, lhe aplica uma gravata e, com a outra mão, segura seu braço esticado. De repente a boca de Bob destrava, e ele solta um grito — não, um berro — tão angustiante que o sujeito o solta. Bob cai no chão como se tivesse levado um tiro.

O motorista da ambulância diz que é um caso de hérnia inguinal.

— É normal, e ele não corre risco de vida. Mas dói demais — afirma, embora qualquer um com olhos e ouvidos perceba isso de cara. Talvez temendo que um sujeito aos berros e se contorcendo diminua o furor dos outros clientes, dois seguranças tentaram levantá-lo do chão, mas o grito de Bob subiu mais uma oitava. Então, em vez disso, alguém o cobriu com uma manta. Mercedes (estudante de enfermagem, “pode me chamar de Sharron”) fez carinho na testa de Bob e lhe deu água até a chegada dos paramédicos.

— Um bom jeito de pensar no que aconteceu é imaginar que ele simplesmente arrebentou — explica o paramédico, Carlo, um homem bonito cujo uniforme parece ter o único propósito de valorizar seus bíceps. Então, ele se vira para Sharron e continua: — E, francamente, quem é que pode culpar o cara?

— Arrebentou? — pergunta Stan.

Carlo responde virado para Sharron, os dois já estabelecendo uma camaradagem profissional e talvez algo mais.

— Sabe onde fica o canal inguinal?

Sharron balança a cabeça.

— Acho que ainda não vimos isso na faculdade.

— Fica bem aqui. — Carlo põe dois dedos na virilha. — Sabe a membrana? Ela basicamente se rompeu, rasgou, e um pedaço do intestino grosso... pelo jeito, um pedaço... atravessou o talho. É bem nojento.

— Jesus! — Joe infla as bochechas e tapa a boca.

— Intestino? — pergunta Stan.

— Pensem na coisa toda assim: sabe quando você compra linguiça no açougueiro, e elas vêm num saco plástico? Agora, imagine que você começa a pressionar no saco... — Ele cerra os punhos e flexiona os bíceps enquanto finge dobrar uma barra de ferro ou rasgar uma lista telefônica. — Se o saco é fraco, como aqueles de plástico, de supermercado... bom, alguma coisa vai acabar cedendo. — Carlo descontrai os músculos e solta um *Pou!* alto com seus lábios úmidos e carnudos.

— Fascinante — comenta Sharron.

— Acho que vou vomitar — diz Joe.

Todos no grupo vestem os casacos e saem para acompanhar Bob até a ambulância. E a sensação de alívio é palpável, enquanto Gaz é o único ainda meio relutante em dar a noite por encerrada. Sugeriu que fôssemos todos a um restaurante, mas Joe (ainda sentindo enjoo por saber que Bob havia começado o processo de se virar do avesso) não era o único que sequer conseguia pensar em comida. Além do mais, todo mundo tem coisas a fazer amanhã, coisas bem menos dolorosas quando não realizadas de ressaca: visitar os sogros, comprar o peru, consertar o assento da privada. Sharron nos leva até a porta (ela e Carlo trocaram telefones); de botas, calça de corrida e uma blusa larga, ela parece pequena e tímida. Fazemos uma vaquinha ali na hora (os pais se mostraram muito mais generosos) e lhe damos mais de cem libras. Não foi uma noite nada ruim para Sharron e Carlo; não se pode dizer o mesmo de Bob.

Joe e eu ficamos para trás depois de nos despedirmos de todos com abraços e apertos de mão e deixá-los no metrô ou dentro de um táxi. Por fim, restamos apenas nós dois.

— Certo — diz ele, esfregando as mãos. — Burger King?

— Você não estava enjoado?

— Estava enjoado era daquele bando de velhotas. Caramba, é como se eu tentasse apreciar uma vitela numa convenção de veganos, sabe?

— Sério?

— Vamos — chama Joe, já me levando para o outro lado da rua. — Eu compro um hambúrguer para você. Ah, e esta noite eu vou dormir na sua casa.

— Vai?

— Vou. E, se a Jen perguntar, a gente ficou na rua até as quatro, cheirou pra cacete, bebeu até vomitar, foi expulso de uma boate, e Malcolm quebrou o pau com um taxista.

Chegamos ao apartamento antes das onze.

— Voltaram cedo — comenta Ivy, quando entramos na sala. Ela e Sophie estão encolhidas debaixo de um cobertor. Um balde de pipoca se equilibra entre as duas e, na tela, vejo um frame desfocado (Rowan Atkinson, ao que parece) do DVD pausado.

— Nem uma palavra disso com a Jen — pede Joe. — Senão ela vai ficar puta, vai me acusar de não levar isso a sério. Aliás, prazer, Joe — completa, estendendo a mão a Sophie.

— Prazer, Sophie.

— E como vai você, linda? — pergunta Joe e beija a bochecha de Ivy.

— Vou indo — responde Ivy, passando a mão na barriga e se afastando para abrir espaço.

Joe se enfia no sofá entre as garotas, cobre as pernas e põe a pipoca nas coxas.

— O que é isso? — pergunta, apontando o queixo para a TV. — *Mr. Bean*?

— *Simplesmente amor* — responde Ivy, olhando de relance para mim.

— Grande filme — comenta Joe.

— Posso espalhar que você disse isso? — pergunta ela.

— Pode porcaria nenhuma. Isso aqui é uma despedida de solteiro. O que acontece em Vegas fica em Vegas.

Continuo de casaco e ainda não abri o bico.

— Sobre ontem à noite — começo, por fim, e com isso Joe e Sophie desviam a atenção da pipoca para mim. — Eu sinto muito.

Joe vira para Sophie e ergue as sobrancelhas: *Aaah, que interessante*.

— Eu também sinto muito — diz Ivy, e seus olhos parecem levemente marejados. Ela estica os braços na minha direção. Eu vou até ela e lhe dou um beijo e o abraço apertado que estou guardando desde as nove da manhã.

— Eu sou capaz de matar por uma xícara de chá — comenta Joe.

— Com leite, sem açúcar — completa Sophie.

— De framboesa — diz Ivy.

— Aaah, pensei melhor — diz Joe. — Quero um desses de que elas falaram.

— E então? Não teve strippers? — pergunta Ivy, enquanto vou preparar todos os pedidos.

— Claro que teve — responde Joe. — Mas a coisa morreu em meia hora.

— Que pena — diz Sophie.

— Bob teve um contratempo — comento.

— Cagou tudo — completa Joe e solta uma gargalhada tão forte que Sophie precisa segurar a pipoca.

— O que aconteceu? — pergunta Ivy.
— Outra hora eu conto — responde Joe. — Senão vocês vão largar a pipoca.
Entrego os chás e me sento na poltrona desconfortável de Ivy.
— Prontos? — pergunta ela, apontando o controle remoto para o DVD.
— Prontos — respondemos, e Rowan começa a embrulhar para presente o colar que Alan Rickman escolheu.

Sophie foi embora logo que o filme acabou, e agora Joe está no quarto de hóspedes, que Frank vagou este fim de semana. Eu esperava acordar numa casa sossegada amanhã, mas a essa altura já devia ter consciência de que isso é impossível. Depois de escovar os dentes e mandar uma mensagem de texto para Jen (*Joe está meio mal. Desculpa. Ele vai dormir aqui comigo, não precisa esperar, bjs*), encontro Ivy me esperando sentada na cama.

— Tudo bem? — pergunto, ao me sentar a seu lado.
— Eu ia lhe dar isto aqui amanhã — sussurra Ivy. — Mas, como você chegou em casa cedo...
— Já é quase uma da manhã.
— Tudo bem, então, como você não está de porre... — Ela enfia a mão debaixo do travesseiro e tira uma caixinha embrulhada com papel de presente.

De repente, sou tomado pelo pânico. O Natal é daqui a uma semana, e ainda não combinamos o que fazer, mas este embrulhinho me dá a entender que Ivy talvez vá para a casa dos pais ainda mais cedo do que o planejado. Quando voltei para o apartamento com Joe, parecia que a briga tinha ficado de lado, mas agora, confrontado com um presente de Natal à uma da manhã, está nítido que eu devo ter avaliado mal a situação.

— O que foi? — pergunta Ivy, oferecendo o presente. — Não vai explodir.
— Desculpe. Por ontem. Eu tenho andado estressado. Com o trabalho, com essa despedida de solteiro, com os bebês, e eu sei que é difícil para você, mais do que é para mim, claro. Mas eu só...

— Fisher.
— O quê?
— Eu estou tentando lhe dar um presente.
— Você vai embora?
— Como assim? Para onde?
— Você vai voltar para Bristol?
Ivy me encara como se eu estivesse drogado.
— Não. Pelo menos, não agora.
— Então, por que está me dando o presente de Natal? Eu não...
— Não é um presente de Natal. Pega logo antes que o meu braço caia.

Eu aceito o presente, viro-o de um lado para o outro, examino a caixinha como se ela fosse algum tipo de teste no qual estou prestes a ser reprovado.

— O que é?
— É um pedido de desculpas. Pode abrir logo? — Ela sorri.
Começo a rasgar o papel com todo o cuidado.
— Você não precisa pedir desculpa, linda.

— Eu juro que sou muito mais legal quando não estou grávida. — Seu sorriso é sincero, mas brincalhão.

— Eu vou ter que acreditar na sua palavra, certo?

— Ai!

— Desculpa, brincadeira.

Ivy suspira.

— Isso não é fácil, sabe? Eu estou aqui, expondo a minha alma, e...

— Linda, é sério, eu falei de brincadeira. Ah, vamos lá...

Tento segurar a mão de Ivy, mas ela me afasta.

— Eu... pode me chamar de idiota, mas eu achei que você levaria toda essa situação com um pouco mais de delicadeza.

— Ivy, por favor... — Ela balança a cabeça e abre um sorriso. — ... Ah, você está brincando. Você está *brincando*.

Ivy encolhe os ombros.

— Nunca abaixe a guarda, rapaz.

— Sério, linda, eu não aguento com você.

Beijo Ivy, e ela retribui o beijo.

— Eu sei. — Ela sorri. — Agora abre o presente.

Debaixo do papel há uma caixinha de joias. Nela, encontro um par de abotoaduras de claquetes pretas e prateadas.

— São fantásticas. Obrigado.

Ivy me dá outro beijo.

— De nada.

— Sabe, a verdade é que eu não tenho nenhuma dessas... — Indico meus pulsos. — ... nenhuma blusa dessas.

— Sério? — pergunta Ivy, de um jeito pouco convincente. Em seguida, pega as abotoaduras. — Então, que tal eu cuidar delas até você ter?

— Quanta bondade sua.

— Pois é. E eu vou pensar em você toda vez que as usar.

Os gêmeos estão mais nítidos no monitor. Eles se mexem, seus corações batem. Parecem perfeitos. Mesmo assim, estamos tensos. A técnica de ultrassom mede a cabeça, o abdômen e a coluna dos bebês, murmurando ao anotar os números numa tabela. Ela conta as pernas, os braços e os dedos. Verifica se os dois têm lábio leporino, espinha bífida, anomalias cardíacas, problemas no cérebro, órgãos fora do lugar e membros curtos. Pode chamar de otimismo besta ou negação inconsciente, mas, desde que o exame de doze semanas não apontou evidências de síndrome de Down, em momento algum eu temi que nossos filhos tivessem problemas congênitos no coração ou membros disformes. Agora percebo que sou culpado de uma complacência grosseira, e meu coração bate forte quando a técnica confirma que os intestinos e o fígado dos gêmeos estão dentro do corpo, que suas colunas estão cobertas por pele e que as válvulas cardíacas funcionam. E, toda vez que ela mexe o cursor e estreita os olhos na direção do monitor, eu prendo a respiração e aperto a mão de Ivy.

Mais uma vez estamos na cafeteria de Tooting, que serve café ruim. Só que hoje minha sensação é de alívio, e não de choque, por isso até consigo tomar essa bebida bege e morna que aqui se passa por café com leite. Consegue ser pior do que eu lembrava, se é que isso é possível.

Joe foi embora esta manhã, depois de oito horas de sono e um café da manhã inglês completo. Partiu revigorado, descansado e pronto para encarar o tradicional esporro pós-despedida de solteiro. Pela primeira vez em muito tempo, teremos a casa só para nós o dia inteiro — somente eu, Ivy e nossos gêmeos perfeitos.

Enquanto olha para a última imagem dos bebês, Ivy abre um sorriso tão amplo que suas cicatrizes se repuxam e formam rugas fundas. E eu nunca a vi tão bonita.

— O que foi? — pergunta ela. — Por que esse sorriso?

— Por sua causa — respondo, então me debruço na mesa e lhe dou um beijo. — Eu te amo.

E este pé-sujo não é o alto de uma montanha, o campo florido ou o restaurante premiado que eu tinha em mente quando me imaginei dizendo essas três palavras. Não pensei que Ivy pudesse abrir um sorriso ainda maior, mas parece que pode. É só um leve incremento, mas basta para me iluminar.

— Você demorou para dizer — diz ela, corada.

Eu quase lhe digo que, na verdade, já me declarei uma vez, com a boca entupida pela sua blusa. Mas vou guardar essa informação para outra oportunidade — para quando formos velhinhos grisalhos, talvez.

É a vez de Ivy se debruçar na mesa. Ela me dá beijinhos na testa, no nariz e nos lábios — um,

dois, três.

— Eu também te amo.

Monte Everest, cataratas do Niágara, Jardins Suspensos da Babilônia... quem precisa desses lugares? Este momento — nesta mesa manchada e cambaleante no sudoeste londrino — é absolutamente perfeito.

Ontem filmei o comercial do queijo. Para trinta segundos da bobagem de sempre, exigiu muito tempo e esforço, e só acabamos depois das dez da noite. Isso significa que passamos catorze horas sob lâmpadas incandescentes de estúdio com um caminhão do sétimo queijo mais fedorento do mundo. Quando voltei para casa, passei vinte minutos no chuveiro e lavei o cabelo três vezes. Mesmo assim, na manhã seguinte eu senti o cheiro de Limburger no travesseiro. Provavelmente vou ter que jogar fora as roupas que vesti na ocasião. Ivy parou de ter enjojo matinal há semanas, mas hoje de manhã chegou perto de uma recaída ao sentir o odor da minha carcaça malcheirosa. Fiquei de molho numa banheira de água fervendo por mais meia hora antes do café da manhã. Depois, repeti o processo para ir à casa de Phil e El, duas horas atrás.

Estamos fazendo uma ceia de Natal adiantada. O grande dia é daqui a menos de uma semana, então esta é nossa última chance de nos encontrarmos antes de eu parar sei lá onde durante as festas. Só que há quatro pessoas ao redor da mesa: El e Phil estão sentados frente a frente, e eu estou diante de um sujeito chamado Craig, que parece ter mais ou menos a idade de Phil, que o apresentou apenas como “um amigo”, e seu tom seco e um tanto tímido me desencorajou a fazer perguntas. Se eu não soubesse que era impossível, poderia jurar que aquilo era um encontro às cegas armado sem o meu conhecimento. O ambiente à mesa certamente tem o mesmo clima de desconforto e timidez de um encontro às cegas. El não teceu nenhum comentário sobre o assunto, o que só faz aumentar a estranheza da situação.

— Es... estou sen... sentindo cheiro de queijo — diz El.

— Deve ser o broto que eu estou cozinhando — diz Phil.

Craig se endireita na cadeira, ergue o nariz e fareja. Ele me lembra de leve um pássaro, e, seja lá isso proposital ou não, acho todo o teatrinho absurdamente engraçado.

— Olha, acho que também estou sentindo — comenta Craig.

— Que... queijo.

— É psicossomático — explica Phil. — Como quando você fala de pulgas e começa a se coçar.

— É — admite Craig. — Deve ser isso. — Mas ele não parece convencido e sorri para mim. Acho que não é um flerte, mas daria para interpretar dessa forma.

Minha cabeça começa a coçar, e não sei se é por causa do excesso de xampu, da menção a pulgas ou de todo o cenário armado. O som está tocando uma compilação de músicas natalinas — Bing Crosby, Ray Charles, Nat King Cole, Dean Martin. A decoração é mínima: um ramo de azevinho, uma pequena árvore de Natal, um festão metalizado pendurado no espelho acima da lareira e, no canto da sala, balões amarrados formando um pênis. Estamos usando chapéus de Natal, mas não me sinto nem um pouco no clima festivo.

Meu aniversário cai no Natal, portanto seria normal pensar que 25 de dezembro faria parte

dos Dias Preferidos do Fisher. Mas eu nunca me animei com o Natal; minha família sempre se esforçou para comemorar meu aniversário, mas sempre achei tudo aquilo uma coisa *encaixada* e anticlimática. E, desde o momento em que eu abro os olhos na manhã de Natal, a expectativa de passar por isso parece estragar o dia todo. Sei lá, talvez eu só esteja infeliz. Ivy e eu ainda não resolvemos onde passar a data, e isso não sai da minha cabeça.

— Me passa os p... porquinhos — pede El, soltando uns oincs para enfatizar. Agora sua barba está cheia, e ele está sujo de molho no bigode e de migalhas de batata no queixo.

— Come o peru — pede Phil, apontando a faca para o prato de El. — Você nem tocou nele.

Além dos problemas para manter a atenção e a coordenação motora, El tem dificuldades para mastigar e engolir, então pode demorar mais de uma hora para terminar uma refeição normal. Eu aprendi a comer devagar quando estou em sua companhia; assim, ele não acaba a refeição sozinho. Por isso, estou agora diante de um prato de comida fria com um molho coagulado.

El solta outro oinc.

— Porquinhos! — exclama. Phil suspira e põe duas linguças enroladas em bacon no pratinho de plástico rosa-shocking de El. Na verdade, num gesto de solidariedade, estamos todos comendo em pratinhos de plástico. Mas El é o único a beber seu tiquinho de champanhe em um copo plástico com canudinho e duas alças. Parecemos um bando de penetras numa festa infantil.

— O peru está uma delícia — digo.

— Verdade — concorda Craig. — Bem suculento. — Ele articula a última palavra de um jeito bem afetado. — Se você prepara do jeito errado, o peru fica bem seco, não é?

— Fisher trabalha no ramo da publicidade — diz Phil. — É diretor.

Craig levanta as sobrancelhas.

— *Très glam.*

— L... L... Longe disso.

— Tirou as palavras da minha boca, El — digo.

— Tem trabalhado em algo interessante? — pergunta Craig.

— Na verdade, estou trabalhando em um curta.

— Entendi. — diz Phil. — Sobre o que é?

— Amor, acho.

— E não são todos sobre amor? — comenta Craig.

— E o t... título?

Suspiro de leve.

— *Reinterpretando Jackson Pollock.*

Silêncio.

— Interessante — comenta Craig.

— Pollock — repete Phil.

— Uma b... b... bosta! — exclama El, como eu já imaginava.

— Tem razão. Não sou louco por esse título — admito.

Phil pede que eu descreva a trama, então faço um resumo da história: estudante de arte conhece garota; estudante de arte e garota fazem amor no telhado da biblioteca sob o céu estrelado; garota dá um chute no estudante de arte; estudante de arte decide se jogar do telhado da biblioteca; estudante de arte muda de ideia.

— Se ma... ma... matar p... porque foi ch... chutado?

— A coisa não é tão superficial assim.

— Porque le... levou um ch... ch... chute! — El parece ofendido.

— Ele não chega a levar a cabo.

— Que p... palha... palhaçada i... idiota!

El parece frustrado. Ele vai largar os talheres — os braços não se contraem, simplesmente descem em câmera lenta. Mesmo assim, ao pousá-los, sem querer acaba derrubando o copo no chão.

— M... merda!

— Elly, querido, se acalme — pede Phil.

Craig devolve o copo à mesa.

— Que his... história im... im... imbecil — diz El, e ninguém o corrige.

Em meio ao silêncio, Val Doonican canta “Chestnuts Roasting on an Open Fire”.

— Também vou filmar um anúncio de Tampax.

El fica imóvel por um segundo. A tensão parece se esvaír de seu pequeno corpo debilitado. Phil, Craig e El me encaram como se quisessem descobrir meu estado de sanidade mental.

— T... T... Tapax!

Craig é o primeiro a rir. Depois é a vez de Phil e, segundos depois, El. Eu me junto a eles, e todos gargalhamos tanto que Phil precisa se levantar da mesa para impedir que El caia da cadeira, Craig chora de rir, e a minha nuca parece comprimida por um torno.

Depois do pudim, batemos papo à mesa, e por fim vamos à sala trocar presentes. Dou a El uma caixa com DVDs de seriados e a Phil uma caixa cheia de hidratantes, géis e cremes. Eles me dão um livro de receitas como presente de Natal e, pelo meu aniversário, um livro para futuros papais. El dorme com a cabeça na coxa de Phil no meio do primeiro episódio do seriado que lhe dei de presente.

— Como ele tem passado? — pergunto.

Phil dá de ombros.

— Melhor é que não está — responde, com um sorriso triste.

Sentado na poltrona ao lado do sofá, Craig estica o braço e segura o pulso de Phil. E ninguém ainda disse nada que esclareça quem ele é ou como se encaixa neste cenário. Se há alguma coisa entre Phil e Craig, eu não vou ficar ofendido, tampouco El. Phil sabe disso (ou deveria saber), porque já cansamos de discutir o assunto. El não é mais quem costumava ser, e Phil merece uma companhia romântica como qualquer outra pessoa. Mas nada disso faz com que eu me sinta mais à vontade no meio desse panorama incompreensível.

— Os tiques dele parecem melhores — comento.

— É outra coisa — explica Phil. — Começa com B. B... br... meu Deus, agora eu estou começando a falar como ele.

— Bradicinesia — completa Craig, e como é que ele sabe qualquer coisa sobre o assunto?

— O que é bradi...

— Bradicinesia. É quando os músculos meio que congelam — explica Craig, cerrando os punhos à frente do peito. — As contrações não somem de vez, mas às vezes a pessoa passa a se mexer de um jeito incrivelmente lento.

Olho para Phil em busca de confirmação.

— Nos dois braços — explica ele. — Por enquanto.

— E você? Como está?

— Vou indo. — Phil olha de relance para Craig e em seguida inspeciona as unhas, ou o que sobrou delas. — Assim que o ano virar... eu vou colocar El num centro de cuidados médicos. Um dia por semana.

— Para começar — acrescenta Craig, mexendo a cabeça na direção de Phil como se perguntasse: *Certo?*

Phil não diz nada.

— Isso é bom. Já era hora — digo, e Phil sorri.

A sensação de desconforto do começo da noite permanece no ar, e acho que não vai sumir até Phil me esclarecer qual é exatamente a situação de Craig. Já são quase dez da noite, então aviso que preciso ir, abraço Phil e aperto a mão de Craig.

Quando já estou prestes a ir embora, El acorda.

— Feliz Natal — diz ele, sonolento, mas com uma facilidade surpreendente. — M... manda um beijo meu para s... sua mãe e seu p... pai.

Phil me encara horrorizado, imaginando que talvez eu corrija El e o lembre de que minha mãe morreu quando éramos adolescentes. De que estávamos juntos no cinema quando o carro dela levou a pancada do caminhão.

— Pode deixar — respondo. El põe a cabeça de volta na almofada e dorme outra vez.

Quando eu chego ao apartamento, encontro Ivy e Frank encolhidos no sofá, assistindo a um filme na TV ruim. Ivy apoiou a cabeça no ombro de Frank, que por sua vez apoiou seus pezões suados na mesinha de centro, ao lado de uma caixa de pizza engordurada.

— Foi tudo bem lá? — pergunta Ivy.

Suspiro.

— Mais ou menos.

— Caramba — diz Frank. — Eu é que não queria ver sua cara depois de uma noite ruim. — Ele solta uma risada, e Ivy me lança um sorriso de desculpas.

Levo a caixa de pizza para a lixeira, a qual descubro estar cheia demais para caber qualquer outra coisa. Piso no pedal para erguer o saco pesado, então um monte de latas, pacotes e sachês de chá caem e se espalham no chão.

— Puta merda!

— O que foi? — pergunta Ivy.

— O lixo. Ninguém pensou em esvaziar a lixeira?

— O.k. — diz Ivy e começa a se erguer do sofá.

— Epa, epa, epa — diz Frank, em seguida põe a mão no ombro de Ivy e se levanta. Mas nem a pau eu vou deixar o desgraçado fazer papel de bonzinho agora.

— Eu limpo aqui — digo. — Podem ficar aí vendo o filme.

— Como quiser — retruca Frank, e eu me imagino acertando uma lata de tomate suja naquele cabeção.

Jogo o saco na lixeira do jardim em frente e percebo que a temperatura caiu e está congelante. Quando subo de volta meu nariz está escorrendo, minha cabeça dói e sinto que a garganta está começando a inflamar. Devo ter voltado cabisbaixo da casa de El, porque só quando entro no

apartamento pela segunda vez é que noto a decoração: montinhos de spray de neve artificial nas janelas, festão metalizado pendurado do balcão da cozinha, estrelas prateadas penduradas das luminárias de teto.

— Quer se encaixar aqui? — pergunta Ivy, dando um tapinha na almofada a seu lado.

Mas estou cansado e aborrecido demais para me enfiar em dois terços de almofada e assistir ao fim besta do que quer que estejam vendo.

— Te vejo na cama — digo.

— Sonhe com os anjinhos — diz Frank, e fico mais irritado do que provavelmente deveria.

Eu devia estar mais cansado do que imaginava, porque, quando percebo, já são uma e treze da manhã e acordo achando que Ivy está em trabalho de parto.

No meu sonho, ela estava gemendo, ofegando, se esforçando e soltando uma miríade de palavrões, mas, quando abro os olhos com a pulsação acelerada, vejo que ela está dormindo feito uma pedra. No entanto, alguém continua gemendo e arfando, e o barulho parece mais alto e insistente a cada segundo que passa.

Saio da cama e visto uma samba-canção.

Frank está no quarto que agora eu considero dele. Encontro-o apagado na minha poltrona de couro cara, diante da minha TV de alta definição, que está passando um filme pornô. Da soleira da porta, enxergo, horrorizado, um rolo de papel higiênico sobre um braço da poltrona, além de pele o suficiente para concluir que Frank muito provavelmente está pelado.

O quarto é pequeno, e há pouco espaço de passagem quando me aproximo em silêncio da TV, mantendo o olhar afastado de Frank e de sabe lá que nojeira ele tenha feito em si mesmo na minha linda poltrona reclinável. Quando desligo a TV, uma fração de segundo antes de o quarto mergulhar na escuridão, vejo a caixa do DVD no chão. Fico roxo de vergonha. O filme se chama *Cocktopussy* — na capa, uma mulher peituda e com vários braços aparece por trás de um ator pornô de smoking, com uma das mãos no peito dele, outra no cabelo, e uma terceira dentro da calça do sujeito. Como é costume acontecer com qualquer pornografia, não faço ideia de como isso veio parar comigo, e fico chocado ao pensar que eu ainda o tenha. Achei que havia feito uma limpeza completa de todo material pornográfico quando minha ex-namorada, Kate, se mudou para o meu apartamento em Brixton. É evidente que, de alguma forma, este DVD sobreviveu ao abate, e fico feliz por ter sido Frank a encontrá-lo, e não Ivy. Eu acho. Ejeto o disco, devolvo-o à caixa e jogo-a atrás do guarda-roupa, enquanto faço uma nota mental à caneta vermelha e letras garrafais para me livrar disso assim que possível.

A saída do quarto é ainda mais complicada, tendo em vista que agora o lugar está no breu, e meu medo de tropeçar e cair no colo certamente pegajoso de Frank não facilita em nada a tarefa. Preciso de dois minutos inteiros e de toda a minha habilidade para escapar do quarto, mas saio sem ser detectado ou profanado. Volto de fininho para o meu quarto, evitando todas as tábuas de assoalho barulhentas, tiro a samba-canção sem fazer praticamente nenhum barulho e me deito no colchão como se fosse uma pena caindo num carpete.

— Me acordou — diz Ivy e bufá enquanto se levanta da cama para ir ao banheiro. Quando volta já é quase uma e meia da manhã. — Você ficou um tempão lá fora — sussurra.

Penso em lhe contar que Frank estava assistindo a um filme pornô, mas decido deixar para lá.

Seria sacanagem demais, e, além de tudo, o DVD é meu.

— Frank deixou a TV ligada. Eu tive que desligar.

Ivy suspira. Eu lhe dou um beijinho na nuca.

— E como estava o El?

— Na mesma. Tinha um cara lá, Craig. Nunca vi o sujeito antes. Eu acho... sei lá, foi esquisito.

— Esquisito como?

— Acho que tem alguma coisa rolando entre esse Craig e o Phil.

— Estranho.

— Pois é.

Ivy conhece a história, e, embora não tenha dito com todas as letras, tenho a impressão de que lhe agrada — ou pelo menos ela entende — a ideia de Phil ter um relacionamento com outra pessoa.

— Ele é bonito?

Apesar da hora e do meu restinho de mau humor, eu dou uma risada, mesmo que baixinha.

— Não faz o meu tipo.

— Dorme bem, lindo.

— O Natal é daqui a uma semana.

Ivy solta um *hum-hum*.

— A gente ainda não viu para onde vai.

Ivy não diz nada.

— Está acordada?

— Não por vontade própria.

— Então somos dois. E a gente sabe muito bem de quem é a culpa.

Ainda nada.

— Você sabe onde ele vai passar o Natal? — pergunto.

— O Frank? Aqui, provavelmente. Sozinho, coitado.

— Ele não vai pra casa dos seus pais?

— Não sem Lois e Freddy. Meus pais são meio esquisitos com essa coisa toda.

— Que coisa?

— Divórcio.

— Esquisitos como?

— Esquisitos esquisitos.

Acendo a luz.

— Caramba, por que você fez isso? — reclama Ivy, cobrindo a cabeça com o edredom.

Eu abaixo o edredom, revelando seu rosto amassado.

— A gente não conversou sobre o Natal. — Com o que parece ser uma enorme relutância, Ivy abre os olhos. — Sobre onde passar.

— Eu pensei em ir para a casa dos meus pais — diz ela.

— Eu pensei a mesma coisa. Quer dizer, estava pensando em passar com o meu pai.

— Tudo bem.

— O quê? Tudo bem, você vai comigo?

Outro suspiro.

— Tudo bem, vai para a casa do seu pai.

— Sozinho?

Ivy se apoia nos cotovelos e toma um gole do copo d'água na mesinha de cabeceira.

— Você pode ir comigo, se quiser — diz ela.

— Isso significa que você *quer* que eu vá junto?

— É. Mas se você não quiser não tem problema.

— Bom, eu queria *muito* que você fosse comigo.

— Meus pais vão ficar sozinhos.

— Eles têm um ao outro.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— E os seus outros irmãos?

Ivy balança a cabeça.

— Viagens longas, famílias grandes. E são só uns diazinhos.

— Um deles é o meu aniversário.

— Eu sei. Sinto muito, mas... este é o último Natal antes de os bebês nascerem. Eu quero passar com os meus pais. Quero passar onde me sinto à vontade.

— Ao contrário da casa do meu pai, onde você não vai se sentir à vontade, correto?

Ivy dá de ombros. *É*.

— Que beleza.

— Não é uma beleza. Eu não estou criando caso para você ir comigo, estou?

— Não.

E talvez esse seja metade do problema, talvez eu ficasse mais feliz se Ivy estivesse criando caso. Pelo menos eu saberia que ela tem uma mínima vontade de passar um tempo comigo.

— A gente pode comemorar seu aniversário na volta. Só eu e... — Sua voz some.

— O quê? Só eu e você? E o que você vai fazer com o Frank? Trancar no quarto com uma garrafa de vinho e um saco de biscoito?

— Shhh. — Ivy faz cara feia e olha para a parede que separa os quartos.

— Isso é sério? Shhh? Você fez shhh para mim?

— Se não for pedir muito.

— O.k. — Desligo a luz e me largo no travesseiro como se fosse um saco de roupa suja.

Uns trinta segundos depois, Ivy está respirando fundo e devagar, como quem já dorme profundamente, e o fato de ela conseguir fazer isso enquanto eu estou deitado aqui, fumegando de raiva, só me deixa mais puto. No quarto ao lado, Frank faz barulho ao sair da poltrona e vai atabalhado para o banheiro, onde dá uma mijada de dois minutos com a porta escancarada, o jato batendo direto na água. E Ivy tem a audácia de fazer shhh para mim. Meu pai descreveu o amor como o sentimento de correr o mais rápido possível. Eu me senti assim com Ivy quando nos conhecemos e nas duas semanas seguintes. Mas, para ser franco comigo mesmo, nos últimos tempos a sensação é mais de que estou tropeçando nas próprias pernas e a qualquer momento vou enfiar a cara no chão.

Antes desta época de fim de ano, fazia dezessete anos que eu não pisava num cinema. Mas cá estou eu pela terceira vez em três semanas. Suzi enfia a mão na minha pipoca, e eu sinto uma pontada de culpa completamente injustificada.

Ontem chegou a van da loja de departamentos onde compramos dois berços, duas espreguiçadeiras, duas cadeiras de carro, dois cestos, um carrinho de passeio duplo, dois elefantes de pelúcia e uma caixona de protetores de mamilos. O corredor do apartamento virou uma pista com obstáculos. O armário de ferramentas está completamente lotado e prestes a explodir, como numa cena de comédia pastelão. Hoje de manhã eu topei o dedão na caixa do carrinho de passeio sob a mesa de jantar. Parece meio perverso, mas eu gosto dessa bagunça. Funciona como um enorme lembrete visual de que tem um enorme Frank no quarto que deveríamos preparar para os bebês. Eu enfiei os cestos embaixo da cama, mas do lado de Ivy, para dificultar um pouco suas idas ao banheiro no meio da noite. Então, quando ela sussurrou “maldito cesto” às seis e meia da manhã, eu li uma legenda chamativa que dizia “maldito Frank”. Provavelmente eu deveria me sentir culpado, mas, além do monte de caixas espalhadas, temos outro grande assunto por resolver no nosso caminho: o Natal já é daqui a quatro dias, e ainda não sei onde vou abrir meus presentes. E é improvável que isso se resolva hoje à noite.

Eu e Ivy deveríamos sair juntos hoje à noite, mas ela foi confraternizar com o pessoal do clube do livro, enquanto eu estou aqui, comendo pipoca no escuro com Suzi.

Nós nos encontramos para almoçar e falar sobre *Pollock*. Até agora, Joe encontrou um diretor de fotografia e um técnico de som, nós examinamos algumas locações, brifamos um produtor de elenco, e parece que a coisa realmente vai sair do papel. No almoço, conversamos sobre a cena de sexo. Vai ser complicada, e por alguns motivos. A filmagem vai se dar no meio da noite, no telhado de um prédio de quatro andares. Vai estar frio e escuro, e a demanda logística será alta. Nós discutimos a posição, ou posições, em que o sexo deveria acontecer. Talvez de forma inevitável, a subjetividade coloriu a conversa com frases como “Se fosse eu...”, “O jeito como eu faria...” e “Eu sempre acho...” Então, ao fim do almoço caro e do sexo vicário, Suzi avisou que iríamos “num encontro”. Ela disse com ironia, mas na realidade a tarde que passamos foi quase isso, e não tenho intenção de contar a Ivy.

O filme que Suzi me levou para ver tem quase tantas cenas de sexo e nudez quanto o DVD atrás do guarda-roupa no quarto de Frank. Vimos três casais se atracando numa variedade de climas, formas e ritmos, desde lento e delicado até a rápido e indecente, o que me deixou bem excitado. Vejamos, por exemplo, o casal que está transando como se não houvesse amanhã. Eles trabalharam juntos durante anos e não se gostam — na verdade, se detestam. Eles mentiram, trapacearam e conspiraram para prejudicar o outro no ambiente de trabalho, e os dois se candidataram à mesma promoção. Com a animosidade e as apostas cada vez mais altas, ambos

os antagonistas decidem que não vão sair do escritório antes do outro. E é então que esses lindos advogados se veem sozinhos numa sala deserta às três e meia da manhã. Eles se dão uma trégua temporária, encontram umas cervejas geladas e bebem diante da gigantesca janela de fibra de vidro com vista para o centro de Nova York. Antes de terminarem as cervejas, porém, a saia sobe, a calça desce, e os advogados rivais transam contra a janela do oitavo andar. Um plano externo com a câmera virada para a fachada mostra a bunda da atriz esmagada contra o vidro, como se fosse um par de ovos em conserva. O homem investe com estocadas calculadas e violentas, e o impacto dos corpos contra a janela reverbera pelo escritório vazio tal qual o tambor de um navio viking. A cena é igualmente erótica e aterradora, e a sensação provocada é uma mistura de excitação e vertigem. Gostei.

Suzi se debruça na minha direção e, quando sussurra ao meu ouvido, está perto o suficiente para eu sentir seu hálito de cerveja e pipoca.

— Não sei se tapo os olhos ou se assisto à cena me segurando.

Finjo uma gargalhada muda, porque não sei bem como interpretar o comentário. Suzi e eu nos conhecemos há mais de dois meses e desde então passamos bastante tempo juntos — nem sempre falando de papel higiênico ou Jackson Pollock. Ficamos deleitados, entretidos e irritados com as mesmas coisas, rimos do que o outro diz e conversamos sobre nossas vidas. No almoço, Suzi contou que o relacionamento com o namorado havia chegado ao fim. Ao que parece, foi ele quem a largou, e foi inevitável a pontada — completamente espontânea — que senti de felicidade. Não cheguei a conhecer o cara e não sei nada sobre ele, mas saber que Suzi está disponível apela a alguma coisa no meu código genético. Ela perguntou como estão Ivy e os gêmeos, e eu lhe contei da questão não resolvida sobre o Natal. Conte também a respeito de Frank e da tensão que a situação tem provocado na felicidade doméstica.

No filme, os advogados continuam transando. Eles se mudaram para uma mesa — como costumam fazer os casais que trepam no escritório — e espalharam post-its e cliques pelo carpete todo.

Eu me aproximo de Suzi.

— Se segura — digo, e uma vibração primitiva lateja entre as minhas pernas.

Hoje à noite é a confraternização de Natal da Sprocket Hole. Não quero estar aqui, mas Joe insistiu. Além de ser uma chance de ficarmos bêbados feito gambás e dizermos uns aos outros como somos maravilhosos, a comemoração conta com a presença de diversos clientes, e, quanto mais conversinhas eu puxar, mais eu ganho no ano que vem. Já passa das onze, e a festa continua frenética. Não tenho mais papo para puxar, e a bebida está me embrulhando o estômago.

Ontem à tarde, depois de sairmos do cinema, eu e Suzi fomos a um bar e bebemos vinho demais. Mesmo assim, eu cheguei em casa e fui para a cama antes de Ivy voltar do clube do livro. Não sei a que horas ela retornou, mas estava dormindo ao meu lado quando acordei de ressaca às cinco e meia da manhã. Beijei sua bochecha, saí da cama sem fazer barulho — como tem sido rotina ultimamente —, me vesti no corredor, peguei o carro (provavelmente com o nível de álcool no sangue ainda acima do permitido) e atravessei Londres para passar as doze horas seguintes gravando um comercial de absorventes. Precisei de um caminhão de comprimidos para dor de cabeça, de um remédio para gripe e febre e de quatro litros de café com leite para chegar ao último take e ao “Fechamos”. Isso faz três horas, e tudo o que eu queria era me arrastar de volta para casa e esconder a cabeça debaixo do travesseiro. Mas, em vez disso, cá estou eu, preso numa comemoração de Natal. Estou quente por causa do cansaço, minha cabeça ainda dói, uma nuvem de culpa induzida pela bebida paira sobre mim, e sinto saudade de Ivy.

Reúno minhas últimas forças, me levanto e começo a longa jornada até a saída. Escolho o caminho onde encontro menos resistência e desvio de qualquer um que eu reconheça, mas a um metro da porta Suzi aparece à minha frente.

Eu sabia que Suzi estava aqui, mas ela é uma das últimas pessoas que quero ver esta noite. Nós nos divertimos muito ontem no cinema e no bar, rimos, bebemos, flertamos. E, embora eu me sinta meio mal, posso conviver com isso. Mas a coisa vai além. Eu disse a Suzi coisas sobre Ivy que deveria ter guardado — reclamei outra vez sobre Frank e o Natal, falei que Ivy é dez anos mais velha do que eu, contei que Ivy usa o banheiro de porta aberta e que não transamos há quatro meses. E isso — essas revelações íntimas — me faz sentir como um traidor. Acordei hoje de manhã com a lembrança da minha tagarelice indiscreta fresca na memória, e isso me incomodou mais do que a minha ressaca, que, aliás, não teve nada de insignificante. A confidência de ontem à noite, sobre minha castidade de quatro meses, fez a conversa tomar um caminho perigoso. Mesmo que restrito ao roteiro do curta, o sexo se tornou um tema-chave das nossas conversas, e foi inevitável: a discussão saiu do campo da especulação e entrou na da revelação. Falamos das nossas primeiras vezes, das melhores e das piores. Discutimos desejos e rondamos as preferências, e, durante os silêncios nada constrangedores, nós nos encaramos como se estivéssemos nos avaliando, uma sobrelha erguida, um sorrisinho de canto de boca.

Eu já vivi o suficiente para saber quando recebo um sinal verde, e em qualquer outro momento da minha vida nós teríamos acabado na cama ou encostados na parede de um beco escuro. E saber disso me faz sentir péssimo. Vivemos em regiões opostas de Londres, mas eu acompanhei Suzi até sua parada do metrô. Antes do beijo de boa-noite, nós nos encaramos por uma fração de segundo a mais do que o necessário, determinando talvez que tipo de beijo trocaríamos. Suzi tomou a iniciativa e me deu um estalinho. Não foi uma coisa ardente, nem nada do tipo, porém foi mais do que um beijo na bochecha. Durante vários momentos do dia de ontem, enquanto Suzi e eu nos olhávamos como gatos diante deovelos de lã ou de uma presa, eu imaginava não como ela seria na cama (tenho certeza de que é ótima), mas como seria na manhã seguinte, e na outra, e na outra. Quando Suzi riu, corou e me perguntou o que eu estava pensando, e respondi “nada” de um jeito sugestivo. Influenciado pelo álcool e pela luxúria, eu estava pensando que Suzi e eu nos daríamos muito bem juntos.

Mas, enquanto meu metrô ia para o sul, eu sabia que estava errado. Nós nos atracaríamos, sairíamos, conheceríamos os amigos, possivelmente passaríamos um fim de semana na praia. E então a sensação de novidade perderia a força. Nós passaríamos a nos irritar um com o outro, ignoraríamos ligações, inventaríamos desculpas e — depois de muitas trepadas de despedida — deixaríamos isso para trás e terminaríamos tudo de um jeito que destruiria tudo de bom que aconteceu antes. Não faço ideia de como sei disso, mas eu sei. Já passei por isso antes, e meu subconsciente (mais inteligente) reconheceu os sinais: a risada forçada, talvez; a tendência ao egocentrismo; as orelhas assimétricas. Seja o que for, está ali, sob a superfície, como uma espinha prestes a nascer. Enquanto o metrô rumava para Wimbledon, meus pensamentos começaram a descambar para a animosidade. Caramba, Suzi sabe perfeitamente bem que Ivy está grávida de gêmeos, e o fato de ela flertar comigo desse jeito inegável, de acenar com a possibilidade de sexo... bom, o que isso diz sobre ela? E o modo como eu aceitei, joguei seu joguinho e retribuí o flerte diz o que a meu respeito?

Eu e Ivy estamos discutindo com mais frequência e, parece, mais irritação. Na maioria das vezes a gota d'água é uma bobagem, e não consigo concluir se isso diminui ou intensifica a questão. Tudo está fora de sequência, o que distorceu minha perspectiva. A coisa de onde passar o Natal, por exemplo. Talvez, se Ivy não estivesse grávida de 21 semanas, eu não visse problema em passarmos a data separados. Mas, gostemos ou não, agora somos uma família, e como ter certeza de que fomos feitos um para o outro se as circunstâncias estão ditando os termos? E a companhia de Suzi só parece dificultar ainda mais a distinção. Portanto, sim, ela é basicamente a última pessoa com quem quero papo hoje à noite. Mas aqui está ela, na minha frente, bloqueando minha saída dessa algazarra.

— Fugindo às escondidas?

— Eu tive um dia bem longo.

— Como foi a filmagem?

— Nada inspiradora. — E não estou sendo truculento de propósito, mas é sério: o que mais eu posso dizer sobre o assunto?

Suzi fica meio sem jeito diante do meu comportamento.

— Entendi — diz, em seguida me entrega um presentinho embrulhado num papel que lembra um quadro do Jackson Pollock. — Feliz Natal.

E eu me sinto um completo babaca.

— Eu não comprei nada para você. Me desculpe. Eu tenho estado... você sabe.

— Não se preocupe. É só um livro. — Ela fica na ponta dos pés e me dá um beijo na bochecha. — Feliz Natal! Êêê!

— Êêê. A gente se vê ano que vem.

Mas ela já se foi.

A corrida de táxi custa quarenta e seis libras, e, quando eu chego em casa, já passa da meia-noite e só faltam três dias para o Natal. Mesmo assim, não faço menção de sair do carro enquanto o taxista faz o teatrinho de procurar quatro moedas para me dar de troco.

— Se anima, amigo — diz ele, me entregando as moedas. — Vai dar tudo certo.

— Já era.

Enquanto o carro se afasta, eu me dou conta de que deixei o presente de Suzi no banco traseiro, ainda fechado.

O apartamento está silencioso e arrumado. Para não incomodar Ivy, tiro os sapatos no topo da escada e vou até o banheiro para tirar a roupa. Escovo os dentes sem fazer barulho e tomo o cuidado de mijar na porcelana, não na água. Eu bebi, mas não estou *bêbado*, por isso consigo evitar as tábuas de assoalho que rangem no caminho até o quarto. O relógio no criado-mudo marca 00h18, e o brilho esverdeado dos dígitos me permite ver o rosto de Ivy. Não vejo seu rosto à luz do dia desde quinta de manhã, há quase dois dias. Eu me deito em silêncio, mas, ao virar de lado, o movimento do edredom sobre mim mais lembra uma avalanche numa manhã tranquila de sábado.

Ivy se vira e me dá um beijo.

— Oi.

— Oi.

Ela se apoia nos cotovelos.

— Me empurra — pede.

Eu a empurro, e ela consegue se sentar e pôr as pernas para fora da cama. Está prestes a sair pela porta quando bate nos cestos empilhados.

— Ai! Caramba.

E eu perco mais um ponto de autorrespeito.

— Como foi o dia? — pergunto, quando ela volta. Coloquei os cestos do meu lado da cama para ela evitar mais trombadas.

— Bom — responde ela enquanto boceja. — E o seu? Como foi a filmagem?

— Poderia ter sido pior. Talvez.

Ivy se cobre com o edredom até os ombros e se ajeita numa posição confortável.

— A gente podia ler o livro do bebê — murmuro.

— Eu já li com o Frank.

— Como assim? E eu? Sexta é dia de ler o livro do bebê.

— Bom, agora já é sábado.

— Isso é uma piada, né?

— Não. Já passa de meia-noite, eu estou esgotada e quero voltar a dormir.

Fim de papo.

Agora estou completamente acordado e agitado, sentindo uma raiva impotente. Se houvesse um quarto extra, eu iria para lá dormir agora mesmo. Mas o Frank tomou conta do quarto de

hóspedes, assim como do apartamento, assim como da minha vida. Eu dormiria no sofá, mas as persianas da sala não bloqueiam toda a luz vinda da rua, e não faço ideia de onde Ivy guarda os cobertores. Eu tenho um apartamento em Brixton, mas agora ele tem inquilinos. E deitado aqui, neste quarto escuro, é difícil me imaginar mais preso numa cela.

Nino fez pizza, estamos usando chapéus de festa, e Esther colocou guardanapos estampados com um passarinho empoleirado num tronco coberto de neve. A maioria das coisas de Esther e Nino já está empacotada e pronta para a mudança para a Itália, por isso eles enfeitaram as caixas com festões, purpurina e enfeites de pisca-pisca. Ho ho ho.

Desde que eu voltei da confraternização de Natal da Sprocket Hole ontem à noite, Ivy e eu nos evitamos com muita eficácia. Eu dormi até depois das dez, acordei, vesti a roupa de corrida, notei que a gripe tinha piorado e que por isso estava com fraqueza nas pernas, tomei um remédio e voltei para a cama, onde fiquei mais uma hora e meia. Ivy foi fazer compras, depois almoçou com Frank e o sobrinho, Freddy. Eu fui convidado, mas não aceitei. E não foi por petulância. Uma ida ao cinema, um almoço no McDonald's e uma tarde no fliperama do shopping do bairro é a soma total do Natal de Frank com a família este ano, e não quero ser um penetra. Só quero que ele saia da porra do apartamento. Ivy e Frank voltaram lá pelas seis, e ela dormiu no sofá lendo um romance enquanto eu fiz torta de maçã e joguei GTA com Frank. Ivy tomou banho; em seguida foi minha vez, e depois chegou o táxi para nos levar a Brixton.

No caminho, conversamos sobre os últimos dias num clima de civilidade cautelosa. Falamos do tempo, do filho de Frank, da minha filmagem e do livro que Ivy estava lendo. Não falamos do Natal, da saída de Frank do apartamento, dos preparativos para o feriado, da discussão de ontem à noite. Mas não paro de pensar em tudo isso, e está difícil deixar esses assuntos de lado.

Esther enche minha taça de vinho. Estou sentindo a cabeça pesada por causa da gripe, por isso deveria pegar leve, mas também estou morrendo de vontade de ficar completamente bêbado.

— Quer mais suco de maçã? — oferece Esther.

— Estou bem, obrigada — responde Ivy.

— Agora vamos ter nossas próprias macieiras — comenta Nino.

— Na Itália? — pergunta Ivy.

Nino faz que sim.

— Macieiras, limoeiros, laranjeiras.

— Parece fantástico — comenta Ivy.

— E é.

— Vocês vão nos visitar? — pergunta Esther.

— Nem tente impedir a gente. — Ivy olha de relance para mim, depois vira o rosto, como se o “a gente” ainda fosse pauta de discussão. Ou vai ver eu estou imaginando coisas.

— Você está muito quieto, meu amor — declara Esther.

— Estou acabado — digo. — Tive filmagem ontem, depois uma festa.

— Filmou o quê, meu amor?

— Nada de interessante.

— Pelo amor de Deus, meu amor. Esta é a nossa última noite, faça um esforcinho.

— Desculpe. Tampax.

— *Gesù Cristo*. — Nino se levanta da mesa e vai checar o forno.

— Que legal — comenta Esther. Ela faz que vai encher minha taça, mas percebe que já está cheia.

— E então... Itália — diz Ivy.

— Itália — confirma Esther.

— Está nervosa?

Esther olha rapidamente para as costas de Nino enquanto ele mexe no fogão. Então, acena com a cabeça de um jeito conspiratório.

— Um pouco — cochicha.

— Vai dar tudo certo — digo.

— Além do mais — acrescenta Esther —, ele fez muito por mim. Viveu em outro país, me deu três filhos e sempre pôs comida na mesa. Agora é a vez dele, né?

Nino volta à mesa, então Esther se aproxima dele e lhe dá um beijo no rosto. Nino sorri para a mulher, e surge uma centelha de amor em seus olhos geralmente impassíveis.

— A torta fica pronta em cinco minutinhos.

Percorremos metade do caminho de volta para casa em silêncio. Já passa da meia-noite, o que significa — tecnicamente falando — que é véspera de Natal. E, mesmo sem oficializarmos nossos planos, parece bem claro que cada um vai para o seu lado. Ivy está com a cabeça pousada no meu ombro, pessoas cantam nas ruas e iluminações festivas refletem nas janelas do táxi. Deveria ser uma cena linda, mas a cabeça de Ivy está pesando e me dando dor no pescoço. Não paro de morder o lábio inferior e, se eu não disser algo em breve, vou acabar sangrando. Encolho o ombro por baixo dela.

Ivy murmura alguma coisa como se estivesse cochilando.

— São uns fofos, não são?

— O quê?

— Esther e Nino.

— Hã-hã.

— Esther se desenraizando desse jeito por ele. Se mudando para um país onde não conhece ninguém, sem falar a língua — comento, falando arrastado e travando nos S.

— Ela vai se divertir muito — diz Ivy, passando longe de entender o que quero dizer. — Eu adoraria morar na Itália.

— Eu não.

Ivy se cala.

— Você iria sem mim?

— O quê?

— Para a Itália?

— Para. Hoje não.

— É véspera de Natal.

Ivy não diz nada.

— Eu só não entendo como... como Esther está preparada para se mudar para a Itália por Nino. Para ir morar lá. E você não vai nem a North Wales passar o Natal.

— E você não vai a Bristol.

— Talvez fosse, se você tivesse pedido como quem quisesse de verdade.

— O.k., então vem comigo.

— Que convincente. Seja como for, é o meu aniversário.

— E eu estou grávida.

— Dos meus filhos.

A corrida de táxi fica em vinte e três libras, e eu digo ao cara que pode ficar com o troco de trinta, mas não sei quem quero impressionar — Ivy já sobe a escada para o apartamento antes mesmo de eu sair do táxi. Frank está em seu quarto, e retomamos a discussão no banheiro, usando a privada, lavando o rosto, com as bocas cheias de pasta de dente.

— Seus pais têm um ao outro — lembro a Ivy. — A gente pode ir lá dia 26.

— E o seu pai vai ter a casa cheia. Além do mais, eu não quero dirigir mais de trezentos quilômetros dia 26.

— Meu Deus do céu. Caramba, por que você está sendo tão... teimosa?

Ivy arregala os olhos e recua a cabeça como quem se afasta diante de uma visão terrível.

— Teimosa?

Faço um gesto que dá a entender que isso deveria estar bastante evidente.

Ivy balança a cabeça, cospe a pasta de dente na pia e sai batendo a porta.

Quando chego ao quarto, Ivy já está debaixo das cobertas.

Dou a volta até seu lado da cama e me sento.

— Eu tenho a sensação de que não vejo mais você desde que me mudei — digo, em um tom moderado.

— Não sou eu quem vem trabalhando num roteiro no tempo livre.

— É por isso que você está desse jeito?

— Eu não estou assim por *nada*. Não. Eu...

— Esse roteiro é a única coisa que eu tenho só para mim — interrompo. — Você tem o clube do livro.

— Eu só quero ver a minha família no Natal.

— Ivy, nós estamos morando com a merda da sua família. Is...

— A “merda da minha família”? — Vejo os olhos de Ivy marejarem e me sinto péssimo, mas estou espumando e não sou o bandido aqui.

— Seu irmão vem atrapalhando a gente há *duas semanas*.

Ivy encosta o dedo nos lábios, faz uma cara feia e aponta para a parede entre os quartos.

— Isso é sério? Você quer que *eu* fique quieto?

— Pode ser?

— Poderia, se a gente não tivesse uma droga de hóspede do barulho.

— É o meu apartamento.

— O quê?

— Nada, eu... eu não...

— *Seu apartamento?*

Ivy fecha os olhos.

— Certo. — Levanto-me. — Tem um cobertor reserva em algum lugar do *seu apartamento*?

— Fisher... não tem necessidade disso. — Ela me oferece a mão. — Vem aqui.

Eu quase vou, me vejo indo, *quero* ir... mas sinto os pés pregados no chão.

— Por favor, não vamos fazer assim — pede ela.

— Eu estou puto. Você vai dormir melhor sozinha na cama.

— Vai ficar tudo bem.

E alguma coisa estala.

— Essa é a sua resposta para tudo, não é?

— Hã? — pergunta Ivy, confusa.

— *Tudo bem*. Você se lembra de quando disse isso pela primeira vez?

— Fisher, eu...

— Foi a primeira vez que a gente... fez amor. A primeiríssima vez que a gente fez amor, eu perguntei se você tinha camisinha.

— Eu não me lemb...

— E você respondeu: *tudo bem*. E eu pensei nisso, *pensei muito*, e...

Ivy olha para mim como se eu fosse um doido varrido. Estico as mãos e balanço a cabeça, tentando encontrar as palavras ou tomar coragem para cuspi-las. Por fim, dou as costas para Ivy e abro o armário em cima do guarda-roupa.

— Eu só quero um cobertor. Preciso dormir.

— Ótimo. Faça como quiser, tem um no armário do corredor.

Eu não bato a porta propriamente, mas faço toda questão de fechá-la bem fechadinha.

Tenho que tirar várias caixas do armário do corredor, muitas delas com coisas dos bebês, até encontrar um único cobertor fino. Está sujo e cheio de grama seca.

Faz frio na sala, por isso não tiro a roupa. Monto um ninho de almofadas e me encasulo na manta que ela usa para fazer piquenique, mas não consigo dormir. Tem um poste de luz do lado de fora da janela, e a luz âmbar invade a sala pelas persianas. Deitado, vejo a caixa com o carrinho duplo de bebê embaixo da mesa. Uma porta se abre, e depois de alguns segundos escuto a voz de Frank abafada. Não ouço Ivy responder, e instantes depois a porta se fecha. Sinto a boca seca, por isso enrolo a manta nos ombros e vou pegar um copo de água.

Em cima da bancada encontro o livro do bebê.

Com 21 semanas, o sistema circulatório está completo, suas orelhas estão posicionadas nas laterais da cabeça, e eles podem se tranquilizar com uma música calma — ou ficar incomodados com uma discussão. Eles já apresentam traços de família; talvez tenham os olhos de Ivy ou meu cabelo ruivo. Seus olhinhos se mexem, emoldurados por sobrancelhas e cílios a essa altura perceptíveis. Eles brincam de agarrar ou puxar o cordão umbilical. Assim como está acontecendo com o pai, os cérebros deles ainda estão se desenvolvendo. Especialistas dizem que é nessa época que as lembranças começam a se formar. Caso seja verdade, espero que não se lembrem de mim discutindo com a mãe deles. Com 21 semanas, a mãe se sente cada vez mais pesada e desajeitada. É possível que os tornozelos inchem e hemorroidas surjam. É normal que ela acorde amedrontada no meio da noite, antecipando tanto a dor e o trauma do parto quanto os riscos que os bebês correm. Aos trinta e um anos, cinquenta e uma semanas e seis dias, o pai continua muito longe de completar seu desenvolvimento. As prioridades ainda não se ajustaram,

o ego é frágil, o timing, o tato, a empatia e a compostura nem sequer se formaram. Ele ainda tem muito a crescer.

De acordo com o meu telefone, são 7h43 da manhã quando Ivy entra no chuveiro na manhã de véspera de Natal. Achei que não tinha bebido tanto ontem à noite, mas estou com uma ressaca que permeia cada célula do meu corpo ao acordar vestido e tremendo por baixo de uma fina manta de piquenique. A cabeça lateja, o estômago está embrulhado, o corpo dói da noite dormida num sofá velho vinte centímetros menor que eu, e meu orgulho está ferido.

Preciso mijar mas não estou pronto para encarar Ivy, então manco até a cozinha e mijo um litro e meio de urina na pia. A julgar pelo que vejo nela — pratos, panelas, escorredor, ralador de queijo —, parece que Frank e Ivy comeram um macarrão à bolonhesa queimada ontem, e a visão do resultado me embrulha ainda mais o estômago.

Em geral, Frank anda pela casa com toda a delicadeza de um babuíno num pula-pula, por isso eu quase morro de susto quando ouço sua voz atrás de mim.

— Bom dia, Fish.

Estou na metade do fluxo, e não existe a menor chance de eu parar, por isso continuo mijando na louça de ontem à noite.

— Ooops. — Frank ri. — Não sabia que este aqui já estava ocupado. Ha ha.

Eu acabo, fecho a calça e abro a torneira quente da pia.

Com uma voz estridente, Ivy grita do banheiro.

— Água!

E eis um dos dilemas da vida moderna: fechar a torneira para sua namorada grávida continuar com o banho quente numa manhã de inverno ou encher a pia para tirar seu mijo dos utensílios de cozinha? Enquanto ignoro os gritos cada vez mais altos de “Água!” e os comentários simultâneos de Frank, a sensação é de que a pia demora duas semanas para se encher pela metade.

— Natal, né? — diz Frank. — Quer que eu seque?

— Não precisa.

Frank pega um pano e começa a secar um prato enquanto eu raspo à unha o molho à bolonhesa ressecado do fundo da panela.

— Tudo bem? — pergunta ele.

— Já estive melhor.

— Você vai para a casa do seu pai, então?

— Parece que sim.

— Ivy é muito próxima da minha mãe.

— Que bom para ela.

Concentro-me na frigideira.

— Você vai hoje? — pergunta ele.

— Posso usar seu quarto?

— Hã?

— Preciso dormir um pouco.

— Ah, sim. Claro. Quer dizer, a casa é sua.

— Na verdade é da sua irmã, mas... enfim.

Frank pega uma calça jeans e uma blusa, e eu me deito em sua cama e fecho a porta. A roupa de cama continua quente, e o travesseiro cheira ao almíscar primata de Frank, mas acabo dormindo antes de me preocupar com isso.

Por incrível que pareça, quando Ivy entrou no quarto de Frank, minha ressaca conseguiu piorar e ficar ainda mais irritante. Acordo desorientado e confuso, primeiro porque não estou no nosso quarto, segundo porque não estou no sofá. É como se a minha consciência corresse atrás de mim como uma criancinha se esforçando para acompanhar o ritmo do pai.

Ivy se senta na beirada da cama e faz carinho no meu cabelo.

— Bom dia.

— Oi. Que horas são?

— Dez e pouco. Como está a cabeça?

— Horrível. Como está o seu... tudo?

Ontem à noite, sempre que eu acordava morrendo de frio, desidratado ou com uma mola do sofá cravada no fígado, uma pergunta me vinha à cabeça: será que Ivy quer os filhos mais do que a mim? Claro que sim é a resposta óbvia. Os gêmeos também são meus filhos, e, deixando meu ego minúsculo um pouco de lado, eu desejo que ela os queira mais do que a mim. É assim que deve ser, é assim que a vida funciona. Suponho. A questão mais difícil surgiu há 21 semanas: será que Ivy *queria* mais os filhos do que a mim? Será que minha característica mais atraente era o material biológico que eu guardo na calça? Essa resposta já não é tão clara, e, se for positiva, fica mais difícil conviver com isso.

Eu amo Ivy. Eu a acho inteligente, divertida e linda... porém, por mais que eu não queira encarar a ideia, não me sinto correndo o mais rápido possível. Estou sempre dando as costas para esse pensamento, mas ele me persegue como um profeta do apocalipse pronto para o ataque — será que é essa a mulher com quem você deveria passar o resto da vida? Ela é A Mulher da Sua Vida? Ou você só continua com ela porque tem um senso de dever a cumprir e a esperança de que, no fim das contas, tudo vai dar certo?

E a verdade é que eu não sei. Para Frank, a coisa certamente não funcionou assim.

— Vai se levantar?

— Estou um caco.

— Se eu sair agora ainda consigo evitar o trânsito. Talvez.

— O.k.

— Quer que eu espere?

— Não, pode ir. A viagem é longa daqui até lá.

— Seu presente está debaixo da cama.

Apesar de tudo, dou uma risada.

— O seu também.

— Dois gênios. Posso ir lá pegar?

— Minha cabeça está latejando.

— Quer que eu pegue uma aspirina?

— Já tomei mais cedo.

— Vamos trocar os presentes na volta?

Faço que sim, fecho os olhos e sinto vontade de chorar. Não era assim que deveria acontecer.

Devíamos estar usando malhas de tricô com renas bregas bordadas, passear no parque, ouvir Bing Crosby, assar castanhas no forno. E não isto, não Ivy tentando forçar um sorriso enquanto estou deitado na cama pungente do seu irmão, incapacitado pela gripe, pela dúvida e por uma ressaca implacável.

— Ei. — Ivy faz carinho na minha cabeça dolorida e sussurra: — Se anime, lindo. O Natal é supervalorizado.

Ela arqueia as sobrancelhas, sorri e aguarda minha reação. Mas eu não sei como reagir. Ivy faz que vai me beijar nos lábios, mas eu viro a cabeça de lado.

— Os bebês... você vai pegar a minha gripe.

Ivy puxa meu rosto de volta e beija minha boca.

— Até quarta.

Não sei que dia é hoje, não sei se Ivy vai ficar fora por um, dois ou três dias.

— Até quarta.

Ivy para à porta e põe a mão na barriga.

— Eu não sabia — diz. — Por favor, acredita em mim.

E eu acredito. Seja lá que explicação isso tenha, sei que ela está contando a verdade.

— Eu acredito em você.

Ivy acena e articula um “Obrigada”.

Enquanto ela sai e fecha a porta, vejo algo brilhar em seu no pulso. E, conforme Ivy avança pelo corredor, concluo que ela estava usando as abotoaduras de claquete que me deu há pouco mais de uma semana.

Quando volto a acordar, já passa das onze e meia, e a casa mais parece um mosteiro, de tão silenciosa. Não escuto nem os vizinhos. Vou para o nosso quarto, me deito no lado onde Ivy dorme e tiro outro cochilo. Passo um bom tempo debaixo do chuveiro e, quando termino de me secar e vestir as roupas, bate uma fome tão forte que me dá até náusea.

Frank está na dele, lendo no sofá.

— Fiz sanduíche de linguiça para você — diz, apontando o *Ardil 22* para a bancada. — E tem café.

O café e o sanduíche estão quentes.

— Obrigado — digo, afundando a seu lado no sofá. — Está uma maravilha.

— Comprei algumas daquelas linguiças chiques no Village.

— E como vai a carteira?

— Só posso dizer que ainda bem que não preciso comprar presente de Natal para Lois este ano.

— Há males que vêm para bem, né?

— Você sabe que ela é louca por você, não sabe? — afirma Frank, apontando o queixo para a porta do corredor, a porta por onde Ivy saiu há umas duas horas.

E a verdade é que eu não sei.

— Bom, ela é — continua Frank, como se estivesse lendo a minha mente. — Pode acreditar: ela é.

— Então você vai ficar por aqui?

Frank suspira.

— Parece que vou. Não posso ir para casa sozinho.

— Por quê?

— Meus pais são meio esquisitos com essa coisa de divórcio.

Eu me lembro de ouvir Ivy dizer a mesma coisa.

— Esquisitos como?

Frank encolhe os ombros.

— Esquisitos esquisitos.

Ligo a TV e como o sanduíche enquanto assisto a um programa cheio de subcelebridades usando chapéus de festa. Entre os assuntos discutidos constam: o melhor jeito de cozinhar um peru, os melhores filmes de temática natalina, as melhores músicas de Natal, o que vai dar na TV no Natal e uma matéria sobre um maluco de Wigan que come peru com todos os acompanhamentos todos os 365 dias do ano — 366 em anos bissextos. Em geral, eu entupo o carro de comida, vou para a casa do meu pai e preparo a ceia de Natal para ele e a família de Maria, mas, como não sabia (ou me recusei a aceitar) o que faria este ano, minha despensa está completamente vazia. Antes de ir, vou ter que fazer uma visita ao açougue careiro e comprar qualquer carne extorsiva que tenha sobrado, seja ela natalina ou não.

— A que horas você vai? — pergunta Frank, estranhamente calmo esta manhã.

O relógio acima da lareira marca 12h23.

— A qualquer minuto.

— Antes de ir... — Frank salta do sofá e sai em disparada pelo corredor.

Nove segundos depois, reaparece com um cartão e um pequeno pacote embrulhado para presente.

— Feliz Natal e feliz aniversário. — Ele me puxa e me dá um forte abraço.

— Obrigado, Frank. Olha, infelizmente eu não... — Encolho os ombros e mostro as mãos vazias.

Debaixo da cama, perto do presente de Ivy (e do meu), tem um livro que ensina a fazer truques com cartas, além de um baralho marcado, ambos já embrulhados e prontos para eu entregar a Harold quando sair. Por um instante eu penso na hipótese de redirecionar o presente a Frank — que provavelmente ficaria mais agradecido do que o meu vizinho aborrecente —, mas isso me parece meio errado.

Frank balança as mãos, como se não tivesse problema.

— Não seja bobo. Eu agradeço de verdade por você estar me aturando aqui, cara.

— Não é nada.

— Bom... — Frank olha de relance para a porta do corredor outra vez, num movimento involuntário. — Para mim significa muito. E eu sei que as coisas estão... eu sei que... enfim, obrigado.

— Eu que agradeço — digo, segurando o presente mal embrulhado. E vou ficar surpreso se não encontrar uma caixa com DVDs sob o papel de presente com padrão de flocos de neve.

Não sou muito fã do Natal, mas, mesmo assim, não gosto de abrir os presentes antes da hora. Talvez porque 25 de dezembro também seja a data do meu aniversário e eu queira sugar o máximo de diversão possível desse dia. Então, quando coloco o presente de Frank ainda fechado na mesinha de centro, não estou me fazendo de tímido. É só força do hábito.

— Não vai abrir?

— Pensei em esperar o grande dia.

— Abre, abre.

Desde que Frank apareceu no apartamento, temos visto TV até arder as vistas, com Ivy esmagada entre nós dois no sofá. E, invariavelmente, menos de cinco minutos depois de Ivy cair no sono, Frank pega o controle remoto e começa a zapear os canais até encontrar um filme de ação dos anos 1980 ou 1990 — *Highlander*, *Rambo*, *Comando Delta*, *Cyborg*, *o dragão do futuro*. Então, embora isso aconteça há menos de três semanas, tenho a sensação de uma velha piada interna ao desembulhar uma caixa de filmes do Arnold Schwarzenegger com *Exterminador do futuro*, *Predador*, *Comando para matar* e *Conan, o bárbaro*.

— Não precisava.

— Bom, se eu não tivesse comprado ia acabar vendo *Esqueceram de mim* ou coisa do tipo. Já parou para ver a porcariada que passa no Natal?

Faço uma cara e torço para que ela demonstre mágoa e decepção em partes iguais.

— Quer dizer que você... — Aponto para os DVDs, em seguida para Frank. — Você comprou esses... você comprou esses DVDs para você mesmo?

— O quê? Não, assim... não exatamente. Eu pensei... eu pensei que a gente podia assistir ju...

— Frank percebe meu olhar de quem está adorando assistir à cena. — Ah, seu cachorro.

— Peguei você.

— Caramba! A Ivy faz a mesmíssima coisa.

— Pois é, faz.

— Escuta — pede Frank, subitamente sério, como quem não caiu nem um pouco na minha brincadeira e na verdade está armando para se vingar. — Eu sei que estou no caminho de vocês e sei que as coisas andam meio... — Ele balança a mão — ... um pouco estranhas entre você e Ivy.

— Eu agr...

— Mas... eu e Lois... nós nunca tivemos o que você e Ivy têm.

— Ivy disse que vocês eram feitos um para o outro.

Frank suspira e balança a cabeça.

— Nós éramos bons amigos, ríamos juntos, gostávamos da companhia um do outro. Até somos parecidos.

— Ela parece... legal.

Frank consegue abrir um sorriso.

— Ela tem cabelo castanho. E, sim, ela era legal. É legal, acho eu. Mas era tudo... — O sorriso some. — ... acredite em mim: nós nunca tivemos o que você e Ivy têm. Não tínhamos mesmo. Então, não estrague tudo, o.k.?

Faço que sim.

— Senão eu te mato, porra.

E, embora Frank ria ao me abraçar, não consigo deixar de visualizar o buldogue musculoso do *Tom e Jerry* e a maneira como ele martelava o gato indestrutível contra o assoalho.

As estradas estão tão engarrafadas quanto seria de se esperar às duas da tarde de uma véspera de Natal. No porta-malas, estou levando quase duzentas libras de tender, linguças de peru e cordeiro orgânico, e o cheiro de todo esse sangue e carne no espaço fechado desse carro minúsculo é de dar náusea. Apesar do frio e da fumaça dos escapamentos, abaixei todo o vidro da janela, mas, a uma média de cinco quilômetros por hora, a medida não está ajudando a limpar o ar.

As três faixas da estrada avançam à velocidade de uma caminhada, os vidros traseiros dos carros lotados de bichinhos de pelúcia, presentes embrulhados e crianças fazendo careta. Quilômetros de famílias enfiadas nos carros, algumas delas certamente cantando, conversando, fazendo joguinhos bobos; outras discutindo, gritando ou sentadas em silêncio, desejando do fundo do coração estar em qualquer outro lugar, em qualquer outra companhia. A esse ritmo, vou demorar uns cinco dias para chegar em casa, mas não estou com pressa. Preciso de tempo para pensar, e parece que comida é o que não me falta. Frank disse que nunca teve com Lois o que eu tenho com Ivy. É um sentimento bonito, mas acho que nenhum de nós está em posição de saber se isso é mesmo verdade. Frank sabe da minha relação com Ivy tanto quanto eu sei o que deu errado entre ele e sua futura ex-mulher.

Motivos pelos quais estou irritado com Ivy:

- 1) Ela convidou o irmão para morar no apartamento.
- 2) O qual ela ainda vê como somente dela.
- 3) O que faz de mim um inquilino de luxo.
- 4) Ela é mais solidária com o irmão do que comigo. O que, pensando melhor agora, provavelmente é justo, tendo em vista que ele está se divorciando e anda afastado do filho.
- 5) Falta sexo. Concordo que existam atenuantes, mas, pelo amor de Deus, já faz quatro meses.
- 6) Ela prefere passar o Natal com a própria família do que com a minha.
- 7) Ela não compra leite integral.

O trânsito melhora por uns minutinhos, e eu avanço, talvez, quase um quilômetro, conseguindo engatar até a terceira marcha, mas acabo voltando aos seis quilômetros por hora constantes. Começa a chover, e gotas pesadas batem no para-brisa. Eu e Ivy nos beijamos pela primeira vez neste carro, estacionado ao lado do quarto poste de luz à esquerda de sua rua. Também chovia na ocasião.

Mas também me parece justo apresentar a visão da defesa: eu adoro que Ivy participe de um clube do livro com um bando de gente com o dobro de sua idade; adoro que seja maquiadora e não use maquiagem; adoro que seja sensata, atenciosa, confiante, maternal e engraçada. Adoro que acredite na fada madrinha, não saiba assobiar e tenha um peixe chamado Ernest. Adoro que tenha sido ideia dela levar El ao Museu de História Natural. Adoro o jeito como faz ovos

mexidos. E adoro que ela me adore e adoro o fato de que está grávida dos meus gêmeos (seja lá como isso tenha acontecido). E não preciso fazer uma lista; eu simplesmente sei, do fundo do coração, no fundo da minha alma, que ela é a mulher certa para mim.

Tudo isso fica óbvio enquanto estou aqui, engarrafado na estrada. Talvez eu devesse ter vindo semana passada, em vez de ficar refletindo sobre o assunto, amuado feito um adolescente idiota.

Na versão cinematográfica da minha vida, a chuva viraria neve, o trânsito abriria, e eu ligaria o rádio — estaria tocando “Driving Home for Christmas” — e iria cantando até a casa do meu pai.

O engarrafamento não anda e a chuva não cessa, mas tudo bem. Eu estou feliz.

Pego o telefone do banco do passageiro e mando uma mensagem para Ivy.

.**

Jogo o celular de volta no banco e espero ele tocar com a mensagem em que Ivy me manda seu amor.

Mas ele não toca.

Demoro sete horas e 45 minutos para cobrir os mais de trezentos quilômetros do apartamento de Ivy até a casa do meu pai, e meu telefone não toca uma vez sequer. Quando chego, já são quase dez da noite. Meu pai deve ter ouvido o carro se aproximar porque abre a porta da frente no momento em que estaciono no meio-fio. Desligo os faróis dianteiros, e ele acena antes de sair para a noite fria de dezembro usando meias e camisa de manga curta. Há pouco mais de um mês, comentei com meu pai que eu e Ivy passaríamos o Natal com ele, e nenhuma vez o otimista, idiota e cabeça-dura aqui sugeriu qualquer possibilidade de isso não acontecer.

Enquanto ando pela entrada da garagem, meu pai faz uma cara feia e olha por cima do meu ombro. Em seguida, sussurra:

— Ela está dormindo?

Balanço a cabeça e deixo minha cara falar por mim.

— Não veio? — pergunta.

— Foi para a casa dos pais.

Meu pai me abraça.

— Meu filho, o que aconteceu?

Meu pai acende a lareira a gás, enche meu copo de uísque outra vez e se senta no sofá. Seria a cena perfeita, se a mãe dos meus futuros filhos estivesse aqui entre nós dois. Por outro lado, para variar é bom ter espaço para me espalhar.

— Ligou para ela? — pergunta ele.

Depois de chegar, contei ao meu pai a versão resumida dos últimos meses, culminando com a noite de ontem dormida no sofá. E, enquanto eu me confessava, meu pai estalou a língua, balançou a cabeça, fez chá e disse que eu deveria conversar com Ivy. Em outras palavras, ele se portou perfeitamente bem diante da situação.

— Mandeí mensagem de texto — respondo.

Meu pai revira os olhos como se isso — mensagem de texto — fosse desconcertante e risível a um só tempo, como pintar o cabelo de verde ou ouvir tecno.

— Ela respondeu à sua *mensagem de texto*?

Balanço a cabeça outra vez.

— Talvez você devesse ligar.

— Agora ela já deve estar na cama. Eu ligo amanhã.

— E qual é o plano?

— O de sempre: me rebaixar e pedir desculpas.

Meu pai ri.

— Não seja tão duro consigo mesmo. — Em seguida, ele dá um gole em seu uísque.

— Eu amo Ivy — digo, e nem sei por quê. Talvez para me lembrar.

Meu pai faz que sim.

— Eu sei.

Dou uma risada e quase engasgo.

— O que foi? — pergunta.

— Você me fez lembrar uma pessoa.

— Quem?

— Han Solo. — Ele faz cara de quem não entendeu. — Do *Star Wars*. Ele... ele é um cara legal — completo, e isso parece satisfazer meu velho.

— E o que você mais ama nela?

Encolho os ombros.

— Não tem uma coisa só, sabe? São muitas coisas pequenas.

Ele sorri.

— Melhor é assim.

— Retiro o que disse. Você me faz lembrar o Mestre Yoda.

Ele me dá uma palmada na perna.

— Espertinho.

Ficamos um tempo sentados, sem conversar, só ouvindo o crepitar da lareira.

— Sua mãe e eu... nem sempre foi tudo um mar de rosas — comenta meu pai, quebrando o silêncio.

— Não?

— Sabia que ela ameaçou me largar uma vez?

— Não.

Meu pai acena positivamente com a cabeça.

— Logo depois de você nascer.

— Desculpe.

Ele sorri para mim com amor.

— Não foi culpa sua. É só... a vida, sabe?

— O que houve?

Meu pai balança a cabeça.

— Eu estava sendo egoísta, só isso. Era muito comum na época. Acho que a sua geração é melhor.

— E...

Meu pai sorri ao recordar.

— E eu comprei flores, lavei a louça, aprendi a trocar fralda.

— Me parece um baita sacrifício.

Ele esvazia o copo, pega a garrafa na mesinha de centro e a aponta para mim.

— Pra mim já deu — digo, fazendo que não com a cabeça.

Meu pai parece decepcionado. Ele hesita, sem saber se deve se servir de outra dose.

— Vai em frente — digo. — Eu já estou bem pelos próximos vinte minutos.

Nem preciso insistir.

— Sua mãe dizia que eu me parecia com o Robert Redford — comenta. Em seguida, ele ergue as sobrancelhas, como se estivesse me desafiando a contradizê-lo.

Faço sua vontade com um olhar.

— Uma mulher daquelas vale todo o sacrifício do mundo — completa.

Antes de dormir, envio uma última mensagem a Ivy.

Eu te amo.

Eu odeio o Natal.

A primeira coisa que eu faço ao acordar é checar o celular, mas não há mensagens.

É impossível que eu tenha crescido do ano passado para cá, mas minha antiga cama de solteiro parece menor do que eu lembrava. Ano passado, eu tinha acabado de arruinar meu relacionamento com Kate. Este ano, arruinei meu relacionamento com Ivy. Já está virando tradição.

Tradicionalmente, eu fico deitado na cama até ouvir meu pai sair de casa e ir para a missa, então saio para dar uma longa corrida. Mas que se dane a tradição, e que se dane mesmo: vou à missa. Até tomo um banho antes. Quando acordo meu pai está com uma caneca de chá, e, com a notícia de que vou deixar de lado minha corrida natalina para acompanhá-lo, seu rosto se ilumina como se fosse, bom... como se fosse Natal.

Eu honestamente não sei por que decidi fazer isso — se é meu primeiro passo para me tornar um homem menos egoísta ou um mero ato de desespero abjeto. Não acredito em Deus, e só temos em comum o fato de eu fazer aniversário junto com seu filho. Mesmo assim, quando o restante da congregação se ajoelha para orar em silêncio, eu fecho os olhos com força e acompanho. Rezo para que Ivy ainda me ame. Mas é impossível parar no primeiro desejo: rezo para que meus bebês nasçam saudáveis, rezo para que cresçam felizes. Rezo por meu pai, Maria, minhas sobrinhas, Hector, Frank, Esther, Nino, El, Phil, Joe e sua família — pois deixar pessoas de fora me passa a sensação de que estou pedindo a Deus para *não* olhar por elas. Estou começando uma petição por batatas assadas bem crocantes e um bom filme esta tarde quando o sacerdote pede que todos se levantem. E deve ser assim que eles pegam a gente — essa brincadeira de rezar é viciante, você não consegue fazer todos os pedidos de uma só vez e precisa voltar semana que vem. Muito engenhoso.

Apesar de devoto do ateísmo, até que eu gosto da cerimônia. Os hinos empolgam, o sacerdote (que deve estar bêbado) é surpreendentemente divertido, e as tortas no salão da igreja até que dão para um café da manhã razoável.

Quando volto para a casa do meu pai, vejo que Ivy ainda não retornou minha mensagem. Telefone, mas cai direto na caixa postal. Essa história de poder da oração é uma tremenda bobagem.

Faço trinta e dois anos hoje, embora ninguém ainda tenha me parabenizado. Na casa dos Fisher, manda a tradição que as pessoas esperem dar 15h55, hora exata do meu nascimento, para me felicitar. Isso começou como uma forma de separarem parte do dia só para mim, mas, com o passar dos anos, se transformou numa pantomima à minha custa: todos fazem questão de não me

dar parabéns ou discutem planos para seus próprios aniversários, meses à frente. E, nos últimos trinta e dois anos, eu só passei um aniversário fora desta casa — foi na vez em que viajei, o que me pareceu funcionar como uma forma válida de libertação.

Minha irmã chegou com a família pouco depois do meio-dia, e, depois de todos fazerem questão de me desejar feliz Natal e nada mais, Maria e eu levamos três taças de vinho para o jardim — outra tradição nossa. No verão seguinte à morte da mamãe, colocamos um bebedouro de pedra para pássaros no meio do jardim. Funciona como um memorial, e, nos últimos dez anos, saímos no dia de Natal e passamos uns minutinhos com ela. Tem vezes em que Maria fica chorosa e outras em que parece quase constrangida com a pieguice da coisa. Mas, quando estamos aqui, é isso que fazemos.

Bebemos o vinho em silêncio, e pelo canto do olho percebo minha irmã secar uma lágrima. Eu me aproximo e tento segurar sua mão, mas ela se afasta.

— Tudo bem?

— Não.

Eu me viro, e, em vez de parecer triste, ela está visivelmente brava.

— O que foi?

— E então? Como foi que você conseguiu ferrar tudo dessa vez?

Aponto para o bebedouro da mamãe e faço uma cara feia.

— Precisa disso?

Maria balança a cabeça, irritada.

— Você vai ser pai de gêmeos!

— Eu sei.

— Sabe como isso é difícil?

— Eu sei do estardalhaço que você fez.

Maria me dá um soco no braço, forte o suficiente para derramar metade da minha taça.

— E então?

— É complicado.

— O papai me contou que você andou dormindo no sofá.

— Ah, contou? Então, por que você não vai lá nele e pergunta tudo de uma vez?

— Babaca.

— Eu dormi no sofá uma vez. Só uma.

— Você disse que amava Ivy, que ela era o amor da sua vida, sua alma gêmea e toda aquela papagaiada — diz Maria, forçando um sorriso irônico e falando de um jeito cantarolado, que mais lembra uma cantiga infantil.

— Eu lembro.

— E...

— E o quê?

— E, poxa, vê se cresce, William. Feliz Natal, mãe. — Maria acaba de beber o vinho e volta para a cozinha, me deixando só do lado de fora, no frio, com a taça metade vazia.

— E aí? Dormindo no sofá? — pergunta Hector.

— Uma vez. Eu dormi no sofá uma vez.

Hector estende a garrafa de vinho por cima da mesa.

— Posso encher?

Tapo a taça.

— Estou bem.

— Hã-hã — pigarreia Maria, mostrando a taça ao marido.

— Por que você dormiu no sofá? — pergunta Rosalind.

— Por que é uma besta — responde Maria.

Rosalind solta uma risada e sussurra no ouvido da irmã gêmea.

— Por que ele é uma besta? — pergunta Imogen.

— Porque é homem — responde Hermione, então brinda com a mãe.

Viro-me para o meu pai e faço uma careta irônica como quem diz *muito obrigado*, e o velho sacana simplesmente dá uma risada. Em seguida, é a vez de Hector rir, depois Hermione, e por fim todos se juntam.

Estamos prestes a matar uma caixa de bombons enquanto assistimos a *De volta para o futuro II*, quando meu celular toca. Alguém pausa o filme enquanto eu me contorço para sair do sofá e tiro o aparelho do bolso de trás. Não reconheço o número.

— Quem é? — pergunta Hermione.

— Não é da sua conta.

— Se for Ivy, eu quero falar com ela.

— Falar o quê?

— *Não é da sua conta* — imita ela, mostrando a língua para enfatizar.

É pouco provável que Hermione seja mais difícil ou geniosa do que qualquer outra garota prestes a fazer dezoito anos, mas ela e a mãe brigam feio pelo menos algumas vezes por ano. Quando param de se falar, elas me ligam — desabafam, fazem ameaças e, na maioria das vezes, choram, embora nos últimos meses Ivy tenha se tornado a confidente preferida de Hermione (não sei como a transição se deu). E, longe de me sentir usurpado, esse é apenas outro item da lista de coisas que eu amo a respeito da mulher com quem fui cruel na véspera de Natal.

— Fiquem aí vendo o filme — digo a todos e saio para atender no corredor.

— Alô.

— Feliz Natal, lindo.

— Ivy?

— Não reconhece a minha voz?

— Reconheço, óbvio. O que eu não reconheci foi o número.

— Está esperando ligação de outra pessoa? — pergunta ela em um tom estranho, mas não vou cair nessa. Não hoje.

— Feliz Natal, minha linda. Esse é o telefone dos seus pais?

— É, eu es...

— Só um minutinho. — Vejo Hermione espiando à porta que dá para o corredor. Eu a enxoto e subo a escada para o meu quarto. — Eu mandei uma mensagem. Você não respondeu.

— Acabou a bateria do meu celular, e eu deixei o carregador em Londres. Quando eu saí... estava meio confusa, acho. Desculpe.

— Não. Eu é que peço desculpa.

— É, bom, deveria pedir mesmo.

— Estou com saudade.

— Sem sentimentalismos, você vai me fazer...

Mas seja lá o que Ivy tenha dito eu não consigo escutar, pois Hermione, Imogen e Rosalind entram em disparada no quarto. Hermione tenta tomar o telefone, mas eu a afasto com a mão livre, enquanto Imogen e Rosalind me cercam e também tentam pegar o aparelho.

— Me dá — diz Hermione, tentando pegar o celular outra vez. Eu fico de pé na cama para impedir que o aparelho caia nas garras maléficas das minhas sobrinhas. — Ivy, eu vou ter que falar rá...

— O que está acontecendo? Que barulheira é essa?

— Gnomos — respondo, chutando Rosalind um pouco mais forte do que queria e jogando-a para fora da cama.

— Gnomos?

— Sobrinhas.

Imogen morde meu tornozelo, e Hermione sobe na cama e começa a pular para tomar o telefone de mim.

— Eu te amo — digo, um segundo antes de Hermione conseguir segurar meu pulso.

E, assim como leões atacando uma girafa, elas me derrubam.

Só Deus sabe o que minhas sobrinhas e a mãe dos meus filhos têm para conversar, mas, seja lá o que for, elas ficam quase meia hora ao telefone.

— A Ivy mandou feliz Natal — diz Rosalind ao me entregar o celular.

— Só isso?

— Também mandou um beijão — completa Imogen, com uma careta.

— E aí? Quem vai me dar o beijo? — Eu me levanto do sofá, e minhas três sobrinhas se afastam.

— E você? — diz meu pai a Hermione. — Daqui a pouco também faz aniversário, não é?

— Dezoito — responde Hector.

— Que Deus nos ajude — completa Maria.

Vejo a hora no telefone e descubro que faltam dez minutos para meu aniversário.

As gêmeas tapam a boca e riem.

— Eu gosto de aniversários — diz Imogen.

E esta é a minha deixa para fingir que estou aborrecido e sair da sala. Suspiro pesadamente ao subir a escada. Quando volto, às 3h54, desço já com a bolsa arrumada. Se as estradas estiverem livres e eu sair logo, poderei chegar à casa dos pais de Ivy bem a tempo dos sanduíches de peru. Mas primeiro vou ter que passar pelo bolo de aniversário.

Realizo um esforço hercúleo para não engolir de uma só vez minha fatia de bolo e rasgar os embrulhos de presente como uma criança de dois anos. Faço tudo com calma, mastigo de boca fechada e festejo ao abrir cada presente. Até fico para assistir ao final do filme, porque, quem sabe, este pode ser o último ano em que passo por essa farsa ridícula, horrível, maravilhosa.

Meu pai não parece surpreso quando lhe conto que vou pegar o carro e dirigir mais de trezentos quilômetros até Bristol. De certa forma, acho que venho planejando isso desde que abri os olhos hoje de manhã.

— Estou surpreso é por você ter ficado tanto tempo aqui — comenta, em seguida me dá um beijo na bochecha e um abraço apertado.

A família toda vai à porta se despedir de mim. Hector guarda minha bolsa no porta-malas.

— Dirija com cuidado — pede Maria, em seguida me dá outro soco forte no braço. — Babaca.

— Também te amo — digo e entro no carro.

Encontro as estradas tão vazias que mais lembram um cenário de apocalipse. Pisando fundo no acelerador e me inclinando sobre o volante, o carro atinge a velocidade máxima de 130 quilômetros por hora. Dois carros de polícia me ultrapassam enquanto sigo na direção sul. Estão uns bons vinte quilômetros por hora acima do limite de velocidade, mas simplesmente sorriem e buzina. “Buzine se estiver com tesão”, diz um dos adesivos do “bestamóvel” de El. E, embora não possa dizer que esteja com tesão — estou feliz, frenético e ansioso, o que talvez dê na mesma —, eu buzino e sorrio de volta para os policiais acima do limite de velocidade.

De porta a porta, a viagem leva duas horas e 57 minutos. Aperto a campainha dos Lee às 8h04 da noite de Natal, e meu coração bate tão forte que mais parece que eu percorri o trajeto inteiro correndo.

Frank atende.

— O que você está fazendo aqui?

— Feliz Natal para você também, e eu é que pergunto, bundão.

Frank leva a mão à têmpora como se estivesse com uma crise de enxaqueca. Em seguida, balança a cabeça.

— Caramba. — Então ri.

— Está tudo bem?

— Você está deixando o frio entrar. Quem está aí? — grita a mãe de Ivy, lá de dentro.

— Fisher! — grita Frank de volta.

— Idiotas! — Esse berro de boas-vindas vem do pai de Ivy, que em seguida cai numa gargalhada estrondosa.

— Frank, você vai me convidar para entrar ou não? O que está havendo? Cadê a Ivy?

Frank olha para o pulso como se estivesse verificando as horas num relógio.

— Em algum lugar na estrada, imagino eu. Pelas minhas contas, vai chegar à casa do seu pai em uns... vinte minutos.

Voltando para Londres na noite de Natal, sento o pé no acelerador, e o carro de El chega a aterrorizantes e chacoalhantes 140 quilômetros por hora. O vento deve estar soprando a favor. Ou vai ver é a força do meu pensamento.

Frank errou por dez minutos — Ivy ligou da casa do meu pai para os pais dela depois das oito e meia. Passei trinta minutos nada desagradáveis bebendo chá e comendo sanduíche de peru com Eva, Ken e Frank, que beberam vinho, uísque e licor, respectivamente. Parece que Frank não aguentou nem 24 horas de solidão festiva e concluiu que corria o risco de ficar maluco ou de beber até cair. Depois de um café da manhã de sanduíches de bacon torrado, ele passou uma hora assistindo a programas infantis, enquanto agonizava para decidir se devia ou não abrir a

garrafa de Cointreau. Na metade de *O conto de Natal dos Muppets*, jogou uma bolsa no portamalas de seu Audi e partiu para Bristol. Chegou à casa dos pais a tempo da ceia. Ele me contou tudo isso enquanto estávamos na cozinha, preparando outra rodada de bebidas. Perguntei se ele contou aos pais sobre sua situação com Lois, mas, antes de ele conseguir responder, Eva apareceu para pegar uma caixa de bombons.

Apesar dos muitos protestos de Frank e Ken, a sra. Lee insistiu em brincarmos de mímica (*A felicidade não se compra, Com 007 só se vive duas vezes, A ponte do rio... rima com pai*). O pai de Ivy queria que eu bebesse alguma coisa, e Eva queria que eu passasse a noite lá, porém resisti às duas ofertas porque ainda tinha esperanças.

A rodovia está calma, mas o trânsito das dez e meia da noite é mais intenso do que eu imaginava, o que me entristece. Muitos dos carros só têm o motorista, gente que deveria estar na companhia de outras pessoas. Talvez estejam voltando depois de alguns dias bem aproveitados com os amigos e a família, mas, na minha imaginação, estão sós e sem rumo. Talvez pensem a mesma coisa a meu respeito. Ninguém buzina para mim às dez e meia da noite de véspera de Natal.

Ivy ligou enquanto Frank estava fazendo a mímica do ato de vomitar (“*Sem fôlego? Problema de estômago? Ânsia? Enjoo? Cuspir? Vômito!*”). Maria e a prole já tinham ido para casa, então apenas meu pai e Ivy estavam do outro lado da linha, na nossa teleconferência de seis participantes. O consenso era de que Ivy e eu deveríamos passar a noite na casa dos nossos “sogros”, mas a insensatez prevaleceu, então Ivy se espremeu na van, e eu me comprimi atrás do volante do meu carro.

Mesmo que fôssemos a mais de 160 por hora (velocidade que nenhum dos veículos é capaz de atingir), seria praticamente impossível chegarmos a Wimbledon antes da meia-noite. Mas calculamos que, com sorte, fê e um bom vento de cauda, chegaríamos ainda no dia de Natal a uma loja de conveniência de estrada na altura de Oxford. Não é exatamente caminho, mas quando foi que eu fiz alguma coisa do jeito mais fácil?

O estacionamento da loja de conveniência está praticamente deserto, e de imediato eu identifico a van branca com as palavras “Esquadrão do Glamour” gravadas na lateral. Vejo Ivy sentada no capô, sua respiração formando nuvenzinhas de fumaça branca. Faltando seis minutos e alguns segundos para a meia-noite, eu estaciono a seu lado e me desdobro para sair do carro minúsculo.

— Você conseguiu — diz Ivy, dando a entender, com seu sorriso tranquilo, que este é um momento que não devo estragar com palavras vazias.

Envolvo Ivy no abraço mais apertado possível sem esmagar a ela ou aos bebês.

— Feliz Natal.

Ivy me beija. No começo é suave, mas aos poucos ela aumenta a pressão e a tensão, até chegarmos ao ponto em que seria constrangedor haver outra alma por perto.

— Feliz Natal — retribui Ivy. Sentamos lado a lado no capô da van, damos as mãos e ficamos calados até dar meia-noite, então Ivy me beija outra vez. — Bom, se eu não fizer xixi em dois minutos, acho que a minha bexiga vai estourar — diz.

Se eu esperasse qualquer clima festivo numa loja de conveniência de beira de estrada nas primeiras horas de 26 de dezembro, seria um idiota. Usando gorros de Papai Noel caindo na altura dos olhos, a equipe reduzida nos trata com indiferença, enquanto nos fitamos diante de

uma mesa de fórmica e duas xícaras de café queimado.

— Você acha que a gente se cruzou no caminho? — pergunta Ivy.

— Metaforicamente falando?

— É tarde demais da noite para isso. Ou cedo demais? Nunca consigo acertar.

— Acho que a gente se cruzou, sim. Desculpa.

Ivy encolhe os ombros.

— Vai dar uma boa história para contar aos nossos filhos.

Ela sorri, e é um sorriso do qual vou me lembrar até perder o cabelo, os dentes e o juízo.

— Vamos para casa agora?

Estacionamos à porta de casa pouco depois das duas da manhã. Mais para lá do que para cá, Ivy põe o braço sobre meus ombros, e preciso praticamente arrastá-la escada acima. Em 36 horas, fiz um trajeto triangular de quase mil quilômetros até voltar para casa, mas a viagem valeu a pena.

— Ligo a chaleira? — pergunto, enquanto Ivy se encolhe no sofá ainda de casaco e sapatos.

— Nós temos vinho xerez?

Abro a porta dos armários e vasculho entre latas e pacotes.

— Xerez, não. Cointreau ou vinho do porto?

— Hmmm, complicado. Cointreau talvez não seja muito adequado, não acha?

— Você pode tomar só uma dosezinha.

— Surpreenda-me.

Sirvo duas taças de vinho do porto e as levo para o sofá.

— Feliz dia 26, linda — digo, esticando o braço para brindar.

Mas Ivy afasta a taça.

— Tenho certeza de que continua sendo Natal até irmos para a cama.

— É mesmo?

— Claro.

— Então... e se a gente ficasse acordado pelos próximos dois dias?

— Ainda seria Natal.

— Neste caso, feliz Natal, linda.

Finalmente brindamos. Ivy prova o porto, fecha os olhos e saboreia o líquido adocicado.

— É a primeira bebida que eu tomo em vinte semanas.

— E como está?

Ela contrai os lábios.

— Boa pra caramba — responde e dá outro golinho.

— Sinto muito, viu? Por... tudo.

Ivy encolhe os ombros de um jeito quase imperceptível.

— Eu também. Eu também sinto muito.

— Eu perdoo você.

Ivy tenta me acertar um chute na perna, mas eu pego seu pé, subo-o até o colo e massajeio o calcanhar, a sola e os dedos. E, ao que parece, esse é o fim da briga. É claro que poderíamos ter dito tudo isso dois dias atrás, mas acho que esse breve diálogo não teria o mesmo peso sem uma

viagem de dois dias e quase mil quilômetros.

— Você deve estar exausta.

Ivy assente.

— Infelizmente, acho que não consigo ficar acordada pelos próximos dois dias.

— Aguenta pelo menos dez minutinhos para a troca de presentes?

O presente que ela comprou para mim tem mais ou menos o tamanho de um pacote de batatas chips. O que eu vou dar tem o tamanho da primeira edição autografada de um livro de John Irving.

— Você primeiro — pede Ivy, abrindo um sorriso malicioso.

Eu rasgo o papel de presente com bonecos de neve e encontro um pacote com dez ganchos de parede.

Além de adiar a comemoração do meu aniversário até as 3h55 da tarde de 25 de dezembro, minha família sempre (pelo menos, nos últimos quinze anos) achou superdivertida a “brincadeira” de me dar um presente de Natal bobo e decepcionante e só depois me entregar um presente de verdade. Eu nunca contei isso a Ivy, mas parece que alguém contou (aposto que foi Hermione), e pelo jeito eu estou condenado a viver essa farsa festiva enquanto tiver forças para rasgar papel de presente.

— Ganchos de parede — digo, com a minha rotina tradicional de fingir entusiasmo e uma cara de decepção mal escondida. — Exatamente o que eu sempre quis.

Ivy sorri, pega seu presente e puxa a ponta do durex.

— Cuidado — aviso.

Ivy me olha desconfiada. O que ela tem em mãos é claramente um livro de capa dura. Contudo, o que ela não sabe é que este calhamaço me custou mais de quatrocentas libras. E pior: ela já o leu.

Ivy arranca o durex de uma ponta e em seguida ataca a outra.

— Ai, este livro... — diz, segurando o livro contra o colo.

— Era o que você estava lendo quando a gente se conheceu.

— Eu lembro. — Ivy dá uma risada.

— É a primeira edição.

Ela se derrete em lágrimas.

— Obrigada — diz, usando a manga para enxugar as lágrimas. — É...

Ela começa a chorar mais forte, e fico com medo de uma lágrima cair no livro e causar um estrago de cem libras. Com cuidado, retiro o livro das mãos de Ivy e o pouso na mesa de centro.

Abraço Ivy e lhe dou um beijo no topo da cabeça.

— Eu te amo — diz ela. E, mesmo que fique por isso mesmo, se este ano eu receber apenas essas três palavras e um pacote de ganchos de parede, ainda assim este não deixará de ser o melhor Natal da minha vida.

— É só um livro. Recomponha-se.

Ivy funga e volta a enxugar os olhos.

— Ufffa. Deve ser culpa dos meus hormônios.

Ela pega o livro, segura-o com reverência e abre a capa, revelando o autógrafo desajeitado de John Irving. Em seguida, vai até a primeira página de texto e começa a ler.

— É tão bom — sussurra. — Acha que é seguro ler?

— Agora?

Ivy dá uma risada e fecha o livro.

— Provavelmente não, né?

Balanço a cabeça.

— Se eu fosse você, deixaria este livro bem longe do alcance dos dedinhos.

Ivy leva as mãos à barriga como que por reflexo.

— Como eles estão? — pergunto.

— Ótimos. Não param de se mexer.

Eu me inclino e beijo a barriga.

— Feliz Natal, bebês.

Ivy faz carinho na minha cabeça.

— Quase esqueci — diz.

— Hein?

— É seu aniversário, não é?

— Faço trinta e dois hoje.

— Espera aqui. — Ivy começa a se erguer do sofá.

— Não prefere que eu pegue?

Ela balança a cabeça e desaparece no corredor. Quando volta, traz um embrulho fino com quase um braço de altura e comprimento.

— Feliz aniversário — diz, apoiando o presente no sofá.

No dia em que nos conhecemos, Ivy e eu discutimos a maquiagem para os anúncios dos Monstrinhos, dos quais fui o diretor. Ela comentou que os roteiros eram um “terror com roupas chiques”, citando o antigo filme *Abbott e Costello às voltas com fantasmas*, em que a dupla se depara com Frankenstein.

E são esses três rostos que adornam o pôster emoldurado que Ivy me dá de aniversário. Segundo o título, *As risadas são monstruosas*.

— Adorei.

— Lembra o dia em que nos conhecemos. — Ivy me beija, e sinto um impulso incandescente no centro do corpo.

— Eu lembro. Onde vou pendurar?

— Onde quiser. A casa também é sua. — Ela se inclina e me beija com ardor.

— Mas vem cá: é Natal até a hora de ir para a cama, ou ele só acaba na hora de dormir?

Ivy sorri.

— Aonde você quer chegar?

— Bem, eu pensei que, como estamos sozinhos no apartamento esta noite...

— Na verdade, um pouquinho mais que esta noite.

— Por quê? Quando ele volta?

Ivy balança a cabeça.

— Não volta.

— Eles reataram?

Ivy balança a cabeça de novo.

— Não. Frank e Lois acabaram tudo. Eu disse a ele que era hora de seguir em frente. De sair daqui, na verdade.

Eu me esforço para não escancarar um sorriso. Mas não é fácil.

— E o que Frank disse?

— Eu disse a ele que nós, que você e eu... — Ela me beija na testa, na ponta do nariz, nos lábios. — Eu disse a ele que nós precisamos de espaço. Ele levou na boa, compreendeu.

— Seus pais sabem?

Ela faz que sim.

— Uau! Então o pudim de Natal lá deve ter sido uma alegria só.

Ivy faz uma careta.

— Enfim... vai me levar para a cama ou não?

Com um sorriso idiota estampado no rosto, eu caí no sono enquanto tentava fazer um cálculo... a última vez que tínhamos feito amor havia sido no fim de agosto, um dia antes de visitarmos meu pai. Setembro, abril, junho e novembro têm trinta dias, os outros trinta e um... mas, toda vez que eu chego perto do resultado, acabo apagando...

Seja qual for a soma, foram bem mais de cem dias. Até ontem à noite. Até hoje de manhã.

Quando acordo, horas e horas mais tarde, Ivy não está na cama. A roupa de cama de seu lado está fria, mas a lembrança física dela continua em mim, sob o cobertor pesado, assim como a marca do lençol na minha bochecha e o cheiro de vinho do porto no meu hálito. Estou com fome e preciso fazer xixi, mas quero continuar aqui, envolto no eco da respiração ofegante de Ivy, no calor residual de seu corpo, no cheiro de seu cabelo, na imagem das suas costas pressionadas contra o meu peito...

Hoje é dia 26 de dezembro...

Eu adoro o Natal.

Cenoura.

Manga.

Mamão papaya.

Milho.

Alface.

Couve-flor.

Berinjela.

Repolho...

Ivy está grávida de 29 semanas, e quem não sabe que ela está esperando gêmeos acha que o parto será daqui a dez segundos. Agora, subir escadas é um feito épico; sair do sofá é trabalho para dois homens; e, ao ficar de pé, Ivy desafia todas as leis da física — apesar da massa planetária assimétrica, de alguma forma ela continua com a postura ereta. Ela parece ter o dobro do tamanho das outras mulheres na sala.

Há oito casais neste salão paroquial congelante. Os homens ficam sem graça quando suas mulheres se sentam nas cadeiras com as pernas abertas, como se estivessem montando cavalos. A instrutora, Julie, nos ensina a massagear a parceira durante o trabalho de parto, apertando os dedos nas depressões acima das nádegas — que ela chama de “nódulos de Vênus”. A barriga de Ivy está grande demais para ela se sentar montada numa cadeira como as outras sete mulheres, então ela se ajoelha no chão e se debruça sobre uma bola de ginástica.

Depois de Ivy, a pessoa em estágio de gravidez mais avançado é uma mulher chamada Kath, cujo parto está previsto para o meio de maio — cinco semanas depois dos gêmeos. Assim como as outras mulheres que não Ivy, Kath espera um só filho, e há um sentimento geral de assombro, medo, simpatia e admiração direcionado à minha namorada e sua barriga estupenda. Tenho quase certeza de que Ivy é a mais velha futura mamãe da sala, por pelo menos uma boa meia dúzia de anos. Além de tudo, ela é a única que não usa aliança.

Pressiono os polegares nos nódulos de Ivy e resisto à tentação de beijar sua nuca.

— Se vocês não se sentirem confortáveis na cadeira, tentem se debruçar na bola, como Ivy. Ou fiquem de pé, voltadas para as costas da cadeira, e se debrucem, desse jeito.

Uma das grávidas tenta essa posição, dobrando a cintura e agarrando as costas da cadeira. O marido a segura pelos quadris, por trás, e faz força contra ela.

— Aproveitem enquanto podem, caras — solta ele, e alguns outros pais mais educados riem sem jeito.

Outro cara, Steve, chama minha atenção e revira os olhos. Mexo a cabeça sutilmente — *que babacão*. Steve dá uma risada. Sua mulher e Ivy gravitaram (em todos os sentidos) uma em torno da outra durante o lanche. Com isso, eu e Steve engatamos uma conversa fiada que não foi completamente constrangedora — *Você torce para que time? Qual é o seu carro? Fez o que ontem à noite?*

Ontem à noite foi dia dos namorados. O nosso primeiro juntos. E o encontro mais caro da minha vida. Fomos a um cinema drive-in e assistimos ao filme *A princesa prometida*. Não é um filme sensual, mas tenho certeza de que o casal do carro ao lado não ficou apenas nos beijinhos. Só de ingressos, pipoca e refrigerantes eu morri em mais de cinquenta pratas. O que é uma gota no oceano, se comparadas às 1800 libras que pagamos quatro horas antes num carro de segunda mão. Não resta dúvida de que precisamos de um veículo mais familiar do que a van de dois

lugares de Ivy ou o carro minúsculo de El, mas o que compramos tem o tamanho de um pequeno tanque. No entanto, ele é bem a cara de Wimbledon, e na parte de trás há espaço suficiente para realizar o parto dos gêmeos, caso necessário.

Existem cursos preparatórios para pais que estão esperando gêmeos, mas o próximo já é perto demais da data prevista para o parto e longe demais de casa. Então, cá estamos nós, os diferentes, com um bebê a mais e a dois meses do dia D, em 11 de abril. O curso consiste em duas sessões de sete horas, e esta é a segunda. Portanto, quando formos embora hoje, estaremos, em tese, mais preparados do que nunca para a chegada deles. Já vimos a respiração, a amamentação, as fraldas, o sono, o fórceps, as bombinhas de leite e a cesariana. Discutimos situações de emergência e que tipos de lanches dão mais energia para a hora do parto. Temos uma lista de coisas para pôr na bolsa do hospital e uma lista de compras básicas a fazer na farmácia.

É tudo muito informativo, empolgante e assustador, e eu tenho quatro páginas de anotações e um checklist na carteira para consultar na hora do parto. Mas a verdade é que estou mais nervoso do que estava há uma semana e sete horas. Depois do curso, vamos a um bar e bebemos oito cervejas e oito refrigerantes. Espremidos em volta de três mesas juntas, formamos um grupo grande e chamativo, e os outros clientes se divertem com a nossa presença, cutucando os amigos e olhando na nossa direção como se fôssemos uma companhia teatral pronta para começar a atuar a qualquer instante.

Além de aprender a trocar fralda, as pessoas vão a essas aulas de preparação para fazer amigos que não vão se irritar com o “olha que coisa engraçada o meu filho fez” incessante. É uma loteria, e, ao dar uma olhada geral no nosso grupo, não estou contando receber muitos cartões de Natal a mais este ano. O cara que estava se esfregando na mulher duas horas atrás se chama Keith e assumiu o papel de animador do grupo.

— E então? — diz, dirigindo-se ao grupo como se fôssemos convidados do seu programa de TV. — O que todo mundo aqui faz? Vou começar, posso? Sinto admitir que sou advogado.

Acabamos descobrindo que há três advogados à mesa, além de um importador de vinhos, um corretor imobiliário e dois corretores da bolsa de valores. Ao ouvir a descrição das profissões e olhar para suas alianças letais, seus sapatos e seus relógios, fica bem claro que Ivy e eu somos os pobres do grupo.

— Cabeleireira e maquiadora — diz Ivy, e todas as mulheres se debruçam sobre as mesas.

— Já trabalhou com alguém famoso? — pergunta a esposa de Steve, Carrie, uma bonita mulher.

— Já, algumas vezes — responde Ivy com um sorriso.

— Quem foi o pior?

— Hmmm, não sei quem foi o pior, mas... uma vez uma pessoa peidou na minha cara. Carrie leva as mãos ao rosto, horrorizada.

— Não!

Ivy faz que sim.

— Infelizmente, é verdade. Eu estava fazendo uma marca de mordida na bunda dele.

— Ela sofre pela arte — intervenho.

Ivy me lança um olhar fulminante de brincadeira.

— Engraçadinho. Era um filme de vampiros. Para fazer a marca, eu usei um par de dentaduras

e um delineador vermelho.

— Pelo menos é isso o que ela diz — brinca alguém.

— E é essa a história que eu vou manter — diz Ivy e pisca o olho.

— Ah, vamos lá, você precisa soltar um nome — pede Steve.

— Ele... ele trabalhou em *O talentoso Ripley*. E é só isso que eu vou dizer.

— Jude Law? — pergunta Kath. — Aposto que foi ele.

— Quem era o outro? — pergunta Keith, abanando a mão. — Damon! Aquele ali tem cara de peidão. Aposto que foi ele.

Ivy balança a cabeça.

— Não abro o bico.

— Tomara que também não tenha aberto na hora — brinca Steve, caindo na gargalhada.

— Então — Keith bate palmas, sinalizando o fim da história —, é Fisher, certo? Como você ganha a sua bufunfa?

— Sou diretor.

— De...

— Comerciais.

— Como assim? Tipo as propagandas que passam na TV?

Faço que sim.

— Eu gosto daquele do gorila baterista — comenta Keith. — Aquele é seu?

— Infelizmente, não — respondo, balançando a cabeça.

Keith parece decepcionado.

— E aqueles dos suricatos? São engraçados.

— Não — admito.

— Qual foi o seu último comercial? — pergunta um dos corretores da bolsa.

Estremeço.

— Ah, não foi nada de muito interessante.

— Anda, solta.

A ironia da última frase é terrivelmente apropriada.

— Fastlax — respondo.

— O que é isso? Laxante?

— Laxante — respondo, concordando com a cabeça.

— É o da mulher no tribunal? A juíza?

Repito o gesto, e o movimento praticamente ecoa no silêncio carregado de decepção.

— Ele dirigiu o anúncio do sr. Papão — diz Ivy. — Não foi, lindo?

— Eu vi esse! — exclama Carrie. — Ele vai ao parque de diversões, não é?

— Isso — respondo, com uma pontada inesperada de orgulho.

— Ganhou um prêmio — acrescenta Ivy, afagando meu ombro.

— Foi assim que vocês se conheceram? — pergunta Steve.

— Esse eu nunca vi — comenta Keith, com um biquinho desdenhoso.

— Foi — respondo a Steve. — Mas não no anúncio do sr. Papão. Foi numa filmagem de comercial de jujuba.

— Aquela com o vampirinho? — pergunta alguém.

— Eu adorei essa — diz Carrie. — A menininha era *tããã* fofa.

Olho para Ivy e percebo que ela também já sabe o que vem em seguida. E, ora, veja você, é Keith quem pergunta:

— Espera aí. Esse comercial estava no ar faz pouco tempo, certo?

— Faz uns meses.

Keith me encara com os olhos semicerrados, como um detetive de programa de TV se aproximando do assassino. Em seguida olha para a barriga enorme de Ivy.

— Então... há quanto tempo vocês estão juntos?

— Umas 29 semanas — responde Ivy.

A conversinha de fundo morre. Todos se voltam para Ivy. Ela cora, e suas cicatrizes sobressaem na bochecha, no pescoço e nos lábios. Ivy leva a mão ao lado esquerdo do rosto, mas percebe o que está fazendo, então continua o movimento e passa a mão no cabelo.

— E você está grávida há quanto tempo? — insiste Keith.

— Umas 29 semanas — responde Ivy.

Faz-se um instante de silêncio, e em seguida todos caem na gargalhada. Mas é uma gargalhada simpática, e, na verdade, parece que nosso cachê acabou de subir.

— Seu cachorrão — diz Keith e me dá um tapinha no ombro. — Seu cachorrão safado.

Quando o tumulto, as perguntas e o assombro cessam, o grupo se divide, e formamos um agradável quarteto com Steve e Carrie.

— Vocês têm planos para o fim de semana? — pergunta Steve.

— Casamento — respondo.

Carrie arregala os olhos.

— Eu sou o padrinho — esclareço.

Carrie olha para o dedo anelar sem aliança de Ivy.

— Fica de olho nesse buquê — diz Steve, piscando o olho.

E mais uma vez Ivy cora até a raiz do cabelo.

No livro do bebê, a vigésima nona semana marca o começo de uma nova seção: “Fim da gravidez”. O capítulo abre descrevendo o aumento da sensação de desconforto que talvez a mãe esteja vivenciando. Cada vez maiores, os bebês empurram os órgãos para fora do lugar. A bexiga é comprimida, o estômago sobe, ela se sentirá cada vez mais cansada. E, tal como descreve o livro, os pés, os tornozelos e as mãos de Ivy estão inchados pela retenção de líquido. O livro aconselha que a grávida remova os anéis, e, não pela primeira vez hoje, sou lembrado do nosso estado civil.

Amanhã vamos de carro para o casamento de Joe, em New Forest. Eu engraxei os sapatos, passei a camisa, e — das vantagens de viver com uma cabeleireira e maquiadora — Ivy cortou meu cabelo. Meu discurso de padrinho já foi escrito, ensaiado e reduzido a cinco cartõezinhos com tópicos, os quais coloquei na mesinha de cabeceira. Ivy deve ter sofrido enquanto ouvia meu monólogo de três minutos mais de dez vezes. Tem um parágrafo sobre o amor e almas gêmeas, e, embora eu tenha certeza de que Joe e Jen são de fato “feitos um para o outro”, eu descrevo uma paixão e um romance que não posso alegar ter testemunhado em primeira mão. Ivy sorri sempre que eu leio essa parte. Ela me olha nos olhos enquanto eu digo essas palavras de frente para ela. Por duas vezes chegou a chorar. Em seguida, eu conto uma piada indecente,

elogio a noiva e peço aos convidados que ergam as taças em um brinde. Ivy levanta a taça de champanhe invisível, finge me aplaudir e indica onde é possível melhorar o discurso. E a cada vez que fazemos isso eu fico um pouquinho mais triste pelo fato de não sermos casados e um pouquinho mais convencido de que deveríamos nos casar. Mas pelo menos Ivy não precisa tirar nenhuma aliança por causa dos dedos inchados.

Diz o livro que já deveríamos ter começado a frequentar o curso de gestantes e casais, e eu dou uma risadinha, pois essa deve ser a primeira vez que fazemos alguma coisa no momento convencional. Ivy trocou telefones com Carrie, e concordamos que ela e Steve são os melhores candidatos para a posição de novos melhores amigos. O parto deles está previsto para cinco semanas depois do nosso e, além disso, eles moram perto e não parecem insuportavelmente mais ricos do que os Fisher-Lee.

Um repolho tem quase quarenta centímetros, e atualmente os gêmeos estão do tamanho dessa verdura. O livro informa que nossos filhos continuam ativos, mas vão passar a se mexer com menos frequência, pois o útero está mais apertado. Seus olhinhos podem focalizar, piscar, distinguir formas e silhuetas através das membranas, da pele e da gordura na barriga de Ivy. Se eu fizer a sombra de um pássaro com as mãos, eles serão capazes de ver. Eles crescem um centímetro por semana, acumulando gordura e ganhando músculos. *Talvez você já tenha pensado em nomes para o bebê*, especula o livro. Mas tudo o que temos por ora é uma lista de nomes rejeitados.

— Eu gosto de Evan — diz Ivy. — Acho.

— Não é meio galês demais?

— Não seria Evans?

— Os dois, provavelmente. Qual vai ser o sobrenome deles? Fisher ou Lee?

— Bem, se um dos nomes for Evan, o sobrenome vai ter que ser Fisher.

— Por quê?

Ivy me encara como se a resposta fosse óbvia.

— Evan Lee?

— O que... ah, é, soa mal.

— Exatamente. Ah, por favor, e nada de Zack Lee, também.

— Nossa, horrível também. E sua mãe se chama...

— Eva Lee, e meu irmão é Frank Lee.

— Que crueldade. Os outros dois não têm nomes esquisitos, né?

Ivy balança a cabeça.

— O papai queria que o Peter se chamasse Brock.

— Brock Lee...

— Mas a mamãe não deixou. Depois, Geoff quase se chamou Sylvester.

— Essa eu não entendi.

— É o apelido, também soa mal. Sly, Sly Lee. Meu pai queria me chamar de Belle, mas a mamãe vetou outra vez. Então, quando foi a vez do coitado do Frank, acho que ela jogou a toalha ou estava distraída demais para perceber a barbaridade.

— Então, se eles vão ter o sobrenome Fisher, podemos ficar com Brock?

— Não.

— Sylvester? Eu gostei de Sylvester.

— Que tal Dan, Danny?

— Gostei. É um nome legal para menino.

— Ou Danielle.

Ponho as mãos na barriga de Ivy.

— O que vocês aí dentro acharam de Danny? Alguém vai...

— Rápido, olha isso!

Ivy levanta a camisa e me mostra a barriga. Por um instante, não vejo nada. Então, acontece a coisa mais estranha e maravilhosa que eu já presenciei: uma protuberância suave se forma na barriga. A saliência — que eu torço para ser o joelho ou o cotovelo de um bebê de 29 semanas — segue da direção noroeste para a sudeste numa trajetória curva, e em seguida desaparece, tal qual uma foca sob a superfície da água.

— Esse é o Altinho — explica Ivy.

— Altinho?

— Isso. É o que fica em cima. O que fica embaixo é o Baixinho. Aqui...

Ela segura minha mão contra sua barriga, e sinto algo se mexer. É o meu bebê — a menos de dois centímetros de mim — fazendo força contra a minha mão.

— Seu nome é Danny? — pergunto, e o bebê, menino ou menina, se mexe de novo.

Não que eu tenha ido a mais de cinco ou seis casamentos na vida, mas até hoje sempre que fui me diverti. Eu tenho um fraco por todo aquele clima de romantismo, os votos, a cerimônia, o vestido, as lágrimas, a bebida rolando solta, as flores, as danças bobas, o bolo e as damas de honra solteiras. Mas esta é a primeira vez que faço parte do staff, e a história é outra quando você tem que fazer um discurso, coordenar os táxis e controlar o fotógrafo alcoólatra.

— Discurso brilhante — elogia Joe, dando um tapinha nas minhas costas, embora já esteja bem alto e tenha saído mais para *Scussobrilante*.

Meu discurso foi bom, eu me lembrei do texto, acertei os nomes de todos e fiz os convidados rirem na maioria das vezes planejadas (por exemplo, quando contei da hérnia de Bob arrebetando na casa de striptease). Mas ele não vai viralizar no YouTube. Eu passei o dia com cartões no bolso traseiro da calça, um lembrete constante de que, em algum momento que se aproximava rapidamente, teria que ficar diante de duzentos convidados — metade deles babacas bêbados do ramo da publicidade — e fazer um discurso de quinhentas palavras sobre o amor, a vida, o sexo feito às pressas e os efeitos do creme depilatório no mamilo masculino. Só a perspectiva de encarar tudo isso já era aterrorizante, mas a coisa ganhou contornos mais sinistros pelo fato de estarem presentes hoje minha atual namorada e duas ex-namoradas (embora o termo “namorada” seja extremamente inadequado para descrever a mãe dos meus filhos e espetacularmente exagerado para se referir aos meus casinhos anteriores: dormi com Pippa meia dúzia de vezes ao longo de umas semanas, e transei com Fiona uma vez, no sofá dela).

Não tive tempo nem coragem para beber nada até passar pelo discurso, mas Joe vem tomando todas desde as onze da manhã. Agora já são oito e pouco da noite, e ele está arrastando as palavras, além de não conseguir mais andar em linha reta. Ao abrir a pista de dança (The Carpenters, “Top of the World”), por três vezes Joe chegou perto de cair e levar a noiva junto para o chão, e todas as vezes que isso aconteceu os convidados zurraram, aplaudiram e bateram os pés. Qualquer um se vê tentado a descrever todo o dia como uma verdadeira bacanal, mas tenho para mim que os romanos não tinham acesso tão fácil a cocaína e ecstasy.

Eu chutaria que, neste exato momento, 196 pessoas estão dançando “Agadoo” na pista e em volta dela. A avó centenária de Jen está caída — morta ou dormindo — numa mesa de canto, Bob (recostado no bar) está liberado do dever de dançar por recomendação médica, e Joe e eu nos sentamos a uma mesa afastada da confusão para respirar um pouco. De vez em quando, alguém (amigo, colega de trabalho, mãe do noivo) tenta nos puxar de volta para o tumulto, mas Joe manda quem se aproxima ir “se catar lá para longe, porra”. Como lembrança de casamento, um dos noivos achou que seria legal dar aos convidados potes com balinhas de goma de vários formatos, comuns antigamente. Por isso, entre minhas muitas outras tarefas, eu precisei colocar

duzentos desses potes nas mesas hoje de manhã. Joe está segurando um agora, enquanto, com a outra mão, tenta pegar uma balinha em formato de limão. Ele me oferece a bala. Não aceito, e Joe a joga na boca.

— Eu já falei que você é um puta melhor amigo? — pergunta.

— Umas dez vezes, duas durante o discurso, e usando essas mesmas palavras.

— Que bom, porque você é. Um. Puta. Melhor. Amigo.

— Obrigado — digo, e Joe me dá um beijo babado na orelha.

— Toma aqui.

Joe desliza o punho fechado por cima da mesa.

— O que é?

— Pega.

— O que é isso?

— Porra, Fisher, pega logo isso.

Joe coloca uma coisa na minha mão. Imagino que seja um de doce, mas quando olho para a minha palma vejo um comprimido azul.

— Viagra — explica, alto o suficiente para acordar a avó de Jen de sabe lá que sonho esteja empurrando sua cabeça implacavelmente para a mesa.

— Por que está me dando isso?

— E que pergunta idiota é essa?

— Não quero! — Devolvo-lhe o comprimido. — E que merda é essa? O que você está fazendo com Viagra, caramba?

Joe dá de ombros.

— É noite de núpcias, né? Não quis arriscar. Aceita. — Ele me devolve o comprimido.

— Não, obrigado.

— Ah, claro, porque *você* não precisa. — De repente, Joe parece extremamente ofendido.

— Não. Quer dizer... bom, para falar a verdade, duvido muitíssimo que eu precise, mesmo. Você viu a Ivy, não viu?

— Claro que vi. Está fantástica.

— Eu sei. Obrigado.

— Comería sem pensar duas vezes.

Antes de eu ter a chance de me ofender, Ivy se deixa cair na cadeira ao lado de Joe.

— Comería o quê? — pergunta ela.

— Nada de mais — responde Joe, nitidamente sem jeito.

O Viagra está na mesa, escondido da visão de Ivy atrás da minha taça de vinho. Bem lentamente, eu ponho a mão sobre o comprimido.

— Você disse que “comeria sem pensar duas vezes” — insiste Ivy.

— Disse?

Ivy faz que sim. É a primeira vez que eu a vejo de vestido, e, apesar da bola de vôlei na barriga, Joe tem razão: ela de fato está fantástica. Fez um coque no alto da cabeça e — outra primeira vez para mim — está maquiada. O engraçado é que ela não se parece com a Ivy que eu conheço. Eu prefiro a versão sem maquiagem, sem laquê e vestindo uma blusa masculina. Mas dizer isso me parece falta de educação, até insensatez.

— Não consigo lembrar — diz Joe, encolhendo os ombros. — Bom, preciso beber alguma

coisa. A gente se vê depois. — Ele se levanta e me larga ali, com a batata assando.

Ivy passa para a cadeira de Joe e põe a mão em cima da que está tapando o comprimido azul.

— Acabei de ter uma conversa muito interessante com uma moça chamada Fiona — solta ela.

— Legal.

Ivy me encara.

— Ela mostrou o maior interesse por nós dois: quando nos conhecemos, há quanto tempo estamos juntos, quanto tempo de gravidez eu tenho.

— Tem certas pessoas... — comento, balançando a cabeça.

— É uma das suas conquistas, imagino.

— O q... minha? Eu...

Ivy ergue uma sobrancelha e contrai os lábios. Dou de ombros.

— Que Deus ajude o pobre coitado com quem ela veio — completa Ivy, sorrindo.

— Você está linda.

— Você também não está nada mal. Quer dançar?

— Pode apostar que quero.

— E é melhor levar esse Viagra. Tem crianças correndo por aí.

Ivy dança muito mal, mas, assim como tantas outras coisas na nossa vida em comum, não sei se isso é resultado da gravidez ou uma verdade fundamental. No entanto, dançando desajeitados na pista, pisamos nos pés um do outro e esbarramos nos convidados cambaleantes — tudo isso abraçados e com os dois bebês entre nós —, não consigo me lembrar de alguma vez ter me sentido tão feliz.

Por algum motivo — descuido, muito provavelmente —, o buquê só é jogado quase no fim da festa. Por isso, as mulheres que se debatem esperando as flores estão bêbadas, empolgadas e completamente desavergonhadas, se acotovelando, esbarrando e empurrando umas às outras para conseguir uma boa posição. Na verdade, parecem tão frenéticas que estou preocupado de verdade com a segurança de Ivy e dos gêmeos. No meio da algazarra, Ivy olha por cima do ombro e sorri para mim com uma expressão difícil de decifrar. Eu lhe mostro os dedos cruzados e abro um sorriso abobalhado que pode ser de ironia ou encorajamento, dependendo da interpretação.

— Dá medo, não é? — comenta um sujeito ao meu lado.

— Sua namorada está ali no meio?

Ele aponta para Fiona, na frente do grupo. Ela gira os ombros e sacode as mãos, como que aliviando a tensão. Ao lado de Fiona, Pippa quica nervosamente nos calcanhares.

— Ela é legal — digo.

Ele me olha de esguelha e sorri.

— Vocês são velhos amigos, suponho.

— Coisa assim.

Oito passos à frente da turba, Jen se prepara para atirar o fatídico buquê. Ivy respira fundo, infla as bochechas e sopra o ar. Fiona tira os sapatos de salto alto e os joga de lado.

— Boa sorte — digo.

— Algo me diz que vou precisar — diz ele, sem tirar os olhos da namorada. — Aliás, prazer, meu nome é Hugh.

— O prazer é meu, Hugh.

Hugh está bebendo cerveja em uma garrafinha marrom. Ele a segura com a mão esquerda, pendurada, entre nós, e eu me pergunto se consigo largar o Viagra no gargalo sem ele perceber.

— Vai dar tudo certo — digo.

E, induzido pelo álcool, eu tomo uma decisão de momento, que não passa por nenhum dos departamentos superiores do cérebro. Quando o comprimido cai silenciosamente na cerveja de Hugh, eu me sinto eufórico diante da minha fanfarronice audaciosa, sentimento seguido de imediato pela culpa, pelo pânico e por um pensamento: *que merda você tem na cabeça, Fisher?*

— Deixa eu pegar uma cerveja nova para você — digo, tentando pegar sua garrafa.

— Eu estou bem, obrigado.

— Me dá aqui — insisto, segurando-a.

Hugh a puxa de mim.

— Eu estou *bem*.

Continuo segurando a garrafa, mas Hugh a arranca de mim à força e me encara como se eu fosse um imbecil.

Justo.

Jen balança o buquê entre as pernas para ganhar impulso, sobe e o joga por cima da cabeça. A trajetória parece dar diretamente em Ivy. Pippa pula primeiro. Fiona espera a adversária tirar os pés do chão para iniciar seu salto e dar um tranco na cintura de Pippa, que é jogada com toda a violência para fora do caminho. Fiona sobe como uma mola, agarra o buquê com as duas mãos e imediatamente o puxa para junto do colo antes de pousar os pés no chão. A multidão vai à loucura.

— Saúde — digo a Hugh, erguendo as sobrancelhas e o copo de gim-tônica.

Hugh abre um sorriso simpático.

— Saúde — repete ele, brindando com o gargalo da cerveja na borda do meu copo.

E que se dane.

Sinto uma mão no ombro. Quando me viro, vejo Gaz, namorado de Pippa.

— E aí, Fish? Seu discurso foi brilhante.

Reviro os olhos.

— Bom, pelo menos ninguém me atirou nada.

Gaz dá uma risada.

— Escapou de uma boa — comento, apontando o queixo para a multidão de mulheres decepcionadas fingindo estar felizes por Fiona.

— Pois é — diz Gaz, mas seu sorriso não me parece muito convincente.

Ainda faltam algumas horas para eu e Ivy voltarmos para o nosso quarto. Nesse meio-tempo, eu separo uma briga e vejo três mulheres e um homem chorando em níveis variados. Tem mais drogas circulando por aqui do que numa rave, e ainda bem que estou fora dessa. Ou não, dependendo do ponto de vista. Só de cerveja, já devo ter bebido o equivalente ao meu volume de sangue, e há um empate entre quem está com mais dificuldade para se manter de pé: eu ou minha namorada de salto alto e em estágio avançado de gravidez.

E eis aqui outra vez essa palavra maldita — “namorada” —, soando cada vez mais inadequada enquanto os gêmeos crescem na barriga de Ivy. Ela é a mãe dos meus filhos, moramos no mesmo apartamento, e nossos cromossomos estão interligados, portanto “namorada” me parece um termo meio insosso para descrever seu status. “Parceira” é a palavra

a que costumam recorrer, mas essa eu detesto — é prática e pragmática demais, lembra muito uma coisa combinada.

Quando Ivy vai ao banheiro remover a maquiagem, eu me sento na cama e tiro os sapatos. Em uma das mãos seguro o cantil que Joe me deu de presente por ser o padrinho; na outra, um pote cheio de balas. Tiro a tampa e mergulho a mão entre discos voadores, camundongos e dentes de vampiro, até que encontro uma goma em forma de garrafa de refrigerante.

Depois do lançamento do buquê, acho que reconheci a decepção estampada no rosto de Gaz, porque eu também a senti. Sim, estou bêbado, sim, estou influenciado pela ocasião, e sim, nada como ver a ex-namorada maníaca para nos apaixonarmos ainda mais pela atual — *essa palavra de novo*. Mas nada disso muda o fato de que Ivy é a pessoa certa para mim, e quero estar com ela até o dia em que um de nós (eu, tomara) morra em paz durante o sono. Entre quebra-queixos e balinhas em forma de abacaxis e bebês, encontro uma goma em forma de aliança. Ivy dá descarga, e ouço seus passos pesados no corredor. Pego a aliança e me ajoelho.

— Ai, meu Deus — solta Ivy ao entrar no quarto, então leva as mãos ao rosto e para de um jeito tão abrupto que quase tomba para a frente.

— Ivy...

— Fisher, espera, não, eu...

— ... quer se casar comigo?

Ela acabou de dizer “não”?

Ivy está petrificada.

Eu lhe ofereço a aliança e cambaleio de leve sobre o joelho.

Ivy estremece.

— Eu sei que é só um doce, mas estou falando sério. Podemos ir comprar uma de verdade amanhã, onde você quiser.

Ivy continua imóvel.

— Eu te amo, Ivy. Com todas as forças, do fundo do coração e... ah, com todas as forças.

Ivy tira as mãos do rosto. Ela sorri... sim, é um sorriso de quem pede desculpas.

— Lindo, eu também te amo. Com todas as forças, do fundo do coração e com todas as forças. Mas... — Ela balança a cabeça.

— Mas eu pensei que... eu não... por quê?

Ivy suspira e me encara com uma mistura de sorriso e careta.

— Já passei por isso antes — diz. — Me desculpe.

Percebo que continuo ajoelhado e oferecendo a porcaria da aliança de goma a Ivy. Ela se senta na cama e dá um tapinha no espaço a seu lado.

Ivy demora mais ou menos trinta minutos para chegar do dia em que conheceu um cara chamado Sebastian até o dia em que seu divórcio saiu. Não deveria demorar tanto, mas de três em três minutos eu interrompo a narrativa com acessos indignados, insultos elaborados e idas ao frigobar. Os detalhes principais envolvem a incapacidade do casal de ter filhos e a suposição de Ivy de que o problema era com ela. De sua parte, Sebastian pareceu completamente indiferente à decepção que a fazia passar noites em claro, chorando, nauseada, com o coração partido. Mas a coisa vai além; não só ele — a porra do *marido* — deixou de compartilhar a tristeza de Ivy, como não estava nem aí para o sentimento dela. Quando Ivy lhe pediu que marcasse uma consulta com um especialista em fertilidade, Sebastian só faltou cair na gargalhada. O

casamento continuou com sexo esporádico e um ou outro bom momento, mas nada mudou, a não ser a erosão gradual de qualquer afeto. Antes de fazerem um ano de casados, Ivy havia traído Sebastian duas vezes (casos de uma noite durante filmagens em que ela dormia fora) e tinha quase certeza de que ele tinha revidado — ou mesmo se antecipado — pelo menos o mesmo número de vezes. No aniversário de um ano, eles passaram uma semana feliz, romântica, perfeitamente civilizada em Alicante, mas umas três semanas depois, sentados no sofá com pratos de macarrão apoiados nos joelhos, Sebastian se virou para Ivy e disse: “Isso aqui não está funcionando”. Ivy não o corrigiu. Lavou a louça, foi para a cama e, na manhã seguinte, telefonou para uma amiga advogada. Em menos de um ano Sebastian já estava morando com outra mulher e seu filho recém-nascido, o que só fez Ivy ter ainda mais certeza de que não podia ser mãe. Ela ficou com o apartamento.

E agora eu compreendo o que Ivy quis dizer com “Tudo bem”, quando lhe perguntei se tinha camisinha, e me sinto péssimo pela reclamação que fiz na véspera do Natal.

— E você nunca pensou em me contar isso antes? — pergunto.

Ivy me lança um olhar que todas as meninas aprendem a fazer quando têm uns três anos: abaixa cabeça, arregala os olhos e abre um sorriso do tipo “veja só como eu sou adorável”. É o olhar que elas lançam quando querem, quebram ou esquecem alguma coisa.

— Só estava esperando o momento certo — responde Ivy, ainda com esse olhar. Então, dá de ombros, ergue a mão direita e estica os dedos. — Óbvio que eu não ia falar uma coisa dessas logo que a gente se conheceu. *Ah, aliás, não sei se falei, mas eu era casada.* — Então abaixa o polegar, contando a primeira “boa razão para não admitir que era divorciada”. Em seguida, passa para o indicador: — Depois a gente passou a semana quase toda na cama. Então, fizemos aquela viagem. Aí fomos à casa do seu pai. Depois...

— Você engravidou.

— Então eu descobri que você tinha me engravidado. Mais uma vez, o momento não era bom. — Ivy começa a contar os dedos da mão esquerda. — Daí você se mudou, fizemos o ultrassom, visitamos os meus pais, Frank se mudou para cá e você veio cheio de pedras na mão na véspera do Natal.

— Desculpe.

— Tudo bem... *ha!* É a minha “resposta para tudo”.

Balanço a cabeça ao me lembrar disso.

— Eu não culpo você, lindo, de verdade. Mas é que certamente não era a hora certa de falar do meu casamento fracassado. Parecia... que o momento nunca era propício.

— Até agora?

Ivy assente.

— Até agora.

É um tremendo choque, certamente, mas estou menos desnortado do que imaginava. Talvez os sinais estivessem debaixo do meu nariz o tempo todo. Talvez o cansaço e a bebida tenham me anestesiado. Talvez, depois de todos os acontecimentos das últimas 29 semanas, eu tenha me tornado imune a choques.

— Quem é mais bonito? Eu ou *Sebastian*?

Ivy me dá um soquinho no ombro, mas não responde.

— Desculpe. Eu... eu só estou meio — Aponto para os duendes, elefantes e passarinhos

invisíveis girando em volta da minha cabeça.

— Acho que era por isso que eu estava... sei lá... protegendo tanto o Frank.

— Porque você “já passou por isso antes”?

Ivy concorda.

— Sinto muito. Está tudo bem? Nós estamos...?

Olho para Ivy e só agora vejo a ansiedade estampada em seu rosto. Tenho estado tão absorto nas minhas inseguranças que nem me ocorreu que talvez Ivy estivesse lutando contra as dela.

— Você está de brincadeira, né? Claro, ora. Eu acabei de pedir você em casamento, não foi?

— Isso antes de saber que eu... bom, você sabe. Você não me acha mercadoria estragada? — Ela esboça um sorriso.

— Bom, claro que acho, mas... — ponho as mãos em sua barriga — ... bem, agora já estou preso a você.

Ivy está cabisbaixa, olhando para minhas mãos em sua barriga. Uma lágrima escorre em sua bochecha. No canto de seu olho, vejo uma lágrima se formar, crescer, refletir a luz e por fim descer, perseguindo a anterior em seu rosto.

Tiro uma das mãos da barriga e a envolvo num abraço.

— O que foi, linda?

Ivy leva as mãos ao rosto. Seus ombros começam a tremer, sua respiração fica entrecortada, e as lágrimas silenciosas evoluem para um choro convulsivo. Eu nunca a vi desse jeito e fico alarmado.

— Linda, eu estava brincando. Você sabe disso, não sabe?

Ivy faz que sim.

— Eu te amo tanto — declara-se ela, a curta frase pontuada por soluços. — Eu te amo.

— Então se case comigo.

Só quando as palavras saem da minha boca eu percebo como soam agressivas e indelicadas. Se pudesse, eu retiraria o que disse, mas em vez disso dou um forte abraço em Ivy enquanto ela balança a cabeça. O barulho de música, gritos e risadas dos duzentos convidados bêbados do casamento ressoa pelo corredor como se tivesse sido canalizado por alto-falantes ruins em volume baixo.

— Achei que não podia ter filhos. — Ivy se endireita e enxuga as lágrimas no ombro da minha blusa. — Achei que não podia ter filhos, então descobri que podia, depois achei que ia perder você, e eu tinha acabado de te conhecer.

— Eu continuo aqui.

— Preso a mim, não é?

— Eu estaria preso a você mesmo que não estivesse grávida — respondo, e ela recomeça a chorar.

Estamos sentados na cama, conversando sobre nomes de bebês, quando o casal do quarto ao lado abre a porta com um estrondo. Para ser mais específico, Ivy está falando sobre nomes, e eu uso toda a minha força de vontade para permanecer acordado. Estou bêbado, exausto e esgotado emocionalmente, mas também estou morrendo de tédio e sou um otimista por natureza. Ivy segura um livro, *5001 nomes de bebês*, e, enquanto lê a lista do D — Declan, Dedalus, Deepak

—, eu me aconchego em seu pescoço, beijo seu ombro e faço carinho em seu joelho. Só não sei se ela não prestou atenção ou está determinada a me ignorar.

E é então que o casal da porta ao lado faz uma barulheira e começa a bater na parede divisória. Pelos gemidos e grunhidos abafados, fica imediatamente claro que os feromônios ausentes neste quarto estão aos baldes transbordantes no quarto ao lado.

— O amor está no ar — digo, erguendo as sobrancelhas maliciosamente.

Ivy poussa o livro fechado na mesinha de cabeceira e vasculha seu nécessaire de produtos de higiene.

— Se não se pode vencê-los... — digo para as costas de Ivy.

Ela se vira para mim segurando algo em seu punho cerrado.

— Protetores para ouvido — diz, largando um par de espuminhas amarelas na minha mão. — Eu te amo — completa, e sinto a honestidade de sua declaração quando ela me beija.

Em seguida, Ivy apaga as luzes.

No fim das contas, os protetores são eficazes o suficiente para emudecer as manifestações vocais do sexo, mas não conseguem bloquear o som da cabeceira que bate na parede do quarto. São mais de quatro da manhã quando o cara começa a testar a construção pela quinta vez, e eu já desisti de dormir um minuto sequer. Talvez Ivy tenha pegado o melhor par de protetores, pois dorme tão tranquilamente que fico com a impressão de estarmos numa câmara à prova de som. E dou graças por essa misericórdia, pois seja lá quem ocupe o quarto ao lado está me fazendo sentir terrivelmente inferior. Sabe lá, vai ver alguém batizou a cerveja dele com Viagra.

No primeiro ano da nossa amizade, El era meia cabeça mais alto que eu. Desde então, vinte e dois anos depois, eu espichei quase meio metro, ao passo que ele cresceu, quando muito, uns dez centímetros, mas nem por isso eu deixei de me espelhar nele. El é quase um ano e dois meses mais velho que eu, por isso entrou na escola um ano antes de mim. Essa enorme distinção de classes poderia acabar com uma amizade, mas fomos para escolas diferentes e não nos vimos numa posição em que El fosse obrigado a me ignorar ou ser condescendente comigo. Ele morava perto de casa, por isso brincávamos juntos na maior parte dos dias. El trazia informações e artefatos do futuro: pornografia, cigarros, vinho, piadas sujas, bandas novas, detalhes da mecânica e da anatomia sexual. El é um ano mais velho que eu, sempre foi. Mas, olhando para ele agora, não consigo ignorar a certeza de que em breve seu relógio vai parar, sua idade atingirá o limite, assim como ocorreu com sua altura há vinte anos.

Olhando em retrospecto, sempre foi evidente que El era gay, mas quando criança eu ignorava tanto os sinais quanto essa possibilidade (“gay” não passava de uma ofensa ou um rumor absurdo). Basta lembrar o caso das revistas pornográficas.

— Lembra de c... co... como você me chamava?

— El Vende-Tetas.

— Ve... v... Vende-Tetas Vende-Tetas! — repete, jogando a cabeça para trás e soltando uma gargalhada rouca e ofegante que me deixa preocupado, pois parece que ele está engasgando com a pizza. Eu faço menção de me levantar, mas El balança a cabeça e gesticula indicando que não é necessário.

Valendo-se de algum intermediário, El ia da escola para casa com as alças da mochila retesadas por causa do peso das revistas de mulher pelada. Ele as vendia aos ávidos adolescentes das redondezas, mas eu nunca lhe perguntei por que não ficava com nenhuma para uso pessoal.

A menção ao apelido parece fazer sua linha de raciocínio pular do passado para o presente.

— V... v... você vai t... ter u... — El contrai os lábios e infla as bochechas, enquanto se esforça para encontrar ou soltar a palavra correta.

— Soleta — peço.

Seu rosto se enrugando com o esforço.

— B... f... b...

— Parece com o quê?

— P... pare... parece com não enche!

— Desculpa.

El faz uma carranca e ergue as mãos, que deixaram de tremer tanto e agora se mexem com uma lentidão hipnótica — como que presas por elástico — conforme a doença avança. As mãos

param à frente da barriga, abraçando uma protuberância invisível.

— Filho — completa. — V... vai ter um filho?

— Dois. Gêmeos.

El abre um sorriso. É genuíno, mas logo se esvai, some de seu rosto tão rapidamente quanto se formou.

— Eu era ca... capaz de m... matar por uma b... p... b... bebida.

Estendo a mão para pegar o copo rosa de canudinho com suco de laranja.

— Não, droga! — grita, me assustando. — Uma de v... v... verdade.

Como que por instinto, eu olho por cima do ombro, o que é uma estupidez, pois estamos sozinhos. Não pretendo dar nenhuma bebida alcoólica a El, mas parece que parte do meu subconsciente daria.

— Você sabe muito bem que lhe faz mal — digo, odiando o som da minha voz.

— A v... vida me f... faz mal, ca... caramba — retruca El, e dá uma risada sincera.

El já não come tanto. A maior parte das calorias que ingere vem de fortificantes e alimentos em pó. Ele sempre foi franzino, mas agora parece ossudo e frágil. Por outro lado, sua barba está magnífica — grossa e lustrosa, o que lhe confere a aparência de um guru, talvez, ou de um roqueiro viciado.

— Q... quando n... n... nasce o b... bebê?

— Bebês — lembro-o, mostrando dois dedos. — Vai ser dia 11 de abril, daqui a sete semanas e dois dias.

El assente.

— Que bom. — Ele sorri. — V... você vai ser bom. Um b... p... b... bom pai.

— Veremos.

— Vai c... casar com aquela g... g'rota?

— Ivy — digo, sorrindo ao me lembrar do pedido desajeitado e malsucedido no casamento de Joe. — Vou — respondo, pois a verdadeira história é difícil demais de explicar.

Além disso, de um jeito ou de outro, é praticamente verdade: amar, honrar e respeitar; na alegria e na tristeza; na saúde e na doença... digo sim a tudo isso. Eu farei tudo, já faço, e, por mais que eu queira, não preciso de um certificado para ficar com Ivy até que a morte nos separe.

— Vai mais pizza?

El balança a cabeça e se recosta no sofá.

— Eu... eu já... estou cheio.

— Nem mais uma fatiazinha?

El balança a cabeça com violência. Está com uma cara de aborrecido.

— C... cheio! — reclama, erguendo as mãos devagar até a cabeça. — C... cansado d... disso — completa, e vejo lágrimas descenderem por suas bochechas.

— Calma, El. — Eu me sento a seu lado e ponho o braço sobre seus ombros.

— Eu queria m... m...

Ele está se esforçando para terminar a frase, por isso eu o puxo, lhe dou um abraço, afago seu cabelo longo e pressiono seu rosto contra meu peito, numa tentativa de abafar a palavra final. Ele está chorando tanto que sinto as lágrimas úmidas atravessarem minha blusa.

Depois de um ou dois minutos, El se fastia de mim ainda fungando.

— Q... q... q...

— Quem? Quando? Q...

El acena com a cabeça.

— Quando... quando Phil faz a... a...

— Aniversário? Maio. Começo de maio.

— F... falta pouco, então.

— Daqui a uns meses.

Phil foi ao bar, como sempre faz quando visita El. Esta noite, porém, foi a primeira vez que admitiu abertamente que encontraria Craig. Ele ainda não deu a entender que são mais do que meros parceiros de copo, mas tenho cá fortíssimas suspeitas. Semana passada, Craig já estava aqui quando vim ver El, e havia algo na linguagem corporal, no tom de voz e no contato visual de Phil e Craig que me fez pensar que a coisa ali não se limita ao platônico.

— D... depois do a... aniversário — El respira fundo, enrijece o corpo e segue em frente, determinado, com uma expressão carrancuda e obstinada. — Phil v... vai me l... levar para a-aquele lugar. O... on...

— Ontem? Onde?

El assente.

— On... onde e... eles m... d... m... matam a gente.

— O quê? Como é que é?

— E... eles matam a g... gente — repete El, sorrindo como se descrevesse a Disneylândia. — D... D... Diggitas.

— Dignitas?

El acena, acena, acena.

— Pra morrer! — exclama. Em seguida, solta uma gargalhada, fecha os olhos e deixa a língua cair até o queixo.

— El... o q... cala a boca! Phil não...

El sorri e faz que sim, e, por mais que ele esteja propenso a inventar situações e manipular a verdade, fica nítido que está sendo sincero.

— É o q... que eu quero. M... meu presente de a... a'versário.

— Mas...

Mas o quê? El tem dificuldade para falar e pensar, não consegue andar sem auxílio, subir uma escada ou se levantar para pegar um copo d'água. Mal é capaz de usar um controle remoto. Não pode ingerir condimentos ou beber cerveja. Não consegue acompanhar uma história. Precisa de Phil para limpar a bunda e dorme sozinho em um berço acolchoado. E sua doença é progressiva. Não existe remissão, não há chance de qualquer outra coisa que não seja o declínio. E a morte. E, por mais que não queira ouvir isso, eu entendo.

— Seu aniversário é só em novembro — comento.

El balança a cabeça.

— Não dá para es... não dá para esperar a... até vembro — retruca, e mais uma vez balança a cabeça.

A malícia se esvai de seu olhar, e, quando ele sorri, vejo uma mistura de tristeza, cansaço e apelo mudo. El não está falando da boca para fora ou sendo insincero, e a bem da verdade faz muitos meses que não o vejo tão presente e lúcido.

— Então, que tal aquela bebida? — pergunto.

El arregala os olhos.

— Sério?

— Sério.

Quando Phil volta do bar uma hora depois, El está dormindo com a cabeça no meu colo. Ao entrar na sala, a primeira coisa que nota é o copo de uísque metade vazio na mesa diante de El. O meu está cheio, pela terceira vez.

— Então, ele contou — diz Phil, jogando-se em sua poltrona predileta.

Faço que sim.

— E...?

Ergo o copo.

— Me acompanha?

Phil estica o braço e pega o copo de El, brinda comigo e dá um gole.

— Ele bebeu quanto?

— Esse foi o primeiro e único copo. Ele deu uns três golinhos.

Phil sorri e assente com a cabeça.

— E como vai o Craig? — pergunto, talvez com um leve tom de irritação, uma leve malícia.

Phil hesita por um segundo antes de responder.

— Vai bem. Nós estamos... bem, sabe?

Faço que sim e sorrio.

— Não acontece nada — continua. — Não de verdade, não... não com frequência. — Ele leva o dedo ao canto do olho.

— Não se atreva a chorar. Já vi muito choro para uma noite só.

Phil começa a chorar.

— El sabe? — pergunto.

Phil assente, mas depois balança a cabeça e dá de ombros.

— Não sei, Fisher. Nós... às vezes Craig passa a noite aqui.

Phil desata a chorar de vez, os ombros tremendo, a cabeça entre as mãos. Ele parte do repouso ao choro total em um instante. Então, depois de uns trinta segundos de histeria teatral, recompõe-se na mesma velocidade. Fico exaurido ao testemunhar a cena. Phil respira fundo, mata o resto do uísque de El e enche nossos copos.

— El dorme naquela... merda de berço, enquanto eu e Craig ficamos no quarto ao lado. É tão... eu estou na merda. Isso tudo é uma grande merda.

— Tudo bem. Você tem o direito de ser feliz.

— É mais fácil falar do que fazer.

— Há quanto tempo você está com o Craig?

— A coisa vai e vem desde novembro.

— E está indo bem?

— Está. Acho que está, quer dizer... está. — Phil se permite sorrir. — Craig é bom para mim, me faz sentir... — Ele encolhe os ombros e enxuga as lágrimas com um guardanapo. Em seguida, olha para El. — E então tenho também o meu bebê aqui.

Não sei o que dizer, então permaneço calado.

Phil recomeça a chorar.

— É como se a melhor e a pior coisa do mundo estivessem acontecendo ao mesmo tempo, e

eu... ah, meu Deus, eu pareço tão egoísta.

— El ficaria feliz por você, sabe?

— Queria eu também poder ficar.

— Tente — digo, e a banalidade do que acabo de falar me constrange a ponto de sentir que estou corando. — Quer dizer, ele vai se irritar, gritar, xingar, atirar coisas...

Phil dá uma risada.

— Bom, pelo menos ele não consegue jogar as coisas longe, né?

— Tem essa vantagem. Mas você devia... você devia contar.

Phil assente.

— Eu sei.

— Então... vai ser depois do seu aniversário?

— Talvez em julho, agosto. Daqui a uns seis meses.

— Bem, melhor fazer com que sejam seis meses espetaculares.

Esvazio o copo e volto a enchê-lo imediatamente. Em seguida, Phil esvazia o dele.

— Me passa a garrafa — pede.

Três vezes em dois meses.

Duas vezes em um dia.

Eu sou um deus do sexo, uma lenda da cama, o senhor dos colchões. Ah, sim, e só para não restar dúvida: sou uma máquina sexual incontrolável.

Estamos em ano bissexto, e hoje é dia 29 de fevereiro. É a vez de Ivy ler o livro do bebê, o que é bom, pois estou entorpecido e enfraquecido demais no meu repouso pós-coito. Aliás, no meu repouso pós-*dia*. Com 31 semanas de gestação, nossos filhos estão mais altos do que um caule de aipo. Pode não parecer grande coisa, mas, com 31 semanas, Ivy parece já no fim da gravidez, e estou no limite do alcance quando a envolvo pela cintura e a puxo contra mim, ao fazermos amor deitados de lado. Com 31 semanas, os gêmeos conseguem nos ouvir cantar, conversar, rir, podem sentir as minhas mãos na barriga da mãe. Embora o livro não diga com todas as letras, eles conseguem ouvir Ivy dizer “Isso... assim, isso, isso, ai, meu Deus, continua”, e por aí vai. Melhor nem pensar muito no assunto.

Os pulmões dos bebês produziram uma substância que lhes permite respirar sem auxílio fora do útero. Suas bochechas estão fofinhas, e seus bumbuns, macios e rechonchudos. O útero de Ivy sofre contrações de Braxton Hicks, involuntárias, que servem de treinamento para a hora da verdade, daqui a apenas seis semanas. Já não há espaço no útero, mas mesmo assim os bebês fazem movimentos perceptíveis cerca de dez vezes por dia.

Deitado ao lado de Ivy, ainda sentindo a intensidade do nosso amor, naquele estado surreal de quem está prestes a cair no sono, eu pousei as mãos na barriga de Ivy, e Danny (sempre o mais ativo dos dois), ou Danni, se for menina, chuta a minha mão. Já o Baixinho ainda não tem nome, mas, caso seja menino, Owen está na lista final. Se for menina, Juliet, nome da minha mãe, é o favorito.

— Foi boa a lua de mel? — pergunta Ivy.

Aninho o rosto no pescoço de Ivy e dou uma mordiscada em sua pele macia.

— Ah, já acabou?

Ivy faz carinho no topo da minha cabeça, e sinto um arrepio que se forma ali, atravessa a nuca e corre pela coluna.

Hoje de manhã, Ivy me trouxe café da manhã (café com torradas) na cama.

— Sabe que dia é hoje? — perguntou ela, mais cedo.

— Sexta?

— Dia...

— Não sei... dia primeiro?

— Não. Dia 29 de fevereiro.

— Ano bissexto — comento, sentando-me de repente e quase entornando a caneca de café

cheia no corpo todo.

— Pois é. — Ivy se ajoelha e segura minha mão. — Ah, e, antes de se empolgar, fique sabendo que não estou lhe pedindo em casamento. Só quis evitar o acidente.

Deixo a cabeça cair de volta no travesseiro.

— Ah.

— Quer saber a melhor parte de casar?

— Os presentes?

Ivy balança a cabeça.

— A lua de mel.

— Você foi para onde?

— Botswana, Tongabezi, Uganda, Moçambique e Madagáscar.

— O quê?

Ivy encolhe os ombros, constrangida.

— Ele era banqueiro.

— Você já comentou isso.

— Enfim. — Ela se aproxima e me dá um beijo delicado, roçando a língua nos meus lábios.

— Vamos ao jardim zoológico.

— O zoológico? Hoje?

Ivy faz que sim.

— Lembra quando a gente se encontrou na cafeteria, no dia em que eu contei... — ela pousa a mão na barriga. — Você disse que a gente devia ir ao zoológico.

Sorrio ao lembrar; eu todo sem jeito, tentando evitar o que pensava ser um rompimento iminente.

Ivy me dá outro beijo.

— Feliz lua de mel, lindo.

Pego a bandeja com o café e a torrada, coloco-a com todo o cuidado no chão e em seguida ajudo Ivy a tirar a blusa.

Depois de gorilas e tigres, de girafas, pinguins, leões, zebras, cavalos-marinhos e sorvetes num frio de rachar, Ivy me levou a um restaurante chique e premiado. E, depois da *vichyssoise* de aspargos e do patê de fígado de pato; do halibute caramelizado, dos tomates heirloom e da alcatra de cordeiro ao fogo brando; do petit gâteau de chocolate Valrhona com calda de laranja confitada e sorvete de sementes de papoula; do vinho Muscadet, do cappuccino e das trufas artesanais; depois de tudo isso, Ivy me pôs num táxi, me levou para casa e fez amor comigo pela segunda vez no dia.

E não há uma só coisa, animal, ingrediente, nuance ou sussurro que poderia ter tornado este dia mais perfeito. Ainda estou aninhado naquela parte onde seu pescoço se une ao corpo, onde meu rosto parece se encaixar tão bem. Subo a língua pelo seu queixo, beijo sua boca e prendo seu lábio inferior entre os dentes.

— É sério? — pergunta Ivy, ainda com o lábio preso.

— Só se tem uma lua de mel.

— Fale por você — retruca ela, tirando minha mão de sua coxa. — Mas esta certamente está

entre as minhas duas preferidas.

O Círculo de Leitura da Primeira Segunda-Feira do Mês é composto de sete pessoas, e, fora Ivy, a pessoa mais jovem provavelmente é Agnes, que, pelas minhas contas, deve ter uns sessenta e poucos anos. Na outra ponta etária está Cora, que certamente tem uns oitenta e tantos e me parece sempre confusa, a ponto de me causar surpresa o fato de conseguir segurar um livro do jeito certo. Hoje eles se reuniram na nossa sala. Estão comendo biscoitos e discutindo um sujeito chamado Paul Auster, do qual nunca ouvi falar. Pela algazarra que ouço através da parede, parecem um monte de homens irritados falando de futebol, em vez de um grupo de aposentados discutindo uma obra ficcional. Difícil me concentrar na tarefa que tenho em mãos.

Estou ajoelhado no meio de uma floresta de conto de fadas, olhando fixo para um manual de montagem impreciso e me sentindo bastante perdido. Recentemente, o quarto extra foi liberado e se transformou no quarto dos bebês (minha poltrona e a TV receberam permissão para fazer parte da sala, o DVD de *Cocktopussy* foi jogado fora, e o resto foi embrulhado em plástico e enfiado no sótão minúsculo). As paredes foram pintadas de azul e verde e enfeitadas com adesivos de árvores, pássaros, esquilos, um castelo, um cavaleiro, uma princesa e um dragão que me parece um pouco assustador demais para ficar num quarto de criança. No meio desta floresta de faz de conta, vejo-me rodeado por parafusos e pregos de tamanhos variados, pinos e diversos tipos de peças de madeira que, segundo as instruções, estão a dez míseros passos de virarem um berço. E, quando eu terminar de montar este, terei outro pela frente, ainda guardado na caixa, encostado no aquecedor. Está dada a largada para eu descobrir se consigo compreender as quatro páginas do manual de instruções antes de os aposentados (e Ivy) dissecarem quatrocentas páginas de ficção contemporânea americana. Aos trinta e dois anos, é claro que eu já montei móveis antes, com razoável (ainda que imperfeito) nível de sucesso, mas agora há algo muito mais importante em jogo. O Painel A é praticamente indistinguível do Painel B, e nenhum deles se parece muito com o diagrama do manual, então verifico outra vez, porque esta estrutura vai abrigar bebês, não livros, e a margem para erro é zero.

Alguém bate à porta da floresta.

— Posso? — pergunta uma voz gentil e delicada.

— Fique à vontade.

Casado com Agnes, Jim é um sessentão e o único homem do Círculo de Leitura da Primeira Segunda-Feira do Mês. Sua careca surge pelo batente da porta.

— Eita — diz, ao ver os componentes espalhados. — Parece complicado.

— Só um pouquinho — digo, erguendo o manual de instruções inútil.

Seu braço entra serpenteando o batente.

— Pensei que talvez você quisesse beber alguma coisa — comenta, em seguida apresenta uma grande taça de vinho.

— Jim, você é uma lenda. Na verdade, um príncipe no cavalo branco. Entre, por favor.

Ele entra na ponta dos pés e avança com uma surpreendente agilidade por entre as peças do berço espalhadas.

— Saúde. — Ele brinda ao me entregar a taça.

— Eu diria para você se sentar — digo, em tom de desculpas, indicando a completa ausência

de mobília. — Mas...

Jim acena com a mão, dando a entender que não tem problema, então se senta de pernas cruzadas a meu lado, no carpete.

— Sem problema — diz ele, e só então noto um leve sotaque. — Aggy me obriga a fazer ioga três vezes por semana. Eu aguento uns minutinhos sentado assim.

— Você é galês?

Jim balança a cabeça.

— Não, mas meus sogros eram. Acabei pegando alguma coisa de falar com eles. — Ele dá uma risada. — No começo foi difícil. Eles não falaram uma palavra em inglês comigo nas três primeiras vezes em que nos encontramos. Ou melhor, decidiram não falar.

— Que esquisito.

— Tenho para mim que suspeitavam bastante das minhas intenções com a filha deles — comenta, agitando as sobrancelhas grossas no que me pareceu uma expressão assanhada. — Quando você é pai passa a fazer umas coisas engraçadas. Logo, logo você vai descobrir por si só.

— Vocês têm filhos?

Jim me mostra três dedos.

— Todas meninas — explica, abrindo um sorriso. — Delores, Florence e Myfanwy. Todas já crescidas e mães.

— Uau.

Jim assente.

— Ser pai é a coisa mais maravilhosa do mundo, mas... — ele estala os dedos. — ... passa rápido. Muito, muito rápido.

Jim gira um pino entre os dedos.

— Tem algum conselho para me dar?

Jim dá uma risada.

— Você está perguntando ao cara errado. Sei lá, só... só aproveite. Faça o melhor que puder e não se cobre demais quando errar.

— Tenho certeza de que vou. Errar, digo.

Jim põe a mão no meu ombro.

— Você vai se sair bem. Quer dizer, claro, vai cometer erros, mas vai se sair bem. Ivy é uma garota maravilhosa, de verdade.

— Ah, sim. Isso é.

— Sabe — diz Jim, pousando a taça no chão com cuidado. — Eu sempre adorei montar coisas. Quer uma mãozinha?

Aponto o queixo para a parede, na direção onde o clube está conversando.

— Você não deveria estar...?

Jim encolhe os ombros.

— Para ser franco, não gostei muito do livro. Na maior parte, só passei os olhos. — Ele pisca e leva o dedo aos lábios, no tradicional gesto de quem pede segredo.

Eu lhe entrego as instruções de montagem.

— Por favor, fique à vontade.

Jim ignora as instruções e põe a mão na massa, enfiando o pino no que eu espero ser o buraco

correto.

— Tem muito tempo que você participa do clube do livro?

— Deve fazer mais de dez anos — responde, escolhendo um parafuso e montando uma perna do berço no que deve ser o Painel B. — O engraçado é que eu não sou muito de ler.

— Então, por que entrou no clube?

— É o que as pessoas fazem, não é? Digo, umas pelas outras. Aggy gostou da ideia e queria entrar, mas era tímida demais para ir sozinha. Então eu a acompanhei, mais para dar apoio moral que por qualquer outra coisa. — Jim vasculha entre várias peças até encontrar a que deseja. — Minha ideia era comparecer só as primeiras vezes, até Aggy se sentir à vontade, mas as garotas tinham saído de casa, e... — Jim equilibra uma peça do berço entre os pés, prendendo-a com os joelhos — Me passa essa perna aí, por favor. E, no fim das contas, é uma coisa legal que fazemos juntos. Sinceramente, o livro é o que menos importa. Pelo menos para mim... aquele parafuso ali, por gentileza... obrigado. A gente pega um ônibus para sair, encontra amigos, bebe um vinho...

— Isso é uma deixa?

— Hein?

Ergo minha taça, já vazia.

Jim abre um sorriso espirituoso.

— Se não for incômodo...

Ao sair do quarto, Jim, meu novo amigo, montou dois berços, dois móveis e duas cadeirinhas de balanço, além de beber mais da metade de uma garrafa de vinho (o que lhe rendeu um olhar indulgente de advertência por parte de Agnes; já eu ganhei um tapinha na bunda).

— E lembre-se — diz Jim, as palavras já saindo um pouquinho mais arrastadas. — É assim... — Mais uma vez, ele estala os dedos. — Aproveite cada segundo.

— E troque as fraldas também — conclui Agnes. — Francamente, James... depois dessa você só vai conseguir dormir de madrugada.

— A culpa é deste aqui — diz Ivy, pondo o braço em volta dos meus ombros. — Ele é má influência.

— Verdade — concorda Agnes, em seguida me dá um beijo na bochecha e conduz Jim porta afora.

— E Agnes? — pergunto.

— O que tem ela?

— Para nome de bebê.

— Você está mais bêbado do que eu imaginava. Ai! Calma...

Tenho três dedos inseridos no fundo de sua vagina.

— Desculpe. Quer que eu tire um?

— Não, só... vai mais devagar.

— E agora? Melhorou?

Ivy faz uma careta.

— Um pouquinho.

Dependendo do site de onde você tira a informação, aproximadamente uma em cada três

mulheres sofre lacerações vaginais durante o parto. O que não surpreende, tendo em vista as dimensões dos vários elementos — tente enfiar uma meia na cabeça, por exemplo. Mas escolha uma que não vá fazer falta se você destruir. Os rasgos tendem a acontecer na terra de ninguém entre o ânus e a vagina, o períneo. Um jeito de evitar esse tipo de trauma é alargar a região com antecedência. E viva o romantismo!

— E Poppy?

— Meus vizinhos tinham um cachorro chamado... Jesus!

— Não é melhor eu parar?

Ivy balança a cabeça.

— Você cortou as unhas?

Faço que sim.

— Então, como você ia dizendo, seus vizinhos... tinham um cachorro chamado Jesus?

— Um cachorrinho que vivia latindo — completa Ivy, fazendo uma careta. — E um gato chamado Satanás.

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Pode continuar.

Com os dedos em gancho, eu empurro a parede vaginal para alargar o canal, girando o pulso do jeito que um oleiro faria para abrir o gargalo de um vaso. Ivy fecha os olhos com força e respira bem fundo.

— E Rose? — tento.

— Sei lá.

— Não gosta?

— Sério, se conseguirem tirar a criança sem me rasgar no meio, pode chamar até de Merdarela.

— Olha, até que eu gostei de Merdarela. É... sei lá, clássico.

— Romântico?

— Romântico! — repito, estalando os dedos com a mão livre. — Merdarela. E, se tiver um menino, vamos chamar de Quasímerdo.

— Perfeito. Encontramos os nomes!

Giro a mão no sentido anti-horário, depois no horário. Não há nada minimamente prazeroso, bonito ou sensual nessa situação. Mas mesmo assim me ocorre que, já que estou aqui, que estamos tendo esse contato íntimo, poderíamos muito bem...

— Nem pense nisso — corta Ivy.

— Hein? Pensar em quê?

— Caramba, está estampado na sua cara. E, só para esclarecer, você tem mais chances de ler Merdarela na certidão de nascimento do que de conseguir alguma coisa hoje.

— E amanhã?

— Vou pensar no as... Ah, seu safado!

— Desculpa.

— Ah, que se dane — continua Ivy, pressionando o corpo para baixo para fazer meus dedos saírem de dentro dela com um *pop* úmido. — Vamos ver no que vai dar. Já vai ser ruim o bastante sem eu ter que passar por isso agora. Que se dane.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Quer um chá?

Ivy faz que sim.

— E não se esqueça de lavar as mãos.

Coco.

Abacaxi.

Melão...

Se tem um dia que eu odeio ainda mais do que o Natal é o Dia das Mães. E as quatro semanas anteriores à data, quando um monte de vitrines e comerciais me fazem lembrar que minha mãe não está mais comigo. Talvez por isso eu tenha me excedido tanto com Ivy.

Quando acordamos sábado de manhã, informei Ivy de que faltavam exatos dezenove dias para a data prevista. Para comemorar, comemos torradas e tomamos café na floresta de conto de fadas. Agora o quarto dos bebês está completo: dois berços, dois móveis, dois cestinhos, duas cadeirinhas de balanço e um pequeno sofá-cama para dar mamadeira e contar historinhas para eles dormirem. Mal sobra espaço no chão para um urso de pelúcia, e tive que encostar os pés em um berço enquanto tomávamos o café da manhã no silêncio do quartinho carregado de expectativa. De tarde, compramos flores e um cartão para a mãe de Ivy. E, enquanto ela tirava o cochilo da tarde, fui à rua e lhe comprei um buquê, um cartão, chocolates, vinho e dois balões: um de DannyouDanni, outro de Julietououtracoisaseformenino. Guardei tudo no espaçoso portamalas do novo carro e saí para dar uma longa corrida no parque. Fui dormir imaginando a expressão de alegria, gratidão e amor sincero no rosto de Ivy quando eu a surpreendesse com a minha extravagância de Dia das Mães.

Dez horas depois, acordei na cama vazia ao som suave de uma colher mexendo o leite numa caneca de café. Ivy lê um romance sentada à janela da sala, enquanto o sol atravessa seus cabelos despenteados.

Pego uma caneca e me sento de frente para ela.

— Bom dia.

Ivy continua lendo por mais alguns segundos enquanto eu pego café. Então, ergue os olhos.

— Bom dia.

— Sabe que dia é hoje?

Ivy assente e sorri.

— Domingo.

— Não é qualquer domingo. É Dia das...

— Não termine.

— O quê? Só estou dizendo que...

— Por favor! Desculpe... eu já estou nervosa o suficiente, lindo. Não quero provocar... vamos deixar a coisa fluir, o.k.?

Eu me sinto um idiota, ali, sentado de cueca, os olhos semicerrados por causa do sol. Meu instinto é dizer algo inteligente e petulante, mas a parte inteligente não me vem, então fico calado e tomo meu café.

— Desculpe — repete Ivy.

— Não, eu é que me desculpo. Não sei onde estava com a cabeça. — E imediatamente me

lembro do porta-malas cheio de parafernália de Dia das Mães, presentes prematuros, que brincam com o destino. — Vamos partir a que horas?

— Assim que você sair do banho.

Para atravessar o país, entregar as flores à mãe de Ivy e voltar a Londres logo depois do almoço, gastamos mais ou menos dez horas e somamos seiscentos e tantos quilômetros no odômetro do carro. Podíamos ter dormido lá, mas Ivy está com 34 semanas de gravidez e determinada a dar à luz no “seu” hospital. Seu senso de praticidade é um pouquinho mais forte do que seu medo do destino, por isso a “bolsa do parto” está arrumada e na frente da porta do corredor, e já instalamos as cadeirinhas dos gêmeos no banco traseiro do carro. A todo momento vejo as cadeiras pelo retrovisor, e elas me fazem sentir um nervosinho gostoso. Agora a coisa parece real e assustadoramente iminente.

Quando entramos na nossa rua, meus olhos ardem, a cabeça mal funciona e as pernas doem por causa do dia que passei ao volante. Desligo o motor e os faróis, estalo o pescoço e abro a porta.

— Lindo...

— Diga.

— Podemos ir ao hospital?

Pânico!

— Você não está...

— Não, não, não. — Ela põe a mão no meu ombro. — Só quero ver o caminho, saber quanto tempo demora.

— Como se fosse um teste?

— Pode ser?

— Bem, eu estou completamente, totalmente, inteiramente exausto.

Ela me lança aquele olhar.

— *Por favor...* São só mais alguns quilômetros.

Demoramos vinte e três minutos para chegar da porta de casa ao hospital.

Já passa das dez da noite de domingo, o céu está limpo e escuro, e o estacionamento está praticamente vazio. Estamos cansados demais para conversar, então relaxamos no calor do carro espaçoso, ligamos o rádio baixinho e absorvemos a surpreendente tranquilidade do Hospital St. George.

— Logo, logo — digo.

— Logo, logo.

Além da consulta marcada com a doula, Eunice, Ivy fez um check-up com uma pediatra semana passada. Tudo está “perfeito”, os gêmeos estão saudáveis e bem posicionados, e Ivy está em ótima forma, apesar dos tornozelos inchados. Em menos de três semanas seremos uma família de quatro pessoas, o carro estará uma barulheira só e fedendo a fraldas sujas.

Enquanto penso num jeito de me livrar do contrabando de Dia das Mães no porta-malas, uma lata-velha entra no estacionamento. Menos de um segundo depois de parar, um homem praticamente se joga pela porta do motorista e corre em volta do veículo, na direção do carona.

Ivy estica o braço e segura a minha mão.

O sujeito abre a porta e se inclina para dentro. Depois de mais ou menos um minuto (a sensação é de que se passaram cinco), surge uma mulher nos últimos estágios de gravidez. Assim que sai do carro, ela cai de quatro no asfalto. O homem dá um giro completo, então se vira de volta. Em seguida, agacha-se ao lado da mulher, pousa a mão em sua lombar e, embora estejam a uns cinquenta ou sessenta metros, ouvimos ela gritar “Me larga!”. O cara se levanta, dá mais uma volta e meia e se agacha outra vez. Apesar de tudo, dou uma risada, e Ivy aperta a minha mão com força suficiente para meus dedos latejarem.

O homem ajuda a mulher se levantar, e eles começam a avançar lentamente para a entrada do hospital.

— Será que eu vou lá ajudar?

— Ajudar como?

Apenas uns quatro ou cinco passos depois, o casal para outra vez, e a mulher dobra o corpo na altura de onde um dia foi sua cintura. Mesmo à distância, vê-se que o homem está com dificuldades para apoiá-la. Ela grita de dor, e o homem a põe de joelhos no chão. Em seguida, ele olha de um lado para outro em busca de ajuda e de repente sai correndo, deixando a mulher ali, sozinha, ajoelhada no asfalto.

— De repente é melhor você ir, sim — comenta Ivy.

— O.k., mas você vai ter que largar a minha mão primeiro.

— Hein? — Ivy olha para a minha mão. Pela cara, ficou surpresa ao descobrir que está me segurando. — Ah, claro.

Mas assim que ela me solta o homem reaparece correndo, empurrando uma cadeira de rodas que arranjou sabe lá onde. Ele ajuda a mulher a ficar de pé, coloca-a com todo o cuidado na cadeira e sai em disparada, empurrando-a para o prédio.

E assim, de uma hora para outra, o silêncio volta a tomar conta do estacionamento.

— Isso acabou de acontecer de verdade? — pergunta Ivy, depois de um minuto.

— Acho que sim.

— Puta merda!

— Exatamente o que eu estava pensando.

— Me leva para casa.

O motor ganha vida com um estrondo reconfortante, confiante. Engato a marcha e começo a dar ré para sair da vaga.

— Caramba — solta Ivy.

E assim que ela pronuncia a última sílaba ouvimos um *Pou!* sonoro e assustador.

Ivy grita.

— O que foi isso? A gente bateu em alguma coisa? Alguém... *aaah...* — Ela leva as mãos à barriga.

Com 34 semanas de gravidez, os bebês estão do tamanho de melões, com mais ou menos 45 centímetros e dois quilos e meio cada. Seus cérebros e sistemas nervosos já se desenvolveram por completo. Eles sonham ao dormir e já podem até ter desenvolvido preferência por alguns sabores (embora me custe crer que exista mais de uma variedade de líquido amniótico). Seus pulmões estão quase completamente formados, e, se os gêmeos nascerem agora, no banco do carona deste carro, há uma grande chance de conseguirem respirar sem assistência.

— Está tudo bem? — pergunto, com os nervos a tremer como cabos elétricos numa ventania.

— Acho que estou, foi só uma dessas contrações de Braxton Hicks. Que barulho foi esse?

— Não faço id...

A não ser que...

— O que foi?

Olho para Ivy, mordo o lábio inferior e arregalo os olhos, fazendo uma cara que espero que ela interprete como a de um adorável incorrigível.

— O que foi? Eu estou em pânico aqui!

— Talvez... tenha sido um balão.

— Hein?

— Promete não ficar zangada?

— Não!

Encolho os ombros, saio do carro, dou a volta e abro a porta de Ivy.

— Fisher, me diz logo o que está acontecendo!

— É melhor mostrar — digo, ajudando-a a sair do carro. — Venha.

Relutante, Ivy me segue até o porta-malas. Eu o abro e revelo um cartão, chocolates, vinho, um buquê de rosas com espinhos, um balão e pedaços de borracha de um balão estourado. Ivy pega o balão. Impressas na superfície leem-se as palavras “Feliz Dia das Mães”.

— Não precisava — diz Ivy. — De verdade.

— Eu sei... Comprei enquanto você dormia ontem à tarde. Não tive chance de me livrar de tudo. Desculpa.

— Eu vou ficar com as rosas. E os chocolates.

— Posso ficar com o vinho?

— Só se você me der um golinho.

— Só se você me der um pedacinho do chocolate.

— Só se você jogar o cartão fora.

— Fechado — digo, aproximando-me de Ivy para lhe dar um beijo.

Ela solta o balão, e ficamos ali, parados, observando-o flutuar no céu noturno.

Acabamos de filmar em um telhado com vista para uma área industrial no sudeste londrino. Estamos a quilômetros de distância de qualquer residência, mas, quando grito “Fechamos”, é bem baixinho. E os aplausos que se seguem são contidos. Aqui em cima, com Suzi, Joe, dois atores e onze pessoas da produção, eu deveria estar eufórico. Mas ainda faltam horas para o sol nascer, e o sentimento que predomina em mim é o de um esgotamento profundo, que se espalha por todas as células do meu corpo.

Nós mexemos, remexemos, afinamos e polimos o roteiro, mas ainda não me convenci de que ele está tão bom quanto poderia. Nas filmagens de comercial, existe uma distância natural: você recebe o roteiro e faz o melhor que dá, sabendo que pode culpar a agência se o produto final for uma porcaria. Mas agora não é este o caso; somos todos responsáveis, o que é assustador e empolgante ao mesmo tempo. O calendário das gravações é irregular e se prolonga para acomodar as agendas e os empregos diurnos de todos, e vamos demorar mais quatro semanas para filmar os dois dias de gravação restantes.

Dois assistentes correm até nossos atores nus e os envolvem em cobertores grossos. Sei que meu telefone poderia me informar a temperatura exata, mas, a julgar pelo frio que sinto no pescoço e nos joelhos, eu diria que faz menos de dez graus. Assim como muitas outras coisas na minha vida, a narrativa está fora de sequência, e, por questões de logística, estamos filmando a cena do sexo no telhado antes de o casal, Mike e Jenny, se conhecer na história. Na vida real, claro, os atores foram apresentados e ensaiaram esta cena algumas vezes. Os atores funcionaram bem juntos diante das câmeras, projetam uma química sexual entre os personagens que parece não existir entre os dois. Por outro lado, algo me diz que há alguma coisa entre Chris, o protagonista masculino, e Suzi, e não consigo deixar de me perguntar se agora eles vão para casa de um ou de outro fazer amor de verdade, numa cama, sem uma dúzia de pessoas observando tudo das laterais.

— Bom trabalho, meu chapa. — Joe põe a mão no meu ombro.

— Uhu! — exclama Suzi na ponta dos pés para me dar um beijo. — Maravilha.

Forço um sorriso.

Não sei por que não estou mais empolgado. Eu quis e planejei isso por muito tempo, e tudo correu à perfeição. Os atores foram brilhantes, assim como o câmera. Além de tudo, não choveu, o que era nossa grande preocupação. Eu deveria estar nas alturas, mas o que sinto é abatimento. Talvez seja a história. No papel a coisa parecia boa, mas agora, ao vê-la ganhar a tela, não me sinto tão confiante.

Pela nossa programação, só voltaremos a gravar no fim de abril. Quando assistirem ao curta, os espectadores verão uma perfeita continuidade cronológica, mas, no período entre a gravação desta cena e da próxima, eu terei me tornado pai. Talvez por isso esteja me sentindo tão

desorientado.

— Da próxima vez que a gente se encontrar... — começa Suzi, arregalando os olhos. — Toma aqui.

Ela me entrega um sacão amarelo. Projetando-se pela abertura, vejo duas cabeças de urso de pelúcia, ambos certamente o dobro do tamanho dos meus futuros filhos (tomara, pelo bem de Ivy).

— Boa sorte — completa Suzi, e alguma coisa nisso tudo me dá um aperto.

Quando volto para casa, encontro Ivy acordada.

Ela está no sofá. Vejo um livro aberto no chão, a capa virada para cima.

— Oi, linda — digo, aproximando-me para lhe dar um beijo na testa. — Acordada?

— Não consegui dormir — responde Ivy. Ao olhar para mim, sua expressão desmorona, como se ela estivesse prendendo uma enorme carga emocional e não fosse mais capaz de contê-la. Ela fecha os olhos com força e começa a soluçar fortemente.

— Querida, o que foi? O que aconteceu?

— O bebê não se mexeu o dia todo — responde, entre lágrimas.

Puxo Ivy e lhe dou um abraço carinhoso.

— Tem certeza?

— É o Altinho — diz, pondo as mãos no topo da barriga.

— Mas o Altinho não é de se mexer.

— Não, esse é o Baixinho. O Altinho não para quieto.

— Saiu sangue?

Ivy balança a cabeça e parece se recompor um pouco.

— Não.

— Talvez ele... ela... esteja dormindo.

— Não o dia todo.

— Tem certeza de que ele ficou parado o dia todo?

— Acho que tenho. Quer dizer... como são dois, às vezes é difícil saber. Mas... — Ela recomeça a chorar.

— E o que você quer fazer?

Com o silêncio instalado no carro, dirijo devagar, mas o ambiente está carregado de um não pensamento proposital e determinado. Deitada de lado no banco, Ivy olha para a frente, e eu me concentro na rua, no volante, nos sinais de trânsito e nos pelos dos meus dedos. Os médicos vão falar de fatos, mas até lá vamos existir num pequeno casulo de desejo, negação, esperança e medo. Enquanto permanecemos nesta bolha silenciosa, o mundo está pausado, e pode ser que, quando ele voltar a girar, tudo esteja como deveria. Até lá, a sensação é de que, se falarmos, ou mesmo pensarmos, *nisso...* vamos correr o risco de quebrar esta frágil barreira e permitir a entrada de algo terrível. Por isso, olho para a frente e tento controlar o coração e a respiração.

Entramos no estacionamento do hospital à 1h07 da manhã de sábado. Ivy aguarda no carro enquanto eu pego a bolsa no porta-malas. Ela está com 35 semanas e um dia de gravidez; não

está em trabalho de parto e só deve dar à luz daqui a treze dias, por isso hesito na hora de tirar a bolsa, porque me parece o tipo de pressuposição que pode provocar o destino. Parado, no frio, meus olhos se ajustam à luz tênue, e, ao olhar para o porta-malas, percebo várias manchas vermelhas que lembram um líquido escuro derramado — como sangue. Quando vou tocar em uma, noto que é um pedaço de borracha do balão estourado. Sem perceber, estacionei na mesma vaga, sob o mesmo poste de luz onde, há apenas seis dias, Ivy soltou o outro balão, que ganhou o céu noturno.

— O que você está fazendo aí? — pergunta ela do carona.

— Nada — respondo, juntando os pedaços de balão e enfiando tudo no bolso.

O hospital está tranquilo e silencioso. Os corredores iluminados com lâmpadas fluorescentes estão praticamente vazios. Passamos por um homem que está polindo o chão com uma enceradeira que zumbe baixinho. Ele nos dá passagem e acena com um leve sorriso, que não consigo retribuir. Na sala de parto faz mais barulho. Não ouço os gemidos, choros e xingamentos que temia; em vez disso, apenas a conversa calma e o alvoroço eficiente dos funcionários lendo anotações, dando telefonemas e realizando seu trabalho. Há outro casal na sala de espera — a mulher parece estar no início do trabalho de parto. Ela mede a respiração, faz caretas, estremece de tempos em tempos. Seu companheiro está jogando no iPhone.

Ivy se senta, tapa os olhos e pousa a outra mão na barriga. Coloco o braço em volta de seus ombros, mas ela parece não notar. Puxo-a para perto de mim, mas ela resiste, se afasta. Passa-se quase uma hora até uma enfermeira nos levar para um quartinho.

Ela começa a fazer perguntas: Ivy caiu, está com dores, com sangramento? Ivy responde que não. Diz que nada aconteceu, conta que está esperando gêmeos e que um parou de se mexer. A mulher pergunta a data prevista e se é a primeira gravidez. Ivy responde que é em abril e que esta é, sim, sua primeira gestação. A enfermeira pergunta se as bolsas de Ivy estouraram, se ela teve cólicas, se está em trabalho de parto. Eu já disse, não aconteceu nada, é o meu bebê que não está se mexendo, responde Ivy. A mulher pergunta quando foi a última vez que ele se mexeu, e Ivy balança a cabeça e desata a chorar.

A enfermeira deita Ivy numa mesa de exames e pede que ela levante a blusa. Em seguida, faz uma pressão metódica em volta da barriga. Depois, usa um aparelho para auscultar os corações dos bebês. Quando ela o encosta na parte de baixo da barriga, ouvimos uma batida nítida e fluida. No entanto, ao deslizá-lo para o topo, ouço apenas estática e ruído branco.

— Consegue ouvir alguma coisa? — pergunto.

— Alguma coisa — responde a enfermeira, mas seu tom de voz não me tranquiliza nem um pouco. — Já volto. Vou só procurar a médica.

Seguro a mão de Ivy, e ela aperta a minha. Abro a boca para perguntar se ela está bem, mas decido fechá-la de volta e fazer um pedido silencioso.

A enfermeira volta com uma mulher jovem a quem apresenta como dra. Edwards. A doutora faz a Ivy as mesmas perguntas que ela já respondeu. Ausculta a barriga. Pressiona. Mexe a barriga de um lado para outro. Alguma coisa se move, talvez um joelho, um punho ou um cotovelo. Ela volta a pressionar a barriga, desta vez a parte de cima.

— Parece que o de cima não está se mexendo. E não consigo escutar o batimento cardíaco ali.

— Mas é isso que eu já venho dizendo a vocês — diz Ivy, quase a gritar. — Eu falei isso. Por

que ninguém está me escutando?

— Por favor, tente se acalmar — pede a médica. — O outro está respondendo bem.

— O meu bebê morreu? Por favor, responda. Por favor. O meu bebê morreu?

A enfermeira põe a mão na testa de Ivy.

— Não sei — responde a médica. Seu tom é neutro, o que me deixa com ódio dela.

Ela se vira para um monitor, pega um tubo de gel e diz:

— Você vai sentir um geladinho.

Já passamos por isso: o monitor, a meia-lua branca de luz, a imagem de dois bebês aninhados no útero da mãe. Ivy desvia o olhar da tela e fita o teto.

A médica pressiona a barriga. Vejo um movimento no monitor, e parece que os dois se mexeram. Um pequeno punho fecha, abre e fecha outra vez, e percebo que estou repetindo o gesto dentro do bolso do casaco. No centro da tela, um pequeno borrão branco pulsa rapidamente. Olho para a médica, e sua expressão é indecifrável. Ela movimenta a sonda outra vez, empurra-a contra a barriga, e vejo manchas vermelhas na pele de Ivy. A médica usa outro aparelho de scan, desta vez um vaginal. Tenta durante muitos minutos, até que por fim desliga o monitor.

— Eu sinto muito — diz.

Ivy larga a minha mão e se vira de lado. Suas costas tremem convulsivamente, e ela chora como se estivesse sentindo uma dor física. Por entre as lágrimas ela não para de repetir:

— Meu filho, meu filho, meu filho.

A médica e a enfermeira nos deixam a sós.

Assisto à cena, impotente, tentando encontrar palavras reconfortantes, mas o que eu posso dizer que não seja superficial, desonesto ou completamente trivial? Ivy chora tanto que fico a ponto de pedir a ela que se controle para não prejudicar o outro bebê. Sinto como se meu rosto estivesse desfigurado pela tristeza e que também deveria chorar. Eu poderia forçar (ou permitir — não sei exatamente) as lágrimas a escorrerem, mas essa seria uma atitude deliberada, hipócrita e ofensiva diante do pranto cru e instintivo de Ivy. Então, não choro nem digo nada. Afago as costas de Ivy e lhe dou um beijo no topo da cabeça, e, quando ela começa a chorar em silêncio, sinto um enorme e vergonhoso alívio.

Lá pelas três da manhã a enfermeira reaparece, checa a pressão de Ivy e examina o colo do útero. Durante todo o procedimento, Ivy permanece calada e impassível, como que em transe. A enfermeira diz que, pela segurança do bebê sobrevivente, precisará induzir o trabalho de parto. Pergunta se Ivy compreende, e Ivy responde com um aceno afirmativo. Depois, pergunta se podemos ficar no hospital ou se preferimos voltar para casa para passar a última noite. O que vocês querem fazer?, pergunta ela, e Ivy balança a cabeça e abraça a barriga. A enfermeira diz que talvez seja uma boa ideia voltarmos, dormirmos um pouco e passarmos um último tempo juntos, “só vocês quatro”.

— O que você quer fazer? — pergunto a Ivy.

Ela me lança um olhar inexpressivo, então se senta, sai da cama e começa a caminhar na direção da porta. Eu pego a bolsa do hospital e sigo-a para fora do quarto.

Voltamos para casa com o rádio ligado. Mas a verdade terrível e sufocante nos acompanha,

abafa a música e preenche todos os espaços do nosso carro, das nossas cabeças, dos nossos corações. Quando chegamos, estou faminto. Pergunto se ela quer comer alguma coisa, mas ela faz que não, e me sinto culpado por sentir fome. Faço uma torrada e espalho uma fina camada de manteiga, mas cada pedaço me parece seco e horrível.

Ivy diz que vai ao banheiro. O apartamento — a rua, toda a cidade — está em silêncio, e, o que quer que Ivy esteja fazendo lá dentro, não ouço nenhum barulho. Depois de cinco minutos eu me levanto do sofá e a encontro deitada na cama, ainda toda vestida.

— Quer alguma coisa? — pergunto.

— Pode apagar a luz?

Ivy não reclama quando tiro seus sapatos e sua calça. Ela permanece deitada, quieta, olhando para o teto, enquanto eu tiro também as meias e o cardigã e a cubro com o edredom. Em seguida, apago a luz, me dispo e também me cubro. Abraço a cintura de Ivy e pouso a mão no alto de sua barriga.

Quando acordo, pouco antes das seis da manhã, encontro Ivy no sofá-cama do quarto dos bebês. Seus olhos estão vermelhos e inchados, e, se ela dormiu, foi por alguns minutos, no máximo.

— Como vai?

— É... era menino ou menina? — pergunta Ivy. — Disseram se era menino ou menina?

Balanço a cabeça, e ela vira as costas para mim, desapontada.

— Sinto muito. Você comeu? — Ivy balança a cabeça, e sinto uma vontade repentina de gritar com ela. Trinco os dentes e respiro fundo pelo nariz. — Você precisa comer.

— O.k.

— Pelo outro.

— O.k.! — grita Ivy. — Eu já disse o.k.!

Comemos cereais e tomamos café na bancada da cozinha.

— Você dormiu? — pergunto.

Ivy balança a cabeça.

— Pois deveria.

Ivy pousa a colher, caminha para o quarto e fecha a porta ao entrar. Quando vou vê-la, meia hora depois, pelo menos parece estar dormindo.

Ligo para os pais dela; ligo para meu pai e minha irmã. Tenho três conversas terríveis e ouço pessoas chorarem do outro lado da linha. Pego o telefone de Ivy, mando mensagens e peço às pessoas que nos deixem em paz enquanto tentamos superar o momento. Sentado no chão, ainda digitando as mensagens, as respostas começam a chegar, e depois das primeiras eu deleto tudo sem ler, porque todas dizem a mesma coisa e nenhuma muda nada. Mando mensagem para Joe e para Esther e peço que não respondam. Quando largo o celular de Ivy, preciso de analgésico para a dor que lateja nas minhas têmporas.

Ivy acorda depois de uma da tarde. Toma banho, muda de roupa, senta-se ao meu lado no sofá. Em seguida, beija minha bochecha, faz carinho no meu cabelo e deita a cabeça no meu colo, e ali fica, parada, em silêncio, por quase uma hora. Tiro breves cochilos, sonhando a todo

momento que estou perdido num lugar familiar e estranho ao mesmo tempo.

Já são quase três da tarde quando Ivy se senta, afasta o cabelo do rosto e diz:

— Acho melhor a gente ir.

— Falei com os seus pais. Sua mãe disse que poderia vir.

Ivy balança a cabeça, e novas lágrimas lhe escorrem pelas bochechas.

— Agora não. Ainda não.

E tudo em que consigo pensar é: *não era assim que isso deveria acontecer.*

O estacionamento do hospital está lotado, e precisamos dar duas voltas para encontrar uma vaga. Visitantes chegam com flores, frutas, doces, revistas. Vejo um rapaz segurando um balão onde se lê: “É menina!!!”.

Ponho a bolsa de hospital no ombro, ainda com roupas para duas crianças, e damos as mãos enquanto entramos no hospital em silêncio. As pessoas se cutucam, sorriem e tentam captar nosso olhar — o casal prestes a dar à luz —, enquanto andamos pelo corredor e pegamos o elevador para a sala de parto. Aperto o botão do interfone e seguro a mão de Ivy enquanto aguardamos. Não me lembro de haver um botão ontem. Faz só quinze horas desde que voltei da gravação sexta à noite, e durante esse tempo — menos de um dia — todo o formato do nosso mundo se alterou para sempre.

Um médico examina Ivy e confirma outra vez que um dos gêmeos — Danny, se for menino; Danni, se for menina — morreu. Explica o que vai acontecer e põe uma sonda em Ivy. Eles ligam um eletrodo de monitoração à barriga de Ivy e outro à cabeça do bebê a quem ainda precisamos dar um nome. Ao lado da cama, um monitor apita com apenas uma pulsação apressada. A enfermeira diz que vai demorar horas para os medicamentos induzirem o parto e sugere que tentemos descansar.

Há uma TV presa na parede. Assistimos a filmes, séries antigas de detetives, programas de culinária e de debate e anúncios, sem mudar de canal, de olhos vidrados na tela fazendo comentários ocasionais para preencher o silêncio do quarto. Saio para comprar comida na lanchonete do saguão. Comemos sanduíches e batatas fritas e bebemos água e suco. A comida me deixa enjoado.

No fim da tarde, Ivy dorme por cerca de duas horas. Desligo a TV e fecho os olhos, mas o sono não vem. Sem o barulho da programação de sábado à tarde, o bipe constante do monitor cardíaco preenche o quarto. Será que nosso filho sabe que seu irmão gêmeo morreu? Será que ele ou ela está sentindo angústia, tristeza, solidão?

Na carteira tenho um cartão que recebemos nas aulas de preparação para o parto. Impresso em um lado está um acrônimo para ajudar os pais a fazer as perguntas certas e tomar as decisões corretas enquanto as mães estão em trabalho de parto. Se qualquer coisa der errado, basta consultar o cartão e pensar na palavra BRAIN: Quais os *Benefícios* de seguir em frente com tal decisão ou procedimento? Quais os *Riscos*? Quais as *Alternativas*? O que lhe diz a *Intuição*? O que acontece se você não fizer *Nada*?

Nada disso ajuda.

O coração do bebê bate entre 120 e 130 vezes por minuto. Eu conto junto com o monitor: *um, dois, três, quatro...* até 120, ou 124, ou 132... repetidamente.

O sol se põe entre seis e sete da noite, e o céu está lindo, raiado de rosa, roxo e dourado. E

eu conto até 124, 122 e 127.

Quando Ivy acorda já está completamente escuro lá fora.

— Acho que está acontecendo — diz.

A obstetra se chama Phoebe. Seu turno terminou há uma hora, mas ela vai ficar até o fim. Ela me conta que vai tentar realizar o parto dos dois de forma natural. Mesmo assim, outros quatro médicos a acompanham, e seus corpos mudos parecem amplificar o silêncio, tornando-o palpável e sinistro.

É Phoebe quem assume o comando da situação — os outros aparentemente só continuam por perto de stand-by. Apesar da conduta profissional, os olhos de Phoebe estão marejados. Ela oferece a Ivy uma anestesia epidural para aguentar a dor. Explica que, caso ela aceite, terá mais dificuldade para sentir as contrações e saber quando deve fazer força, o que possivelmente prolongará o parto. Ivy pede a injeção. A tensão na sala de parto sobe e desce no ritmo das contrações, e Phoebe — com uma voz suave e um sotaque irlandês — diz a Ivy quando respirar e quando fazer força. Ao longo do procedimento, Ivy permanece passiva e inexpressiva. Fita o teto e mantém os olhos fechados por minutos a fio. Phoebe olha para mim, faz uma careta e articula as palavras: *Ajude!*

Seguro a mão de Ivy, mas não sei o que dizer. Formo as frases na cabeça — *you consegue*, já está quase lá, *muito bem* —, mas são todas inadequadas, inapropriadas, erradas.

O primeiro bebê nasce à 1h14 da manhã de domingo, 30 de março. É menino, o menos ativo dos gêmeos, o qual costumávamos chamar de Baixinho. Mas neste momento o apelido parece vergonhosamente frívolo.

A obstetra pergunta se quero cortar o cordão umbilical, mas eu balanço a cabeça.

Ivy segura o filho contra o colo, chora e beija seu cabelo ralo, molhado e sujo.

Este deveria ser o dia mais feliz, o momento mais feliz da minha vida. E, talvez — enquanto olho para o meu filho perfeito, a pele levemente arroxeadada e coberta de cera, sangue e gosma, os olhos fechados com força contra o mundo —, só talvez, por uma fração de segundo, seja mesmo. E então a sensação desaparece, porque, como todos na sala de parto sabem, Ivy ainda tem um filho morto para dar à luz. Até o bebê que já nasceu está quieto, como se também compreendesse que seu grande momento acabou de acontecer em meio a um momento marcado pela tristeza.

Phoebe pergunta se ele já tem um nome, e respondemos que não.

O tempo passa no silêncio grave e conflituoso da sala de parto, eu sentado ao lado da cama, Ivy apertando o nosso garoto contra o corpo, como se, logo após pari-lo, estivesse tentando devolvê-lo para dentro de si. Phoebe trabalha, organiza os instrumentos, verifica o pulso de Ivy, mede a temperatura do bebê. Diz que o nosso menino nasceu bem e saudável, mas sua temperatura está mais baixa do que deveria e que por isso precisa ir para a UTI neonatal. Quando vai pegá-lo, Ivy fica histérica.

— Não leve ele. Por favor. Por favor! Não tire o meu filho de mim!

Pouso uma das mãos na testa de Ivy, e a outra em sua mão, e ela comprime o bebê contra o colo.

— Seu filho está bem — explica Phoebe. — Está ótimo. Mas precisa de um pouquinho de atenção a mais. É só por um tempinho.

Enquanto fala, Phoebe pega o menino delicadamente. O rosto de Ivy estampa tristeza e medo, e ela continua segurando o filho até seus braços esticarem por completo. Quando finalmente o solta, suas mãos tombam na cama, e sua expressão petrifica, como se de repente tivesse ficado catatônica.

Nosso filho é colocado num berço com lateral de plástico que eu só notei agora e, em seguida, retirado da sala. Quando as portas vaivém se fecham, ele começa a chorar — o som ecoando e perdendo força no corredor.

Danny — ele também é menino — nasce “dormindo” às 2h28. Gêmeos idênticos. Os médicos tiveram que fazer uma incisão em Ivy e se valeram de um fórceps para facilitar o parto, por isso Danny nasce coberto de sangue. A obstetra não pergunta se quero cortar o cordão umbilical e limpa o bebê antes de me entregar seu corpo inerte. Assim como o irmão mais velho, Danny está de olhos fechados. Mas, ao passo que seu irmão se contraiu diante da luz fria da sala de parto, Danny está relaxado, em paz.

Ivy está com o rosto virado para o outro lado.

— Ele... ele está bem? — pergunta ela.

— Ele é lindo. Veja. — Eu lhe ofereço o bebê.

Ivy se vira para mim e sorri, mas só com a boca. Então, segura Danny.

— Oi — sussurra ela em seu pescoço, então o beija no topo da cabeça, no nariz e nos lábios.
— Oi, neném.

Somos transferidos para um quarto particular, onde Phoebe ajuda Ivy a extrair um pouco de leite, que será dado ao nosso menino na UTI neonatal. Phoebe afirma que eu posso ficar, mas Ivy me encoraja a ir para casa dormir na nossa cama. Depois, pede que eu telefone para seus pais, mas que não os deixe vir por enquanto. Diz que quer ficar sozinha com Danny.

No corredor, Phoebe me abraça, e choramos juntos. Eu lhe pergunto o que deu errado, e ela diz que às vezes essas coisas “apenas acontecem”. Não existe uma causa óbvia, nenhuma razão que explique de cara por que um dos nossos meninos sobreviveu e o outro morreu dentro da mãe. Explica que vai manter Ivy no hospital por mais um ou dois dias e que Danny poderá ficar com a mãe. Digo que a ideia me parece macabra, mas Phoebe me assegura que isso ajudará Ivy a lidar com a dor da perda e a se despedir de nosso filho. Explica que vão colocar um berço artificialmente resfriado no quarto e que, quando Ivy não estiver com Danny, é ali que ele vai ficar.

Já passa das seis da manhã quando eu volto para o apartamento, e o sol nasce sobre as silhuetas das árvores e casas da rua. O apartamento parece estranhamente silencioso e vazio — como se sentisse falta não só de Ivy, mas dos dois bebês que ela estava gestando desde o verão passado. Há uma eternidade.

Alimento o peixe, lavo a louça de ontem, faço café e o levo para o quarto dos bebês, onde começo a desmontar um berço, um móvel e uma cadeirinha de balanço. Levo as partes para o carro, junto com o desnecessário cesto extra. Removo a segunda cadeirinha de carro e o coloco

no porta-malas com o resto das coisas onde Danny jamais se sentará, dormirá e balançará. Quando vou fechar a porta da frente, minhas mãos tremem tanto que mal consigo pôr a chave na fechadura.

E agora, finalmente, as lágrimas chegam. São lágrimas de raiva, histéricas, e me sinto tão grato por elas que grito para as paredes como se estivesse bêbado e roço as articulações dos dedos nas têmporas até começar a enxergar pontos brancos.

Passou apenas um minuto das nove da manhã quando eu vou de carro a uma loja que compra móveis usados, mas esqueci que hoje é domingo e tudo está fechado. Fico tentado a simplesmente largar as coisas na calçada, mas a atitude me parece desrespeitosa com Danny. Sigo até o edifício de El e Phil. Mas, sentado ao volante, enquanto escuto o motor desligar, percebo que essa é uma má ideia. Não posso garantir que El não dirá alguma grosseria estúpida — e, no meu estado, também não posso garantir que, caso ele faça isso, eu não lhe dê um tapa. E só de imaginar um simples comentário inoportuno, eu seguro o volante com tanta força que estalo as articulações dos dedos. Então, por mais que queira conversar com Phil e estar na companhia de El, eu religo o carro e volto para casa.

Dormi menos de seis das últimas 48 horas e estou um caco. Faço mais café e ligo para o meu pai. Não dizemos muita coisa. Eu lhe conto o que aconteceu, e, enquanto choro ao telefone, ele diz coisas supostamente reconfortantes. Vocês vão superar isso, meu filho, com o tempo vocês vão superar isso.

Ele repete isso enquanto estou sentado no quarto de conto de fadas, chorando, olhando para as marcas no carpete onde há uma hora estava o bercinho de Danny.

Quando volto para o quarto de hospital de Ivy domingo à noite, encontro-a deitada com Danny, fazendo carinho na cabeça e na bochecha do nosso filho. Rosado, tranquilo e lindo, ele parece vivo. Dedinhos perfeitos fechados em punhos minúsculos, bochecha rechonchuda encostada no colo da mãe. Ivy também está de olhos fechados.

Eu me sento na cadeira ao lado da cama e faço carinho na cabeça de Ivy. Passo a mão em seu cabelo castanho, seguindo a madeixa caída sobre o ombro de Danny. Deixo minha mão correr até sua cabecinha e sinto como ela está fria. Quando Ivy abre os olhos, recuo.

— Oi — digo.

Inexpressiva, Ivy olha para mim como se eu fosse transparente.

A imagem de uma nova mãe com seu recém-nascido deveria ser maravilhosa, a coisa mais linda do mundo. Ivy está um caco: parece que não dormiu nem parou de chorar desde que saí de manhã.

Na minha cabeça, eu digo: *Está tudo bem? Você dormiu? Eu sinto muito.* Mas pergunto:

— Você viu o bebê... o outro bebê?

Ivy balança a cabeça. Uma lágrima se forma no canto do seu olho, vai afinando ao cruzar a bochecha e o queixo e desaparece no escasso cabelo castanho de Danny. Ele já foi limpo, mas as lágrimas deixaram sua cabeça úmida e pegajosa.

— Posso segurar?

O lábio inferior de Ivy treme. Ela abraça Danny com mais força, fecha os olhos e encosta a bochecha no topo da cabeça do neném. Então relaxa, abre os olhos e me entrega meu filho. Ele não pesa nada. Nascido cinco semanas antes do tempo, Danny cabe confortavelmente nas minhas mãos em concha e não pesa nada. Está vestido com um macaquinho de algodão branco, e seu peito está quente do calor que absorveu de Ivy. Um lado de seu rosto também está aquecido, e sinto sua bochecha macia no meu pescoço. A outra face, porém, está fria, assim como suas costas e seu bumbum sob o tecido fino. Ponho o indicador em sua palma fechada e tenho a sensação de que seus dedinhos minúsculos e perfeitos seguram meu dedo.

— Vamos ver o irmão dele — digo. — Ele ainda nem tem nome.

Ivy contrai o queixo, e eu me pergunto quantas lágrimas é possível uma pessoa produzir.

— Não podemos chamá-lo de Baixinho para sempre — continuo, com um sorriso amarelo. Mas ainda é cedo demais, e Ivy vira o rosto.

— Você já viu?

— Achei que podíamos ir juntos.

Ivy vira a cabeça de volta para mim.

— Ele está...?

— Ele está bem. A obstetra disse que é forte, está bebendo o seu leite, dando trabalho.

Ivy estica os braços pedindo por Daniel, e eu o devolvo. Ela o leva ao colo, beija seu cabelo e faz carinho nas suas costas, como se quisesse aquecê-lo.

— Não consigo. Hoje, não.

— Nem por cinco minutinhos?

Ivy balança a cabeça.

— Depois disto aqui, acabou — Ivy acaricia a cabeça de Daniel. — É só isso... esse é todo o tempo que eu vou ter com ele. — Ela beija a cabeça de Daniel. — E só.

Depois de uma hora, Ivy adormece, e eu fico com Daniel pelo tempo que consigo suportar antes de devolvê-lo ao berço resfriado. Enquanto Ivy dorme, visito nosso filho na UTI neonatal.

Ele também está dormindo, encolhido dentro de uma incubadora. Vejo dois eletrodos de monitoramento azuis ligados a fios colados em seu peito, além de um fio preso a seu pé por uma pulseira de velcro.

— Não tem com o que se preocupar — tranquilizam-me imediatamente, pois ele está respirando bem. Só precisa de uma ajudinha para manter a temperatura.

Dois bebês que não conseguem manter a temperatura — um deitado, imóvel, dentro de um berço frio; o outro dormindo em uma incubadora aquecida, a barriguinha subindo e descendo com a respiração. A incubadora tem uma abertura lateral estreita, e, depois de lavar e desinfetar as mãos, recebo permissão para tocar meu filho através dela.

— Oi, neném — sussurro. — Oi, Baixinho.

Ele endireita as pernas ao se espreguiçar lentamente, boceja e por fim volta a relaxar. Ponho o dedo em sua mão, e ele o aperta com força, de um jeito explícito. Sinto que estou sorrindo, e a impressão é de que isso está acontecendo com outra pessoa. É um sorriso desajeitado — o primeiro que não preciso forçar em quase dois dias.

Na segunda, chego ao hospital pouco depois das nove da manhã e vou direto para a UTI neonatal. Com pouco mais de trinta horas de vida, o Baixinho continua no berço aquecido, mas a enfermeira diz que posso pegá-lo no colo. É o último dia de março, e lá fora faz calor. Mesmo assim, ele está usando um macaquinho, um casaquinho, sapatinhos e um gorro minúsculo de lã. Ele faz um leve barulho, e isso basta para me emocionar mais do que qualquer palavra. Depois disso, quando eu for ver Ivy e Daniel, tudo vai mudar outra vez. Vou entrar num mundo diferente, onde nosso filho morreu e é proibido sorrir. Puxo uma cadeira até a janela e me sento onde o nosso filho pode sentir o sol bater no rosto. Eu o vejo dormir e vejo seus olhos se abrirem por um breve instante, vejo seus punhos abrirem e fecharem, vejo-o respirar. Quando começa a chorar, a enfermeira aparece com uma mamadeira, e eu alimento meu filho. Dou tapinhas em suas costas até ele arrotar, então troco sua fralda e pela primeira vez vejo sua barriga, suas perninhas finas e seu bumbum enrugado. Durante uma hora, ele dorme nos meus braços, parado, em silêncio, até que a enfermeira o põe de volta na incubadora.

Daniel está no berço quando entro no quarto. Ivy sorri ao me ver. É um sorriso breve, delicado. Em seguida, pergunta se eu já “fui ver”.

— Acabei de sair de lá. Ele está ótimo.

Ivy faz que sim, ainda com o mesmo sorriso resignado.

— Tirei fotos — continuo, então lhe entrego meu telefone.

Ela passa as fotos, dá zoom no rosto e nas mãos. Seu sorriso começa a se alastrar para os olhos (ainda não chegou lá de vez) enquanto ela vê o filho e toca a tela, toca o rostinho dele.

— É o Baixinho.

Ivy assente e me entrega o telefone.

— Conseguiu dormir? — pergunto.

— Um pouco.

— E como você está agora?

O pequeno sorriso no rosto de Ivy se dissolve quando ela se vira e olha para Danny.

— Dei mamadeira ao Baixinho — continuo. — E troquei a fralda.

Ivy faz um gesto com a cabeça e dá uma leve risada.

— Disseram que a gente pode ir com ele para casa amanhã.

Ivy põe as pernas para fora da cama, desce, e pega Daniel do berço. Escutamos rádio, comemos sanduíches, ninamos nosso filho e cochilamos até que, perto das seis da tarde, Ivy diz que está cansada e precisa ficar sozinha. Na saída, passo mais uma hora com meu filho na UTI neonatal.

Dois minutos depois de entrar em casa, alguém toca a campainha. Depois da terceira vez, desço a escada e abro a porta.

— Oi, Harold.

— Recebi flores para vocês — diz meu vizinho de porta, sem saber onde enfiar as mãos, com jeito de quem está relutando em me encarar.

— Certo.

Ainda olhando para os pés, Harold pergunta:

— O que aconteceu?

Respiro fundo.

— Tivemos dois meninos. Gêmeos. Mas um deles estava... eles chamam de *natimorto*. Ele nasceu...

Harold assente.

— Sinto muito.

Se achasse que Harold não ficaria aterrorizado, eu lhe daria um abraço. Não por ele, mas por mim. Desde sexta, Harold é a primeira pessoa com quem falo cara a cara fora do hospital.

— Vou lá pegar — diz e some dentro de casa, deixando-me sozinho.

Depois de um minuto, reaparece com um grande buquê de lírios brancos. Então entra de volta em casa enquanto eu leio o cartão: “Recebam nosso amor neste momento, Joe e Jen”. Harold volta com flores de Phil e El: “Todo o nosso amor neste momento de tristeza”. Harold traz flores de Maria, Eva e Ken, Esther e Nino, todas com mensagens de amor nesta merda de momento trágico.

— Posso fazer alguma coisa? — pergunta Harold.

Chego a pensar em lhe pedir que jogue todas as flores na caçamba mais próxima. No entanto, em vez disso, peço ajuda para subir com tudo. Pergunto se ele quer beber alguma coisa, mas Harold diz que precisa descer para fazer o dever de casa.

Agora temos mais buquês do que lugares onde colocá-los, por isso pego o carro e vou a uma loja de departamentos em Wimbledon, onde compro três vasos. No caminho para casa, paro no

supermercado e compro leite, pão, frutas, refeições prontas e vinho. De volta ao apartamento, puxo o recibo do supermercado do bolso da calça e encontro um pedacinho de borracha do balão vermelho estourado no porta-malas. Jogo o recibo no lixo e coloco o pedaço de borracha num compartimento da carteira.

Depois de arrumar os buquês, como uma lasanha congelada para duas pessoas e mato uma garrafa inteira de vinho. Então, abro outra garrafa, e chego quase à metade, até que acabo dormindo no sofá.

Na terça eu levo o Baixinho para ver a mãe.

Seguro Daniel enquanto Ivy nina seu filho vivo e chora. Apresentamos os irmãos um ao outro, e, embora tenham se passado dois dias desde que Daniel nasceu dormindo, os meninos ainda parecem idênticos. Seguindo o conselho da obstetra, eu trouxe a câmera, e tiramos fotos de Daniel sozinho e com a mãe. Phoebe está de serviço hoje e tira fotos minhas e de Ivy com Daniel, mas não batemos nenhuma dos nossos filhos juntos. Ela aparece com um molde de gesso para tirar impressões das mãos e dos pés de Daniel. Enquanto secam, ela o limpa delicadamente com bolas de algodão e água. Então, pergunta se queremos uma mecha do cabelo dele, mas Ivy responde que não. Depois, Ivy muda as roupas dele. Quando vejo Daniel nu, noto que ele está mais pálido que o irmão, seu peito e sua barriga não se mexem e apresentam um tom levemente azulado. Sinto um tremendo alívio quando Ivy o veste com um macacão branco e limpo.

Terminadas todas as cerimônias e formalidades, com os moldes de Daniel embrulhados numa toalha, passamos ainda mais uma hora chorando e dando colo ao nosso filho para nos despedirmos dele. Já vestida, e com as bolsas arrumadas, Ivy se senta numa cadeira próxima da janela, pega Daniel no colo e faz carinho em seu cabelo, enquanto fico sentado na cama, ninando o Baixinho. E, por mais que eu me envergonhe desse sentimento, quero que isso acabe agora. Quero ir para casa tocar a vida com nosso filho.

Quando penso em falar alguma coisa, Ivy se levanta e diz:

— O.k. Vamos.

Uma semana depois de trazermos nosso filho para casa, ele ainda não tem nome.

Ivy tentou amamentá-lo, mas — talvez por ter passado os três primeiros dias longe da mãe, tomando leite na mamadeira — ele não consegue ou não quer pegar no peito. Ivy extrai o leite, mas não tem vontade alguma de dar a mamadeira. Então, eu o alimento, enquanto Ivy passa boa parte do dia sem se comunicar, encolhida no canto do sofá (como se tentasse sumir atrás das almofadas), perdida em pensamentos ou nas páginas de um livro. O Baixinho não é de chorar, porém mais de uma vez eu já vi Ivy se retrair ao som do choro, como se ficasse ressentida com o incômodo. Apesar de tudo isso, agora ela dorme no quarto do bebê, onde pode tomar conta dele de noite. Nosso plano original era pôr os gêmeos para dormir nos cestinhos no nosso quarto, mas, como ele passou os primeiros dias numa incubadora, Ivy diz que o mínimo que podemos fazer é deixá-lo dormir em seu próprio quarto. Então, enquanto ele dorme no cesto dentro do berço, Ivy fica em um sofá-cama desconfortável que não é grande o suficiente para o tamanho dela. E eu durmo sozinho na nossa cama de casal.

Durante as noites, nós nos sentamos diante da TV. Jantamos com os pratos no colo e conversamos sobre amenidades enquanto Ivy extrai o leite e eu bebo uma garrafa inteira de vinho, ou perto disso (além das duas ou três cervejas que tomo ao longo do dia). Tentei trazer à baila o assunto do nome, mas toda vez Ivy se retrai, chora e pergunta, irritada, o porquê da pressa.

Enterramos Daniel numa manhã fria mas ensolarada de quinta-feira, um dia antes da data prevista para o nascimento. Seu irmão dorme, impassível, no carrinho duplo, enquanto o caixão desce a uma pequena cova. Não víamos Daniel desde que nos despedidos dele no hospital, oito dias atrás, e agora, enquanto ele desaparece da nossa vista, me arrependo do fundo do coração por não termos feito uma última visita e lhe dado um ursinho de pelúcia para fazer companhia. Um homem pergunta se desejamos jogar a primeira pá de terra, mas nenhum de nós quer. Ivy se vira para o carrinho, e, com lágrimas escorrendo pelo rosto, pega o Baixinho com todo o cuidado. Segurando-o com uma das mãos no bumbum e a outra na nuca, ela o beija na testa, no narizinho e nas bochechas, então diz:

— Vamos, neném. Vamos para casa.

No domingo de Páscoa, Ivy diz que vai à igreja. Estamos juntos há oito meses e uma semana, e esta é a primeira vez que ela menciona a igreja. E não pergunta se quero ir, simplesmente anuncia que vai levar o filho à missa de Páscoa. Mesmo assim, ponho o casaco e, enquanto estamos os três num banco ao fundo da igreja, me pergunto se eu e Ivy ainda temos conserto. Ela não tem sido hostil comigo, mas também não demonstrou nenhum interesse ou afeição. E, apesar de eu ter gostado de vê-la formar laços com nosso filho — lendo historinhas, cantando, fazendo caretas —, assisti a tudo como um intruso. Além disso, o Baixinho começou a mamar e bebe a maior parte do leite direto do peito. Embora isso seja bom — mais do que bom — tanto para a mãe quanto para o filho, agora esta é uma tarefa da qual fui excluído. Ivy dorme e tira cochilos ao longo do dia, e quando o faz se deita com ele a seu lado. Então, por mais que nós três sentemos juntos na igreja, não sinto que estamos aqui como uma família.

Na quinta os pais de Ivy vieram fazer uma visita, e Ivy emergiu um pouco mais. Sorriu de vez em quando e até deu uma breve risada ao ver os pais fazerem estardalhaço por causa do netinho. Nós choramos, é claro, mas a simples presença do Baixinho nos manteve ancorados ao presente. Ken dividiu uma garrafa de vinho comigo, e ao fim da noite eu me deitei no sofá, enquanto os pais dormiram no nosso quarto e Ivy foi para o sofá-cama. Mesmo com travesseiros e uma coberta nova, eu me revirei por mais de uma hora antes de desistir de tentar dormir. A casa estava silenciosa demais para eu ligar a TV, ou mesmo a chaleira, então voltei a atenção para as estantes de livros em busca de um soporífero. Peguei e devolvi meia dúzia de livros até notar que todos os que Ivy ainda não havia acabado de ler — *Ardil 22*, *Crime e castigo*, *O senhor dos anéis* e outros vinte — tinham sumido. Não sei quando isso aconteceu nem onde foram parar, mas a descoberta me deixou inquieto. Talvez ela também tenha abandonado a nossa história, incompleta como está.

No dia seguinte fomos passear no parque do bairro — Ken e Eva pagaram o almoço no Village. Quando se tem um filho recém-nascido, estranhos nos abordam. Eles se aproximam da mesa sem serem convidados, fazem carinho na bochecha do bebê, dizem que ele é lindo e perguntam como se chama. Então, rangemos os dentes, sorrimos educadamente, agradecemos e damos uma risada ao dizer que ele ainda não tem nome. E, quando eles nos encaram com aquele leve ar de incredulidade, nós lhes damos as costas, chamamos o garçom e pedimos mais vinho.

Ao nos despedirmos no comecinho da noite, Eva me abraçou e disse para eu ter paciência. Ken me deu um beijo no pescoço, algo que nunca tinha feito, e este é o maior gesto de afeto direcionado a mim em quase duas semanas. Meu pai ainda não conheceu seu primeiro neto homem. Não sei se Ivy já está pronta e também não sei se quero que ele nos veja desse jeito.

Na sexta, Eunice, nossa doula corpulenta e exuberante, veio ver como estão a mãe e o neném. Executou sua versão da rotina com a qual já estou me familiarizando: abraços, beijos, lágrimas,

parabéns e lamentos. Eunice sugeriu que Ivy talvez queira uma receita para comprar antidepressivos. Ao explicar que, com isso, precisaria parar de amamentar, Ivy simplesmente balançou a cabeça. Disse também que Daniel agora “está nos braços de Jesus”, e eu tive que sair da sala. Não sei se estava irritado com Eunice por essa banalização despreocupada ou comigo mesmo por não acreditar nela. Ocorreu-me que talvez eu também precisasse de antidepressivos, mas fiquei assustado só de pensar nisso e afastei a ideia.

Agora, sentado no banco da igreja fria nos arredores de Wimbledon Village, eu queria ter um refúgio na fé. Um lugar onde pudesse encontrar razão ou consolo; um lugar onde pudesse rezar ou mandar uma mensagem para meu filho morto. Mas querer não é poder. Esse pensamento me faz lembrar da alegada crença de Ivy na fada madrinha; o que há duas semanas parecia tão bonitinho e maravilhoso agora se revela vazio e irreal.

— Hoje celebramos o dia em que Jesus voltou do reino dos mortos — diz o vigário.

Olho de esguelha para Ivy, mas ela está de olhos fechados e cabeça baixa.

Assim, mesmo sem ter fé, também fecho os olhos e faço um pedido: queria que Daniel estivesse aqui, no meu colo, balbuciando, chorando e respirando, e queria que Ivy voltasse ao que era na época em que nos apaixonamos.

Estou em um telhado, olhando para um coração desenhado a giz na calçada de concreto, quinze metros abaixo. Chegamos às cinco da manhã para filmar o sol nascendo sobre os telhados da cidade adormecida.

Ivy está em casa, e meu filho, agora com trinta e um dias de vida, ainda não tem nome. É o último dia de abril, e estamos filmando a segunda cena do telhado de *Reinterpretando Jackson Pollock*. Embora eu esteja aqui em carne e osso, minha cabeça está em outro lugar. Eu ia cancelar a gravação, mas Ivy insistiu para que eu viesse. Disse que seria bom para mim; no entanto, cada vez mais me convenço de que ela se sente mais feliz quando não estou por perto.

Esta é a cena em que nosso herói de coração partido — deprimido, solitário — pensa em se jogar para a morte. Quando eu li a cena no papel, ela me pareceu intensa. Mas agora, depois de tudo o que aconteceu, debruçado no parapeito e sentindo um tijolo frio pressionar meu quadril, ela me parece banal e falsa. Quando contei o enredo a El, ele disse que era uma “palhaçada idiota”. Minha impressão é de que o nosso ator e a equipe de produção têm a mesma sensação. Ou talvez eu esteja apenas projetando. Quando cheguei ao set de filmagem, senti o maquinário emocional do grupo buscando o equilíbrio entre a normalidade e a compaixão, a solidariedade e o constrangimento. Percebi suas expressões distorcidas enquanto eles tentavam sorrir na medida certa, sem exageros. Suzi foi a única a chorar.

— Eu prometi que não faria isso, mas... sinto muito. Sinto muitíssimo.

E eu me sinto mal por Suzi, pois este é o roteiro dela, o filho dela, e o resultado deveria ser fantástico. Em vez disso, avançamos pela filmagem de forma mecânica, terminando uma e passando para a outra, constrangidos pelo seu sentimentalismo forjado em face da vida real. Como é possível um amante rejeitado sequer pensar na hipótese de suicídio num mundo em que bebês vêm ao mundo natimortos?

Tenho bebido uma garrafa e meia de vinho por noite e, ao olhar para o coração de mau gosto desenhado no chão lá embaixo, sinto uma onda de náusea e vertigem. Estou cansado.

Joe está atrás de mim. Ouço-o respirar pelo nariz, e de vez em quando sinto o cheiro de café e bacon de seu hálito. Filmamos ontem e anteontem, e com isso terminamos todas as internas. Na história, esta é a cena em que as coisas começam a voltar aos eixos para o nosso herói. Quando fecharmos, a filmagem estará completa. Então, faremos a edição de vídeo e som, a correção de cor e seguiremos para a próxima. Não sei qual será minha próxima, mas tenho para mim que não envolverá Ivy e eu juntos. Agora somos pessoas diferentes.

Ivy continua dormindo no quarto do Baixinho, enquanto eu durmo sozinho na nossa cama de casal. Eu corro na maioria dos dias, e Ivy voltou a praticar ioga. Ela lê no quarto do bebê, eu vejo TV no sofá. Como nossas agendas são diferentes, tendemos a não comer mais juntos. Ocupamos o mesmo espaço, mas interagimos cada vez menos. Às vezes vamos passear,

empurrando o carrinho de bebê pelo parque ou até o Village para tomarmos um café. Mas mesmo nessas ocasiões a sensação é de que somos apenas estranhos compartilhando nada mais que uma proximidade.

Nas noites em que não apago bêbado, tomo remédios para insônia que compro sem necessidade de receita. Segundo a bula, devo tomar um por vez, mas engulo dois de cada vez. Mesmo assim, tenho pesadelos na maioria das noites. Às vezes acordo de manhã e, por alguns segundos, esqueço que Daniel morreu no útero da mãe. E então eu lembro.

Joe pousa a mão no meu ombro, então me abraça forte contra sua lateral, não sei se por camaradagem, solidariedade ou medo de que eu simplesmente possa me jogar do alto da merda desse telhado... quem sabe?

— Está pronto? — pergunta ele.

— Estou.

Gravamos o take final da cena final lá pelas dez e meia da manhã. Estava frio e escuro quando chegamos ao local, há quase seis horas, mas agora o sol está quente, e o céu, azul, limpo, sem nuvens. Assisto à última cena no monitor, e parece que ficou boa. Sinceramente, não sou capaz de dizer se ela é intensa, melodramática, adequada ou trivial. Não tenho a perspectiva para enxergá-la com objetividade.

— Fechamos — grito, e todos batem palmas e dão tapinhas nas costas um do outro.

Também bato palmas, assobio e grito feito um maluco, e à equipe só resta se juntar a mim. Quando voltei para casa depois da última vez em que estive aqui, Ivy me esperava acordada para dizer que nosso filho tinha parado de se mexer. Isso faz exatamente um mês, mas a sensação é de que foi ontem e há uma eternidade, tudo ao mesmo tempo.

— E então? — digo a Joe e Suzi. — Alguém vai me pagar uma cerveja? Ou vão me deixar beber sozinho?

— São dez e meia de uma manhã de quarta-feira — constata Joe. — O que mais eu poderia fazer?

Suzi olha de relance por cima do ombro, para onde estão removendo a maquiagem do nosso ator (seu namorado?).

— Só nós três, hein? — insisto.

Suzi faz que sim.

— Tudo bem. Mas eu pago.

Já são quase onze e meia quando nos despedimos de todos e finalmente vamos para o bar. O lugar está deserto, salvo por dois funcionários e alguns alcoólatras. Mantendo a palavra, Suzi paga a primeira rodada. Ela e Joe bebem suas cervejas devagar, enquanto eu já terminei a minha antes mesmo de eles chegarem à metade.

— A gente devia beber champanhe — digo. — Não dá para comemorar o fim de uma filmagem sem champanhe.

Suzi olha para o relógio, e Joe parece hesitante.

— O que foi? — pergunto, meio agressivo. — O que foi?

— Nada — responde Joe. — Você está coberto de razão. E vamos pedir alguma comida junto, certo?

— Eu não estou com fome, obrig...

— Vamos pedir alguma coisa para comer — interrompe-me Joe. — Você fique sentadinho aí,

que eu vou ao bar. Suzi, o.k.?

— Claro — responde ela. — Tudo bem.

— Três hambúrgueres, certo?

— Hambúrgueres e champanhe! — grito, chamando a atenção dos pingüços da casa.

Enquanto como e bebo, sinto todas as minhas energias se esvaírem. Meu estômago embrulha, e a bebida desce mal. Quando vi El pela última vez, eu lhe dei uísque, indo contra as instruções de Phil, a orientação médica e o bom senso, pois... bom, por que não, porra? No entanto, por mais que esteja bêbado e com pena de mim mesmo, estou sóbrio o suficiente para saber que essa mesma resposta indiferente não pode valer para mim. Agora eu sou pai. Aconteça o que acontecer entre mim e Ivy, eu sou pai.

— Me desculpem por estragar a festa — digo, pousando a taça de champanhe —, mas é melhor eu ir para casa.

— O táxi está esperando você ali fora — diz Joe.

— Você se acha muito espertinho, né?

— Toma aqui — Joe me entrega três notas de vinte. — E vai comprar umas flores pra Ivy, porra.

A filmagem se deu em Islington, zona norte de Londres. Portanto, a corrida de táxi até Wimbledon é bem longa. Longa o suficiente para eu ficar um pouco mais sóbrio, me acalmar, pensar. Faz um dia quente de primavera, e as ruas estão cheias de gente vivendo suas vidas: trabalhadores, estudantes, turistas, mães empurrando carrinhos de bebê. O taxista deve achar que tem algo de errado comigo, pois observo a cidade passar diante dos meus olhos com a testa grudada no vidro, chorando vez ou outra. Atravessamos o rio pela ponte Waterloo, e continuo segurando o dinheiro que Joe enfiou na minha mão meia hora atrás. “E vai comprar umas flores pra Ivy, porra”, disse ele, talvez sendo mais literal do que eu imaginava. Interpretei aquilo como algo da boca para fora, uma bravata, reações tipicamente masculinas — uma coisa legal a se dizer para acabar com uma situação constrangedora. Contudo, quanto mais penso, mais tenho certeza de que, com seu jeito doce e sutil, Joe estava me mandando criar vergonha na cara e começar a pensar em Ivy, em vez de ficar sentindo autopiedade. E ele tem razão. Tanto eu e quanto Ivy perdemos um filho quando Danny nasceu, mas foi ela quem teve que dormir com um filho morto no útero, quem teve que passar por um trabalho de parto para dar à luz um bebê natimorto. E, por mais que eu esteja me sentindo mal, triste, solitário, deprimido; por mais que queira beber e me entupir de calmantes para apagar tudo... a situação de Ivy é pior, infinitamente pior. E, se ela precisa ficar na dela, se fechar de cabeça e coração para superar o momento, o mínimo que posso fazer é agir como adulto. Ou, como Joe disse de forma tão sucinta: *Comprar umas flores pra Ivy, porra.*

Peço ao taxista que me deixe à porta da floricultura e, depois de comprar duas dúzias de rosas amarelas, faço uma visitinha à mercearia extorsiva e ao açougueiro criminoso.

São cerca de cinco da manhã de sexta quando o ronco do meu pai me acorda pelo que já deve ser a sexta vez. Ele veio nos visitar ontem; portanto, de novo, durmo (ou tento dormir) no sofá. O sol começa a aparecer, e a luz já entra pelas persianas das janelas da sala o suficiente para iluminar as duas dúzias de rosas em um vaso sobre a lareira. Vários caules começaram a murchar com apenas dois dias, o que é decepcionante, levando-se em conta o quanto gastei nelas. Neste último mês não faltaram flores em casa, mas Ivy chorou do mesmo jeito quando eu lhe presenteei com estes 24 botões — não cheguei a dizer nada, mas acho que Ivy compreendeu que as flores eram para ela, e não para o nosso filho morto. Fiz espaguete à bolonhesa, e comemos à mesa. Eu havia resolvido não beber, mas Ivy sugeriu abrírmos um vinho, e me pareceu indelicado recusar. Eu me servi apenas de uma taça e a fiz render. Disse a Ivy que sentia muito, e ela perguntou:

— Por quê?

— Só... sinto muito, mesmo — repeti, e começamos a chorar.

Mas correu tudo bem. Jantamos, tomamos vinho e assistimos a mais da metade de um filme até o neném acordar chorando por leite. Ivy me perguntou se eu queria dar a mamadeira, tendo em vista que ela havia bebido vinho. Então eu lhe dei 150 mL de mamadeira de leite em pó, com Ivy aninhada a meu lado. Como uma família.

Mesmo assim, Ivy dormiu no sofá-cama, e eu fui para a nossa cama (*minha* cama?) sozinho. Demos um beijinho de boa-noite (tocamos os lábios de um jeito bem recatado), e percebi que havia semanas que não fazíamos isso. Tive pesadelos outra vez — indistintos, angustiantes, confusos — e precisei de um remédio para voltar a dormir no começo da madrugada.

Não tive pesadelos na quinta, mas acordei com o barulho de Ivy andando pelo quarto do bebê. Ainda não eram seis da manhã, mas eu me levantei para fazer torradas e café, e comemos na sala enquanto o Baixinho dormia no quarto dele. Perguntei a Ivy onde estavam os livros que ela ainda não havia terminado, e ela deu de ombros e balançou a cabeça. Esperava que Ivy dissesse que havia se livrado deles para seguir em frente, recomeçar, deixar o passado para trás, mas ela não falou nada disso. Choveu o dia todo, então ficamos de pijamas, vendo televisão, cochilando no sofá, jogando cartas e brincando no chão com nosso filho.

Ainda não sei o que o futuro nos reserva. Estamos juntos há nove meses, mas noventa por cento do que se poderia chamar de nossa “vida romântica” aconteceu nas primeiras duas semanas — antes de Ivy engravidar. Desde então, houve alguns bons momentos — minha mudança, meu pedido de casamento furado, nossa “lua de mel” —, mas já aconteceram tantas outras coisas que não sei se qualquer um de nós conhece o caminho de voltarmos a ser o que éramos. No entanto, os últimos dois dias foram bons, e aconteça o que acontecer eu sempre vou amar Ivy, e, de um jeito ou de outro, ela e meu filho sempre farão parte da minha vida.

Meu pai ainda ronca feito uma motosserra, e estou com medo de ele acordar o neném. Talvez seja o sono dos justos. Ou só o de um avô feliz. De todos os que nos visitaram — a doula, Eva, Ken, Frank, Phil —, meu pai foi o menos acanhado ao falar da morte de Daniel. Não sei se (*não acho que*) a morte de um cônjuge é tão profunda e chocante quando à de um bebê, mas meu pai demonstrou uma solidariedade nua e incontida que pareceu uma corrente de ar frio soprando pelo apartamento. Ele conversou sobre a dor da perda de uma perspectiva pessoal e sobre como a morte da minha mãe o afetou quando ele tinha mais ou menos a idade atual de Ivy. Chorou com a lembrança e sorriu ao mesmo tempo, enquanto recordava tudo o que amava na mamãe. Eu tenho apenas uma lembrança nebulosa do meu luto, em parte, acho, porque era imaturo demais para encarar e vivenciar essas emoções, e em parte porque, como diz o clichê, o tempo realmente cura todas as feridas.

— Não sei exatamente como você se sente, Ivy — disse ele. — Não tenho como saber. Mas, aos poucos, a dor abranda. Acho que você nunca vai se recuperar por completo, mas... essa dor faz parte da pessoa que você perdeu, acho. De um jeito meio louco... meio besta, acho que... essa sensação é quase um consolo. Não tenha medo de vivenciar isso.

Ivy se aproximou do meu pai, lhe deu um abraço e chorou como uma criança em seu ombro. Ele a abraçou de volta e acariciou seu cabelo. Liguei a chaleira e fui ao banheiro, me sentei na privada e chorei sozinho — não por autopiedade, mas porque aquele momento ali era só dos dois, e seria mais poderoso e curativo se apenas eles o compartilhassem. É claro que ele passou o resto do dia me irritando pra caramba, se ajoelhando e zurrando como um burro, rugindo como um leão, brincando de esconder o rosto por uma eternidade, entornando o chá, repetindo velhas histórias sobre a minha infância e, no geral, se comportando feito um demente. Mas o Baixinho adorou.

E agora ele acordou o neto. Ouço o ranger abafado do sofá-cama enquanto Ivy se levanta e tira o neném do berço. Escuto-a acalmá-lo com um looping incessante de *shhh, neném, shhh... A mamãe está aqui... shhh, neném, shhh*.

Devo ter cochilado de novo, pois acordo sobressaltado e encontro Ivy sentada na ponta do sofá.

— Oi — digo, encolhendo-me para lhe dar mais espaço.

Ivy se deita a meu lado, as costas pressionadas contra meu peito, e se cobre até os ombros.

— Desculpa pelo meu pai.

— Por quê?

— O ronco.

— Ah, e você acha que não ronca?

— Ronco, é?

— Feito um porco. De qualquer jeito, ele sempre acorda para mamar mais ou menos a essa hora.

— E como ele está?

— Dormindo feito um bebê — responde Ivy, dando uma risadinha da própria piada.

Ponho o braço em volta dela e pouso a mão sobre sua barriga ainda macia. Ficamos deitados quietinhos por um tempo, e esse é o momento mais íntimo desde que nossos filhos nasceram, há cinco semanas. Encosto o rosto na nuca de Ivy e lhe dou um beijo.

Ivy afasta a cabeça de leve, mas o suficiente para evitar o contato entre os lábios e a nuca.

— Acho que paramos por aqui — diz, sem rodeios.

Então é isso mesmo.

— É isso que você quer?

Ivy faz que sim, em um gesto que não vejo, apenas sinto. Eu a abraço forte e sinto seu cheiro de bebê — de leite, calor e almíscar. Amo Ivy de mil maneiras, pequenas e grandes, triviais e importantes. Eu a quero na minha vida e na minha cama, e quero que formemos uma família, mas não vou tentar convencê-la disso. Só a quero se ela também me quiser. Qualquer outra coisa é in...

Percebo que Ivy continua falando.

— Como é? — pergunto.

— Tudo bem por você? Quero que você também se sinta bem com isso.

— Bom... para ser franco, não está tudo bem, não. Mas, se é isso que você quer, vou fazer o quê? Vou dizer o quê?

— Vamos concentrar o nosso amor no Baixinho.

— Eu não...

— Sei que parece egoísmo, mas... não quero dividir meu filho com mais ninguém... com outro bebê. Não depois de tudo o que aconteceu.

— Mas...

— Vamos ser um trio. Só nós três.

— Três?

— Eu, você e... ele. — Ivy rola e fica de frente para mim, e então vejo seu sorriso amplo, verdadeiro, maravilhoso. — Precisamos escolher um nome com urgência, não é?

Na noite depois de descobrirmos que Ivy estava grávida de gêmeos, fomos de carro a Bristol visitar os pais dela. No trajeto, ela perguntou quantos filhos eu queria. Fui evasivo, mas a resposta dela à própria pergunta foi um inequívoco *três*. E por fim eu entendo o que Ivy está me dizendo: quando disse “paramos por aqui”, estava falando que não quer mais filhos, quer que sejamos só nós três e que faço parte desse trio.

— Sim, pois é — digo.

— O sofá está cheio de saliências.

— Eu sei.

Ivy se levanta e me estende a mão.

— Levanta. Vem dormir com a gente na floresta.

— Pe... p... p...

— Parece com o quê? — pergunto.

— P... p... — El franze o rosto enquanto se concentra, e sua pele, agora barbeada, cora por causa do esforço. Sem a barba, ele parece menor e mais frágil que nunca.

— Vai mais devagar, Elly — pede Phil. — Respire fundo e devagar, tenta.

— T... t... tentas! — exclama El. — Tentas, teto!

— Tetas? — pergunta Craig.

El acena três vezes com a cabeça e aponta um dedo vacilante para os seios de Ivy.

— Peitos. S... s'peitos'inda estão g... — El ergue as mãos trêmulas em concha diante do colo.

— Gigantes? — tenta Ivy.

— E... e... enormes — completa El, batendo palmas e os pés no chão ao mesmo tempo. Sua risada é contagiante, virulenta, desenfreada.

Em casa, ainda temos nossos dias e momentos ruins. Agora dormimos na mesma cama, e com frequência Ivy chora durante o sono — não chega a acordar, apenas soluça suavemente, enquanto lágrimas escorrem de trás de suas pálpebras fechadas. Tem dias em que ela não consegue se motivar a sair de casa e outros em que para sair da cama é uma luta. Mas também temos nossos dias bons: sorrimos, brincamos, ficamos abraçadinhos e às vezes até damos risada. No entanto, nada parecido com isso. Este é o El. É a primeira vez que eu o vejo desde que nosso filho nasceu, e, se não fosse o aniversário de Phil, talvez eu tivesse mantido distância por ainda mais tempo. A última coisa de que precisamos é que El solte alguma grosseria. Por sorte, parece que sua memória cada vez mais falha esqueceu por completo que Ivy estava grávida de gêmeos.

Phil completa quarenta e cinco anos hoje, e estamos fazendo um churrasco tranquilo no jardim dos fundos de seu prédio. Somos apenas seis: eu, Ivy e o Baixinho; Phil, Craig e El. Duas famílias de três pessoas; dois dependentes balbuciantes; dois conjuntos de circunstâncias que lançaram alegria contra a tristeza.

— Queria que o sol aparecesse — diz Phil, tremendo de frio.

Eu me viro para Ivy, esperando ela sacanear Phil por ele ter feito um “pedido de merda” para a fada madrinha, mas ela não diz nada. Simplesmente olha para o céu sem nuvens, abre um sorriso resignado e diz:

— Eu também.

Craig e Phil já não escondem mais o afeto — nada ousado ou insensível, apenas um singelo toque de mãos, um abraço, um beijinho. El zomba dos dois, é claro, mas seu prazer brilha por trás da fachada.

Apesar de ser aniversário de Phil, nossa comemoração é contida, pois este quadradinho do

calendário significa mais do que uma simples vela a mais em seu bolo. Entre o dia de hoje e o aniversário de El, Phil vai levar meu melhor amigo, o amor de sua vida, para a Suíça. Eles vão fazer uma visita à Dignitas (ou “Diggitass”, como chama El), e Phil se sentará sozinho no voo de volta — enchendo a cara de gim-tônica, espero —, enquanto El estará no compartimento de carga, dentro de uma caixa lacrada. El quer que apenas Phil saiba a data exata, mas será antes do fim de novembro.

— V... você tem que me tr... tratar bem pra c... agora. Me tratar c... como uma p... princesinha. Ha ha!

— O que você não faz por um pouco de atenção... — digo-lhe.

— Eu m... m... morro por um p... pouco d’atenção. Ha ha ha!

El não sabe da morte de Daniel, mas Phil sabe e faz uma careta ao perceber esse comentário, por isso nos olha de relance para ver se não nos ofendemos com a demonstração de alegria diante da morte.

El bate os pés no chão.

— Mo... mo... morro pr’isso!

— El, você vai acordar o neném! — reclama Phil.

El se vira para Ivy e o Baixinho.

— P... posso p... pegar ela no c... colo? — pergunta, estendendo seus braços magros e espasmódicos.

— É menino — corrige-o Phil.

— P... parece m... menina.

— El!

— T... talvez se... seja ... b... bicha.

— Não se eu puder evitar — comento instintivamente, e Phil me dá uma pancada no braço.

— S... segurar ela... segurar ela.

— El, acho que n...

— Toma — diz Ivy, levando o bebê até El, que está sentado na cadeira de rodas. — Mas você precisa ter muito cuidado, está bem?

El assente e é tomado por uma calma. Ivy coloca o Baixinho em suas mãos e se agacha diante de El, como uma goleira pronta para entrar em ação.

— Q... que coisa g... gostosa — comenta El, segurando o bebê com todo o cuidado no colo.

— Q... qual é o n... nome dela?

— É ele, e ainda não tem nome — responde Ivy.

— Quanto tempo já tem? — pergunta Craig.

— Trinta e sete dias — respondemos em uníssono.

Legalmente, temos quarenta e dois dias para registrá-lo, contando a partir da data do parto. Não sei qual é a punição por não fazer isso, mas, se não escolhermos um nome nos próximos cinco dias, vamos descobri-la em breve.

— N... não tem n... nome!

— Não conseguimos encontrar nenhum bom — explica Ivy, balançando a cabeça.

— E... El é um n... nome bom. Es... especificamente se ela for... g... gay.

— Vou pôr na nossa lista — diz Ivy.

El faz uma careta, como se algo o incomodasse, então se vira para Phil.

— V... você não d... disse que e... eram g... g...

Todos prendemos a respiração.

— Gêmeos! — completa El. — G... gêmeos.

Hoje fizemos alusões à tragédia. Falamos por alto, indiretamente, enquanto El estava próximo. Mas essa agora pegou todos desprevenidos. Sinto os olhares fixos de Craig e Phil sobre nós.

Ivy balança a cabeça.

— É só este, El. Era só este aqui.

— E aí? Cansou da barba? — pergunto a El.

— Se eu f... for à Suíça de b... barba, vou ficar c... c... com ela p... p'sempre, né? V... v... vai que sai de moda!

— Talvez você tenha razão, Ivy — diz Craig.

— Como?

— Talvez ele estivesse destinado a ser só um mesmo — Craig aponta o queixo para o bebê no colo de El.

Phil o encara, mas a expressão de Craig é impassível.

— Quer dizer... é assim que eles começam, não é? — continua Craig, olhando para El, que se distrai dando a língua para o neném. — Os gêmeos — articula, mudo. — Quando são idênticos... eles começam como apenas um, não é isso? Ai... desculpa, eu não sei bem o que...

Ivy tira o bebê do colo de El, ergue-o acima da cabeça e sorri para ele. O sol transforma o cabelo ralo e espetado do nosso filho em um halo de luz.

— O tio Craig está certo? — cantarola ela, numa voz infantil.

Baixinho sorri. Depois arrota.

— É. Eu também gostei da ideia — continua Ivy. — Gostei. *Gostei, sim.* Gostei muito dela.

Na quinta, completamos a edição de *Pollock*, que agora se chama *A vista daqui* (ideia de Ivy), título que prefiro. O filme é bom. Se é bom o suficiente, só o tempo dirá, mas, depois de assistirmos ao corte de doze minutos e 45 segundos, mesmo sem a correção de cor e a edição de som, estou com os olhos marejados e um sorriso no rosto. Mas nos últimos tempos eu tenho chorado com muita facilidade.

Quando volto para casa, encontro Ivy brincando com o bebê deitada no chão.

— Oi — diz ela, encarando-me de um jeito estranho, como uma cara de quem tem culpa no cartório mas está se divertindo ao mesmo tempo.

— Tudo bem?

Ivy faz que sim.

— Dei uma saída.

— Foi aonde?

— Ah, bom, só ao cartório.

— Você... — Aponto para o Baixinho, que tenta chupar a tinta de um chocalho de madeira. — Você...

Ivy assente.

— Dei um nome, sim.

— Mas a gente ainda não escolheu... achei que iríamos amanhã. Juntos.

Ivy dá de ombros. *Azar*.

— E então?

Ivy me traz nosso filho.

— Diga oi ao Daniel.

E neste momento não há nada no mundo que eu quisesse mais, porém estou chorando tanto que não consigo pronunciar nem essa palavrinha. Segurando Daniel, Ivy põe o braço em volta dos meus ombros, e ali ficamos, abraçados, chorando no meio da sala por um bom tempo.

A plaquinha de bronze diz: EM MEMÓRIA DE ARTHUR. ESTE ERA SEU LUGAR PREFERIDO. Não sei quem foi Arthur, mas ele tinha um ótimo gosto para bancos de parque, e passei muitas horas aqui nas últimas semanas. Faça chuva, sol ou vento forte, agora passeamos no parque do bairro quase todos os dias (vez ou outra, até perambulamos já tarde da noite, enfrentando o escuro, as raposas e os adolescentes locais), e passei a considerar este banco — instalado perto da lagoa dos patos — o nosso banco. Quando estamos aqui, quase nunca conversamos; simplesmente ficamos sentados, balançando o carrinho de Daniel e nos deixando levar pela beleza do espaço aberto ao nosso redor.

No domingo, Dan fará catorze semanas, e vamos comemorar a data com uma viagem para North Wales, onde ele será apresentado aos tios e às primas frenéticas. Há quatro semanas, nasceu Daisy, filha de Steve e Carrie — o casal que conhecemos no curso de gestantes e casais. Ontem nós os encontramos para tomar um café e passamos duas horas agradáveis colocando a conversa em dia e trocando dicas de paternidade, como profissionais veteranos que somos. Fiquei com medo de que vê-los com Daisy talvez nos fizesse dar um passo atrás na recuperação do que aconteceu, mas pelo contrário — até nos ajudou a seguir em frente. Nós os convidamos para jantar na semana que vem, e Ivy já está preocupada com o que vamos cozinhar. De muitas formas, é como um encontro romântico: as descobertas e revelações, os planos, a esperança de que gostem de nós tanto quanto gostamos deles. Quem sabe Dan e Daisy fiquem juntos um dia, tomem um porre de sidra neste mesmíssimo parque e façam coisas em que é melhor nem pensar? Dou uma olhada no relógio, estico os braços acima da cabeça e estalo o pescoço — sinal de que é hora de voltar para casa. Ivy se levanta, e, enquanto dá uma olhada em Daniel, eu uso a manga da camisa para espanar e limpar as digitais na plaquinha de Arthur. Talvez um dia haja um banco aqui com meu nome.

— Está rindo do quê? — pergunta Ivy.

— Ah, nada. Só pensando em como gosto daqui.

O verão começou semana passada, e o suor escorre pelas minhas costas enquanto empurro nosso novo carrinho de apenas um lugar pelo terreno irregular do parque. Semana que vem eu vou ao centro conversar com Joe sobre alguns trabalhos. Ivy ainda não sabe (não contei), mas a pressão para voltar a fazer dinheiro está forte — bem forte. No entanto, uma coisa é certa: chega de porcaria — nada de anúncios de papel higiênico, seguros de quinta categoria, remédios para a gripe. Afinal, só se vive uma vez. E já estou conversando com Suzi sobre o que vamos fazer em seguida. Ivy ainda não sabe quando — ou se — vai voltar a trabalhar, mas aposto que não. Pelo menos, não por enquanto.

Chegamos à saída do parque. Empurro o carrinho da grama para a calçada e digo:

— Nossa, como eu queria que batesse só um ventinho, sabe?

Ivy me encara com um sorriso indulgente, mas não diz nada. Já virou uma piada interna: eu expresso desejos bobos, e Ivy me ignora. É divertido, mas prometo a mim mesmo que vou parar com isso. Nós dois sabemos que a fada madrinha não existe, e tenho para mim que a piada já está ficando velha.

— Vamos por aqui. — Aponto o carrinho para uma rua larga e arborizada de casas imponentes, de dois andares.

— Eu preciso chegar em casa. Desde que este macaquinho aí saiu de você sabe onde, tenho tido problemas de incontinência urinária.

Continuo empurrando o carrinho.

— Por aqui são só uns minutos a mais, e a gente vai rápido.

— Se eu fizer xixi nas calças a culpa vai ser sua.

Ao entrar na rua, andamos uns vinte metros e chegamos a uma casa com placa de “Vende-se” afixada num dos pilares de pedra que ladeiam o portão da frente. Paro o carrinho.

— Anda logo! — resmunga Ivy, tão apertada que faz uma dancinha sem sair do lugar. — É sério, não consigo segurar por muito mais tempo.

Aponto para a placa de “Vende-se”.

— Talvez deixem você usar o banheiro.

— Para de brincadeira.

— A gente pode fingir que está procurando casa.

Ivy continua pulando de um pé para o outro, como uma criança desesperada para usar o banheiro.

— Fisher! Você sabe quanto custa uma casa dessas?

Obrigado! Era a pergunta que eu queria escutar.

— Ah, sei lá. Um pouco mais do que a sua.

— É muito mais do que a minha. Quinhentos, *seiscentos* mil mais cara.

— A gente pode vender o meu apartamento.

Ivy para com a dancinha, e seu rosto relaxa.

— E você ia querer isso? Vender seu apartamento?

Dou de ombros.

— Bom... e acha que ele vale quanto?

Eu lhe conto.

Ivy contrai o rosto aos poucos, enquanto olha fixo para mim.

— Esse valor me parece bem preciso.

— E isso inclui móveis, geladeira e máquina de lavar.

— Está me dizendo que colocou o apartamento à venda?

— Pois é. Mas... bom, *na verdade*, o apartamento já não é mais meu.

— Você... você já *vendeu*?

Faço que sim.

O olhar de Ivy se torna gélido, amargo.

— E por que você fez isso?

— Eu... eu só... eu pensei...

— Não! — grita Ivy. — Não. Você não vendeu. Você nem pensou nisso. Porque, se tivesse feito isso, teria pensado em me perguntar se *eu* quero sair do *meu* apartamento.

— Eu...

Então, de repente, toda a raiva some de seu rosto.

— Sêrio — diz. — É fãcil demais.

— Vocẽ...?

Ivy assente.

— É fãcil demais.

— Eu te odeio.

Ivy passa os braços no meu pescoço e me dá um beijo forte na boca.

— Eu te amo. Eu te amo, eu te amo, eu te amo.

— Está um dia lindo para isso — diz uma voz masculina atrás de nós.

Dou meia-volta e vejo um homem trancando um carro com logotipo da imobiliária. Ele se aproxima com a mão estendida para nos cumprimentar.

— Sr. e sra. Fisher?

— Isso — respondo, apertando sua mão. — Mais ou menos.

— Meu nome é Ben. E quem é este pequenininho aqui? — pergunta, agachando-se diante do carrinho.

— Sem querer ser mal-educada, mas, se eu não for ao banheiro nos próximos trinta segundos, vou fazer xixi na calça — reclama Ivy.

— Sem problema — comenta o agente. — A casa tem quatro para você escolher.

E então nós o seguimos para dentro da casa: eu, Ivy e Daniel.

Epílogo

Estamos na última semana de agosto, e ainda nos resta muita coisa por desencaixotar. O essencial já está arrumado: o berço já está no quarto de Daniel; os livros de Ivy, nas estantes; minha poltrona de couro, a TV HD de 42 polegadas e o Xbox, instalados na sala. O apartamento de Ivy foi vendido em uma semana, e depois disso as coisas caminharam assustadoramente rápido. Já estamos morando aqui há três semanas, e ainda não me adaptei à nossa nova casa (ou ao tamanho da nossa nova hipoteca). De todas as mudanças, uma das mais triviais é a que mais me dá prazer.

Desde que me mudei para Londres, nunca tive uma caixa de correio só minha, sempre tive que dividir uma que ficava no portão, fora do espaço pessoal onde habito. Portanto, o som das cartas ao passar pela entrada de correspondência da minha porta, cair no meu tapete, no meu corredor... mesmo que a maioria vá direto para a lata do lixo... é como uma pequena ferroadinha sônica que me faz lembrar de todo o caminho que percorremos e de como tenho sorte.

São oito e meia da manhã quando o som metálico me acorda de um leve cochilo. Saio da cama de fininho e deixo Ivy e Daniel — *já com cinco meses* — dormindo grudados um no outro.

No tapete encontro panfletos, uma conta, uma carta do banco e um jornal local. Ao pegar tudo, quase não vejo o cartão-postal.

A frente mostra uma cabana perto de um córrego que corta uma clareira coberta por uma vegetação exuberante e pontilhada de flores amarelas. Ao fundo, montanhas nevadas perfuram nuvens brancas perfeitas (e talvez alcancem o céu). Há uma única palavra impressa na frente: “Suíça”.

Prendo a respiração e, ao virar o cartão, já sinto os olhos marejados. Leio a mensagem escrita em um garrancho irregular.

Queria que você estivesse aqui

Ha ha ha!

El

Quando dou por mim, estou rindo e chorando ao mesmo tempo.

A *última risada*, penso, enquanto as lágrimas começam a cair com mais força.

Levo o cartão à cozinha, prendo-o na geladeira com um ímã de vaquinha e ligo a cafeteira.

Agradecimentos

Demorei muito a chegar aqui — às páginas de agradecimentos no fim deste livro —, e isso não teria sido possível sem a ajuda de muitas pessoas generosas, inteligentes, pacientes e solidárias. No topo da lista está minha mulher, Sarah. A sra. Jones leu cada palavra que escrevi. Além de me dar ótimos conselhos (entre os quais o de adotar uma política de tolerância zero para autopiedade e piadas sem graça), ela me ajuda a proteger o tempo de que preciso para escrever, ao cuidar das nossas filhas enquanto eu me tranco para trabalhar. Demorou muito, linda, mas conseguimos. :)** A outra mulher na minha vida, minha outra leitora inteligente e exigente, é a mesma que aguentou 24 horas de parto para me trazer ao mundo. Enfrentando palavrões e uma grave catarata, ela leu diversos rascunhos deste livro com bom humor e um olho crítico (quem precisa de dois, não é mesmo?). Sei que a fiz corar de vergonha algumas vezes, mas pelo menos você aprendeu algumas palavrinhas legais ao longo do percurso. Então, obrigado, mãe. Stan, da Jenny Brown Associates, é tudo o que eu podia esperar de um agente — não só vendeu meu livro (o que, por si só, já é um feito), como o melhorou tremendamente com comentários brilhantes. Stan desvaloriza a própria contribuição, o que é típico dele, mas pode ter certeza de que ela foi gigantesca. Agradeço também a Clare Hey, minha editora na Simon & Schuster. Sem ela, não haveria livro. Clare contribuiu de forma significativa com muitos apontamentos perspicazes e sensatos no rascunho, entre os quais uma aula grátis sobre palavras que fazem as mulheres se retrair. Quem diria, hein? Quero também enviar meus sinceros agradecimentos às seguintes pessoas por lerem os rascunhos e me darem informações especializadas sobre partos, mal de Huntington e produção de filmes: Harriet Jones, Kylie Watson, Sarah Tabrizi, Mike Oughton e Steve Huggins. E, por fim, um enorme obrigado à equipe editorial da Simon & Schuster. Não só por demonstrarem entusiasmo, dedicação, conhecimento e um encanto contagiante... mas também por fazerem dessa experiência algo tremendamente empolgante e prazeroso. Kerrie McIlloney, Sara-Jade Virtue, Ally Grant, Rumana Haider, Hayley McMullan, Elinor Fewster, Sarah Cantin, Sarah Birdsey e Emma Capron... vocês são todas maravilhosas.

ANDY JONES vive em Londres com a esposa e as duas filhas. Durante a semana ele trabalha em uma agência de publicidade e, nos fins de semana e nos tempinhos que encontra antes do trabalho, escreve romances.

Copyright © 2015 by Andy Jones

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Two of Us

Preparação

Elisa Menezes

Revisão

Viviane Mendes

Luciana Baraldi

ISBN 978-85-438-0743-0

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-3940

www.objetiva.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)



www.estradoslivros.org

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora



Table of Contents

[Rosto](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)